



Departamento de Sociologia

**Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente
Do Descobrimento a 1950**

Lia Medina

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Demografia e Sociologia da População

Orientador:
Professora Doutora Teresa Rodrigues
ISEGI - UNL

Outubro, 2009

Evolução Demográfica da ilha de São Vicente

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Departamento de Sociologia

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente Do Descobrimento a 1950

Lia Medina

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Demografia e Sociologia da População

Orientador:
Professora Doutora Teresa Rodrigues
ISEGI - UNL

Outubro, 2009

Evolução Demográfica da ilha de São Vicente

Ao avô Fernando

“Demografia”

*Quanta desgraça não fica
nas nossas ilhas desfeita
no começo da vida!*

*Porque há meninos que morrem
muitos meninos que morrem
no começo da vida.*

*Mesmo assim vai o povo
dia a dia aumentando
com tanta teimosia.*

*como as flores bravias
que revivem heróicas
através das estiagens.*

*Vai o povo crescendo
são os ventres fecundos
os ventres explosivos.*

*das mulheres humildes
são os meninos que nascem
muitos mais dos que morrem.*

*Daqui a anos não sei
o que será quando formos
meio milhão todos nós!*

AGRADECIMENTOS

Este trabalho académico não teria sido possível sem a preciosa ajuda e colaboração de algumas pessoas e instituições.

Primeiramente queria agradecer à Doutora Teresa Rodrigues, orientadora da tese e conselheira nos momentos de incertezas e dificuldades, cuja dedicação, incentivo e disponibilidade foram essenciais no desenrolar deste processo.

À Conservatória dos Registos Cíveis de São Vicente, onde durante vários meses me foi possível pesquisar e recolher os dados que suportam todo o trabalho. A todos aqueles que lá trabalham um enorme obrigado, mas sobretudo à Conservadora, a Dr.^a Tirza e à D. Zinha.

À Câmara Municipal de São Vicente, na figura da sua presidente, a Dr.^a Isaura Gomes, pelo acesso ao arquivo dos Boletins Oficiais, mas também à Dr.^a Vanda e ao Sr. Humberto e especialmente à Dr.^a Maria José Barbosa pelo seu incentivo.

À Igreja de Nossa Senhora da Luz, especialmente ao André.

Ao Arquivo Histórico Ultramarino, à Sociedade de Geografia de Lisboa e à Biblioteca Nacional de Lisboa.

Ao Instituto Nacional de Estatística de Portugal, nomeadamente o Sr. Albano Vinhais.

À Dr.^a Werónika Sousa Lobo pela ajuda com as causas de morte e a sua respectiva codificação.

Ao Doutor Jacques Santos, por toda a colaboração e esclarecimentos.

Um obrigado muito especial às minhas duas colaboradoras, que me ajudaram na recolha dos dados, na Praia a Carmelita da Fonseca e sobretudo em São Vicente à Zezinha, que nunca desistiu e sempre me ajudou a contornar as dificuldades.

À Dr.^a Ana Salomão, pela ajuda com as traduções.

Finalmente às pessoas sem as quais nada teria sido possível: a minha família. Os meus pais, avós Cordeiro e Edson que sempre me apoiaram incondicionalmente e sempre acreditaram em mim, que nos momentos menos felizes tiveram sempre uma palavra de conforto e carinho.

Por fim, dedico todo o trabalho ao meu avô Fernando, cuja vontade de ver o resultado final não será concretizada, mas cuja presença sempre fez e fará parte deste.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Resumo

Este trabalho propõe-se analisar a evolução demográfica da ilha de São Vicente, desde o seu descobrimento até 1950. A análise é complementada pelo estudo da natalidade e mortalidade desta ilha que, à semelhança do resto do arquipélago, foi marcada histórica e demograficamente por cíclicas crises de mortalidade e uma elevada natalidade. As particularidades da ilha prendem-se com o seu povoamento tardio e com a sua ligação ao Porto Grande que lhe deu uma dinâmica diferente do resto do país. A pesquisa foi desenvolvida nos arquivos da Conservatória do Registo Civil de São Vicente e da Câmara Municipal de São Vicente.

Palavras-chave: evolução demográfica, história, natalidade e mortalidade.

Abstract

The present work aims at analysing the demographic evolution on the island of S. Vicente since its discovery till 1950, being the analysis complemented by a study on birth and mortality rates on this island. Similarly to the other islands, these rates were marked, both historically and demographically, by recurrent mortality crises, as well as by high birth-rate. The island particularities not only result from its late settlement, but also from its close relationship with the “Porto Grande” harbour, which conferred it a different dynamic, if compared to other parts of this country. This research was based on the files recorded at the Registry Office and the Town-Hall, both in S. Vicente.

Key- words: demographic evolution, history, birth-rate, mortality rate.

Índice Geral

Índice de Figuras	VIII
Índice de Quadros	XI
Introdução	1
1- Fontes e Metodologia	3
1.2 A Qualidade dos dados	9
2- O arquipélago de Cabo Verde	13
2.1 Descobrimento e Povoamento	13
2.2 Dinâmica Populacional	14
2.3 Crises de Conjuntura	30
2.4 Modelos de Mortalidade	34
2.5 Natalidade e Fecundidade	39
3- A Ilha de São Vicente	43
3.1 O povoamento inicial	43
3.2 A formação de uma cidade-porto – Mindelo	48
3.3 Condições demográficas, socioculturais e económicas da ilha	52
3.4 A decadência do Porto Grande	59
4- A evolução demográfica da Ilha de São Vicente até 1950	67
6- Natalidade e Fecundidade em São Vicente	77
7- A Mortalidade em São Vicente	85
Considerações Finais: São Vicente no contexto insular	95
Apêndice	103
Referências Bibliográficas	158

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Índice de Figuras

1. Relação de masculinidade nos nascimentos verificados em Cabo Verde, registados nos livros do Registo Civil, por grupos decenais, entre 1850 e 1950	10
2. A evolução demográfica de Cabo Verde de 1572 até 2000	17
3. A evolução demográfica de Cabo Verde segundo os censos	22
4. A evolução da relação de masculinidade em Cabo Verde, de 1775 a 1950	23
5. Comparação entre as proporções de masculinidade e de feminilidade de Cabo Verde, entre 1775 e 1950 (%)	23
6. A evolução das relações de masculinidade, por grupos de idade, em Cabo Verde em anos censitários	25
7. Pirâmides de idades de Cabo Verde entre 1890 e 1950	27
8. Proporções dos três grandes grupos etários em Cabo Verde em anos censitários (%)	29
9. Índices-resumo das estruturas demográficas de Cabo Verde, entre 1890 e 1950	30
10. Taxa de Crescimento Natural de Cabo Verde entre 1860 e 1950 (%)	33
11. A mortalidade em Cabo Verde entre 1860 e 1950	36
12. Comparação dos nascimentos e óbitos em Cabo Verde entre 1860 e 1950	38
13. A Mortalidade Infantil em Cabo Verde de 1912 a 1950	38
14. A evolução da natalidade em Cabo Verde entre 1860 e 1950	40
15. A evolução das Taxas Brutas de Natalidade e Mortalidade de Cabo Verde, entre 1860 e 1950 (‰)	40
16. Evolução da fecundidade ilegítima em Cabo Verde entre 1933 e 1950 (%)	42
17. Evolução da população da ilha de São Vicente entre 1807 e 1950	71
18. Evolução populacional de São Vicente, segundo dados dos censos	72
19. Evolução demográfica de São Vicente, segundo os sexos, entre 1885 e 1950	72

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

20.	Comparação entre as proporções de masculinidade e feminilidade de São Vicente, entre 1865 e 1950 (‰)	73
21.	Pirâmides de idades de São Vicente nos anos censitários	75
22.	Grupos funcionais de São Vicente nos anos censitários compreendidos entre 1878 e 1950 (%)	76
23.	Índices-resumo de São Vicente segundo anos censitários, de 1878 a 1950	77
24.	Evolução dos nascimentos ocorridos em São Vicente entre 1850 e 1950	78
25.	Média de nascimentos em São Vicente, por decénios entre 1850 e 1949	79
26.	Taxa de Natalidade por nascimentos médios em São Vicente, em quinquénios, de 1885 a 1950 (‰)	79
27.	Taxa de fecundidade geral das mulheres dos 15 aos 49 anos em São Vicente, em anos censitários	80
28.	Taxa específica de fecundidade das mulheres em São Vicente de 1920 e 1950	81
29.	Evolução do Indicador Conjuntural da Fecundidade, Taxa de Reprodução e idade média das mães em São Vicente, entre 1920 e 1950	82
30.	Evolução da relação de masculinidade nos nascimentos verificados em São Vicente entre 1850 e 1950	82
31.	Evolução da proporção dos nascimentos ilegítimos ocorridos em São Vicente, por grupos decenais entre 1850 e 1950 (%)	83
32.	Evolução anual da mortalidade verificada em São Vicente entre 1821 e 1950	86
33.	Taxa Bruta de Mortalidade, óbitos médios, de São Vicente entre 1851 e 1950 (‰)	87
34.	Comparação entre nascimentos e óbitos, verificados em São Vicente, entre 1865 e 1950	87
35.	Intensidade das crises de mortalidade em São Vicente entre 1851 e 1950	88
36.	Evolução da Mortalidade Infantil em São Vicente, entre 1851 e 1950, segundo os métodos Clássico e das Médias Ponderadas (‰)	88

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

37.	Taxa de Mortinatalidade em São Vicente entre 1851 e 1950 (‰)	89
38.	Mortalidade Infantil em São Vicente entre 1851 e 1950 (‰)	89
39.	Distribuição da mortalidade verificada em São Vicente, por grupos de idades, entre 1821 e 1950	90
40.	Evolução da mortalidade em São Vicente por sexos, entre 1821 e 1950	91
41.	Causas de morte apontadas em São Vicente, por categorias de três caracteres, entre 1821 e 1950 (%)	92
42.	Sazonalidade da mortalidade em São Vicente, grupos de idades, entre 1821 e 1950 (%)	93
43.	Comparação entre a evolução demográfica de Cabo Verde e de São Vicente	95
44.	Evolução da população da ilha de São Vicente em relação à população total de Cabo Verde entre 1807 e 1950 (%)	96
45.	Comparação das pirâmides de idades de Cabo Verde e de São Vicente em anos censitários	97
46.	Comparação das populações de São Vicente e Cabo Verde, por grupos funcionais em anos censitários	100
47.	Comparação das populações de Cabo Verde e de São Vicente por índices-resumo em anos censitários	101

Índice de Quadros

1.	Índice Combinado das Nações Unidas, por censos, entre 1878 e 1950 em Cabo Verde	11
2.	População de Cabo Verde de 1572 a 2000	15
3.	Intensidades das crises em Cabo Verde, segundo o Método Dupâquier	37

Introdução

A ilha de São Vicente, mais concretamente a cidade do Mindelo, ao longo dos anos tem sido vista pelos cabo-verdianos como o ponto cosmopolita por excelência do arquipélago. No imaginário colectivo, persiste até hoje a azáfama do Porto Grande no tempo dos vapores, em que pessoas, bens, conhecimento e cultura deixavam de pertencer ao mundo e passavam a fazer parte desta ilha, sendo apropriados e reinventados por todos aqueles que por lá passavam e de novo devolvidos ao mundo, através da imigração.

Mindelo, cidade de duas faces, numa a “*cidade das oportunidades*”, quer profissionais, académicas ou culturais, noutra a “*terra da perdição*”, onde a prostituição e as doenças venéreas encontraram terreno fértil e onde as noites e as festas pareciam não ter fim.

São Vicente, ilha de povoamento tardio e complicado, passou em poucos anos de campo de pastagem e porto de abrigo para um centro onde pulsava grande parte da vida económica e cultural do resto do arquipélago. Ilha, que por começar do zero, recebeu de braços abertos todos e tudo que por lá passou, onde a vontade em fazer parte do progresso e do resto do mundo, falava mais alto que a sobrevivência quotidiana.

A cidade do Mindelo continua a ser vista e reconhecida como a capital cultural do país. Pelo Porto Grande já não passam navios de emigrantes, mas sim grandes barcos de cruzeiros e iates privados das mais diferentes proveniências.

Por ser a ilha onde cresci e na qual me formei enquanto cidadã, sempre quis conhecer e perceber a história da ilha, perceber o porquê do carisma desta terra e das suas pessoas, que marcaram e continuam a marcar todos aqueles que por lá passam. Os *mindelenses* consideram-se diferentes do resto dos cabo-verdianos (terão razão?) e por onde quer que vão, falam sempre com amor e admiração desta terra e de todas as suas histórias e conquistas.

Ao frequentar o mestrado em *Demografia e Sociologia da População* descobri na Demografia Histórica, a área específica das Ciências Sociais que me permitiria concretizar essa vontade, quer no âmbito mais vasto de Cabo Verde quer a nível local. A história da ilha tem sido contada por alguns autores, entre os quais António Correia e Silva. Contudo, foram-no sempre, ou quase exclusivamente, na vertente histórica e económica, nomeadamente sobre o seu Porto Grande. A abordagem que privilegiamos situa-se noutro campo, totalmente

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

virgem, neste caso as dinâmicas demográficas. Através do estudo da população residente da ilha, numa perspectiva de longa duração e mediante a aplicação de metodologia própria da Demografia Histórica poder-se-ia delinear características sociais, culturais e até mesmo económicas da ilha, ou seja, contar a história da ilha mas desta vez através das pessoas, mais concretamente dos fenómenos demográficos, de nascimentos e óbitos.

O objectivo é conhecer a história de São Vicente através dos factores demográficos mas também, dar uma pequena ajuda ao resgate do ramo da Demografia Histórica, que tem sido preterida em Cabo Verde às projecções da população e económicas, consideradas mais determinantes para o delinear da história presente e futura do país. Mas também do passado se faz o futuro.

Para tal foram consultadas numerosas fontes e adoptadas variadas metodologias e técnicas, específicas da Demografia História, de forma a buscar a maior quantidade de informação possível e comparável num objectivo de âmbito cronológico alargado e que está sujeito às flutuações inevitáveis ao nível da quantidade e qualidade das fontes documentais. Estas informações bem como as opções metodológicas que tomámos estão devidamente explicitadas no Capítulo 1.

Para contar a história demográfica desta ilha em particular foi também necessário contar primeiro a do país, o que foi feito no Capítulo 2. Seguidamente, no Capítulo 3 foi feita apenas a história da ilha e preparar o terreno para o que viria a seguir, a evolução demográfica da ilha, dos nascimentos e dos óbitos, Capítulos 4, 5 e 6 respectivamente.

De fora desta análise foram deixados os movimentos migratórios, não por não serem factores também determinantes na história da evolução populacional de um país, mas sim porque a fonte de informação principal deste estudo, os registos civis, não contemplam a observação deste fenómeno, «enquanto que a mortalidade e a natalidade são de registo obrigatório [...], o mesmo não acontece com os movimentos migratórios» (Nazareth, 2004, p. 254). As migrações, enquanto fenómeno social, só tardiamente, segunda metade do século XIX, começaram a ser alvo de estudos e pesquisas (*Idem, ibidem*). E para além da sua complexidade (existência de diversos tipos de mobilidade), existem também constrangimentos quanto aos sistemas de informação existentes para este fenómeno, «estão os investigadores das migrações muitas vezes confrontados com a ausência de informação ou com informações inadequadas ou muito limitadas» (Bandeira, 2004, p. 316). Existem três tipos de fontes que permitem realizar a observação das migrações: o registo da população

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

(observação directa e que não existe em Cabo Verde) e os recenseamentos e inquéritos de tipo biográficos (observação indirecta). Como o presente estudo analisa o comportamento de variáveis demográficas também nos períodos intercensitários, o estudo das migrações assente, apenas nos dados constantes nos recenseamentos, teria menor riqueza de informações. E no caso específico de São Vicente, no início do seu povoamento são raros, se não inexistentes, os dados que indiquem o número de pessoas que entraram na ilha, assim como, ficaram de fora todos aqueles que foram saindo da ilha de forma clandestina.

A demarcação temporal deste estudo, do descobrimento até 1950, foi assim decidida porque a grande maioria dos estudos sobre a demografia cabo-verdiana apontavam este ano como sendo de viragem na história da demografia cabo-verdiana. O crescimento populacional de Cabo Verde entre 1878 e 1980 é claramente dividido em dois períodos: o primeiro entre 1878 e 1950, «em que a curva da população sofre inflexões várias ocasionadas pelas fomes»; e o segundo período entre 1950 e 1980, «há um crescimento ininterrupto» (Rocha, 1987, p. 45). Segundo Morgado, num estudo para o período de 1900 a 1940, baseado nos recenseamentos, a população de Cabo Verde nesta época revela evolução com «fases de expansão alternando com fases de contracção populacional» (1949, p. 82). Também num outro estudo, desta vez para o período de 1900 a 1960, as conclusões são as mesmas, a evolução demográfica do arquipélago é de «natureza cíclica [...] alternância regular de períodos de depressão e progresso» (Brito, 1963, p.21).

Resumindo, as crises de mortalidade, deixaram de se fazer sentir e com consequências tão desastrosas. E a partir da década de 50 do século XX, a emigração cabo-verdiana conheceu franco crescimento, determinando fortemente a dinâmica dos cabo-verdianos. Carreira classifica a emigração legal entre 1953 e 1973 como tendo características de êxodo (1977, p.40). Na actualidade, muitos cabo-verdianos continuam a sonhar com a “*hora di bai*”, o embarque numa aventura que melhorará as suas vidas.

1 - Fontes e Metodologia

A Demografia Histórica enquanto ciência «tem como objectivo fundamental aplicar os métodos e as técnicas da Análise Demográfica ao estudo das populações» (Nazareth, 2004, p. 47). Segundo L. Henry o objecto desta demografia é o estudo das populações do passado,

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

quer seja próximo ou longínquo, quando se dispõe de fontes escritas. Este ramo da demografia consolidou-se como ciência com o aparecimento do método de reconstituição das famílias. Contudo, actualmente podem-se analisar diferentes fenómenos, desde as crises da mortalidade à ilegitimidade dos nascimentos, entre outros (Nazareth, 2004).

As principais fontes de informação que este ramo da Demografia utiliza são os registos paroquiais. Estes foram criados pela Igreja Católica, nos finais da Idade Média a inícios do século XVI, com o objectivo de permitir aos párocos possuírem um registo do estado dos seus fiéis relativamente a determinados sacramentos. Em Portugal, foram-se gradualmente generalizando após o Concílio de Trento e só desapareceram como fonte de informação privilegiada após 1910. Em Cabo Verde a sua utilização, enquanto única forma de registo, durou até Março de 1914.

As outras fontes utilizadas neste estudo foram os livros do Registo Civil de São Vicente, os recenseamentos e os numerosos mapas estatísticos publicados em Boletim Oficial, pelo órgão responsável pela estatística em Cabo Verde.

O primeiro censo realizado em Cabo Verde foi aplicado a 31 de Dezembro de 1878, e corresponde em Portugal ao segundo censo. Até à sua realização, o número dos habitantes das ilhas era conhecido com base em mapas estatísticos publicados oficialmente semelhantes aos existentes em Portugal. O segundo censo foi aplicado em 1890 e a partir daqui os censos passam a ter uma periodicidade decenal, de acordo com o estipulado pela Carta Lei de 17 de Agosto de 1899 e à semelhança do que sucede no Continente Português.

No que diz respeito à publicação oficial dos resultados dos censos, refira-se que até 1940 não foram alvo de nenhuma publicação autónoma, os seus resultados eram publicados em outras publicações oficiais como os Boletins Oficiais. Já os censos de 1940 e de 1950 viram os seus resultados publicados de forma independente.

No presente estudo sobre a população da ilha de São Vicente para além destas informações globais várias foram as fontes utilizadas, desde as publicações dos Boletins Oficiais e os livros de assento dos nascimentos e óbitos da Conservatória do Registo Civil de São Vicente até aos Registos Paroquiais da Igreja de Nossa Senhora da Luz, documentos e livros do Arquivo Histórico Ultramarino, Sociedade de Geografia de Lisboa e Biblioteca Nacional de Lisboa. Contudo, este estudo não ficaria completo se não se pudesse comparar o comportamento demográfico de São Vicente com o do arquipélago onde se insere. Daí que o campo da pesquisa se tenha alargado, de forma a assegurar que os dados recolhidos pudessem

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

ser comparados entre si e num âmbito mais alargado em termos geográficos de índole não exclusivamente demográfico. Desta forma foram utilizados subsidiariamente livros e estudos sobre a história da população de Cabo Verde; artigos de revistas e boletins de variadas procedências e publicações estatísticas oficiais.

Cabo Verde, segundo Carreira (1985), terá sido o único dos antigos territórios portugueses em África onde a prática de aplicação de censos populacionais foi sendo uma constante desde o século XIX. E onde desde o século XVII, eram utilizados, de forma rotineira, os assentos de baptismo e de óbito.

Na obtenção dos dados sobre Cabo Verde foram utilizadas várias fontes, designadamente fontes oficiais como os Boletins Oficiais, Anuários Estatísticos e Recenseamentos Gerais da População; bem como fontes bibliográficas, especialmente artigos publicados sobre questões populacionais por diversos autores e sobretudo publicações de António Carreira, autor de inúmeros estudos sobre a demografia cabo-verdiana.

Não obstante as inúmeras referências a dados demográficos, nem sempre essas informações eram iguais. Como, regra geral, não era mencionada a origem da informação e muitas vezes para um mesmo ano eram apresentados diferentes valores sobre a população, a opção tomada foi considerar como os mais próximos da realidade os dados oficiais. Quando estes não existiam para um determinado período ou ano, as informações consideradas eram as provenientes do único estudo exaustivo publicado sobre a demografia cabo-verdiana, *Demografia Caboverdeana – subsídios para o seu estudo (1807-1983)*, de António Carreira (1985). Este foi o critério utilizado para obter dados tanto quanto possivelmente sequenciais sobre o volume de população, natalidade e mortalidade de Cabo Verde.

Conforme referido anteriormente, uma das fontes utilizadas para o estudo da demografia histórica da ilha de São Vicente foram os Registos Paroquiais da Igreja de Nossa Senhora da Luz, existentes apenas para inícios do século XX.

Na referida igreja encontraram-se os três tipos de registos paroquiais: os registos de baptismos/nascimentos, casamentos e óbitos. Em relação aos baptismos o livro mais antigo encontrado foi o de 1913, que infelizmente estava incompleto. Deste primeiro livro consultado até 1918, as informações disponibilizadas diziam respeito apenas aos nomes, quer da criança baptizada quer dos seus pais. Seguidamente entre 1919 e 1921, as informações disponibilizadas tornam-se mais detalhadas, passando a constar também a data do baptismo, o

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

estado civil dos pais e o nome dos padrinhos da criança. Contudo, a partir de 1922 os dados presentes voltam a ser apenas os nomes, à semelhança do que aconteceu entre 1913 e 1918.

No caso dos livros onde se registavam os óbitos a informação é ainda mais incompleta. Enquanto que, para os baptismos se encontraram todos os livros, para o período compreendido entre 1913 e 1950, nos óbitos esta situação já não se verificou. O primeiro livro encontrado reporta-se ao ano de 1934 e o último a ser consultado a 1948, não tendo sido localizados os de 1949 e de 1950. E durante o período de 1934 e 1948 foram muitos os anos em que a informação estava incompleta, nomeadamente 1934 e de 1939 a 1942. Foram anos cujos valores da mortalidade se dividiram por mais que um livro de assento, infelizmente não se conseguiram localizar todos os livros. As informações constantes nestes livros declaravam o nome do indivíduo falecido, a data e o local de falecimento.

Foram feitas algumas tentativas para tentar localizar os livros em falta que, contudo, se revelaram infrutíferas. Estes livros não se encontravam nem no Arquivo da referida Igreja e nem no do Centro Paroquial do Bom Pastor. É de lamentar que estas fontes de informação tenham desaparecido ou estejam em local desconhecido, falhas estas que poderiam ser justificadas pela falta de meios para a correcta conservação e armazenamento destas fontes ou até pelo o desconhecimento e a falta de informação dos funcionários destas instituições, do valor que estes livros representam para a história de qualquer povo. É preocupante que um dos funcionários da Igreja tenha declarado que provavelmente os livros com mais de 100 anos terão sido queimados, daí a sua inexistência.

Para além desta descontinuidade dos dados existe ainda um outro problema a ser levado em conta quando se utilizam este tipo específico de fontes. É o facto de por serem fontes manuscritas, por vezes, a informação é ilegível. Para além disso, há que contar também com os eventuais erros ou omissões involuntárias por parte do pároco, por exemplo, o bastar o pároco fazer a inscrição do acontecimento passado algum tempo para que não se recorde de todos os dados. Outra situação, também frequente, é um mesmo indivíduo poder ser identificado diferentemente nos diferentes registos, por exemplo, uma pessoa do sexo feminino, num registo de baptismo pode ser identificada como Maria, num registo de casamento como Maria Gonçalves, noutra registo de casamento como Maria de Carvalho e finalmente no seu registo de óbito como Maria de Carvalho Gonçalves. É de referir contudo, que para o presente estudo as consequências da má identificação da pessoa não constituem

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

uma ameaça, visto que apenas se retiraram os dados referentes ao sexo, naturalidade, idade e local de falecimento.

No Arquivo da Câmara Municipal de São Vicente foram consultados os Boletins Oficiais publicados entre 1863 e 1950. É de salientar que, apesar das condições de armazenamento destes documentos não ser a ideal, a Câmara possui todos os números desde 1863 em duplicado, e por vezes até em triplicado. Nestes boletins eram publicados, entre os mapas estatísticos anuais relativos ao arquipélago, no geral e por ilhas; os resultados dos censos; relatórios mensais sobre o estado sanitário das ilhas; relatórios da Administração dos concelhos das diversas ilhas, entre outros. Geralmente as informações demográficas eram bem detalhadas, podendo encontrar-se a informação discriminada por sexos, idades no caso dos óbitos, naturalidade, profissões, etc. Assim, é possível afirmar que os Boletins Oficiais, enquanto publicações oficiais dos dados demográficos de Cabo Verde, assumem um papel essencial enquanto fonte de informação demográfica. Contudo, é preciso realçar que em muitos números e mesmo em alguns anos não foram publicados os dados demográficos. Um dos motivos que poderá explicar esta situação pode ser a ausência de recolha de informação deste tipo em alguns períodos, como por exemplo, em alguns anos da década de 20 do século passado. Outro motivo deriva facto dos Boletins Oficiais não serem uma publicação exclusivamente destinada à informação demográfica, sendo assim poderão ter existido períodos em que outros assuntos e temáticas, que pela sua pertinência, tenham recebido destaque em preterimento dos dados de população.

Na Conservatória do Registo Civil de São Vicente também foram consultados os livros de assento de baptismos, nascimentos e óbitos existentes no período compreendido entre 1900 e 1950. Todos os livros anteriores ao século XX encontram-se no Arquivo Nacional, situado na ilha de Santiago.

Os serviços do Registo Civil em Cabo Verde, à semelhança do que aconteceu em Portugal, desempenharam «funções de notação» e de «apuramento global e publicação» das estatísticas referentes ao movimento fisiológico. Em Cabo Verde o organismo de estatística era denominado Secção de Estatística da Repartição Central dos Serviços de Administração Civil. As informações que eram recolhidas nos diversos serviços do registo civil eram apuradas por estes mesmos serviços, em mapas fornecidos pelos serviços de estatística. Seguidamente estes mapas eram enviados à Secção de Estatística que elaborava os apuramentos globais (Morgado, 1954/1955, 79). Esta era a única diferença em relação ao

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

sistema praticado em Portugal continental, em que as informações sobre o movimento fisiológico das populações eram enviadas sobre a forma de verbetes individuais ao órgão estatístico central. E esta diferença trazia inconvenientes, nomeadamente pelo facto do organismo central responsável pela estatística, ficar impossibilitado de fiscalizar a correcção dos mapas elaborados pelos serviços de registo civil.

Em Portugal o Registo Civil foi instituído pelo decreto-lei de 18 de Fevereiro de 1911 e com ele vieram profundas alterações a nível do registo do movimento fisiológico da população. As principais foram o princípio da obrigatoriedade da inscrição no registo civil; esta obrigatoriedade seria extensiva a todos os indivíduos, independentemente da sua confissão religiosa e a realização do registo seria levada a cabo por funcionários civis privativos.

O Regulamento do Registo Civil foi publicado em Cabo Verde no Boletim Oficial número 46 de 20 de Novembro de 1913. Neste se estipulava que os livros dos Registos Paroquiais, em poder dos párocos passariam para as mãos dos conservadores ou oficiais do registo civil dos concelhos, passando assim a ser propriedade do Estado, assim que o Regulamento entrasse em funcionamento (artigos 7º e 8º). A implementação do Registo Civil veio tornar assim obrigatório o registo dos nascimentos, óbitos, casamento, reconhecimento e legitimação dos filhos, divórcios e anulações de casamento (artigos 2º e 3º). Os primeiros livros de nascimentos e de óbitos da Conservatória do Registo Civil de São Vicente foram iniciados em Março de 1914.

Infelizmente as condições de conservação e armazenagem dos livros na Conservatória, não as adequadas¹. As consequências são bem visíveis, sobretudo nos livros mais antigos, que se estão literalmente a desfazer, sendo por este motivo frequente surgirem livros sem várias folhas ou folhas em que falta parte da informação. Esta situação, pensamos resultar da incapacidade financeira e física de conseguir um local adequado para instalação do arquivo. Os funcionários de conservatória, presentes na altura da pesquisa, provaram ter consciência da importância e do estado deplorável dos livros, manifestando por várias vezes o desejo de que estes tivessem melhor forma de conservação. Contudo, é de realçar que ao longo do tempo houve uso negligente dos livros, sendo frequente encontrarem-se cliques metálicos enferrujados, inúmeras folhas de papel com anotações e até um bilhete de identidade e

¹ Após a realização da pesquisa e redacção deste trabalho, a Conservatória do Registo Civil de São Vicente mudou de instalações desconhecendo-se na actualidade as condições de conservação e armazenamento dos livros.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

moedas. Não obstante estes entraves foi possível recolher a informação existente e efectuar o tratamento e elaboração dos dados. Para os anos em que não havia informação da população por grupos de idades foi utilizado o método das populações estáveis, o método das Nações Unidas para a passagem de grupos decenais a grupos quinquenais e o método de Sprague para estimar os efectivos por idade a partir dos grupos quinquenais. O método das médias móveis também foi utilizado, para ajustar a informação por idades e por anos, sobretudo para os quais não se sabe o valor da população média. No que diz respeito às fórmulas e técnicas de Análise Demográfica possíveis de serem utilizados foram sendo utilizados sempre que a informação disponível o permitia e mau grado as deficiências de informação.

Dado o campo temporal deste estudo, as fontes utilizadas para recolha das informações foram tanto as fontes clássicas da Demografia Histórica quer as utilizadas no estudo de populações contemporâneas.

1.2 – Qualidade dos Dados Demográficos

Em demografia é pratica corrente utilizar algumas técnicas de forma a tentar perceber se os dados e informações a serem utilizados poderão ser considerados de confiança e como tal permitir o conhecimento da realidade demográfica num dado momento.

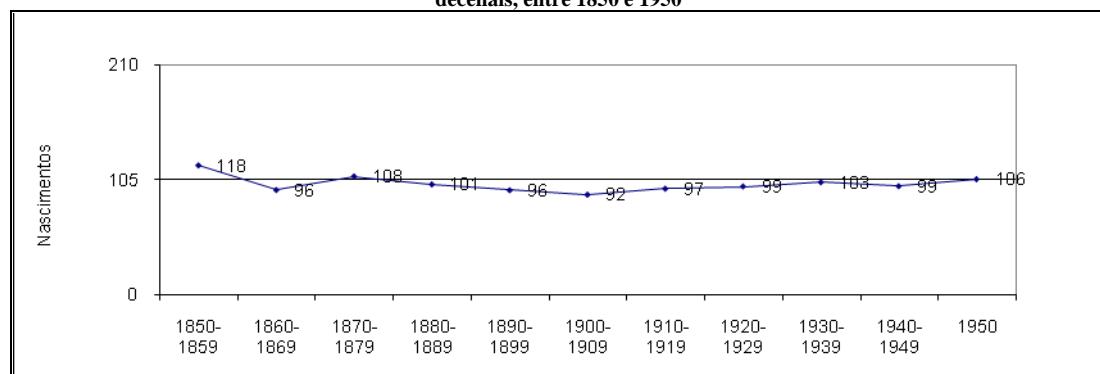
Neste caso em particular, apenas duas técnicas puderam ser utilizadas, face ao tipo de informação estatística disponível sobre a ilha de São Vicente. Para o caso dos nascimentos foi utilizada a Relação de Masculinidade nos Nascimentos (RMN) e para os recenseamentos o Índice Combinado das Nações Unidas (ICNU).

A primeira técnica permite apurar se existem discrepâncias em relação ao registo dos nascimentos por sexos. Esta consiste na adopção do princípio de que, onde a qualidade de dados é boa, essa relação anda nos 105 nascimentos do sexo masculino por cada 100 do sexo oposto, para além de que é possível calcular um intervalo de confiança, com uma margem de erro de 5% de forma a verificar se de facto a qualidade dos dados é fiável. Sendo assim, nos dados recolhidos no Registo Civil de São Vicente (a partir do ano de 1914) e Registos Paroquiais (1850 a 1913) temos que, no cômputo geral, a qualidade é considerada boa, com a excepção de três momentos, em 1900-1909, 1910-1919 e 1940-1949, em que o total de nascimentos masculinos esteve abaixo dos 105 nascimentos masculinos por cada 100 do sexo

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

feminino e em que este valor da relação de masculinidade encontra-se fora do intervalo de confiança calculado para estes mesmos anos.

Figura 1 – Relação de masculinidade nos nascimentos verificados em Cabo Verde, registados nos livros do Registo Civil, por grupos decenais, entre 1850 e 1950²



Fonte: Apêndice, quadro 1.

A explicação para a má qualidade no primeiro e terceiro grupo referidos podem ser as crises alimentícias de 1901-1904 e as duas que se verificaram nos anos 40, uma no início e outra mais para o fim, que provocaram uma elevada mortalidade. Para o decénio de 1910-1919, não existem registos de crises alimentares porém, o desequilíbrio no registo dos nascimentos poderá talvez ser justificado pela ocorrência da Primeira Guerra Mundial e das dificuldades económicas daí provenientes, assim como das epidemias de sarampo e de gripe espanhola e, que entre 1916 e 1919, não só causaram vítimas, como debilitaram o estado de saúde geral das populações. Talvez a mortalidade verificada nesses anos e as preocupações com a saúde e economia tenham afectado quer o nível da natalidade quer os próprios registos deste fenómeno. Para uma melhor análise, os anos compreendidos entre 1850 e 1950 foram divididos em decénios, e em alguns destes, apesar da relação de masculinidade estar muito acima dos 105, ao precisar o intervalo de confiança a 95% para esta variável, concluiu-se que, para esses anos, a qualidade poderia ser considerada de boa.

No caso das informações estatísticas recolhidas no Boletim Oficial, apenas foi possível analisar os dados referentes ao período de 1901 a 1950, no que diz respeito à relação de masculinidade nos nascimentos, por decénios, ocorridos em Cabo Verde³. Neste período, subdividido em três grupos, apenas no primeiro, de 1901 a 1909, se concluiu que a qualidade não seria boa.

² O respectivo intervalo de confiança encontra-se no quadro 1, em Apêndice.

³ Figura 3, em Apêndice.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Para as informações constantes dos Anuários Estatísticos (apenas encontrados os publicados a partir de 1927), que correspondem ao período de 1930 a 1952⁴, apenas no primeiro triénio, 1930-1939, se verificaram discrepâncias nos valores dos nascimentos e também foi neste onde a relação de masculinidade mais se afastou do seu valor normal.

Para avaliar a qualidade dos recenseamentos, foi então utilizado o ICNU que avalia quer a regularidade dos sexos quer das idades, permitindo assim a medição da qualidade global de determinado recenseamento da população. Ao todo foram analisados oito recenseamentos, desde o primeiro de 1878 até ao de 1950 e infelizmente apenas três, os de 1878, 1890 e 1920 poderão ser considerados como tendo uma boa qualidade. O motivo poderá ser o facto de se ter usado o Método das Populações Estáveis para calcular os efectivos por idades para os sexos. Já os restantes censos foram considerados como tendo uma qualidade muito má, em todos estes já existiam efectivos por grupos de idades, contudo como os grupos não tinham a mesma amplitude e sequer eram iguais de censo para censo, foi necessário calcular os efectivos para os grupos dos 0-4 anos e 5-9 anos através do Método das populações estáveis; transformar grupos decenais em quinquenais através do método das Nações Unidas e assim como usar o método de Sprague para calcular efectivos por idade a partir de grupos quinquenais.

Quadro 1 – Índice combinado das Nações Unidas por censos, entre 1878 e 1950

Censos	ICNU	Qualidade
1878	10	Bom
1890	8	Bom
1900	50	Muito Mau
1910	63	Muito Mau
1920	11	Bom
1930	58	Muito Mau
1940	90	Muito Mau
1950	52	Muito Mau

⁴ Figura 4, em Apêndice.

«...

Terra fértil!...

Se não cai a chuva,

- *o desalento*

a tragédia da estiagem!-

As encostas áridas, as planícies secas,

sulcadas,

imitam rictos de uma dor profunda

e fantasiam carnes ao Sol mumificadas...

- *Ai o drama da chuva,*

Ai o desalento,

o tormento

da estiagem!

- *Ai a voragem da fome levando vidas! ...»*

Jorge Barbosa⁵

⁵ França & Santos, 2002, pp. 41-42.

2 – O Arquipélago de Cabo Verde

2.1 Descobrimento e Povoamento

O arquipélago de Cabo Verde situa-se no Atlântico Norte, a cerca de 455 km da costa ocidental do continente Africano. O nome, ao contrário do que indica, não se deve ao facto das ilhas serem verdes, deve-se sim, ao cabo africano com este nome, do qual fica bastante próximo.

O arquipélago terá sido descoberto entre 1460 e 1462 pelos navegadores portugueses António da Noli, Diogo Gomes e Diogo Afonso. A versão oficial afirma que, as ilhas se encontravam desabitadas e que ainda não tinham sido descobertas quando os portugueses aí chegaram, mas existem teses que defendem que alguns povos do continente africano já aí tinham chegado nas suas embarcações. No entanto devido ao seu carácter accidental ou esporádico, não se pode considerar ter havido povoamento⁶.

As primeiras ilhas a serem descobertas foram Santiago, Fogo, Maio, Boa Vista e Sal em 1460, as restantes entre esse ano e 1462. O arquipélago está dividido em dois grupos: Barlavento – constituído pelas ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Boa Vista e Sal – e Sotavento – constituído pelas ilhas do Maio, Santiago, Fogo e Brava.

A primeira ilha a ser povoada foi Santiago logo em 1462, seguindo-se a ilha do Fogo. Esse processo foi dificultado inicialmente pelo distanciamento em relação ao Reino, pelas condições climáticas e pela exiguidade dos recursos naturais (Albuquerque, 1991). Porém, com a doação, feita pela coroa portuguesa de partes das ilhas a nobres portugueses, e com o comércio de escravos, as ilhas começaram a ser habitadas. Inicialmente, a intenção era praticar um «povoamento branco» (Andrade, 1996, p. 35), à semelhança do feito na Madeira e Açores. Aliás, da Madeira veio o maior número de portugueses. Mas, devido às dificuldades de sobrevivência, derivadas do clima, rapidamente se tornou claro que seria impossível realizar esse propósito.

Os portugueses e alguns poucos europeus, os brancos, e os escravos africanos, depressa se misturaram, dando origem ao mestiço. A miscigenação deveu-se, segundo os historiadores, ao facto de existirem poucas mulheres brancas nas ilhas (Andrade, 1996). O

⁶ Para mais esclarecimentos consultar Andrade, 1996, pp. 33-34 e Carreira, 1983(b), pp. 305-306.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

número dos mestiços rapidamente ultrapassou o número dos escravos e da população branca, sendo esta última sempre em menor número relativamente aos outros dois grupos (Carreira, 1983(b)).

Numa carta real de 1620 tenta-se, com a obrigação de enviar as mulheres degredadas para Cabo Verde e não para o Brasil, travar o aumento da classe dos mestiços. Porém, não só esta estratégia não funcionou, como também se tornou claro que os mestiços, ao contrário dos brancos, conseguiam resistir às agruras do clima, sendo por isso necessários para garantir a permanência portuguesa no arquipélago. O envio de degredados para as ilhas praticamente foi uma constante ao longo dos séculos, porém, só no século XIX esta forma de emigração portuguesa foi realmente expressiva (Andrade, 1996).

Durante o século XVI, a repartição da população pelas ilhas foi bipolarizada: de um lado as ilhas de Santiago e Fogo, sendo a primeira a mais habitada; «depois era o fosso e o deserto» (Albuquerque, 1991, p. 228), as restantes ilhas ou eram desertas ou semi-desertas. A explicação apresentada para esta diferença prende-se com a estrutura económica vigente na altura. Nas ilhas, onde se praticava a agricultura intensiva, caso de Santiago e Fogo, «o povoamento era intenso, permanente e estável» (Albuquerque, 1991, p. 227); naquelas onde as actividades eram essencialmente a pecuária extensiva e actividades de apanho, por exemplo da urzela, a população era escassa ou sazonal.

2.2 Dinâmica Populacional

A análise da evolução demográfica de Cabo Verde está muito ligada à história das crises de fome e das secas que se têm repetido com grande frequência, provavelmente desde o início do povoamento, segundo António Carreira (1966). Cabo Verde situa-se na extremidade ocidental do Sahel, sendo por isso caracterizado por um clima árido e semi árido onde as chuvas são extremamente irregulares, ou seja, onde estão presentes as condições ideais para secas e fomes (Albuquerque & Santos, 1991). Estas crises tinham efeitos de verdadeiras catástrofes, provocando milhares de mortos e alterações em outros acontecimentos demográficos, como sejam a natalidade e a emigração. Para além das crises alimentares, originadas por secas prolongadas, os campos eram muitas vezes devastados por pragas, de gafanhotos entre outras, que destruíam as plantações.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

De acordo com António Carreira, Cabo Verde é o único ex-território português em África onde se realizaram a partir do século XIX censos populacionais, o primeiro dos quais em 1878. Cabo Verde foi também o local onde os assentos de baptismo e de óbito eram «actos de rotina na vida de cada pequena comunidade rural» desde o início do século XVII (1985, p. 11). Este autor faz referência a um levantamento da população em 1731, a que chamou «censo». Este levantamento detalhado da população foi pedido pelo Rei de Portugal, entre 1725 e 1730, ao bispado de Cabo Verde, sendo efectuado a 10 de Maio de 1731 nas ilhas, com excepção das de São Vicente e do Sal, que ainda não eram habitadas. O levantamento recebeu o nome de “*Lista do Bispado de Cabo Verde, assim da Ilha de S. Thiago como das outras ilhas e terra firme da Guiné*” (1984(b)). Como já foi referido, o primeiro censo moderno foi realizado em 1878, seguindo-se outro em 1890 e a partir deste outros censos foram sendo realizados de 10 em 10 anos.

Tal como acontece em todas as populações do passado, segundo António Carreira, apesar da existência de informações demográficas bastante recuadas no tempo, muitas vezes os dados não são fiáveis, especialmente nas épocas de crise por causas diversas das habituais em terras europeias. Por exemplo, o «esforço enorme para *branquear* as gentes» (1969, p. 479); os muitos casos de mortos que eram enterrados sem registo, de pessoas que morriam nas estradas e campos e que, ou eram ali mesmo enterradas ou eram devoradas pelos cães. O problema consiste nas chamadas «doses de exagero», como as que afirmavam que em 1468 existiam 8.000 almas, entre homens livres e escravos, nas ilhas de Santiago e do Fogo (1983, p. 26). Mas, apesar destas falhas, «as indicações demográficas referentes ao arquipélago de Cabo Verde suscitam maior confiança que a grande maioria da relativas aos territórios da África continental» (1953, p. 3).

Quadro 2 – População de Cabo Verde entre 1572 e 2000

Anos	População Total	Anos	População Total	Anos	População Total	Anos	População Total	Anos	População Total
1572	12600	1869	90.164	1897	141.893	1917	157.111	1941	174.465
1582	15.708	1870	80.000	1898	142.537	1918	156.992	1942	159.563
1731	30.397	1871	76.003	1899	144.382	1919	159.907	1943	158.043
1770	80.000	1873	83.958	1900	147.424	1920	159.675	1944	161.481
1773	50.000	1874	90.704	1901	145.706	1921	150.675	1945	165.530
1774	50.639	1878	99.317	1902	147.324	1924	127.346	1946	168.261
1775	28.368	1881	103.861	1903	137.579	1927	148.300	1947	154.643
1807	58.431	1882	103.761	1904	131.325	1928	150.160	1948	139.137
1810	51.480	1885	110.926	1905	134.193	1929	153.738	1949	138.632
1826	55.600	1886	117.556	1906	135.190	1930	146.299	1950	148.331
1827	74.307	1887	117.640	1907	137.789	1931	148.533	1960	201.549
1831	89.460	1888	121.127	1908	140.004	1932	150.553	1970	270.999

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1832	60.000	1889	125.828	1909	142.343	1933	153.182	1980	289.027
1834	55.833	1890	127.390	1910	142.552	1934	156.913	1990	341.491
1844	60.000	1891	127.832	1911	143.257	1935	158.930	2000	431.989
1860	89.310	1892	129.075	1912	143.929	1936	162.604		
1862	67.357	1893	130.272	1913	147.754	1937	165.540		
1863	94.935	1894	133.097	1914	149.793	1938	169.988		
1864	97.009	1895	138.796	1915	156.140	1939	174.403		
1867	67.357	1896	141.915	1916	149.562	1940	181.286		

A evolução demográfica deste território esteve sempre directamente dependente das entradas e saídas de pessoas, bem como das cíclicas crises de fome e de mortalidade que se abatiam pelas ilhas afectando o crescimento natural da população (Alexandre & Dias, 1998, p. 169). Analisando a figura 2, referente à evolução demográfica em Cabo Verde, desde 1572 até 2000, data do último recenseamento efectuado, podemos verificar que até meados do século XIX o crescimento foi muito irregular. O aspecto em serra comprova que a períodos de crescimento populacional se seguiam períodos de quebra, imediatamente precedidos por uma recuperação populacional.

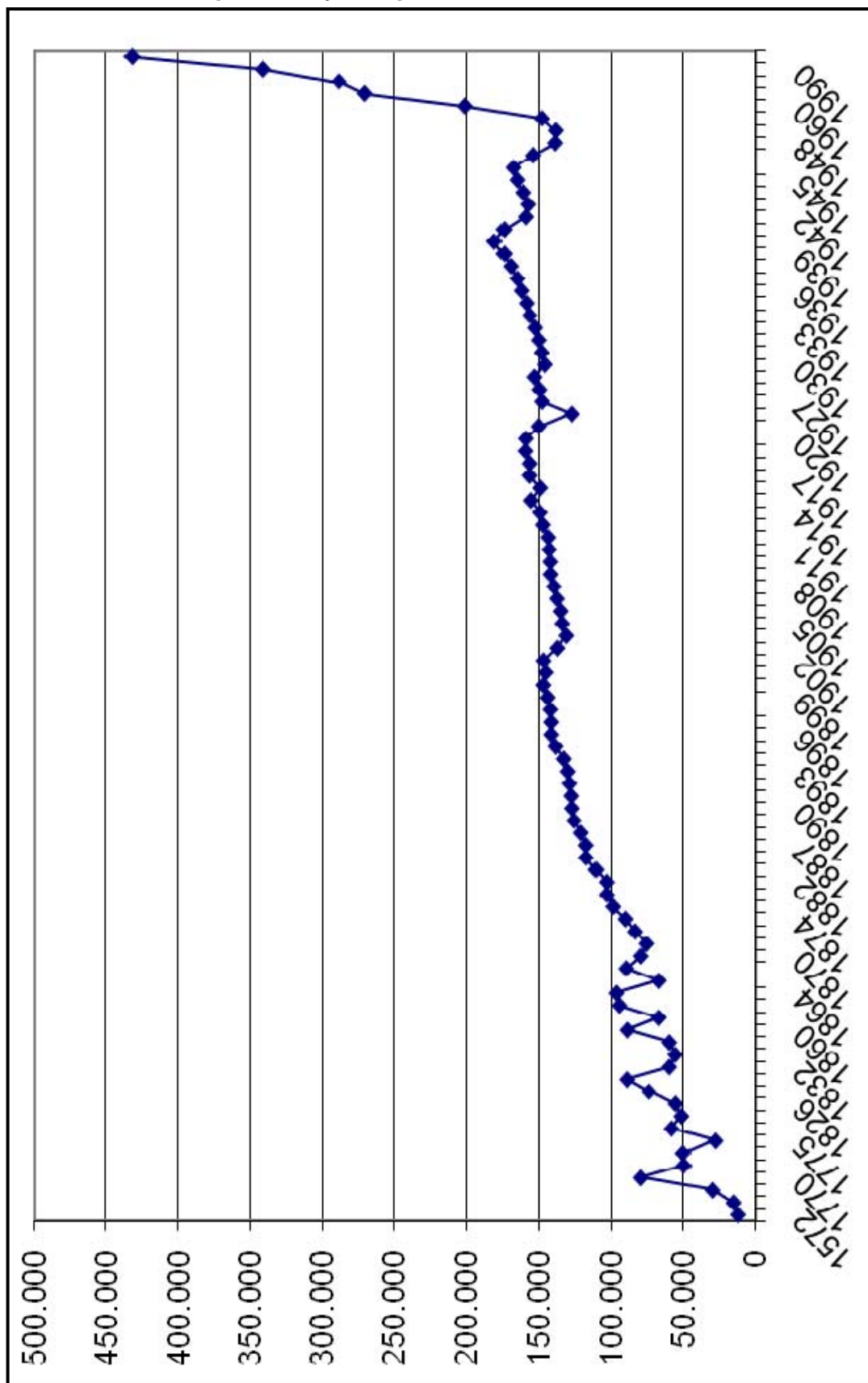
Sobre o período entre o descobrimento das ilhas e o século XVI existem escassas informações. Em 1513 na Ribeira Grande, em Santiago, calcula-se que existiam 162 pessoas. Para as duas capitanias de Santiago, estimam-se em 1549, 1572 e 1582 respectivamente 1.200, 12.600 e 15.700 moradores (Carreira, 1983, p. 26). Conforme se pode verificar pela análise da figura 2, até 1770 a população vai crescendo e segundo uma estimativa feita por Carreira para o arquipélago nesse ano existiriam 80.000 pessoas. Contudo, importa realçar que, o facto de não dispormos de todos os dados relativos à população, para o período entre 1572 e 1770, torna impossível detectar os efeitos das muitas crises que ocorreram durante essa época.

Uma outra característica da evolução demográfica de Cabo Verde é que, mais de dois séculos e meio após o início do povoamento, a distribuição geográfica da população pelas ilhas não se alterou substancialmente. O levantamento de 1731 comprova que o grupo de Sotavento continuou a conter mais de metade da população cabo-verdiana (75,6%) enquanto que Barlavento continha apenas 24,4%⁷.

⁷ Consultar quadro 4, em Apêndice.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Figura 2 - Evolução Demográfica de Cabo Verde de 1572 até 2000



Fonte: Apêndice, quadro 7.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Após 1773 a população cabo-verdiana começa a diminuir. Esta diminuição coincide com a crise mais grave e mortífera do século XVIII, a de 1773-1776 (Carreira, 1966). Nas ilhas de Santiago e Fogo, a população terá sido reduzida para metade⁸. A dimensão da crise foi de tal forma catastrófica que terá feito a população das duas principais ilhas voltar a valores semelhantes aos de 1582. Mas a recuperação terá sido rápida.

Em 1775 existiam 28.368 habitantes em Cabo Verde, 32 anos depois, em 1807, estimaram-se em 58.431 habitantes, ou seja, a população duplicou nesse período. Comparando os dados de 1731 com os de 1807, pode-se constatar que, para além da duplicação do número de habitantes, se verificaram grandes alterações a nível da distribuição da população pelos dois grupos de ilhas. O número de habitantes no grupo das ilhas de Barlavento aumentou substancialmente, atingindo 40,5% do total da população, equilibrando a distribuição geográfica dos habitantes pelo arquipélago⁹.

Após a crise de 1810, a população retoma o seu crescimento até 1831, quando é novamente travada por uma fome, que dura até 1834. A crise de 1831-1834 foi uma das piores, tendo provocado devastações em todas as ilhas. A fome fez um total de 30.000 vítimas, sendo que, só em Santo Antão perderam a vida 13.000 pessoas e no Fogo mais de metade da sua população. A ajuda veio dos E.U.A., que enviaram 13 navios com mantimentos. Mais uma vez, o Governo da metrópole não conseguiu socorrer os habitantes insulares, alimentando assim o seu descontentamento relativamente aos governantes.

Entre 1860 e 1862 o crescimento populacional é de novo travado. Constata-se uma breve recuperação nos dois anos subsequentes, para de novo baixar entre 1865 e 1867. Foram os efeitos da escassez das chuvas, que se começaram a fazer sentir em 1857 e que fizeram com que a crise de 1863-1866 tivesse proporções tão dramáticas. Os socorros chegaram tarde e apesar de ter chovido entre Julho e Novembro de 1864 as colheitas foram escassas, porque sequer havia pessoas suficientes para trabalhar nos campos (Albuquerque & Santos, 1991).

Resumindo, desde o início do século XVII até 1872 a documentação existente reflecte o quanto o crescimento da população é irregular. A partir de 1873, apesar de ainda deflagrarem algumas crises, as perturbações delas resultantes não tiveram grande repercussão a nível dos volumes e dinâmicas populacionais até 1902.

Com efeito, durante os anos finais de oitocentos e inícios do século XX verificaram-se inúmeras crises: em 1875-1876 houve escassez de chuvas e de colheitas, essencialmente em

⁸ De acordo com estimativas feitas por Sena Barcelos referenciadas em Carreira, 1966, p. 44.

⁹ Consultar quadro 5, em Apêndice.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Santiago e Santo Antão; em 1883-1886 verificou-se uma crise geral, mas a ajuda atempada em termos de política de emprego e distribuição de alimentos evitou que se repetisse o trágico cenário de 1864; em 1889-1890 e 1896-1898 as colheitas rarearam; em 1899-1900 ocorreu uma crise alimentícia, que no Fogo foi acompanhada por um surto de varíola, o que ajudou à grande mortandade aí verificada (Albuquerque & Santos, 1991).

De acordo com Carreira, no período compreendido entre as fomes de 1833-1834 e de 1863-1866 terá ocorrido uma «ruptura do equilíbrio ecológico das ilhas». As secas prolongadas afectaram negativamente as colheitas e o desequilíbrio entre produção agrícola e população aumentou cada vez mais. Estes factores, aliados à grande carga demográfica decorrente dos níveis de fecundidade sempre elevados, ao regime jurídico vigente quanto à desigual repartição das terras impeliam os cabo-verdianos à emigração (1983, p. 37-38).

Uma das formas encontradas pelos governantes nas ilhas para combater a miséria e a mortandade nas alturas de crise foi empregar aqueles que ainda conseguiam trabalhar em obras públicas, como por exemplo, na construção de estradas. Tratava-se assim de medidas reactivas, nunca proactivas, o que apenas minorava o problema pontual, mas não trazia soluções de fundo.

A viragem do século (1894 a 1903) não foi ensombrada por grandes vagas de mortandade, embora ocorressem algumas crises alimentícias, e talvez por causa disso tenha sido classificada como «anos de calmaria» por Carreira (1984(a), p. 20). Contudo, logo nos primeiros anos do século XX, entre 1903 e 1904, população diminui muito e morrem cerca de 16.000 pessoas entre 1902 e 1904. Foi a primeira grande crise do século XX. À irregularidade das chuvas, nos dois primeiros anos do século, juntaram-se as estiagens e pragas de gafanhotos, em resultado as colheitas ficaram gravemente comprometidas (Albuquerque & Santos, 1991). O enorme impacto negativo desta crise também se deveu ao facto da população se encontrar bastante debilitada e na miséria devido às más colheitas dos anos anteriores.

Nos dez anos compreendidos entre 1905 e 1915 a população aumentou, apesar de, em 1910 deflagrarem surtos de paludismo e gripe e de entre 1911 e 1915 ocorrer uma «seca de efeitos atenuados», agravada pelas pragas de gafanhotos que assolaram pelo Fogo, Brava, S. Nicolau, Boavista e Sal (Albuquerque & Santos, 1991, p. 14).

Em 1916 verifica-se uma nova quebra no crescimento populacional. Esta também foi provocada pela fome e pelas dificuldades de abastecimento. As ilhas vinham sofrendo com as perturbações a nível da importação por causa da Primeira Guerra Mundial, e consequente diminuição do fluxo marítimo (Carreira, 1984(a)).

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Entre 1917 e 1930 a população começa de novo a crescer, pontuada por conjunturas desfavoráveis em 1921 e sobretudo em 1924. Para os primeiros sete anos dos anos 20 os dados são muito escassos, apenas dispomos dos referentes à população em 1921 e 1924, o que não nos permite saber se a diminuição foi contínua e quando terá a população recommençado a recuperar, visto que em 1927 o valor já é bastante próximo do verificado em 1921 (respectivamente 148.300 e 150.675 pessoas). Sabemos sim que ocorreram duas crises, uma em 1921-1922 e outra em 1923-1924, ambas de carácter agrícola, originando fome geral, agravada pelas dificuldades de abastecimento, que ainda persistiam¹⁰. Através da delimitação do período destas crises, podemos concluir que a quebra na evolução populacional se deveu às mesmas e que a partir de 1925 a população deverá ter reatado o seu crescimento.

Entre 1930 e 1940 o crescimento populacional continua, apesar duma ligeira diminuição em 1930. Segundo Carreira, entre as crises dos anos 20 e a do início dos anos 40, não se registaram grandes níveis de mortalidade mas, apesar disso, a fome continuou «de uma forma menos acentuada a assolar as ilhas» (1984(a), pp. 90-91).

Porém, as duas crises que flagelaram as ilhas nos anos 40 foram altamente mortíferas, afectando negativamente o crescimento populacional. A primeira ocorreu entre 1941 e 1943, com as causas de sempre, a falta de chuvas e consequentemente de alimentos, agravadas pela diminuição da afluência de navios no Porto Grande de S. Vicente e pelas perturbações no comércio externo, devidas à guerra. Fogo e São Nicolau foram as ilhas mais sacrificadas, tendo a primeira perdido cerca de 31% da população e a segunda 28% (Albuquerque & Santos, 1991)¹¹. De 181.286 pessoas em 1940 passou-se para 158.043 em 1943, ou seja, no total Cabo Verde perdeu cerca de 13% da sua população. A mortalidade (óbitos e nados-mortos) entre 1941 e 1943 foi de 37.903 pessoas; os nascimentos ocorridos para o mesmo período foram 14.541.

A população recomeça a crescer mas novamente este crescimento é travado por uma segunda crise, a de 1947-1949. Esta foi sem dúvida a pior do século, mas também a «última mortandade catastrófica» verificada em Cabo Verde (Carreira, 1984(a), p. 128). Nesta crise perdeu-se 17,6% do total da população tendo o volume de residentes passado de 168.261

¹⁰ De acordo com António Carreira 23.373 pessoas terão morrido durante a primeira crise, mas o autor considera que, o valor da mortalidade poderá ser ainda mais elevado, visto que, em anos de crise, muitas mortes eram ignoradas pelas autoridades, muitos enterros eram clandestinos e muitos morriam pelos caminhos sendo comidos por cães. Vide Carreira, 1984(a), p. 89.

¹¹ Para comparar perdas populacionais em todas as ilhas consultar quadro 6, em Apêndice.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

habitantes em 1946 para 138.632 em 1949. De 1947 a 1949 morreram e/ou nasceram mortas 33.854 pessoas, tendo nascido 12.937 pessoas.

O balanço das secas, principalmente as de 1941-1943 e 1947-1948, que abalaram Cabo Verde nos primeiros cinquenta anos do século passado, marcaram profundamente a consciência colectiva dos cabo-verdianos, não só pelas mortes que provocaram, como sobretudo pelo engrossar da emigração para fugir à morte. De facto, a partir de 1950, não se verificaram mais crises com as dimensões do passado e agora a evolução demográfica da população será a partir de então mais profundamente afectada pelas fileiras da emigração. Nas palavras de Costa e Magalhães a partir de 1950 «as crises deixam de alimentar as estatísticas obituárias para passarem a engrossar as da emigração» (1983, p. 353). Em 1975 já existiam mais cabo-verdianos e seus descendentes fora de Cabo Verde do que nas ilhas.

Apesar deste estudo da evolução demográfica de Cabo Verde se deter em 1950, através de leituras e de pesquisas feitas, é possível afirmar que durante o século XX, existem dois períodos distintos nas formas de evoluir das gentes insulares. O primeiro vai do início do século até 1949 e é em tudo semelhante ao percurso demográfico das ilhas desde que começaram a ser habitadas. Referimo-nos ao crescimento populacional irregular devido às crises que provocavam milhares de mortes. Nas palavras de Costa Monteiro «a população de Cabo Verde renova-se [...a um] ritmo pendular» (Monteiro apud Figueiredo, 1954, p. 28) ou seja, «as brechas produzidas pelas fomes [eram] colmatadas rapidamente» (Carreira, 1969, p. 35).

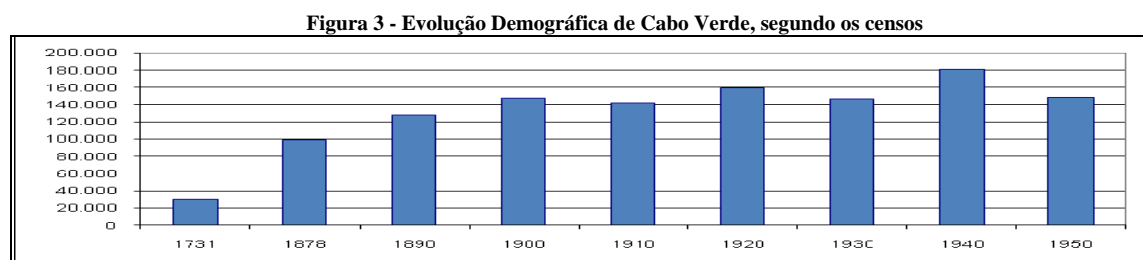
O segundo período começa em 1950. A evolução populacional já não é afectada pelas enormes vagas de mortandade, assistindo-se portanto a uma diminuição da mortalidade geral e a um aumento progressivo e contínuo da população, mesmo com saldos migratórios tendencialmente negativos.

Segundo Carreira, existe ainda um outro fenómeno que pode ser apontado também como responsável pela diminuição do ritmo de crescimento, a emigração quer forçada (Carreira apud Costa e Magalhães, 1983, p. 35), como a que foi feita para as roças de São Tomé, quer a livre. Apesar da emigração não ser um tema desenvolvido neste trabalho, podemos adiantar que esta começou a ganhar expressão em finais do século XVII e princípios XVIII. Os homens aproveitavam a vinda dos baleeiros norte-americanos para tentarem uma nova vida. Até aos anos 50, a emigração era maioritariamente masculina, contudo após o seu estabelecimento e legalização muitas vezes mandavam buscar as suas companheiras e filhos.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Apenas em 1957 começou a ganhar forma uma emigração feminina, que tinha como destino Itália (Monteiro, 1997).

A irregularidade do crescimento demográfico de Cabo Verde até 1950 pode também ser comprovada através da análise da figura 3, construída de acordo com os dados do levantamento de 1731 e dos censos feitos em Cabo Verde.

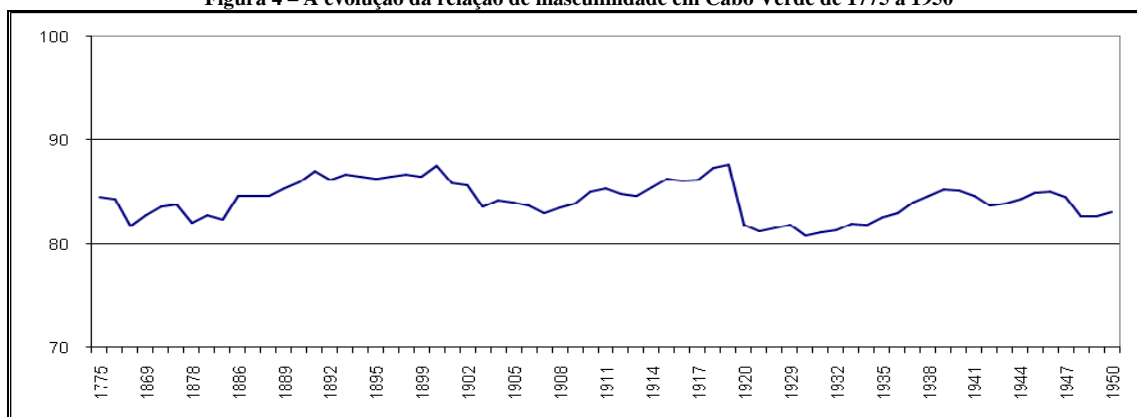


Conforme podemos verificar, o número de efectivos diminui três vezes no século XX: entre 1900 e 1910 em consequência da crise de 1901-1904; entre 1920 e 1930, por causa das crises de 1921-1922 e de 1923-1924, que devido à quase inexistência de dados para este decénio não permitia que as suas consequências fossem tão facilmente perceptíveis; e finalmente entre 1940 e 1950, também resultado de duas crises que provocaram grande mortandade. Apesar da irregularidade na evolução da população, esta foi sempre recuperando dos efeitos das crises e aumentando em termos de longa duração. O crescimento demográfico foi rápido mas descontínuo, variando de acordo com a incidência das crises gerais. A natalidade manteve-se em patamares elevados favorecendo o crescimento natural da população, tendo começado o seu declínio a partir dos anos 80 do século XX.

A análise da população cabo-verdiana pode ser completada através da relação de masculinidade e das proporções de masculinidade e feminilidade. Conforme se pode ver pela figura 4 abaixo exposta, a relação de masculinidade da população de Cabo Verde entre 1775 e 1950 esteve sempre compreendida entre o intervalo de 80 a 90 homens, ou seja, a média para este período foi de que para cada 100 mulheres existiam 84 homens.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Figura 4 – A evolução da relação de masculinidade em Cabo Verde de 1775 a 1950

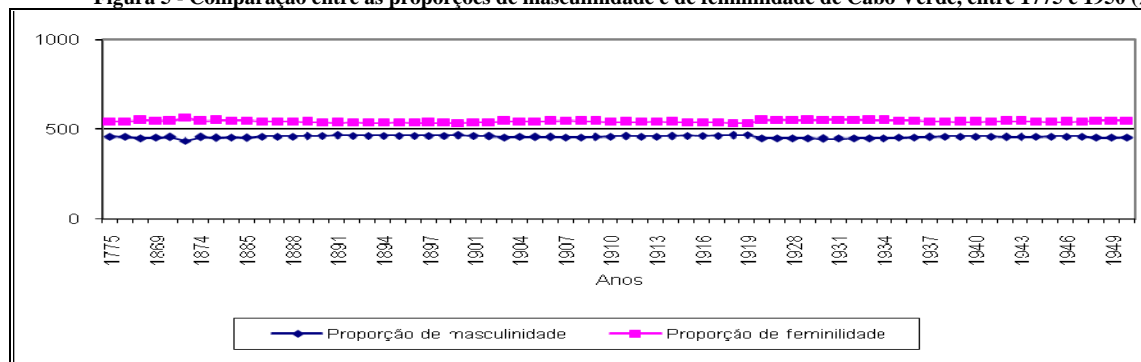


Fonte: Apêndice, quadro 7.

É possível apurar que, a partir de 1920 se verificou uma acentuada diminuição no número de efectivos masculinos, supomos que consequência da emigração masculina. A emigração masculina ter-se-á intensificado a partir dos anos 20, em consequência da falta de mão-de-obra existente na Europa, que por sua vez era resultado da Primeira Guerra Mundial. É a alta taxa de natalidade que explica o facto de haver crescimento populacional, apesar do número de mulheres continuar a aumentar relativamente ao número de homens residentes.

No que diz respeito à proporção de masculinidade¹², temos que entre 1775 e 1950, em média existiam 457 homens em cada mil pessoas. E a proporção de feminilidade foi respectivamente de 543 mulheres. Em 1873 a proporção de mulheres atingiu o valor máximo de 565 e em 1900 o valor mais baixo, de 533 mulheres em cada mil pessoas. A partir de 1920, conforme anteriormente referido, a diferença entre homens e mulheres aumenta.

Figura 5 - Comparação entre as proporções de masculinidade e de feminilidade de Cabo Verde, entre 1775 e 1950 (%)



¹² As proporções medem o peso relativo de uma dada sub-população no conjunto da população a que pertence. Neste caso, a proporção de masculinidade mede o peso dos homens no total da população de Cabo Verde e calcula-se dividindo a população masculina pelo total da população, multiplicando depois o resultado por 100. Para calcular a proporção de feminilidade procede-se da mesma forma, só que com os valores do sexo feminino.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Esta comparação entre os sexos, também permite observar como os valores dos efectivos masculinos e femininos vão sofrendo flutuações devido aos períodos de crise. Durante a crise de 1947-1949, a diminuição acentuada da população, constatada em ambos os sexos, também se deveu e muito à emigração que se verificou na altura. Neste triénio, o total de homens baixou de 70.852 para 62.751 e o das mulheres de 83.791 para 75.881. Esta segunda crise num espaço de uma década fez com que muitos procurassem fugir ao terrível destino da fome, miséria e mortandade, semelhante ao verificado durante a crise de 1941-1943. A solução para uma vida melhor, segundo os cabo-verdianos, foi a Europa, sobretudo países como Portugal, Holanda, França e Itália.

Com efeito, uma das características da população cabo-verdiana é o constante desequilíbrio dos sexos¹³, que no início do povoamento era favorável aos homens por razões facilmente perceptíveis mas que, por alturas do século XVII se alterou, passando as mulheres a ser em maior número que os homens. A forte emigração masculina é uma das responsáveis por este desequilíbrio. A ilha da Brava foi o espaço onde este desequilíbrio entre mulheres e homens era mais acentuado por ser das ilhas com maior tradição de emigração e Santo Antão foi uma das ilhas onde o desequilíbrio era menor, explicado pelo facto de essencialmente agrícola e portanto grande empregadora de mão-de-obra masculina.

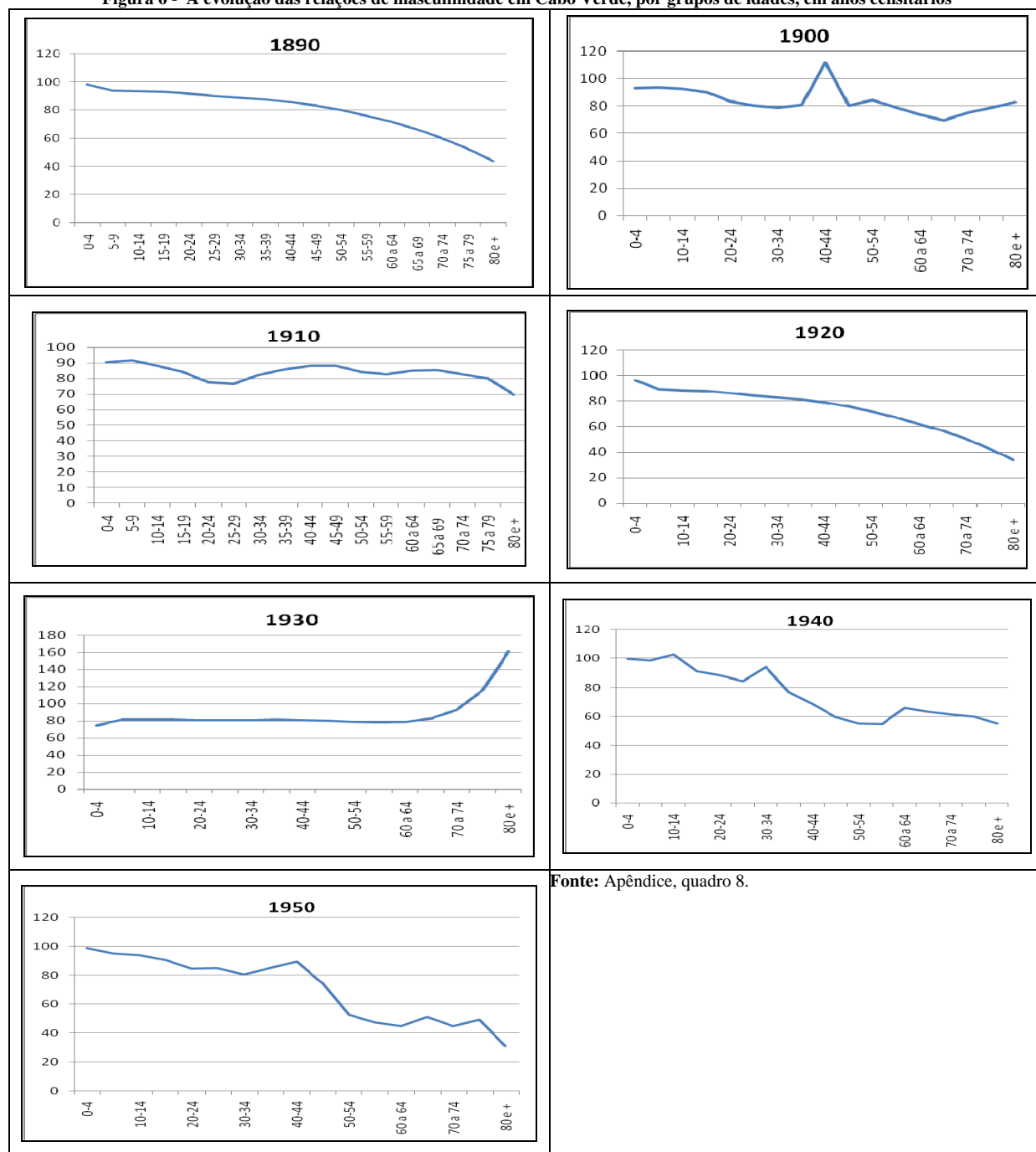
O desequilíbrio existente entre os sexos também pode ser constatado na análise da evolução da relação de masculinidade em anos censitários. Conforme se pode comprovar pela figura 6, apenas as representações gráficas das relações de masculinidade de 1890 e 1920 são curvas descendentes quase perfeitas. Contudo, convém não esquecer que os valores para os grupos de idades, para estes dois anos, foram calculados seguindo o método das populações estáveis¹⁴. Para os restantes anos é possível analisar a interferência do “efeito de geração”, ou seja, cada geração sofreu efeitos resultantes das crises de mortandade e fome e dos fluxos migratórios, o que explica as grandes oscilações e modificações nas relações de masculinidade.

¹³ Conforme figura 5, em Apêndice.

¹⁴ O método das populações estáveis é um método muito utilizado nos estudos de populações do Antigo Regime Demográfico. Permite elaborar interpolações e estimativas diversas, sobretudo a estimativa do valor percentual provável de determinados grupos de idades, quando não existe a distribuição por grupos de idades dos efectivos de uma população. Para aplicar este método parte-se do pressuposto de que os efectivos da população variam a uma taxa constante, assim como os nascimentos e óbitos; que as respectivas taxas brutas da mortalidade e natalidade também são constantes e que a estrutura da população é invariável, independentemente da sua evolução. Calcula-se primeiro o ritmo de crescimento da população depois a taxa bruta de natalidade (para cada sexo), cruzam-se esses dados nas tábuas-tipo das populações estáveis e obtém-se a percentagem provável para cada grupo de idades. Depois é só multiplicar essa percentagem pelo total de efectivos do sexo que se estiver a analisar e dividir o resultado por 100. Procedemos desta forma em todos os grupos de idades.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Figura 6 - A evolução das relações de masculinidade em Cabo Verde, por grupos de idades, em anos censitários



Fonte: Apêndice, quadro 8.

Quando se analisaram os valores para a mortalidade por sexos ao longo dos anos, constatou-se que praticamente não existem diferenças significativas entre o número de óbitos masculinos e femininos. Daí que, os picos em que a linha da relação de masculinidade se aproxima ou ultrapassa os 100 homens, talvez possam ser consequência de um incorrecto e/ou deficiente registo das mulheres, já que geralmente os homens tendem a morrer mais do que as mulheres. E é este «efeito natural do excesso de óbitos do sexo masculino» aliado às vagas de

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

mortalidade resultantes das crises que poderão justificar os picos descendentes, extremamente acentuados, que se verificaram para 1940 e 1950.

As pirâmides de idades¹⁵ (Figura 7) para os anos censitários também ajudam a perceber como se foi alterando a estrutura etária e por sexos entre finais do século XIX e meados do século XX nas ilhas. Na generalidade, as pirâmides de idades de Cabo Verde sugerem uma população jovem, uma natalidade elevada e exibem também os efeitos das crises de mortalidade que assolavam o arquipélago.

De 1890 para 1900, a população de ambos os sexos aumentou entre o primeiro grupo quinquenal e o grupo dos 25-29 anos, para em seguida diminuir até aos 75-79 anos. No caso dos homens, essa diminuição verificou-se no grupo etário dos 30-34 anos e nas mulheres no grupo a seguir. Após os 80 anos, a população de 1900 aumentou em relação a 1890.

Em 1910, nos primeiros grupos etários e até ao grupo dos 30-34 anos a população diminuiu. Este abatimento na população dever-se-á ao modelo de mortalidade agravado pela crise do início do século XX (1901-1904), que como se pode comprovar afectou muito as camadas mais jovens da população cabo-verdiana. A população aumenta os seus efectivos entre os 40 e os 79 anos, para novamente baixar nas idades mais avançadas. Ou seja, a crise não afectou apenas as camadas mais jovens, também os mais velhos.

O período compreendido entre 1910 e 1920 foi de crescimento populacional generalizado, conforme se pode constatar na pirâmide das idades de 1920. A população aumentou até ao grupo dos 35-39 anos para no grupo quinquenal seguinte recomençar a decair, à excepção do sexo feminino em que, os volumes percentuais se mantêm até aos 49 anos. Este comportamento desigual relativamente aos dois sexos poderá ser explicado pela sobremasculinidade da emigração ocorrida no período analisado, a que já aludimos.

Comparando as pirâmides de 1930 e de 1920, notamos que na primeira houve um amortecimento nos primeiros grupos etários, justificada pelo facto da mortandade de 1921 ter afectado as camadas mais jovens da população, cujo reflexo ainda se notou na pirâmide de 1930. Nas mulheres, essa diminuição verifica-se até ao grupo dos 15-19 anos, para a partir do

¹⁵ As pirâmides de idades são representações gráficas da repartição de uma população por sexos e idades. São ferramentas da Análise Demográfica que permitem obter uma perspectiva histórica de acontecimentos que marcaram uma dada população. São um histograma duplo, com as idades representadas no eixo vertical e os efectivos em dois semi-eixos horizontais (os valores podem ser absolutos ou relativos). O sexo masculino fica à direita e o feminino à esquerda.

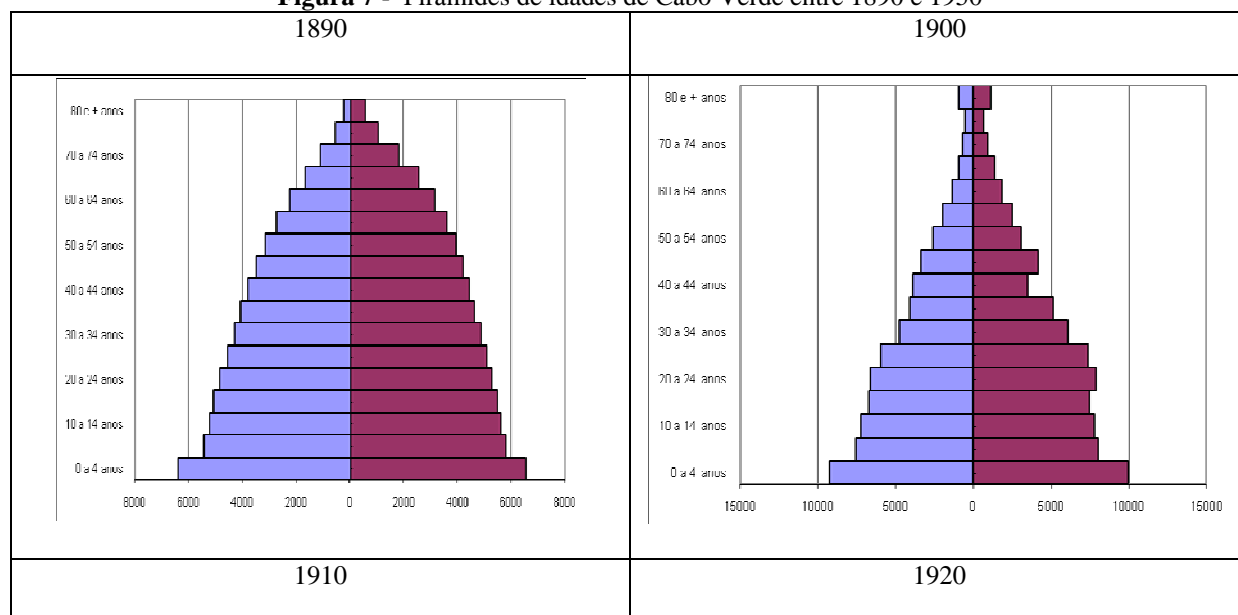
Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

grupo quinquenal seguinte aumentar. No caso do sexo masculino, a diminuição prolonga-se até ao grupo etário dos 25-29 anos, crescendo a partir dos 30 anos.

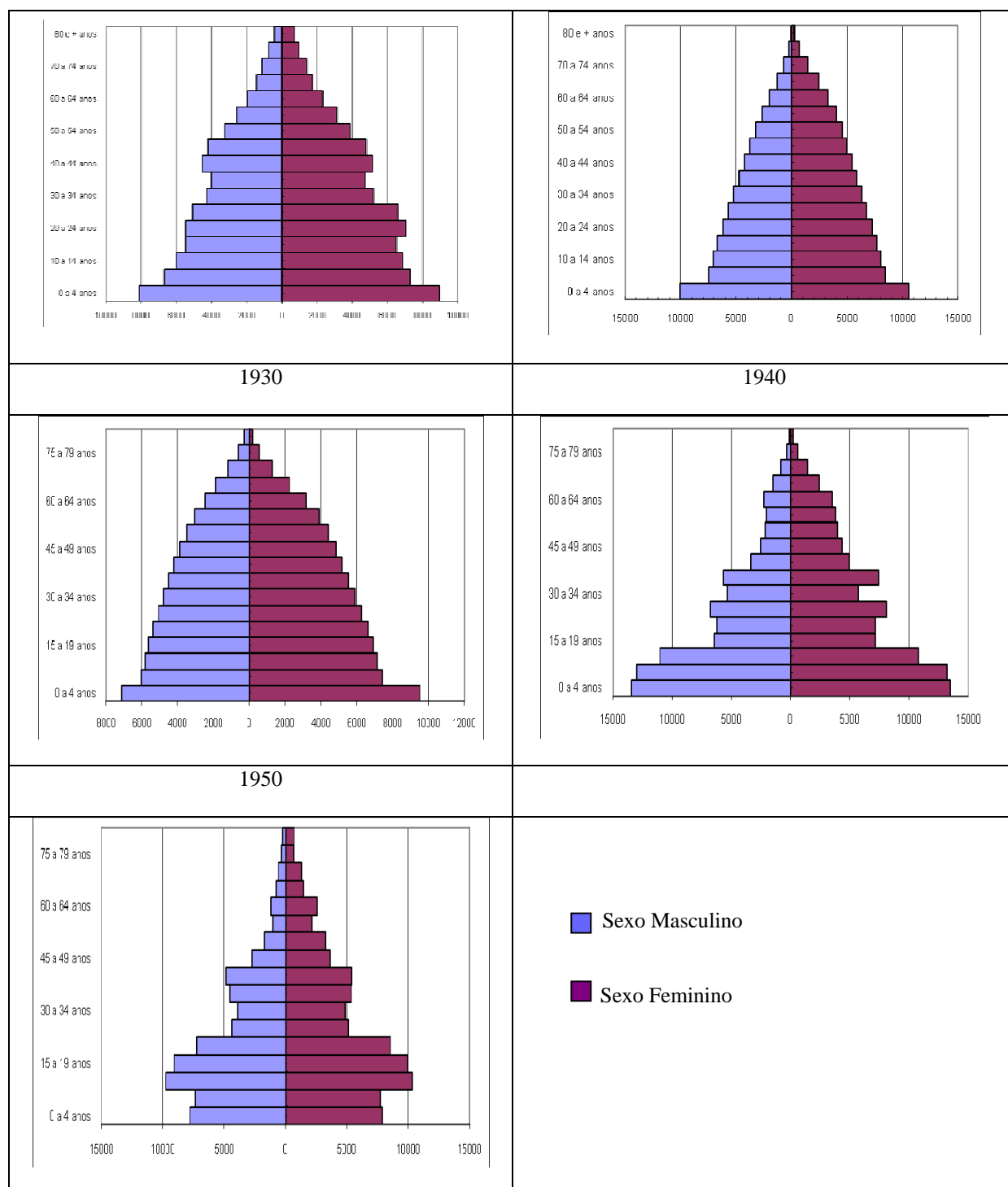
As grandes mudanças são visíveis nas duas últimas representações gráficas. Na pirâmide de 1940, à semelhança do que se verificou em 1920, constata-se uma recuperação da população, nomeadamente até aos 14 anos. Contudo, após os 15 anos a população decresce, em comparação com a anterior pirâmide de idades, provavelmente ainda em consequência das crises de 1901-1904 e de 1921. No sexo feminino, existem dois grupos etários onde se verificou uma recuperação de efectivos, dos 25-29 anos e dos 35-39 anos.

Finalmente na última pirâmide, a de 1950, vemos que durante os anos 40 houve uma verdadeira sangria da população, em consequência das duas crises que se verificaram nesse período. A população dos 0 aos 10 anos diminui e dos 10 aos 25 aumenta. A população masculina diminui entre os 25 e os 34 anos e também a partir dos 55 anos. Já a população feminina tem um comportamento mais irregular: baixa entre os 25-29 anos, os 35-39 anos e a partir dos 55 anos, entretanto recupera efectivos entre os 30-34 anos e os 40-54 anos. A dificuldade na declaração de idade pode ter sido responsável por estas variações, designadamente a atracção por determinadas idades terminadas em 0, aspecto não negligenciável entre populações com baixos níveis de escolaridade.

Figura 7 - Pirâmides de idades de Cabo Verde entre 1890 e 1950



Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente



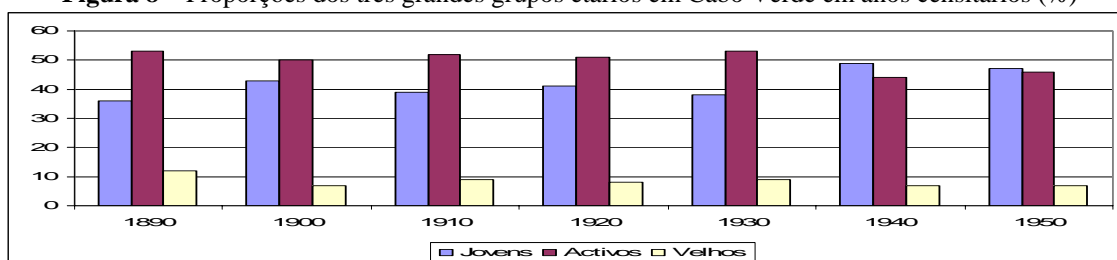
Fonte: Apêndice, quadros 8 e 9.

Apesar destas referências e através do exame da figura 8, podemos afirmar que a população de Cabo Verde, no período analisado se manteve uma população jovem, com elevada proporção de jovens e adultos e baixa proporção de pessoas mais velhas. O único ano em que a percentagem de jovens foi mais elevada do que a de activos foi em 1940.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Para todo o período, em média, a população activa foi de 50%, os mais jovens 42% e por fim, os mais velhos representando apenas 8% do total da população. O ano de 1890 foi aquele em que a população mais velha teve um maior peso e a jovem um menor peso, respectivamente 12% e 36%, tendo a população activa atingido o valor mais elevado do período (53%), valor observado também em 1930. O ano de 1940 foi o que contabilizou uma maior proporção de jovens (49%) e uma das menores dos mais velhos (7%). Este último valor também foi registado em 1900 e 1950.

Figura 8 – Proporções dos três grandes grupos etários em Cabo Verde em anos censitários (%)



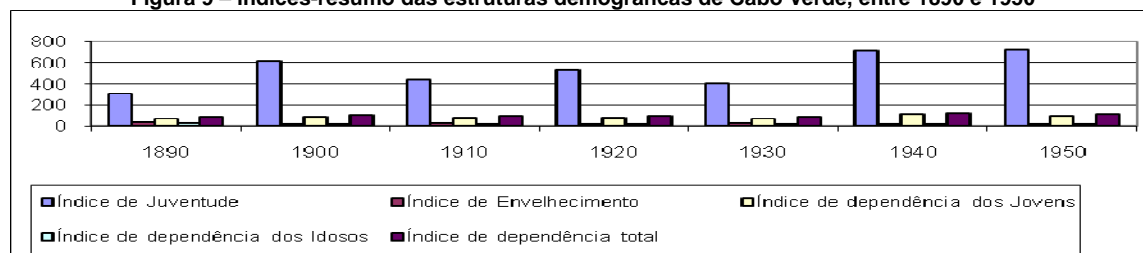
Fonte: Apêndice, quadro 10.

A juventude da população cabo-verdiana pode também ser comprovada na figura 9. O Índice da Juventude foi aquele que sempre obteve o valor mais elevado, e esta característica da população de Cabo Verde deve-se à alta natalidade que se verificou durante o período considerado. O ano de 1950 foi o mais “jovem”, já que por cada 100 idosos existiram mais de 700 jovens. Por oposição, 1890 foi o ano mais envelhecido, por cada 100 jovens existiram 33 idosos. Logicamente que, o ano em que Índice de Dependência dos Idosos foi mais elevado, foi em 1890, em que por cada 100 potenciais activos existiram 22 idosos. E o Índice de Dependência dos Jovens foi maior nos anos mais “jovens”, 1940 e 1950, em que a proporção de jovens dependentes em cada 100 activos foi superior a 100. Foi também nestes dois anos e em 1900, que o Índice de Dependência Total foi mais elevado, a proporção de jovens e velhos dependentes dos activos foi superior a 100, registando 1940 o valor mais elevado, de 127 jovens e velhos por cada 100 activo¹⁶.

¹⁶ Os Índices-resumo permitem fazer uma análise da evolução da população ao longo do tempo segundo diversos critérios. Estes calculam-se usando a divisão da população por grupos funcionais, dos 0 aos 14 anos; dos 15 aos 64 anos e finalmente dos 65 e mais anos. Por exemplo, o Índice da Juventude calcula-se dividindo a população dos 0 aos 14 anos pela população dos 65 e mais anos. Seguidamente multiplica-se esse resultado por 100. Assim, poderemos comparar directamente estes dois grupos e saber por cada 100 idosos quantos jovens existem. O índice de Vitalidade é o oposto do da Juventude, divide-se a população mais velha pela mais jovem. Também se pode saber os pesos dos mais jovens e/ou dos mais velhos sobre a população potencialmente activa – dos 15 aos 54 anos. São os índices de Dependência dos Jovens, dos Idosos e de Dependência Total.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Figura 9 – Índices-resumo das estruturas demográficas de Cabo Verde, entre 1890 e 1950



Fonte: Apêndice, quadro 11.

2.3 Crises de Conjuntura

Como vimos, desde o início do povoamento que as ilhas de Cabo Verde foram ciclicamente fustigadas por crises. Estas resultavam da escassez de chuvas, que por sua vez levavam à fome e à sede, sendo que a escassez de alimentos podia levar ou não a uma grande mortandade. Mas a fome também ocorria em anos em que chovia. Muitas vezes eram as pragas de gafanhotos, grilos e ratos que destruíam as plantações (Carreira, 1966). Para piorar ainda mais a situação nas ilhas, quando não eram as crises resultantes das secas, muitas vezes eram as epidemias importadas, que provocavam grande mortandade nas ilhas. Por este cenário negativo Carreira chega a chamar-lhes «ilhas sacrificadas» (1966, p. 35).

«A estiagem é o resultado lógico da posição geográfica», mas não é apenas um resultado do posicionamento geográfico das ilhas, é também «a consequência lastimosa de não ter havido quem saiba ou quem queira remediar o mal combatendo as causas» (Martins, 1891, p. 67). As autoridades coloniais desde sempre foram acusadas de não adoptarem medidas para combater as crises ou de actuarem demasiado tarde, quando já não era possível salvar vidas.

A primeira crise de que há registo nas ilhas data de 1580-1582. Embora não existam grandes detalhes sobre a mesma. O pouco que se sabe, deve-se a uma carta escrita pelo bispo D. Frei Pedro Brandão, a 11 de Julho de 1582, onde era referida uma «fome grande» (Albuquerque & Santos, 1991, p. 12).

Em 1690 deflagra a fome, em resultado da escassez de chuvas, que se fez sentir em todas as ilhas. A classificação do estado das ilhas é de «miserável» e terá sido graças ao consumo da carne de cão e de cavalo, que a mortandade não foi em maior número (Barcellos, 2003, p. 306).

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Em 1719 há registos de fome em Santiago, bem como de crises em quase todas as ilhas nos anos de 1746, 1748-1750, 1754 e 1764, cujos contornos são pouco conhecidos. Sabe-se que entre 1748 e 1750 houve muita mortandade devido à fome (Barcellos, 2003(a)) e que esta foi considerada como sendo uma crise «grave» (Albuquerque & Santos, 1991, p. 12).

A crise de 1773-1775, como já foi anteriormente referido terá sido a mais mortífera do século XVIII. Havia uma escassez geral de alimentos resultante da seca e a fome era «assustadora» (Barcellos, 2003(b), p. 25). As pessoas recorreram a tudo o que lhes permitisse sobreviver. Comeram os animais domésticos, venderam tudo o que possuíam, desde escravos¹⁷ até a si próprias, para comerem e muitas emigraram para fugir à morte chegando mesmo a escravizar-se, por um período de 10 anos, a bordo dos navios onde fugiam (Carreira, 1983 e 1966; Barcellos, 2003b). A situação nas ilhas era tão complicada e difícil que existem indícios que apontam para a prática de antropofagia e necrofagia. Em Santiago, uma mulher e dois homens terão morto e comido seis pessoas e uma outra mulher terá comido parcialmente a companheira (Carreira, 1966; Barcellos, 2003b). A fome fez tantas vítimas que o Governador na altura comunicou que nas ilhas de São Nicolau, Maio e Fogo não havia «quem enterrasse os mortos» (Barcellos, 2003b, p. 60).

Em 1775 ocorreram alguns períodos de chuva mas pragas de gafanhotos, ratos e grilos destruíram quase por completo as plantações. E em 1776 a falta de mão-de-obra para trabalhar no campo, resultante da grande mortandade, não permitiu uma produção normal (Barcellos, 2003b).

Entre 1789 e 1791 ocorre mais uma crise, mas que devido à inexistência de dados não são visíveis os seus efeitos na evolução demográfica de Cabo Verde. Mais uma vez a falta de chuvas foi a responsável pela fome, sendo as ilhas mais atingidas as do grupo de Barlavento e a Brava (Albuquerque & Santos, 1991; Barcellos, 2003b).

A crise de 1810 também originou uma elevada mortalidade devido à fome que se instalou. Desde 1808 que as chuvas não eram suficientes e insuficiente a produção agrícola. Segue-se também a guerra entre os americanos e os ingleses, que levou a que os primeiros deixassem de importar produtos como o couro e o sal, agravando ainda mais a situação de fragilidade das ilhas (Barcellos, 2003b). Nos anos de 1813 e 1814 a fome ainda se fez sentir em algumas ilhas.

¹⁷ Barcellos afirma que em 1774 foram trocados por mantimentos 136 escravos. Vide Barcellos, 2003b, p. 61.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

De 1831 a 1833 ocorre mais uma crise, também esta revestida de grande mortalidade, que deixou as ilhas num «estado desgraçado, miserável e decadente». O Governo português não socorreu os cabo-verdianos, pensa-se que devido à guerra civil que decorria na metrópole. A ajuda veio dos Estados Unidos da América, que em 1832 enviou 8 navios carregados com mantimentos (Barcellos, 2003b, p. 345).

Entre 1845 e 1860 surgiram mais períodos de secas e estiagem, sucedidos pela fome. Durante esta fase, ocorreram dois surtos de cólera: o primeiro no Fogo, entre 1854-1855, o segundo em 1855-1857 também no Fogo e nas ilhas de São Vicente e Santo Antão (Albuquerque & Santos, 1991).

De 1860 em diante torna-se possível analisar mais detalhadamente as consequências demográficas das crises, designadamente através da Taxa de Crescimento Natural¹⁸. Pela análise da figura 10, relativa ao crescimento natural de Cabo Verde, podemos verificar entre 1860 e 1950 em média a população cresceu anualmente 0,9%. Contudo, como aliás é visível, este valor médio é influenciado pelos inúmeros momentos de crise por que passaram as ilhas, mesmo sem contar que para a taxa de crescimento natural não entram os dados referentes às migrações.

Entre 1860 e 1885, o crescimento natural nas ilhas esteve sempre acima dos 2%, com excepção do primeiro ano em que esse valor foi de 1,95%, consequência dos períodos de carestia pelos quais tinham passado. Como não foi possível encontrar dados relativos à natalidade entre 1864-1866, não aparece a taxa de crescimento natural para esse período, contudo os efeitos da crise que se verificou nesses anos podem ser percebidos quando se compara a taxa de 1867 com a de 1863, que foram respectivamente 2,3% e 2,9%. Segundo Carreira, a mortalidade desse triénio terá sido significativa, 29.845 pessoas (1985).

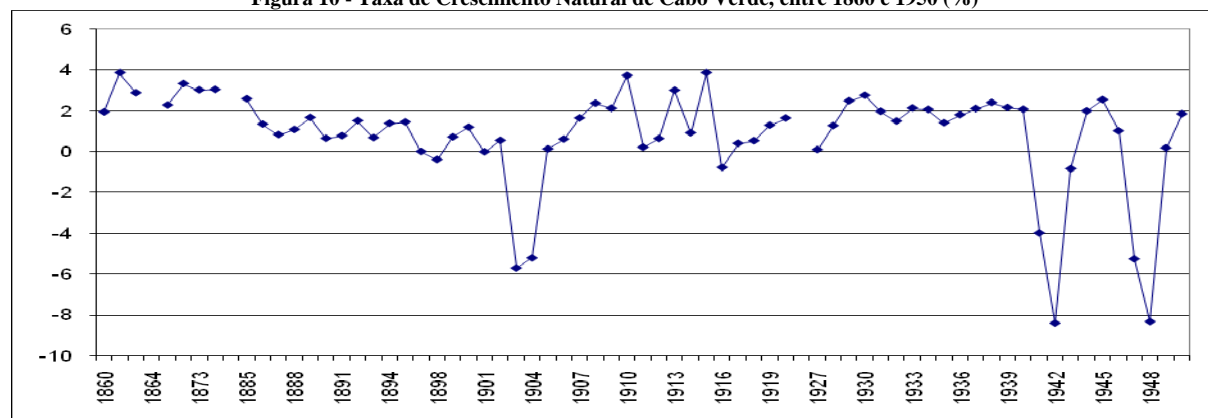
Entre 1886 e 1897 esta taxa situou-se sempre entre os 2% e os 0%, ou seja, em efeito de serra, devido às crises de mortalidade e à alta taxa de natalidade. Em 1898 o crescimento é pela primeira vez negativo, de -0,4%. Esta situação é resultado da crise de 1890-1900, causada pelas pragas de gafanhotos que assolaram praticamente quase todas as ilhas destruindo as sementeiras, bem como também das lestadas, ventos fortes, que aniquilaram o que restava. Para além da falta de alimentos para os humanos, também os pastos para o gado desapareceram, levando a maioria à morte. A situação era tão grave que foram incentivados trabalhos públicos, de modo a criar forças alternativas de sustento para os trabalhadores e

¹⁸ A Taxa de Crescimento Natural calcula-se subtraindo a Taxa Bruta de Natalidade da Taxa Bruta de Mortalidade.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

evitar uma catástrofe maior. Outras medidas adoptadas foram a livre importação dos cereais e o incentivo à emigração para São Vicente, com o objectivo de obter emprego nas casas carvoeiras aí existentes (Carreira, 1984(a)).

Figura 10 - Taxa de Crescimento Natural de Cabo Verde, entre 1860 e 1950 (%)



Fonte: Apêndice, quadro 12.

No século XX, apesar da taxa de crescimento natural ter aumentado, chegando mesmo a atingir os 4%, é bem visível o efeito nefasto que tiveram as três grandes crises que assolaram as ilhas¹⁹. A crise do início do século, 1901-1903 fez com que o crescimento fosse de quase -6% mas as duas crises dos anos 40 foram ainda piores, atingindo os 8% negativos.

A crise de 1901-1904 também foi uma consequência das longas estiagens que já vinham alastrando pelas ilhas. A fome foi a principal causa de morte, mas também o foram as epidemias de varíola e varicela que deflagraram em algumas ilhas, especialmente nas de Sotavento.

Em 1916 é bem visível o efeito nefasto da crise que deflagrou nesse ano. A crise de 1916-1918 deveu-se também à falta de chuvas e aos gafanhotos que originaram escassez de alimentos, mas também à continuação da 1ª Guerra Mundial que continuava a afectar negativamente os transportes marítimos mundiais.

A primeira crise dos anos 40, à semelhança de tantas outras, teve como factor determinante a falta de chuvas que abriu caminho à fome. O facto da 2ª Guerra Mundial estar a decorrer também influenciou negativamente as ilhas. Havia dificuldades na circulação internacional de alimentos e dos correios, o que agravou a situação, pois as remessas dos imigrantes eram o que permitia que muitas famílias empobrecidas pudessem enfrentar a fome. Uma vez mais foram abertos trabalhos de Obras Públicas. Contudo os baixos salários pagos e

¹⁹ Para mais informações sobre as fomes do século XX consultar Carreira, 1984a.

alegadas fraudes financeiras cometidas impediam que em muitas situações esta ajuda fosse eficaz. A segunda crise dos anos 40 resultou da escassez de alimentos e da consequente diminuição do gado. Os poucos produtos alimentares que vinham de fora eram vendidos a preços impraticáveis para a grande maioria da população. (Carreira, 1984(a)).

Desta breve descrição sumária das crises por que passou Cabo Verde podemos concluir que estas foram sempre uma constante ao longo da história deste país até 1950, ano de viragem para a demografia do mesmo. Até este ano, o intenso crescimento demográfico foi sendo travado pelas grandes mortandades e diminuição da natalidade. As secas, os ventos fortes e as pragas destruíam os campos, levando à fome e debilidade física. A estes fenómenos naturais muitas vezes se juntavam também epidemias de febre-amarela, sarampo, varíola, entre outras, que dizimavam uma população faminta e debilitada. Estes períodos de carestia e de grande mortandade ficaram para sempre na memória e história colectiva deste país, que ainda relembra as dificuldades por que passaram os seus antepassados²⁰.

2.4 Modelos de mortalidade

Como já foi possível perceber, o número de óbitos em Cabo Verde sofreu flutuações ao longo dos anos, «quase sempre em correlação com os períodos de estiagem ou de irregularidades na distribuição das chuvas» (Sarmiento, 1961). Contudo, não foram apenas as secas e as fomes as responsáveis pelos grandes surtos de mortalidade. Aliados a estes factores, encontram-se ainda a falta de higiene, as dificuldades no acesso aos cuidados médicos e os

²⁰ No romance *Famintos* de Luís Romano, escrito na década de 40 mas publicado em 1975, a descrição da fome, miséria e desespero por que passavam os ilhéus é crua e dura. Algumas das passagens chegam a chocar pela descrição da decadência moral e física das personagens. As pessoas desmontavam as suas casas e iam vendendo os bocados; os mortos à beira da estrada eram revistados pelos vivos, que procuravam ou comida ou algo com que comprar alimento, conforme se pode ver por esta passagem: «Foi nestes movimentos que sufocou, os olhos esbugalhados, a respiração faltando.... Na garganta uma bolacha engasgada. Os outros rodearam-no à espera que ele morresse. Finalmente, um deles meteu-lhe os dedos pelos gorgomilos e retirou o bocado, que num abrir e fechar de olhos, devorou antes que os companheiros lhe tombassem em cima» (p. 50).

No romance é também referida a ajuda que era dada aos famintos, mas que devido ao desespero acabava por levar à fome: «à porta das casas de Assistência onde se distribuía mantimento, as filas aguardavam as rações numa impaciência irritada. A chamada era lenta e o grão até que chegasse ao último já tinha sido comido mesmo assim cru, deixando mortos pelos caminhos, congestionados, o que após um jejum tão prolongado não atendiam, enchendo o estômago até arrebentar de fermento... » (p. 118).

Luís Romano não se enganou quando afirmou que «este drama permanecerá por longos anos vivo no recôndito desses desgraçados que conseguiram escapar à calamidade da fome» (p. 147).

A tragédia das fomes foi também retratada no romance *Flagelados do Vento Leste* de Manuel Lopes, publicado em 1979 pela Editora África.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

surtos de epidemias, especialmente de doenças tropicais, que contribuíam para que a mortalidade disparasse para níveis assustadores.

A questão da falta de higiene era agravada pela falta de água, já este bem escasso não podia ser gasto na limpeza das ruas, e pela inexistência de um saneamento básico eficaz durante muito tempo²¹. Eram feitos despejos na via pública ou então nas praias mais próximas das localidades.

O acesso a cuidados de saúde era dificultado pela falta de hospitais. Apenas dois, um em Santiago e outro em São Vicente, e também pela insuficiência de farmácias ou enfermarias. As que existiam enfrentavam graves carências, quer de pessoal (médicos e enfermeiros), quer de materiais. Sendo assim, a maioria da população recorria à medicina popular para resolver os seus problemas. Esta dificuldade em garantir cuidados médicos, aliada à má nutrição resultante da escassez e má qualidade de alimentos, permitia que as epidemias provocassem verdadeiras sangrias na população. As mais frequentes eram as provocadas pela malária, sarampo e disenterias. Pontualmente surgiam também surtos de gripe e de tosse convulsa (Marques, 2001).

A partir do momento em que, as condições de acesso aos cuidados médicos melhoraram e que a medicina fez enormes avanços, no que diz respeito à prevenção, diagnóstico e tratamento dos doentes, o nível de mortalidade começou a baixar progressivamente. Mas em Cabo Verde este momento de viragem só ocorreu após 1950 fora do nosso âmbito de estudo. Outro factor que também permitiu evitar grandes surtos de mortandade foi a ajuda alimentar do exterior, que também aumentou a sua regularidade e eficácia.

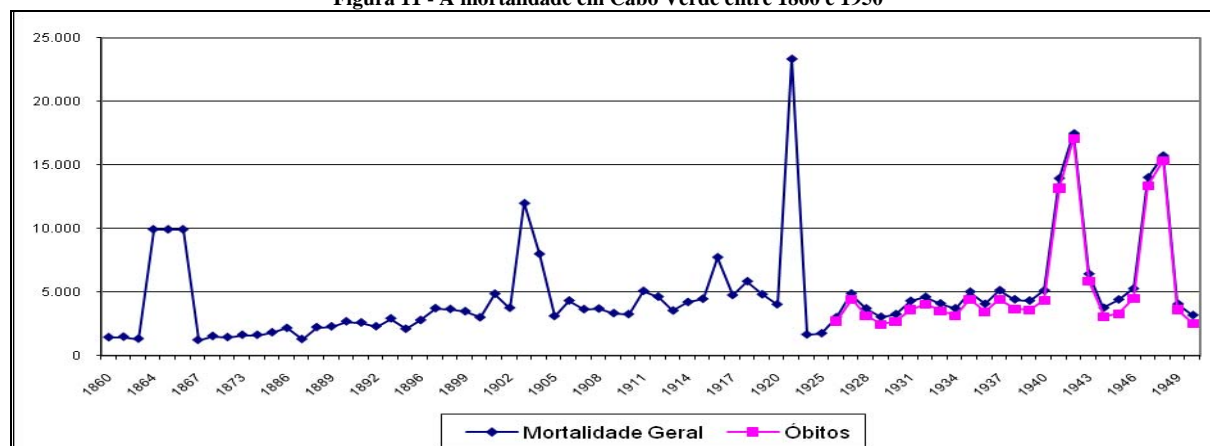
A análise da evolução da mortalidade do arquipélago, permite observar a existência de 5 períodos negros, em que a mortalidade assumiu proporções catastróficas – 1864-1866, 1903, 1921, 1942 e 1948 - e se situou acima das 10 mil mortes anuais.²² O ano de 1921 foi o em que se registaram mais óbitos, infelizmente as informações que se possuem sobre a primeira metade dos anos 20 são escassos e até mesmo inexistentes, daí que não se possa ter uma ideia de como a mortalidade evoluiu após este pico.

²¹ Durante muitos anos eram mulheres que recolhiam, nas casas, as latas com os despejos. Estas eram transportadas à cabeça, pelo meio das localidades até à praia mais próxima, onde eram despejadas.

²² Com excepção do período compreendido entre 1864-1866, em que os óbitos foram estimados.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Figura 11 - A mortalidade em Cabo Verde entre 1860 e 1950²³



Fonte: Apêndice, quadro 13.

Todos estes anos negros coincidiram com períodos de crise geral. É possível simultaneamente comprovar a importância da crise de 1916. Apesar de não ter valores para a mortalidade tão elevados, quando comparado as já referidas, também se destaca no panorama da mortalidade geral, com 7.748 mortes. As duas grandes crises de mortalidade dos anos 40 são geralmente referidas como as piores do século e da história de Cabo Verde contudo, como se pode verificar, 1921 foi decididamente o pior ano. Este equívoco deve-se ao facto de sobre as primeiras existir maior e mais informação estatística, o que não sucede sobre a crise de 1921-1922. Na primeira vaga de mortalidade em 1942 ultrapassaram-se as 17 mil mortes; e na segunda vaga, em 1948, morreram 15.755 pessoas.

Esta é a análise possível através dos números de óbitos anuais de Cabo Verde. Porém, quando utilizamos o Método de Dupâquier²⁴ (quadro 3) para medir a intensidade das crises, observamos que a de 1941-1942 foi efectivamente a pior da história de Cabo Verde, atingindo a magnitude 5, ou seja, foi uma super crise, o que decorre também da sua duração entre dois anos consecutivos.

Nos anos de 1897-1898 a crise foi de intensidade média e o crescimento natural havia sido negativo. As crises do século XX causaram muitas mortes, afectando o crescimento populacional. A do início do século (1901-1904) teve uma magnitude de nível 3, ou seja, foi

²³ A mortalidade geral consiste no conjunto dos dados dos óbitos e nados-mortos. Só a partir de 1925 em Cabo Verde é que se passou a distinguir os valores dos nados-mortos.

²⁴ O Método de Dupâquier é um método de análise da intensidade das crises da mortalidade, é feito tendo em conta a diferença entre a mortalidade do ano em estudo e a média dos óbitos dos 10 anos anteriores, ao que se quer analisar, com o respectivo desvio padrão desse decénio. Neste caso a intensidade das crises por que passaram as ilhas só foi calculada para o período de 1897 a 1950 por não existirem dados sequenciais sobre a mortalidade nos anos anteriores. Para os anos de 1897 e 1904, o período considerado foi de nove anos e não de dez, dada a inexistência de dados estatísticos (Rodrigues, 1995).

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

uma crise maior; a de 1941-1943, como já foi referido, foi uma super crise e a de 1947-1948 foi uma crise menor (magnitude 1). Apesar do número de óbitos ter sido mais elevado na segunda crise dos anos 40, do que em 1901-1904, quando analisamos este fenómeno demográfico segundo este método, vemos que a de 1901-1904 teve efeitos mais nefastos, o que é explicado pelo maior volume de população residente na última data. Também a crise de 1916 foi mais gravosa, teve uma magnitude 3, ou seja, foi uma crise forte, quando na análise dos óbitos não se destacava.

Quadro 3 – Intensidade das crises em Cabo Verde segundo o Método de Dupâquier

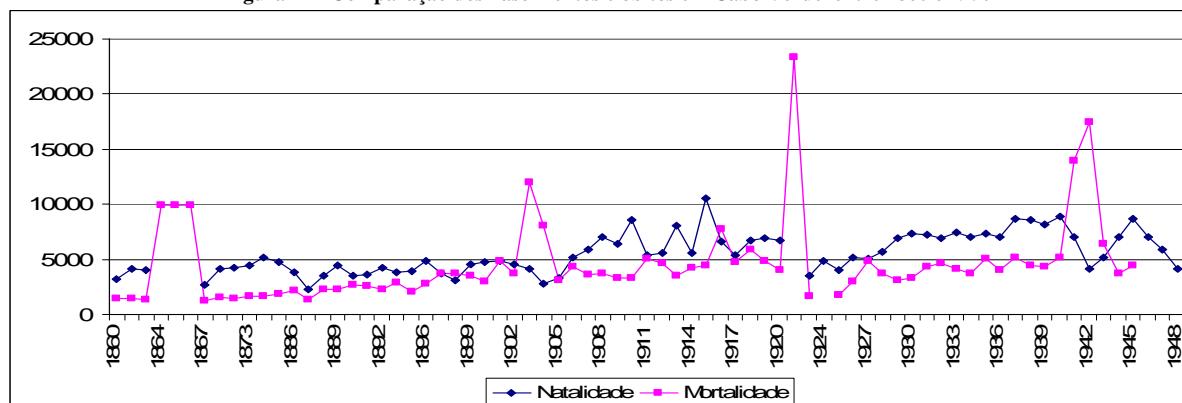
Anos	Mx	Desvio Padrão	Intensidade	Magnitude da crise	Média do período	Intensidade do período
1896	2297	460,88	1,1	crise menor	3,3	Crise Média
1897	2365	485,96	2,8	crise média		
1898	2636	496,48	2,1	crise média		
1899	2795	576,02	1,2	crise menor		
1900	2927	584,94	0,2	crise menor		
1901	2962	578,90	3,3	crise média	13,2	Crise Maior
1902	3214	839,10	0,7	crise menor		
1903	3375	781,11	11,0	crise maior		
1904	4383	2957,17	1,2	crise menor		
1916	4027	612,24	6,1	crise forte	5,4	Crise Forte
1917	4369	1331,62	0,3			
1918	4480	1311,43	1,0	crise menor		
1921	4920	1172,35	15,7	crise maior		Crise Maior
1941	3843,3	452,28	20,7	super crise	23,8	Super Crise
1942	4798,3	2989,28	4,1	crise forte		
1947	6326	4805,62	1,5	crise menor	2,0	Crise Menor
1948	7221	5231,59	1,6	crise menor		

Se compararmos a natalidade e a mortalidade para o mesmo período, 1860 a 1950 podemos comprovar não só a gravidade das três grandes crises do século XX do ponto de vista de óbitos que provocaram, como também ter uma maior percepção dos efeitos da crise de 1864, que não foi possível analisar segundo o método de Dupâquier²⁵. Nos períodos de grande mortandade a natalidade era afectada, baixando substancialmente e invertendo a situação normal. Apenas em seis momentos as duas variáveis tiveram valores bastante aproximados: em 1897 ter-se-ão verificado 3.755 nascimentos e 3.733 óbitos; seguindo-se respectivamente em 1901, 4.867 e 4.872; em 1905, 3.309 e 3.119; em 1911, 5.416 e 5.096; em 1925, 1.843 e 1.760; e finalmente em 1949, cerca de 3.904 nascimentos e 4.065 mortes.

²⁵ Porque para calcular os efeitos da crise de 1864 é necessário conhecer os dados referentes aos óbitos ocorridos no período de 10 anos anteriores ao considerado. E neste caso não dispomos destas informações.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

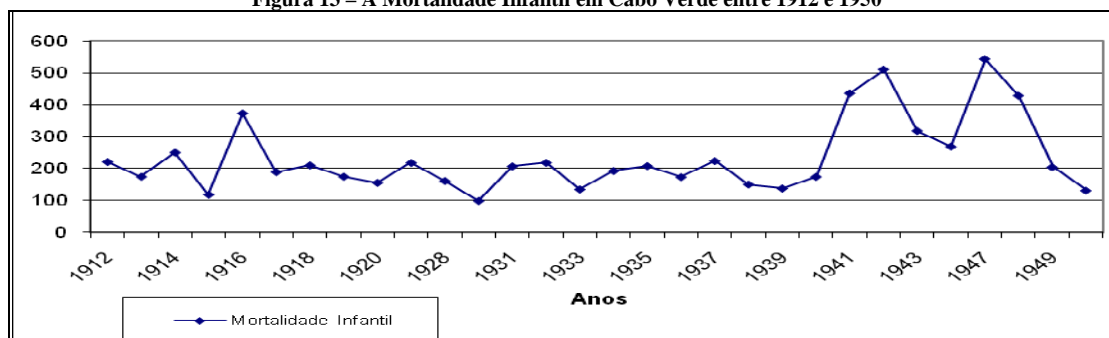
Figura 12 - Comparação dos nascimentos e óbitos em Cabo Verde entre 1860 e 1950



É possível verificar que a mortalidade se dividiu igualmente pelos sexos entre 1862 e 1950²⁶, com excepção de três períodos, em que morreram mais mulheres do que homens: entre 1918 e 1929, em 1942 e em 1948. Pensamos que, esta alteração face ao panorama geral, se deve ao facto de, nestes anos, a emigração ter sido muito elevada pelo que a população residente era maioritariamente feminina. E como já havia sido referido anteriormente a emigração para esta altura era tipicamente masculina.

Na análise da mortalidade geral de Cabo Verde é possível ainda incluir o estudo da mortalidade infantil. A Mortalidade Infantil é um «indicador do nível de desenvolvimento social de um país ou duma população», porque esta «pode ser o resultado de condições sanitárias ou condições sociais e familiares desfavoráveis à sobrevivência» (Bandeira, 2004, p. 203) do bebé. Os dados sobre a mortalidade infantil para o arquipélago apenas existem a partir de 1912.

Figura 13 – A Mortalidade Infantil em Cabo Verde entre 1912 e 1950



Fonte: Apêndice, quadro 15.

As condições sanitárias ou sociais e familiares não eram propícias à sobrevivência nos primeiros anos de vida. Ao longo destes anos, a mortalidade infantil foi sempre

²⁶ Figura 6 e quadro 14 em Apêndice.

extraordinariamente elevada, superior de 110 óbitos infantis por cada 1000 nados-vivos, com a exceção de 1930 em que a taxa foi de 99‰. Devido às crises de mortalidade, que não só elevavam as probabilidades de morte infantil como também diminuía a natalidade, os níveis da mortalidade infantil anual foram sendo intercalados por períodos de elevadíssima mortalidade, como são os casos de 1942 e 1947, em que, em cada 1000 nados-vivos mais de metade não sobreviveu ao primeiro ano de vida de acordo com a série criada. Os piores anos para as crianças com menos de um ano foram: 1914, 1916, 1941-1943 e 1946-1948. Para Alexandre Sarmiento, «embora as taxas de mortalidade infantil tenham diminuído em 1949 e 1950²⁷, a percentagem em relação aos óbitos totais aumentou, o que parece mostrar que tem diminuído mais a mortalidade geral do que propriamente a mortalidade infantil» (1964, p. 260). Trata-se, no entanto, de uma observação estritamente pontual, que não permite inferir sobre qualquer eventual tendência de evolução deste indicador.

2.5 Natalidade e Fecundidade

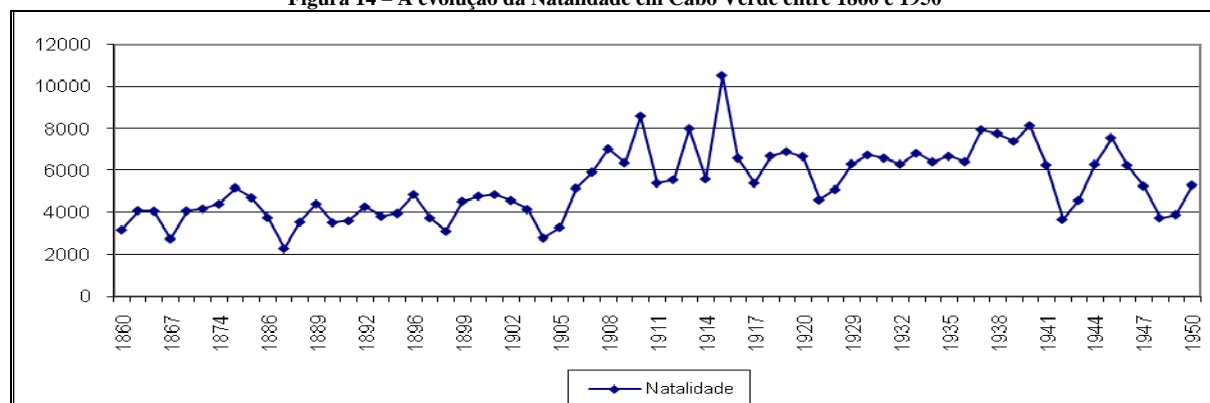
Nesse longo período a natalidade foi sempre elevada, mantendo-se acima dos 2.000 nascimentos por ano. O ano em que se verificaram mais nascimentos foi em 1915, com cerca de 10.510 nascimentos e 1887 foi o ano em que se registaram menos, com 2.293. Pela figura a seguir apresentada podemos constatar que, entre 1860 e 1878, a natalidade teve uma tendência em aumentar, para no período a seguir, 1879-1898, baixar. De 1899 a 1915 volta a aumentar, baixando nos 11 anos seguintes; em 1918 retoma o seu crescimento, que é novamente travado em 1938.

Os períodos de natalidade mais baixa coincidem com os de mortalidade anormal, porque as crises retardavam a constituição de novas famílias e influenciavam as concepções entre os já casados, aumentando a probabilidade de viuvez ou doença de um dos cônjuges bem como o aborto espontâneo (Sarmiento, 1957).

²⁷ Quadro 16, em Apêndice.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

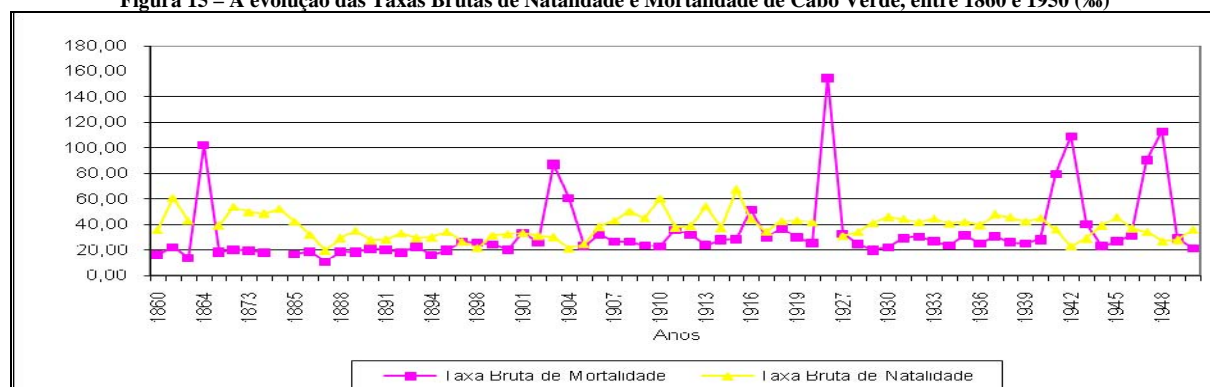
Figura 14 – A evolução da Natalidade em Cabo Verde entre 1860 e 1950



Fonte: Apêndice, quadro 17.

A emigração constitui outro elemento negativo no número anual de nascimentos acrescido em períodos de conjuntura adversa. Contudo, é de salientar que a filiação ilegítima foi sempre muito frequente nas ilhas e por isso existem ainda outros factores que favorecem a coincidência entre a baixa natalidade e a alta mortalidade derivada das crises. Esses outros factores são as condições sanitárias e de saúde das mulheres, mais debilitadas em consequência das crises.

Figura 15 – A evolução das Taxas Brutas de Natalidade e Mortalidade de Cabo Verde, entre 1860 e 1950 (%)



Fonte: Apêndice, quadro 18.

No período de 1862 a 1878, o valor da taxa bruta de natalidade situou-se entre os 40-60%. Após 1878 verifica-se uma baixa, que culmina em 1887 com o valor mais baixo de sempre: 19,49%. A partir desse ano, regista-se uma ligeira subida, mas só em 1910 se atingem valores superiores a 60%. O período entre 1910 e 1917 é caracterizado por quedas e subidas bruscas, e em 1915 observa-se o nível mais elevado para o período analisado, 67,44%. A evolução da natalidade vai sendo afectada pelas vagas de crises que fazem com que esta diminua acentuadamente para nos anos a seguir recuperar, nunca atingindo valores inferiores a 20%, como em 1887.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Quando se comparam as taxas brutas de natalidade e mortalidade podemos constatar que, apesar de ambas variarem imenso ao longo do período analisado, é a última a que mais flutuação sofreu, o que é, aliás, esperado. São visíveis os cinco grandes picos que esta variável atingiu, sendo em quatro deles – 1864, 1921, 1942 e 1948 - superior aos 100 por mil. Em apenas seis momentos, que não coincidem na íntegra com os enumerados em termos absolutos na página 36 deste estudo, os valores destas taxas se aproximam um do outro (1887, 1905, 1911, 1917, 1927 e 1949). Nestes anos, o valor da taxa de crescimento natural foi inferior a 1% mas sempre positivo²⁸.

Apesar de todas as dificuldades e crises por que passava a população de Cabo Verde, a taxa de natalidade foi sempre elevada, e foi graças a esta taxa alta que a população foi aumentando ao longo dos anos, apesar da elevada mortalidade normal e nos anos de crise²⁹. À semelhança da mortalidade e da evolução populacional, também a natalidade teve um percurso irregular entre 1860 e 1950.

As taxas de natalidade em Cabo Verde apesar de, serem altas em relação aos países europeus, eram das mais baixas do continente africano (Costa e Magalhães, 1983).

Em relação à natalidade de Cabo Verde ainda é possível calcular a relação de masculinidade dos nascimentos³⁰, entre 1867 e 1950. No período compreendido entre 1871 e 1950, esta relação esteve sempre abaixo do que é considerado comum, ou seja, 105 a 107 nascimentos masculinos por cada 100 femininos³¹. Ou seja, de acordo com os dados recolhidos, foram mais os nascimentos femininos do que os masculinos³². Para o período em análise, em média, nasceram 98 rapazes para cada 100 raparigas, o valor médio para a relação de masculinidade nos nados-vivos, no período compreendido entre 1926 e 1950, é de 102 nados-vivos masculinos para 100 femininos. Se se comparar para o mesmo período de 24 anos, a relação de masculinidade nos nascimentos constatamos que, no primeiro caso, em média, nasceram por cada 100 raparigas igual número de rapazes.

Esta diferença entre os valores considerados normais para a relação de masculinidade nos nascimentos e os que se verificaram em Cabo Verde, levam a crer que os dados relativos à natalidade poderão não estar correctos. Esta situação poderá ser explicada por vários

²⁸ Quadro 18, em Apêndice.

²⁹ «A mesa dos pobres é escassa, mas o leito da miséria é fecundo» (Almeida, 1958, p. 31).

³⁰ Figura 7, em Apêndice.

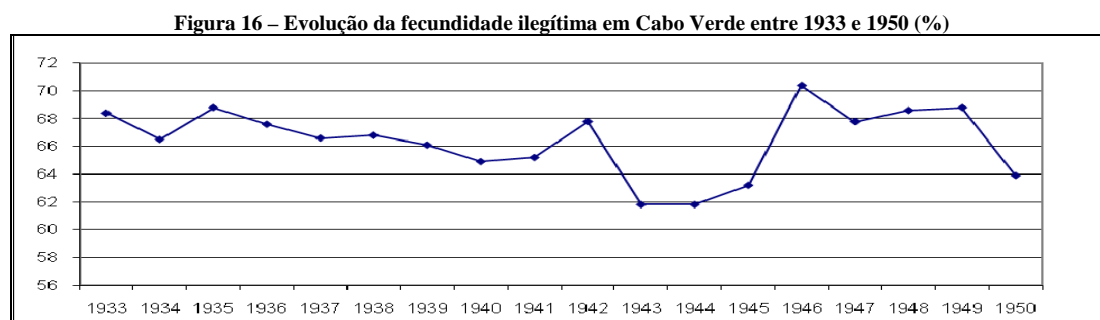
³¹ Existe uma relação universal em Análise Demográfica entre os nados-vivos masculinos e femininos. Esta relação afirma que por cada 100 nascimentos femininos ocorrem entre 105 a 107 nascimentos masculinos.

³² Conforme figura 8, em Apêndice, relativa às proporções de masculinidade e de feminilidade no nascimento em Cabo Verde, entre 1867 e 1950.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

factores, sendo um deles o atraso no registo do nascimento. Era muito comum decorrerem anos até o registo de nascimento de uma criança ser efectuado, logo esses registos não entravam nas publicações oficiais anuais que eram feitas, podendo vir a constar erradamente em estatísticas posteriores. Com muita frequência, filhos do mesmo casal eram todos registados no mesmo dia e nos assentos muitas vezes nem sequer o ano do nascimento constava, apenas era indicada a idade. Outro factor poderá ser o facto de que muitos nascimentos e óbitos não serem declarados, sobretudo nas alturas de crises ou quando a criança morria antes do registo, o que era bastante viável dado o período entre nascimento e registo ser muito distinto, as crises eram fases com enorme probabilidade de morte.

Existe um outro fenómeno de interesse incontornável sobre os comportamentos sociais e familiares de uma população. Referimo-nos, neste caso concreto e atendendo às características rústicas de informação possível, à fecundidade ilegítima ou fora do casamento. Esta particularidade no comportamento dos cabo-verdianos começou logo no início do povoamento, quando os senhores brancos tinham filhos com as suas escravas africanas. Ao longo desta pesquisa, foram sendo encontradas referências à elevada taxa de natalidade ilegítima mas que, muito raramente, eram acompanhadas por dados passíveis de tratamento quantitativo. Só para a primeira metade do último século foi possível obter algumas informações que permitem a apreensão do fenómeno. Entre 1933 e 1950, em média, 66% dos nados-vivos eram ilegítimos. Também estes valores à semelhança da mortalidade e da natalidade geral oscilaram muito em função das conjunturas. As percentagens mínimas foram atingidas em 1943 e 1944, anos de crise, menos de 62%; o valor máximo ocorreu em 1946, com 70,4% dos nados-vivos ilegítimos. Esta fecundidade ilegítima resulta, quer dos casos em que os pais do bebé vivem juntos mas não são casados, quer das relações extraconjugais. Infelizmente não foi possível aferir quantos nascimentos pertencem a cada um dos casos. Verificamos apenas que não existe uma tendência de mudança no período considerado.



Fonte: Apêndice, quadro 21.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Os indicadores demográficos do saldo natural da população indicam que o crescimento populacional, apesar de oscilante, foi quase sempre positivo. Independentemente das crises de mortalidade, originadas por anos de escassez alimentar e por epidemias, e da oscilação consequente na fecundidade, a população do arquipélago foi sempre crescendo. Nem mesmo as vagas emigratórias, tão referidas na história do arquipélago, deram origem a grandes desequilíbrios populacionais. Mais uma vez referimos que a análise das migrações ficou de fora deste estudo por ser extremamente complicado conseguir dados fiáveis sobre as mesmas.

Após conhecer um pouco a realidade demográfica do arquipélago entraremos então no nosso estudo de caso, a ilha de São Vicente.

3- A Ilha de São Vicente

3.1 O povoamento inicial

A ilha de São Vicente está localizada na região do Barlavento, a noroeste do arquipélago, entre as ilhas de Santo Antão e de Santa Luzia, das quais está bastante próxima, e tem uma superfície de 227 quilómetros quadrados. Tal como as outras ilhas, esta também é de origem vulcânica mas, ao contrário de Santo Antão, por exemplo, não é uma ilha muito montanhosa. O seu ponto mais alto é o Monte Verde, que mede cerca de 774 metros de altitude, contudo, a elevação mais conhecida da ilha é chamado *Monte Cara*, assim conhecido por ter semelhanças com um rosto humano a olhar para o céu.

A ilha de São Vicente foi descoberta no dia do santo que lhe deu o nome, 22 de Janeiro de 1462, pelo navegador português Diogo Afonso, escudeiro do infante D. Fernando. Nesse mesmo ano, foi doada pelo rei D. Afonso V ao Duque de Viseu. Em 1577, face ao desinteresse manifestado pelos proprietários da ilha, passa para a condessa de Portalegre. Em 1696, por morte de D. João da Silva, 7º conde de Portalegre, sem deixar descendentes, as ilhas de São Vicente e São Nicolau regressam à Coroa. A ilha começou por ser uma dependência de Santo Antão em 1615 mas em Novembro de 1743 o rei ordenou que fosse anexada à ilha de São Nicolau, sendo-o efectivamente em 1752. Em 1818 volta de novo para a dependência de Santo Antão, permanecendo como tal até 26 de Março de 1852, altura em que é desvinculada.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

São Vicente, antes do nascimento e desenvolvimento do Porto Grande, nome por que é conhecido o porto da ilha, fazia parte dum conjunto de ilhas chamadas “Desertas” que, como a própria terminologia, indica eram desabitadas. Desse conjunto, faziam ainda parte o Sal e Santa Luzia e os ilhéus Branco e Raso. São Vicente e Santa Luzia eram também conhecidas como «*ilhas-montado*» (Silva, 2000, p. 23), por ser onde os agricultores de Santo Antão e de São Nicolau levavam ou deixavam o seu gado a pastar, ou seja, mais não eram do que campos de pastagem onde era quase inexistente a presença humana. A ilha era também usada por pescadores, como abrigo e como local onde salgavam o pescado para a sua conservação, com o sal aí existente. São Vicente era ainda utilizada pelos habitantes das ilhas mais próximas para a apanha da urzela³³ e de âmbar deixado pelos cetáceos. Contudo, decorriam também na ilha actividades ilícitas, sendo esta frequentada por contrabandistas e piratas, que se sentiam seguros devido ao abandono a que estava votada.

De acordo com António Correia e Silva, este uso da ilha prova que, ao contrário do que as fontes oficiais régias afirmavam, São Vicente não constituía um «vazio histórico» (2000, p. 31). Não era apenas um local onde os agricultores de ilhas vizinhas faziam a criação de gado mas também por onde passavam baleeiros americanos, piratas, contrabandistas e frotas de diversas coroas. Apesar da ilha não ter uma povoação fixa esta não era totalmente deserta, pois era visitada por estes habitantes temporários.

Enquanto que, para a coroa portuguesa, a ilha ainda não era alvo de interesse, para outras nações como a francesa e a holandesa, São Vicente tinha já uma importância estratégica. Eram três os motivos: primeiro, pelo facto de ser provida de um porto natural amplo e protegido; segundo uma ilha segura por ser deserta; e por fim, como a náutica dependia dos ventos e correntes, esta zona era favorável à navegação, tanto para quem se dirigia para o Atlântico austral como para o Atlântico sul. Em 1624, a armada holandesa, onde seguiam 3.300 homens, sob o comando do almirante *Jacob Willekens*, a caminho do Brasil, reuniu-se e descansou por alguns dias em São Vicente.

Existem relatos de que por volta de 1734 terá sido feita uma primeira tentativa de povoamento, mas não concretizada. Nesse ano foi feito um pedido, por João de Távora, para povoar e fortificar São Vicente, pedindo em troca o direito de explorar a ilha por 10 anos. O

³³ Urzela: líquen que nasce e cresce espontaneamente nos rochedos virados para o mar e que quando devidamente preparada é usada como tinta para tingir têxteis. Dados indicam que a apanha da urzela vinha desde 1469 e que durou até 1916 (Carreira, 1982).

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

pedido feito ao Governador foi enviado ao Governo de Lisboa, sendo aí rejeitado. São desconhecidas as razões que levaram à recusa do mesmo (Pereira, 1986)³⁴.

Em finais do século XVIII, devido às constantes escalas que faziam na baía do Porto Grande os baleeiros, os piratas e as frotas de outras coroas (principalmente as frotas francesa, holandesa e inglesa), a coroa portuguesa temendo uma ocupação estrangeira da ilha, principalmente por parte dos americanos, decidiu povoar e colonizar São Vicente. Foram três as tentativas de povoamento feitas, até que, a ilha fosse efectivamente ocupada. Estas tentativas têm em comum o facto de serem agrárias, o que justifica o seu fracasso, dada a escassez de chuvas e de água na ilha. Segundo Correia e Silva, estas tentativas agrárias de colonização inserem-se num período de «euforia colonizadora» (2000, p. 37) baseada na agricultura, por que passou Portugal. Esta necessidade de promover uma ocupação dos territórios baseada na agricultura integra-se no pensamento económico político da época. Em Portugal sentia-se o abandono dos campos, causado pela falta de uma política coerente de incentivo à agricultura. Esta situação foi uma consequência da ilusão que se havia gerado com o comércio de especiarias que, se pensava, seria extraordinariamente rentável para a coroa portuguesa. Estas tentativas de povoamento baseadas na agricultura, foram denominadas por Correia e Silva (2000) de “povoamento pendular”. Nos primeiros anos corria tudo bem, mas assim que vinha a seca as pessoas ou morriam ou fugiam para outras ilhas.

O povoamento de São Vicente insere-se no 3º ciclo do povoamento do arquipélago. O primeiro decorre nos séculos XV e XVI com o povoamento de Santiago e Fogo; o segundo nos séculos XVII e XVIII, em Santo Antão, São Nicolau e Brava, que eram ilhas agrícolas. Em São Vicente, a colonização começa em 1781 com um decreto da rainha D. Maria I, que ordena o povoamento das *desertas* com colonos oriundos da Madeira e dos Açores. Esta medida ficou conhecida como uma tentativa de tornar o norte de Cabo Verde menos africanizado. Um dos motivos que levaram ao seu fracasso foi o insuficiente número de casais de colonos que se deslocaram para a ilha.

A segunda tentativa realizou-se em 1795, quando um agricultor da ilha do Fogo, João Carlos da Fonseca Rosado, com o apoio da Secretaria de Estado da Marinha propõe mudar-se com 20 casais e 50 escravos, pedindo em troca o título de capitão-mor e a isenção do pagamento de dízimos durante dez anos. Em contrapartida comprometia-se a erguer uma igreja e a manter aí um pároco, arcando com as suas despesas, é assim que surge oficialmente a aldeia de Nossa Senhora da Luz. Contudo, as secas de 1805-1807 e de 1810-1813, aliadas a

³⁴ Esta tentativa não concretizada é também referida no Boletim Oficial n.º. 64 de 2 de Junho de 1844.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

uma crise económica fizeram com que os colonos desertassem da ilha. Esta crise deveu-se a uma diminuição do comércio, originada pela proibição de navegação americana no país; à insegurança no mar, devido aos confrontos armados e à pirataria, e à ajuda que Portugal forneceu a Espanha, que lutava contra as insurgências nas suas colónias. Cabo Verde não tinha produção nacional por causa da crise agrícola, mas também não conseguia importar produtos, quer devido à insegurança em alto mar, quer pela crise económica existente, criando uma asfixia económica. Esta segunda tentativa de povoamento da ilha de São Vicente termina por volta de 1815, com a morte do arruinado capitão-mor de São Vicente, João Carlos da Fonseca Rosado. Entretanto, em 1798, a povoação havia recebido o nome de *D. Rodrigo* por decisão do então Governador Coutinho de Lencastre.

Em 1819 começa o último ciclo de povoamento com o Governador António Pusich, que, em edital, determinou que os habitantes da ilha deveriam trabalhar nas plantações de milho e feijão e que estas plantações deveriam ser vedadas, de forma a protegê-las dos animais. Regulamentou ainda o número de animais que cada família poderia ter e o local onde estes poderiam pastar, sempre acompanhados por um pastor, evitando assim que a agricultura e os habitantes da ilha fossem afugentados pela prática duma pecuária extensiva e sem controlo (Silva, 2000). Uma das ideias deste Governador, para a ilha consistia em transformá-la num centro administrativo, baseado nas actividades portuárias (*Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*, 1984). É também por decisão do Governador Pusich que a povoação recebeu em 1819 o nome de *D. Leopoldina*, em homenagem à imperatriz Maria Leopoldina de Áustria, esposa de D. Pedro IV. Uma das particularidades desta terceira tentativa foi que, ao contrário das duas anteriores, em que se controlou a entrada de cabo-verdianos de forma a criar um Cabo Verde mais branco a norte, desta vez se aceitaram camponeses sem terra, degredados insulares e marginais (Silva, 2000). Começa-se então a desenhar uma pequena povoação em frente ao Porto Grande, com uma milícia, alfândega, feitoria e igreja. Será a fome de 1823 e 1826 que levará a que grande parte dos colonos fuja de São Vicente, condenando ao fracasso mais esta tentativa.

Após as tentativas de povoamento fracassadas baseadas na agricultura, tornou-se notório que, para se proceder de um modo eficaz ao povoamento de São Vicente havia que basear este processo noutros sectores de actividade. Este novo projecto só é posto em prática após a subida dos liberais ao poder em Portugal. Com a abolição da escravatura e a independência do Brasil, os liberais tiveram que mudar todo o comércio imperial nas colónias africanas, de modo a poder concorrer com o Brasil.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

A 11 de Agosto de 1835, a Rainha D. Maria II pede ao Governador de Cabo Verde que desenvolva esforços para que seja escolhida a ilha mais adequada ao estabelecimento da sede do Governo. O Governador da Província de Cabo Verde, Pereira Marinho, em resposta ao pedido da Rainha, redigiu uma carta onde declarou ser a ilha de São Vicente a mais adequada, quer devido ao clima e disponibilidade de água, como também às excelentes condições naturais do seu porto. O Governador apercebera-se que o porto era «o maior recurso económico do arquipélago» (Silva, 2000, p.58) e deste modo reorganizou em 1835 todo o comércio insular para que este passasse obrigatoriamente pelo Porto Grande. Esta ilha além do seu porto natural, oferecia também aos navegadores e comerciantes, boas condições climatéricas e sanitárias, não era húmida nem era assolada por febres como os postos da Praia e da Guiné e também não era varrida por uma instabilidade social, como a que se fazia sentir na cidade da Praia entre os escravos e senhores, entre os degredados e a sociedade, entre os morgados e os rendeiros. O entusiasmo do Governador Pereira Marinho por esta ilha e suas condições foi tão grande que propôs que se mudasse a capital política e económica de Santiago para São Vicente. Sendo assim, por decreto ministerial e portaria régia de 11 de Junho de 1838, é autorizada a mudança da capital da Ribeira Grande em Santiago para o *Mindelo*, nome que substituiu o de *Leopoldina*. O nome foi escolha do Visconde Sá da Bandeira, em homenagem ao desembarque efectuado pelo exército de D. Pedro IV em praias perto da localidade com o nome Mindelo. Contudo, a mudança da capital para São Vicente não se concretiza devido às evidentes oposições que tal mudança desperta, nomeadamente em Santiago, e atendendo às dificuldades financeiras e económicas em realizar tal operação. É assim que, em decreto a 29 de Abril de 1858, é anulada a decisão de mudança da capital do arquipélago para a ilha de São Vicente (Barcellos, 2003 (c)).

Entretanto, em 1836-37, o inglês *John Lewis* havia visitado a ilha com o objectivo de avaliar as condições do porto para servir de escala aos navios da *Companhia das Índias*. Tendo considerado que a ilha detinha as condições ideais, pretendeu aí instalar-se. Contudo, quando o Governador, em troca, exigiu que fossem construídos armazéns, hospital, quartel e alfândega, acabou por desistir da ideia (Bóleo, 1953). Mas logo em 1838 é estabelecido o primeiro depósito de carvão flutuante pela companhia inglesa *East India*. Só a partir desse ano, São Vicente deixou de ser uma «reserva de caça de Santo Antão» (Massa e Massa, 2004, p. 36), tornando-se numa ilha definitivamente povoada e pólo atractivo para investimentos e população.

3.2 A formação da cidade – porto do Mindelo

Assim, até ao século XVIII, a ilha de São Vicente manteve um papel periférico e secundário dentro do arquipélago. Esta conjuntura foi sofrendo alterações aos poucos com as diversas tentativas de colonização e também com o impulso económico e financeiro, resultantes do surgimento do Porto Grande enquanto entreposto carvoeiro. Em apenas 50 anos, de 1850 a 1900, São Vicente deixa de ser uma ilha secundária e apagada, transformando-se num pólo central na economia e desenvolvimento de Cabo Verde, bem como, num local de passagem obrigatória no tráfego marítimo do Atlântico. Esta alteração da importância geo-estratégica de São Vicente não se deveu apenas ao desejo manifestado pela coroa portuguesa de povoar a ilha e desenvolver o Porto Grande, transformando-o um grande e importante centro comercial nacional e internacional, mas também e principalmente à conjuntura internacional.

Na primeira metade do século XIX toda a configuração do comércio praticado no Atlântico sofreu alterações. Foram as mudanças políticas, económicas e tecnológicas que influenciaram e alteraram as rotas, mercadorias, regimes mercantis e principalmente, os próprios navios. Politicamente, as principais alterações são o surgimento de novos Estados na América do Sul, que vão criar portos abertos a qualquer tipo de comércio, especialmente com os países mais desenvolvidos em termos de comércio internacional como a Grã-Bretanha. Estes países procuravam mercados onde colocar seus produtos manufacturados, procuravam alimentos e matérias-primas; em troca ofereciam investimentos nesses territórios menos desenvolvidos, acesso ao conhecimento, bens e serviços. Toda esta conjuntura de liberdade de comércio foi favorecida pela política do Liberalismo, que acabou com os monopólios dando lugar ao livre cambismo.

Relativamente às rotas comerciais, houve uma extinção do fluxo Leste – Oeste, baseado no tráfico de escravos. A supressão deste tráfico, fornecedor de mão-de-obra, fará com que as novas nações surgidas necessitem importar trabalhadores da Europa, onde existiam muitos camponeses pobres e artesãos. Estes trabalhadores estavam arruinados ou eram excedentários face à revolução agrícola e industrial. Surge assim o fluxo Nordeste – Sudoeste, caracterizado por uma forte emigração europeia. Estes emigrantes, ao contrário dos escravos, conseguiam obter mobilidade social ascendente pois podiam adquirir terras e instrução e ainda participar no mundo dos negócios, o que ajudava ainda mais ao

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

desenvolvimento local da economia. A chegada destes emigrantes aos Estados recém formados, foi muito positiva para o comércio, pois estes emigrantes levaram consigo os seus hábitos de consumo em termos de vestuário, alimentação, entre outros. A demanda de novos produtos fez com que o mercado se tornasse favorável às trocas comerciais internacionais, visto que os países desenvolvidos tinham assim mercado onde vender os seus produtos (Silva, 2000, pp. 94-96).

As alterações a nível das técnicas de transporte e das comunicações foram um dos elementos da conjuntura internacional favorável ao desenvolvimento do Porto Grande. Perante a necessidade de maior e mais rápida circulação de pessoas, bens, serviços e informações, o aumento da capacidade e tamanho dos navios, e principalmente, a utilização da máquina a vapor, a navegação veleira tornou-se ineficaz, dando lugar aos navios alimentados a carvão. Esta nova forma de transporte, devido ao peso do carvão que comprometia quer o transporte de passageiros e de carga, quer a rapidez de ligações, vai obrigar a que existam escalas ao longo das rotas marítimas para reabastecimento dos navios. É desta necessidade que as ilhas, principalmente São Vicente, vão encontrar e reforçar a sua importância geo-estratégica.

As alterações do comportamento, organização e financiamento no sector marítimo beneficiaram o desenvolvimento do porto de São Vicente. As companhias marítimas passavam agora a concentrar todo o circuito dos transportes marítimos, desde a própria construção dos navios até ao abastecimento do carvão nos portos, seriam controlados pelas companhias marítimas.

São Vicente detinha as condições naturais ideais, possuía um porto grande e profundo, adequado ao calado dos navios. Mas também o facto de ser a ilha mais próxima da América do Sul teve muito peso na sua escolha para posto de reabastecimento. Se os navios fizessem escala em São Vicente, não necessitariam ir carregados com carvão, evitando assim comprometer a rentabilidade da viagem.

Toda esta conjuntura internacional explica o interesse na criação de estações carvoeiras, por parte dos ingleses, nos percursos transoceânicos. Em Julho de 1842, é assinado o Tratado de Comércio e Navegação entre Portugal e a Inglaterra que se estipulou que, nos domínios de um país, fosse atribuído ao outro o estatuto de nação mais privilegiada. E este tratado que vai facilitar a criação de estações carvoeiras inglesas em São Vicente. Na opinião de Correia e Silva (2000) são os ingleses quem mais beneficiam, pois são estes quem tinham maiores interesses nas colónias portuguesas do que o contrário.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

A partir de meados de Oitocentos começaram os investimentos das companhias carvoeiras inglesas, que depressa tornaram o porto de São Vicente numa “*coaling station*” (porto carvoeiro). A primeira companhia a instalar-se em São Vicente foi a *Royal Mail Steam Packet*, em 1850. No ano seguinte a *Thomas & Miller* e a *Patent Fuel*; em 1853, a *Visger & Miller* e em 1858 a *Mac Leod & Martin*. Em 1875, após o estabelecimento da companhia *Cory Brothers & C.^a* na ilha, o Mindelo foi considerado o maior porto carvoeiro no Atlântico médio, quer pelo volume do tráfego como pela importância estratégica para as rotas marítimas entre a Europa e o Atlântico Sul (Silva, 2000, p. 110).

Estas companhias inglesas trouxeram os seus materiais de construção, os seus engenheiros e mestres e construíram depósitos para o armazenamento de carvão, pontes de madeira e planos inclinados para facilitar a carga e descarga do carvão. Este investimento no abastecimento de carvão é a demonstração do processo antes referido, em que as companhias de navegação agora concentravam todas as etapas da navegação marítima.

O Estado português, quando ainda só se pensava na possibilidade do Porto Grande se tornar numa “*coaling station*”, já tomava medidas tendo em vista a reorganização da administração na ilha. O porto era visto como uma preciosa fonte de receitas (interesse fiscal); uma forma de afirmação internacional do próprio Estado (interesse político); uma base para o poder naval (interesse militar) e um ponto de viabilização das rotas (interesse comercial). Sendo assim, vai procurar moldar e controlar a dinâmica do porto e da própria cidade aos seus interesses (Silva, 2000).

A primeira forma de participar no processo urbano-portuário no Mindelo foi fiscal. Em Dezembro de 1850, a alfândega passa a ser de despacho geral, tal como a que existia na Praia, deixando de estar dependente da de Santo Antão. Em Julho de 1851 deliberou-se que todos os materiais destinados à edificação de prédios urbanos ficariam isentos de pagamento de direitos. No ano seguinte criou-se uma comissão municipal, desanexando definitivamente São Vicente da ilha de Santo Antão.

Desenvolvem-se serviços de saúde para inspecção dos navios, passageiros e carga, bem como a própria capitania para controlar a entrada, saída e permanência dos navios no porto. Ambos estes serviços implicavam o pagamento de taxas, ou seja, mais uma fonte de rendimentos para o Estado.

O porto transformou-se numa fronteira internacional e como tal, era necessária a existência duma polícia, para controlar a emigração clandestina, as desordens e o contrabando, e também do exército, para desencorajar as nações estrangeiras, caso

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

intentassem ocupar a ilha. Em 1852, é construído o *Fortim d'el Rei* num monte defronte ao porto que ainda existe, sendo a construção mais antiga da ilha. Nesse mesmo ano, o governador Fortunato Barreiros, vai também definir os locais onde deverão ser construídos os edifícios administrativos do Estado como a alfândega, o cais, a câmara, a cadeia civil, o quartel militar, as praças públicas. Pode-se afirmar que elaborou um projecto urbanístico para a cidade (*Idem, ibidem*).

A 29 de Abril de 1858, o Mindelo foi elevada à categoria de vila. Nesse mesmo ano o Estado adoptou medidas sanitárias, tais como o encerramento dos dois antigos cemitérios e a construção de um novo isolado da cidade. Ordenou também que se reparasse a fonte da Matiota, uma das principais fornecedoras de água para a população.

Em 1860, das cinco companhias inglesas que se haviam estabelecido nos anos 50, já só existia uma, a *Millers & Nephew*, resultante da fusão de duas delas. Esta detinha todo o comércio do carvão, praticando preços elevados para fornecimento do mesmo. Em poucos anos o comércio do carvão no Porto Grande transformou-se num monopólio. Apenas em 1875 com a entrada em cena de uma nova companhia, a *Cory Brothers & C.º*, o seu preço diminui, permitindo assim que Porto Grande se tornasse num movimentado porto carvoeiro (*Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*, 1984).

Em Março de 1874, foi instalado o primeiro cabo telegráfico submarino, ligando a ilha à Europa e Brasil. Em 1884, a *India Rubber Gutta Percha*, instala um novo cabo submarino, que passou a ligar Mindelo à cidade da Praia, à África Ocidental e Austral e aos Estados Unidos da América.

O rápido crescimento económico, populacional e urbano permitiu que, em 1879, a vila do Mindelo fosse elevada à categoria de cidade (*Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*, 1984).

Uma das características particulares de São Vicente foi o facto de, ter sido a primeira ilha do arquipélago, onde se aboliu a escravatura em Março de 1857. Segundo os autores do estudo *Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*, o facto da abolição ter sido primeiramente implementada em São Vicente não constitui um «acaso», pois para além da ilha nunca ter estado assente sobre uma economia escravagista, aos novos padrões das carvoeiras interessava que a mão-de-obra fosse livre, sendo contratada quando necessária e sobre a qual não detinham qualquer tipo de encargo, sobretudo nos períodos de crise (1984, pp. 32-33).

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

O porto teve um papel preponderante na configuração urbana do Mindelo, tornando-a numa cidade do litoral, mas houve um outro elemento que também contribuiu para a formação desta cidade: a água. Enquanto o porto aproximava a cidade do mar, a necessidade de água potável e a existência de fontes no interior da ilha atraíam a cidade para o interior (Silva, 1999).

O Porto Grande de São Vicente passou a ter uma enorme importância económica, social e cultural no Mindelo, mas também em todo o arquipélago. Em 1891, São Vicente era descrita como «a mais importante de todas as ilhas do arquipélago; a única porta que o põe em contacto com o mundo; o pulmão por onde respira e o cofre donde se alimenta a província inteira» (Évora, 2000, p. 166).

3.3 Condições demográficas, socioculturais e económicas

A abertura do porto ao tráfego marítimo de longo curso teve como consequência um rápido crescimento demográfico da cidade do Mindelo superior ao crescimento do resto do país e feito à custa deste. A população residente de São Vicente foi originada por imigrantes das ilhas vizinhas, sobretudo de Santo Antão e São Nicolau, e pelas comunidades de estrangeiros que aí se fixaram. Mas também pela migração sazonal, que contribuiu para a formação da sociedade mindelense. Este tipo de migração incluía todos aqueles que visitavam temporariamente a cidade, como os marinheiros, os passageiros e os chamados comerciantes de ocasião (Silva, 2000).

Os imigrantes provenientes de Santo Antão e de São Nicolau eram na sua esmagadora maioria camponeses pobres, arruinados e sem terra, que viam no porto uma oportunidade de sobrevivência e de emprego. Esta imigração, esteve profundamente ligada às épocas de seca nas ilhas agrícolas e à intensidade da navegação pois, quando decorriam as secas e o movimento marítimo era elevado, verificava-se um aumentar da intensidade migratória para o porto. Mas das referidas ilhas também vinham famílias endinheiradas que viam no porto e na cidade à sua volta, uma maneira de enriquecer e estabelecer negócios. Esta imigração no início é vincadamente masculina, dado que os trabalhos disponíveis eram tipicamente masculinos, como o de estivador ou de contrabandista. Mas a pouco e pouco, começaram a surgir trabalhos considerados femininos, sendo um deles a prostituição, que chegou a ter estatuto legal. Com o passar do tempo, os homens mandavam buscar a sua família para junto

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

de si, e assim o número de mulheres residentes vai aumentando, anulando a vantagem numérica masculina. E isso é possível, quer através da imigração, quer da própria dinâmica do crescimento demográfico. Nas épocas de maior procura de mão-de-obra portuária, o aumento da imigração volta a repor, ainda que temporariamente, a vantagem numérica do sexo masculino (Silva, 2000) à semelhança do que sucede em todos os universos atractivos no passado.

As famílias abastadas das ilhas de Barlavento, que também se mudam para esta ilha, já possuíam uma componente diferente da anterior, pois para além de serem em número bastante inferior, não vinham à procura de emprego mas sim oportunidades de investimento. Tornaram-se lojistas e abastecedores, tanto da cidade como dos navios que aí aportavam oriundos do resto arquipélago. Forneciam géneros alimentares provenientes das suas ilhas e produtos importados. E é ainda deste grupo, que sairão muitos funcionários para os altos cargos do Estado na alfândega, câmara municipal e nos correios.

As comunidades estrangeiras fixaram-se nesta ilha através das companhias marítimas, firmas, representação consular ou mesmo interesses económicos. Existia, nesta altura de grande desenvolvimento económico, firmas inglesas, italianas, alemãs e portuguesas, mas não subsistem dúvidas de que a maior presença estrangeira era a inglesa, que aliás se pode ver pela existência, por exemplo, duma igreja anglicana e dum cemitério inglês. Muitos judeus, com passaportes ingleses e franceses provenientes da África do Norte, também se fixaram na cidade investindo no comércio grossista e a retalho, na hotelaria e na construção. Muitos italianos também foram atraídos pela possibilidade de gerarem lucros, num mercado baseado no consumo feito pelos estrangeiros que passassem ou vivessem nesta cidade (Silva, 2000). A presença estrangeira nesta ilha era tão forte que, em já 1879, a maior comunidade de estrangeiros do arquipélago se encontrava nesta cidade. Existiam então 106 portugueses e 114 estrangeiros, dos quais 86 ingleses, 14 italianos, 6 marroquinos, 5 belgas, 2 americanos e 1 russo. Apesar de Mindelo não ser uma capital política, muitas eram as nações que tinham ali representação diplomática, designadamente a Alemanha, a Inglaterra, os Estados Unidos da América, o Brasil, a Dinamarca, a Bélgica, a Itália, a Holanda, a Rússia, a Turquia, a Suécia e a Noruega (Silva, 2000).

Para além da população fixa, existia ainda uma outra sazonal ou pendular, constituída pelos imigrantes de ocasião, que vinham vender comida, bebidas e artesanato regressando às suas ilhas com bens importados, e também pelos visitantes que chegavam nos vapores.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Devido a toda esta confluência de gentes e culturas, chamou-se à cidade nesta altura, anos 80 do século XIX, a «**Babel mindelense**» (Silva, 1998, p. 42). Devido a esta fusão entre os povos, a população de São Vicente caracterizou-se por habitantes de pele mais clara e de hábitos culturais copiados dos estrangeiros. O Porto Grande foi o «despoletador de um processo de diferenciação social, económico e cultural de São Vicente» (Silva, 1999, p. 19).

Apesar de todo o desenvolvimento e progresso que se vai verificando em Mindelo, cedo se criaram grandes clivagens sociais entre aqueles que trabalhavam nos escritórios e possuíam negócios e os que vendiam a sua força de trabalho no porto. Estes últimos possuíam empregos considerados violentos e precários, recebiam salários baixos e havia uma ausência completa de protecção social. Habitavam casas minúsculas, sem o mínimo de condições higiénicas, já que as infra-estruturas de saneamento básico da cidade eram praticamente inexistentes, sobretudo nos bairros por estes habitados. Um dos trabalhos efectuados pelas mulheres de classe mais baixa, era o transporte dos dejectos em latas, recolhidas por volta das nove da noite, transportadas à cabeça e despejadas em latrinas, que estavam situadas perto das praias da cidade.

A situação social era tão miserável que a população do Mindelo, recorria a muitos expedientes de forma a melhorar as suas condições de vida, sobretudo nas épocas de pouco movimento portuário, em que escasseava o trabalho. Por exemplo, as crianças frequentemente eram os guias e intérpretes dos estrangeiros na cidade. Até hoje existem expressões no crioulo de São Vicente que derivaram no inglês, como por exemplo, a palavra “*boizim*” que significa rapaz, vem do inglês “*boys*”, bem como o uso de palavras e expressões em inglês, durante o discurso, como “*brother*”, “*friend*”, “*cool*”, “*relax*” e “*man*”. A chegada dos navios era um grande acontecimento e gerava grande azáfama. Estes eram cercados por botes através dos quais os *mindelenses* tentavam vender os seus produtos e comprar produtos importados, às escondidas da Alfândega.

A prostituição cedo se generalizou, empregando muitas mulheres e dando a São Vicente uma fama de terra de perdição e fonte de inúmeras doenças venéreas, especialmente a sífilis. Graças às ligações marítimas estas doenças também se disseminaram pelas outras ilhas. A prostituição foi oficializada no Boletim Oficial nº. 3 de 18 de Janeiro de 1896 através do «Regulamento de Polícia e sanidade da prostituição em Cabo Verde». As mulheres eram examinadas aos fins-de-semana no Hospital e cada uma tinha uma caderneta, que era

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

obrigatória e servia como identificação, mas também como boletim de registo das inspecções médicas (Matos, s.d.).

Aqueles que trabalhavam para as companhias carvoeiras nos depósitos sofriam de doenças do foro respiratório, nomeadamente a tuberculose, devido à inalação das poeiras. Mas rapidamente a doença alastrou a outras camadas da população devido às precárias condições de habitabilidade e de cuidados médicos.

O facto do Porto Grande se ter tornado num porto carvoeiro levou a que a cidade do Mindelo se tornasse numa **cidade-porto**. Segundo Correia e Silva (1995, p. 42), uma **cidade-porto** «alberga no seu seio uma grande heterogeneidade social assente na multiplicidade de origens geográficas e étnicas dos seus habitantes e na infinidade dos modos de vida dos mesmos». O porto carvoeiro encerra em si uma vertente urbana, sendo que, este género de porto, nos locais onde se desenvolve implica também o surgimento ou desenvolvimento duma cidade. «O porto gera a cidade mesmo onde não existia mais do que um lugarejo de pobres camponeses» (Silva, 2000, p.112). O porto carvoeiro exige muita mão-de-obra, a oferta de emprego atrai muitas pessoas, ou seja, demograficamente, a cidade ou povoação, vê o número dos seus habitantes aumentar. Outra exigência é a criação de infra-estruturas especiais, como sejam depósitos, armazéns, escritórios etc., que também contribuem para a urbanização. Para além destas condições exige ainda, em comparação com os portos veleiros, mais capitais e terra. A escala dos navios obriga a que haja a oferta de água, víveres, combustíveis, serviços sanitários e de lazer, aumentando ainda mais a procura de mão-de-obra.

Como já foi referido os camponeses pobres das ilhas vizinhas de São Vicente, foram atraídos pelas oportunidades de emprego que eram oferecidas. As companhias carvoeiras para transformarem estes camponeses em proletariado urbano-portuário adoptaram, segundo Correia e Silva, duas estratégias aparentemente contraditórias. A primeira consistia numa intensa exploração económica e a segunda numa fraca “protecção social”. As companhias criaram casas de habitação social para os seus trabalhadores e famílias, garantindo assim que uma grande parte do que pagavam aos funcionários, voltasse às suas mãos através das elevadas rendas que cobravam. O arrendamento de habitações por parte das companhias foi uma «estratégia patronal de formação e fixação da classe operária» (1999, p. 25). Em 1860 foi criado o quarteirão inglês pela *Mac Leod & Martin*, seguindo-se depois a *Millers & Cory* e a *Wilson, Sons & C.*

As companhias carvoeiras empregavam metade dos trabalhadores da ilha, sendo que o seu poder era tão grande que nem a administração do concelho, a Câmara ou as Obras

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Públicas conseguiam intervir ou alterar a situação. Estas companhias que, exploravam os seus funcionários com salários baixos, rendas elevadíssimas e sistemas de contratação diária ou semanal em situações normais, eram as mesmas que, em épocas de crise e de fome, mandavam vir comida e roupas da Inglaterra que depois eram distribuídas à sociedade. O falso paternalismo social praticado rendeu várias condecorações e reconhecimento por parte do Estado português (Silva, 2000). Contudo, há que reconhecer que, foi graças às políticas de socialização levadas a cabo pelas companhias, que os camponeses puderam transformar-se em operários portuários. Mas, nem tudo correu como desejado, dada a discrepância entre as acções esperadas e as que ocorriam efectivamente. Uma das manifestações culturais que não foi esquecida pelos antigos camponeses foram as festas populares. Assim, por exemplo, entre 20 e 24 de Junho deslocavam-se à ilha de Santo Antão para participar nas festas de São João. As comemorações no dia deste santo foram a pouco e pouco sendo reproduzidas em São Vicente, permanecendo até à actualidade. Estas idas a Santo Antão por altura das festas e mesmo o regresso às suas terras nas épocas de chuva, demonstravam que o trabalho portuário era considerado ocasional, sendo a sua ligação à terra e aos seus rituais forte. Este fluxo bidireccional e pendular dos trabalhadores de origem rural, resultava numa instabilidade na oferta de mão-de-obra. As companhias tentavam resolver este problema através da atribuição de casas com o objectivo de fixar esses trabalhadores, já que estes ficavam presos às rendas que tinham que pagar e à própria ilusão de propriedade. Porém, esta política tinha pouca eficácia devido às resistências sociais e culturais dos trabalhadores e às próprias contradições, que caracterizavam a política laboral das companhias. Estas praticavam a contratação diária ou semanal dos trabalhadores visto que, a actividade portuária não decorria de forma uniforme todo o ano. Nas épocas de menos movimento era preciso poupar e assim contratavam trabalhadores de acordo com o volume de trabalho oferecido, dispensando-os depois nos momentos de baixa. Só que este modelo de contratação tanto beneficiava as empresas como permitia uma maior liberdade aos trabalhadores, que assim podiam partir quando entendessem (Silva, 2000).

A cidade do Mindelo desenvolveu-se à volta do Porto Grande, e quase todos os seus habitantes dependiam directa ou indirectamente do porto. Contudo, o Porto Grande «não foi só um poiso de reabastecimento, um mercado de carvão, foi também, e sobretudo, um espaço de trocas culturais e de convívio entre os povos que por ali cruzaram» (Évora, 2000, p. 167). A nível cultural, devido às ligações regulares que mantinha com as principais cidades europeias e sul americanas, Mindelo estava sujeita a todo o tipo de influências que absorvia.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Dos britânicos, por exemplo, adquiriu a prática de diversos desportos como o golfe, do cricket, do futebol e o ténis, o “*five-o-clock tea*” e inúmeras influências a nível da arquitectura, cujos vestígios ainda hoje resistem à acção do tempo, acabando, contudo, por ir sucumbindo à acção do homem. Até hoje é possível encontrar-se descendentes destes ingleses através dos apelidos, como os de St. Aubyn, Rendall e Lush. Mas também se encontram descendentes de imigrantes de outras paragens e origens designados Wahnnon, Bettencourt, Leckhajmal e Abu-Raya (Matos, s.d.). Mindelo também recebeu influências de outras paragens. Do Brasil acolheu sobretudo manifestações musicais como as marchinhas, chorinho e samba-enredos. Outra manifestação cultural brasileira muito bem recebida pelos mindelenses foi o carnaval brasileiro. Até hoje, o carnaval do Mindelo é considerado o mais brasileiro de todos em Cabo Verde. Um pouco de todo o mundo chegavam novas danças e músicas, como contradanças francesas, valsas, mazurkas e polkas. Na praça da cidade tocaram as bandas das esquadras brasileiras, argentinas e inglesas que se encontravam em trânsito (Silva, 2000).

Porém, a influência não vinha apenas de outras culturas, mas misturava-se com a cultura de origem camponesa dos imigrantes vindos de outras ilhas. Por exemplo, da Boa Vista chegou a morna. Toda esta fusão cultural levou a que Correia e Silva concluísse que, «os sons da cidade reflectem o brilho da [...] grande obra da ilha de São Vicente: a síntese do mundo que por ela passou» (2000, p. 134). O Porto Grande permitiu que a ilha de São Vicente se situasse «no cruzamento de duas territorialidades diferentes: uma insular, local, provincial, [...] cabo-verdiano – portuguesa, e, outra, transatlântica, multinacional e de dominância britânica» (Silva, 1999, p. 23).

Apesar de todas as classes sociais se divertirem com a dança e a música, o lazer não anulava as fronteiras sociais que existiam. As elites locais criaram os seus espaços reservados de diversão, onde se dançavam danças europeias. Os membros das classes mais desfavorecidas também realizavam os seus bailes populares, onde se dançava e bebia até tarde. Os patrões ingleses não viam com bons olhos estas frequentes festas populares pois, consideravam que, para além de serem uma perda de tempo e dinheiro, também contribuíam para a diminuição do rendimento dos operários no trabalho, já que estes bebiam muito e dormiam pouco.

São Vicente apenas possui duas estações, a estação seca, de Novembro a Julho, dominada pelos ventos alísios e a chamada “estação das chuvas”, de Agosto a Outubro, apesar de não chover todos os anos e de, geralmente, ser insuficiente. Daí que, a questão da água

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

sempre foi uma preocupação para os habitantes de São Vicente. As fontes que existiam não eram suficientes para satisfazer as necessidades dos habitantes e movimento portuário. Foram encontradas então duas soluções para complementar as falhas no abastecimento de água, uma delas a produção de água destilada pelas companhias inglesas, outra a importação de água de Santo Antão, da localidade de Tarrafal de Monte Trigo, fazendo-a chegar de barco a São Vicente. Contudo, devido ao seu elevado preço, quer a água destilada quer a importada, não estavam ao alcance da maioria da população, que era forçada a recorrer à água salobra dos poços, com todas as consequências daí decorrentes para a saúde pública.

A transformação do Porto Grande numa *coaling station* permitiu que a ilha se desenvolvesse, transformando o Mindelo numa cidade cosmopolita e acolhedora. Ela passou a ser vista pelos habitantes do arquipélago como uma terra de oportunidades, de fartura e bem-estar.

Porém, nem todas as transformações foram benéficas, dado que o desenvolvimento deste género de porto é poluente, doentio e conflitual. O proletariado operário, ou seja, a maioria da população, devido à situação laboral precária, baixos salários, más condições de habitação, fraca protecção social e emprego ocasional, vive em condições de vida muito precárias. As casas são acanhadas, pobres e sem condições higiénicas e sanitárias. O porto traz doenças como a tuberculose, que começa por afectar os seus trabalhadores, mas que rapidamente se espalha pelos bairros mais pobres (Silva, 2000).

Os navios apesar de transportarem produtos, conhecimento e pessoas também trazem consigo várias doenças contagiosas, que muitas vezes não eram detectadas e que rapidamente se espalhavam por toda a cidade, como acontecia com a febre-amarela ou a cólera. Para além destas, existiam ainda as doenças venéreas, que viam o caminho facilitado pela elevada prostituição que se praticava na ilha. Todas estas doenças se propagavam rapidamente devido às condições sanitárias de grande parte da cidade, mas infelizmente também chegavam às outras ilhas, sobretudo através das pessoas doentes que regressavam às suas terras para se curarem ou morrerem. O caso da sífilis era tão grave que, a uma dada altura, o delegado da saúde, propôs a listagem e matrícula de todas as meretrizes, a fiscalização sanitária e a construção duma enfermaria para as doentes.

A ilha enfrentava a escassez de água potável que, como é óbvio, afectava com maior gravidade a classe popular que não tendo recursos para comprar a água destilada ou das nascentes, consumia a água salobra dos poços, o que facilitava o surgimento e disseminação

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

de surtos de cólera e febres. O uso da água destilada e das nascentes estava quase toda reservada ao abastecimento dos navios e aos ingleses. O Porto Grande constituía assim um perigo para a saúde pública do Mindelo e de todo o arquipélago.

Uma das características da evolução do Mindelo foi a monopolização de todo o espaço ribeirinho da cidade pelas carvoeiras. A única excepção era a praça D. Luiz, que anos mais tarde veio a ser destruída para se construírem os armazéns da *Companhia de São Vicente de Cabo Verde*. Em sua substituição foi construída noutra local a praça Serpa Pinto. A zona ribeirinha foi ocupada pela construção de armazéns, depósitos, cais e pontes que entravam pelo mar. Todo este espaço foi alvo, durante muito tempo, do concurso entre as companhias carvoeiras, comerciantes, repartições públicas e munícipes. Geralmente o carvão era armazenado em enormes depósitos, com pouca ou nenhuma segurança, colocando a cidade sob um perigo constante de incêndio. Ao longo do tempo foram surgindo algumas vozes que se opunham a esta organização urbana da cidade, mas que nada podiam fazer contra o enorme poder e interesses das carvoeiras. As companhias mandavam em toda a cidade, tinham a liberdade de, em função dos seus interesses, estabelecer as condições de trabalho aos trabalhadores, impunham-se às deliberações da Câmara. A exploração e submissão eram de tal forma generalizadas que, nos anos 80 do século XIX, o poder excessivo destas companhias se torna numa fonte de tensão social (Silva, 2000).

3.3 A decadência do Porto Grande

A partir dos finais dos anos 80 do século XIX, o Porto Grande começa progressivamente a ser confrontado com um abrandamento da procura externa, certamente agravado pelas divergências entre Portugal e o Reino Unido no que concerne à partilha da África, as crises políticas e comerciais que atravessavam os países da América Latina, sobretudo a Argentina, e a abertura do Canal de Suez. Mas também em consequência dos elevados impostos cobrados pela Coroa, deixando o Porto Grande sem condições para competir com portos rivais, como Las Palmas ou Dakar. Outros factores também contribuíram para que a navegação se dirigisse para esses portos, designadamente o elevado preço da água e dos alimentos fornecidos à navegação, os elevados custos com as despesas portuárias, a insegurança no porto e cidade devido ao mau policiamento, o desconforto derivado deste policiamento ser feito por «indivíduos de cor», e o facto destes portos serem francos, oferecendo assim serviços mais baratos (Almeida, 1925, pp. 105-107). Os próprios progressos

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

na construção naval contribuíram para que a navegação necessitasse de menos reabastecimentos ao longo das viagens (Almeida, 1925 e Figueiredo, 1913).

Esta diminuição do fluxo de vapores no Porto Grande, consequentemente provoca uma diminuição da procura externa de carvão. Como o sistema económico e social construído no Mindelo assentava nessa procura e venda, «este sistema não funcionava abaixo de um determinado nível de fluxo portuário» (Silva, 2000, p. 145). As receitas fiscais e o emprego no porto dependiam desta procura externa, logo estes sectores vão ser afectados, constatando-se quedas em ambos. Devido às dificuldades nos abastecimentos, os produtos à venda sobem de preço; com o desemprego crescente, o poder de compra dos *mindelenses* baixa, afectando o comércio local. Toda esta conjuntura adversa vai dar origem a falências comerciais, que vão agravar ainda mais a depressão, pois diminuem ainda mais as receitas fiscais e aumentam o desemprego, que alastra para outras camadas da população para além dos operários portuários. A crise, que começou por ser portuária devido ao modelo de crescimento do Porto Grande, rapidamente se alastrou para as áreas urbana, económica e social.

O movimento no porto era quase inexistente, os despedimentos aumentavam, o que levou a uma radicalização dos protestos que se voltaram contra as carvoeiras inglesas, consideradas culpadas. Pela cidade corria a ideia de que a crise fora provocada pelas companhias inglesas, desenvolvendo um sentimento anti-britânico a partir de finais dos anos 80. As autoridades portuguesas e a população em geral culpavam as companhias pela crise que diziam resultar dos preços praticados na venda do carvão. Por seu lado, estas afirmavam que o culpado pela crise era o Governo português devido aos levados impostos que cobrava. Daí que, as medidas que eram propostas por cada lado não eram aceites pelo outro. Enquanto que as autoridades e população sugeriam a criação de uma nova companhia, as carvoeiras sugeriam a transformação do Porto Grande num porto franco (Silva, 1999).

Em 1890, os *mindelenses* pedem às autoridades portuguesas que sejam tomadas medidas de forma a diminuir o poder das companhias inglesas de carvão. Este apelo surge numa altura em que as relações entre Inglaterra e Portugal estavam tensas, devido ao *Ultimatum* britânico. Estas companhias contavam com o apoio directo de Inglaterra, resultante do acordo estabelecido entre as duas partes, de que em caso de conflito no Atlântico sul, estas companhias teriam que fornecer a *Royal Navy* (nesta altura já era eminente um conflito anglo-boer devido aos interesses económicos) e do facto destas companhias serem uma garantia do controlo inglês sobre um ponto estratégico do tráfego marítimo. As companhias inglesas e os próprios ingleses, devido à certeza que tinham do apoio das autoridades britânicas, tomavam

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

cada vez mais atitudes consideradas provocatórias, por exemplo, quando se soube do *Ultimatum* dado a Portugal, soldados dum couraçado que se encontrava no porto apoderaram-se do coreto na Praça D. Luís e tocaram durante horas o hino “*God save the queen*” (Silva, 2000).

As autoridades portuguesas temiam uma intervenção militar inglesa, devido à radicalização das manifestações contra as carvoeiras, mas ao mesmo tempo, desconfiavam que as provocações feitas pelos ingleses tinham como objectivo propiciar um confronto militar. Assim, com o objectivo de acabar com os descontentamentos populares que poderiam levar à perda da soberania de Portugal, a administração portuguesa resolve agir. Dadas as circunstâncias, o governo podia escolher de entre duas soluções: uma delas era pôr em prática medidas de combate à crise, impedindo uma radicalização do movimento contestatário e a outra era não agir, provocando uma confrontação directa entre os manifestantes e as carvoeiras, o que levaria a uma possível intervenção militar por parte da Inglaterra. Como a administração portuguesa não dispunha de nenhuma força armada capaz de enfrentar uma intervenção militar no arquipélago, aliás como em nenhuma outra colónia, só podia pôr em prática medidas que teriam que ser aceites por ambos os lados. O Governador Brandão de Melo elabora então um plano que consistia no repatriamento, para as suas terras de origem, dos trabalhadores provenientes de outras ilhas e a abertura de obras públicas onde fossem empregados apenas os naturais de São Vicente. O objectivo deste plano era duplo: por um lado acabar parcialmente com o desemprego, e por outro, dividir o movimento operário, ao injectar entre os seus membros rivalidades e ressentimentos. Contudo, o plano vai ser rejeitado pelos trabalhadores, que não querem regressar às suas ilhas, e a própria Câmara Municipal prefere que sejam aumentados os volumes das obras, que antes eram destinadas apenas aos trabalhadores naturais de São Vicente, do que repatriar pessoas. Esta acreditava que a ampliação das obras iria acalmar o movimento operário e reanimar o comércio a retalho. De início, os trabalhadores não aceitaram as condições de trabalho, principalmente os salários, mas com o avançar da fome e debilidade física são forçados a aderir (Silva, 2000). Entretanto, a 20 de Abril de 1891, cerca de 2 mil pessoas, maioritariamente trabalhadores das companhias carvoeiras manifestaram-se no Largo do Município contra a fome e o desemprego que alastravam pela ilha (Silva, 2000).

Aos poucos os navios voltam ao Mindelo, terminando assim a primeira grande crise do Porto Grande, a crise de 1890/1891. Cada um dos lados apontava os seus motivos que explicam a razão da existência da crise. O movimento mindelense atribuía a culpa da

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

diminuição do fluxo marítimo às carvoeiras inglesas, mais concretamente a *John Holloway*, gerente da maior companhia do Mindelo, por praticarem preços muito altos para o carvão. As carvoeiras defendiam que a crise era de origem externa, agravada pela falta de flexibilidade fiscal e administrativa do Estado e a baixa produtividade do trabalho mindelense. Ou seja, enquanto que para os *mindelenses* a crise tinha origem em factores locais, para as carvoeiras a sua origem estava em factores conjunturais ou estruturais (Silva, 2000). Como quer que seja todos os factores apontados tiveram influência negativa do desenvolvimento do Porto Grande.

É após as graves consequências sociais e económicas da crise de 1890-91 e da degradação das relações entre a Inglaterra e Portugal, que se propicia o ambiente necessário para a criação duma companhia nacional. As experiências anteriores provaram que, se a companhia fosse de origem inglesa, rapidamente iria coligar-se com as outras e se fosse estrangeira poderia originar pressões políticas por parte da Inglaterra. O próprio movimento mindelense pedia que o Estado criasse uma companhia nacional que fizesse concorrência às inglesas e descesse os preços. Por proposta do então presidente da Câmara, Augusto da Silva Pinto Ferro, o Governador aceita a criação duma companhia nacional. Esta companhia recebeu o nome de *Companhia de São Vicente de Cabo Verde*, mas era conhecida como a “Nacional”. A concessão vai ser feita a António Júlio Machado e a um grupo de comerciantes de Lisboa e do Porto. Foram concedidos benefícios especiais à companhia, sendo o maior a ocupação do terreno ribeirinho onde se encontrava a única praça pública, a D. Luiz. A concessão deste espaço, para construção dos armazéns da companhia nacional, foi aceite pela população da ilha, já que, esta companhia era vista como a salvação da ilha e de Cabo Verde. O terreno em que se encontrava a praça era o único, na faixa litoral da cidade, ainda não ocupado pelos negócios britânicos. Em Março de 1893 descobre-se que o grupo ao qual fora dada a concessão da companhia se preparava para transferir a sua concessão para uma companhia inglesa, esta notícia gerou inúmeras revoltas. A 1 de Abril de 1893 é enviado um abaixo-assinado ao Rei, onde constavam 507 assinaturas e onde se pedia que não fosse permitida a transferência e que fosse anulada a concessão dada ao grupo. Com o agravar dos descontentamentos, rapidamente se passou da contestação contra o excessivo poder das carvoeiras inglesas, para a contestação do poder que a própria Inglaterra tinha sobre Portugal e as suas províncias, especialmente Cabo Verde. Apenas 10 dias após o abaixo-assinado, é produzido um novo documento desta vez endereçado ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar, onde continuam os protestos contra a eventual transferência da Nacional para os ingleses e se manifesta a indignação sentida face à destruição da praça em

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

favor duma companhia que nem sequer era nacional. Os pedidos da população de São Vicente às autoridades portuguesas não são atendidos, Portugal não podia enfrentar a sua velha aliada, correndo o risco de perder o seu apoio na manutenção da integridade do império colonial português. Sendo assim, a transferência da concessão é efectuada a 28 de Fevereiro de 1894 sendo aprovados os novos estatutos da companhia, a que foi dada o nome de *St. Vincent Cape Vert Islands Coaling Company Limited* (Silva, 2000).

Entretanto a contestação ao poder das companhias inglesas não desaparece. Quando o vereador Schultz Xavier, que apoiou a transferência para os britânicos da companhia nacional, deixa a Câmara surgem novas contestações e exigências por parte daqueles que não se conformavam com a situação. A 2 de Maio de 1894 é enviado ao Ministério do Ultramar, um novo telegrama, que pedia a anulação da concessão da praça D. Luiz à companhia, por não terem sido completadas, no prazo estipulado, as obras de construção da nova praça. A construção desta nova praça foi uma exigência para que a apropriação do terreno da praça D. Luiz pela “Nacional” pudesse ocorrer. Mais uma vez, um pedido contra os interesses britânicos em São Vicente não é atendido. A 28 de Novembro de 1894, com a construção da nova praça, o terreno da antiga praça D. Luiz é posto à disposição da companhia. Geram-se inúmeros protestos e resistências, combatidos pelo apoio da Metrópole e do governo. Assim, em 1895 são três as carvoeiras a operar no Mindelo, todas de propriedade inglesa, a *St. Vincent Cape Vert Islands Coaling Company Limited*, a *Millers Cory Cape Vert Limited* e a *Wilson Sons & C.º*.

O estabelecimento da nova companhia gera algumas melhorias a nível de infra-estruturas no Porto, fazendo com que o preço do carvão diminua e aumente o tráfego marítimo. São construídos um cais, duas pontes metálicas, dois sistemas de linha férrea para carga e descarga do carvão, novas barcaças. Contudo, esta baixa no preço do carvão dura pouco tempo já que em 1897, a companhia “Nacional” estabelece pactos com as suas rivais, chegando a um acordo sobre o seu preço. Consequentemente, o número de vapores volta a diminuir, assim como as receitas fiscais, os salários, a procura de bens de consumo popular e o lucro dos comerciantes. A situação volta ser preocupante para os mindelenses.

Como entretanto também decorriam guerras, a norte-americana - espanhola em Cuba e a anglo-boer, ocorre uma «revalorização conjuntural da posição geo-estratégica do Porto Grande», que vai adiar os sintomas da crise no final do século. Passadas as guerras, voltam a escassez da procura externa e a concorrência que os portos das Canárias e do Dakar fazem ao Porto Grande (Silva, 2000, p. 189).

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

A 10 de Outubro de 1899, negociantes e proprietários da ilha enviam ao Ministro do Ultramar propostas visando a transformação do Porto Grande num porto competitivo. Essas propostas consistiam na diminuição da carga fiscal e dos serviços portuários, no licenciamento de carvoeiras não inglesas e na modernização do porto. Mas o Governo não possuía os meios financeiros necessários para proceder a estas mudanças, e outras medidas mais urgentes mereciam a sua atenção. O Governo, face a uma crise de colheitas, viu-se obrigado a prestar assistência aos famintos, a subsidiar as importações, a suspender as cobranças fiscais e a abrir obras públicas para empregar a população. Para além disso, o Governo apercebera-se que era completamente impossível realizar mudanças que alterassem a situação, sem entrar em confronto com os interesses britânicos. Devido a esta omissão por parte do Governo, o movimento de contestação e reivindicação vai radicalizar-se. Em Janeiro de 1900, os mindelenses, liderados por Luís Loff Vasconcellos, voltaram-se contra o poder colonial e chegam mesmo a ameaçar o governo com a independência. Estas ameaças não foram suficientes para que o Estado tomasse uma atitude, assim progressivamente, o porto da ilha de São Vicente foi sendo marginalizado e esquecido pelos circuitos de navegação atlântica (Silva, 2000).

A 24 de Janeiro de 1901 a câmara encerra a sua sessão em virtude da morte da rainha de Inglaterra, este é mais um facto que demonstra o domínio e poder dos ingleses sobre Mindelo.

Em 1902 a situação continuava má, agravada pela falta de água que se fazia sentir, tanto para consumo dos habitantes como para abastecimento dos navios. No dia 9 de Setembro de 1902 a câmara envia os seus agradecimentos à Associação Comercial de Lisboa que havia enviado donativos. A 9 de Outubro do mesmo ano a Câmara endereça ao rei um documento elaborado pelos comerciantes da cidade, onde se pediam medidas que permitissem combater a crise de trabalho. A 23 do mesmo mês, outro grupo pede à câmara que solicite a intervenção dos Governos da província ou da metrópole, para combater a crise de trabalho. O presidente apoia este pedido de ajuda e sugeriu ainda que se fixassem preços módicos para os bens de primeira necessidade e se melhorassem as casas das classes trabalhadoras.

Em 1903, mais precisamente a 18 de Abril, o presidente da câmara expôs em sessão as condições miseráveis de habitação na localidade de “Ribeira Bote” e aludiu ainda ao facto de nesta se abrigarem muitos «transgressores da lei» e da maior parte dos seus habitantes não ter emprego. Nesta localidade viviam as pessoas que não conseguiam pagar rendas nos outros locais da cidade e na sua maioria eram empregados das companhias de carvão (Leite, 1906).

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

A questão da falta de água continuou a ser uma preocupação constante para os munícipes e governantes. Este era mais um elemento a contribuir para que os vapores preferissem outros portos. Em Agosto de 1904, dois vapores foram obrigados a ir para Santo Antão para o abastecimento, após dias de espera no Porto Grande; um outro vapor, o “*D. Amélia*”, pediu 15 toneladas de água e só três dias depois foi abastecido; o cruzado inglês “*Saint George*” esteve parado quase um mês para receber 300 toneladas de água. Para agravar a situação, a água consumida vinha de poços onde a sua qualidade não era a melhor. Na realidade desde 1894 havia sido proibido o consumo da água de poços. A 27 de Outubro de 1904, a câmara resolve abrir a concurso público o exclusivo do fornecimento de água, mas impôs condições a que o vencedor do concurso se teria de submeter. Designadamente, o exclusivo só seria de 25 anos; a água teria que ser analisada; a construção de um depósito na cidade, de um chafariz, de três marcos fontanários e de bocas-de-incêndio; a canalização e distribuição de água teriam que obedecer às ordens da Repartição de Obras Públicas; a obrigatoriedade de ter um depósito de 300 toneladas no mar para fornecer os navios; que o preço de venda para os navios nunca fosse inferior ao preço das Canárias; que o preço da água para os navios de guerra portugueses fosse 25% mais barato; que a água fosse fornecida gratuitamente aos estabelecimentos do Estado e do município e nos casos de incêndio; que o prazo para a construção e início do abastecimento era de um ano e finalmente, que o preço de venda para o público seria o que actualmente era cobrado pela Empresa das Águas. Ainda nesse mesmo dia, esta Empresa das Águas pedia permissão para importar água de Santo Antão, como forma de prevenção para futuras faltas.

A 1 de Outubro de 1908, um grande número de antigos trabalhadores das companhias de carvão compareceu na câmara pedindo que esta que lhes desse trabalho pois, eles e as suas famílias estavam a passar fome. A câmara entendeu que não podia fazer nada em relação a este pedido, e apenas informou o Governador o que se passou. A crise de trabalho continuava a afectar de tal modo a população do Mindelo que a 29 de Outubro de 1908 a câmara suspendeu todas as intimações feitas aos residentes para procederem a reparações nas suas habitações.

Em 1913, a companhia *Blandy Brothers & Co.* viu autorizada a licença para instalar um depósito de carvão na ilha. Em troca era-lhe exigido que o preço do carvão não excedesse o de Dakar e fosse igual ao praticado nas Canárias; que não poderia instalar outro depósito nas Canárias ou costa da Guiné e que fossem construídos à sua custa os novos edifícios do Estado, visto que, nos terrenos concedidos à companhia existiam alguns edifícios públicos. O

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

certo é que a companhia nunca se instalou em São Vicente, tendo preferido o porto de Las Palmas (*Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*, 1984).

A 25 de Março de 1916 é publicada uma portaria no Boletim Oficial onde se declarou o estado de sítio em São Vicente em resultado da declaração de guerra entre Portugal e Alemanha³⁵. Esta decisão deu às autoridades militares poder para resolver potenciais situações de conflito na ilha. Um mês depois foi levantado o estado de sítio. Em Maio desse mesmo ano é publicado um novo decreto com a condição jurídica dos alemães, que proibiu o comércio directo ou indirecto com os mesmos, bem como o direito de possuir qualquer tipo de propriedade industrial.

Desde 1900 que o carvão enquanto combustível para a navegação vinha sendo substituído pelos óleos minerais. Assim em 1919 é dada a autorização para que a *Millers & Cory* e a *The Lisbon Coal & Oil Fuel Company* instalem depósitos de óleos minerais. Estas medidas, apesar de evitarem que o Porto Grande estagnasse de vez, não foram suficientes para que o porto regressasse ao movimento registado no passado (*Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*, 1984).

Embora com grande irregularidade, no início dos anos 20, o porto conhece algum movimento. Contudo, em breve na cidade se retoma o problema do desemprego, gerado de miséria e comportamentos de risco. A situação é de tal forma grave que em 1924, a pedido de numerosas pessoas do Mindelo, o governador decretou a proibição da entrada de toda e qualquer aguardente em São Vicente.

No início dos anos 30, a situação piora para São Vicente. Com a Grande Depressão do final dos anos 20, a navegação diminui, afectando o Porto Grande³⁶. Desta vez, não foi apenas o desemprego, mas também os cortes no envio das remessas dos imigrantes e a grande estiagem que assolava as ilhas desde 1920.

Foram numerosos os pedidos feitos, ao longo dos anos, pela Câmara Municipal às autoridades, para que fossem feitos diversos investimentos no Porto, de modo a torna-lo competitivo, permitindo assim recuperar o seu papel preponderante no Atlântico.

A situação de desemprego, fome e miséria eram tão graves no Mindelo que no dia 7 de Junho de 1934, o povo revoltado saiu à rua, reclamando trabalho e comida. Esta revolta, por ter sido liderada por um carpinteiro chamado Ambrósio, ficou conhecida como a “Revolta do

³⁵ Suplemento número 13 do B.O de 25 de Março de 1916.

³⁶ Para mais informações sobre a entrada de navios de grande porte em São Vicente consultar figura 9, em Apêndice.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

capitão Ambrósio”. A alfândega, lojas e armazéns foram saqueados por uma multidão faminta.

Em meados dos anos 30, a situação começou a melhorar mundialmente e surgiram as chamadas «economias de guerra», que vieram dar um novo impulso à navegação no Porto Grande. Com efeito, durante o período entre as duas grandes guerras o Porto Grande beneficiou de algum desenvolvimento económico (*Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*, 1984). Em 1937 o Governo Português decidiu baixar os impostos cobrados ao carvão, contudo esta medida, pedida desde finais do século anterior, chegou demasiado tarde (Leite, 1983).

A conjuntura volta a ser desfavorável nos anos 40 culminando nas duas grandes fomes de 1941/43 e 1947/48. O facto de Portugal ter mantido uma posição “neutra” em relação à guerra fez com que fosse alvo do bloqueio por parte dos aliados e, consequentemente, as suas colónias também foram afectadas. Em 1940 chegaram à ilha cerca de 5.000 tropas expedicionárias portuguesas, que por lá permaneceriam até ao fim da guerra. Terão sido os restos do rancho dos militares portugueses em São Vicente que evitaram que muita gente, sobretudo a que vivia perto dos quartéis, morresse de fome.

Mas mais que a instabilidade política ou as condições ambientais, segundo o estudo *Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*, o Porto Grande e consequentemente a ilha de São Vicente foram vítimas, quer da ganância das companhias, quer da inépcia financeira, política e organizativa do Estado Português (1984).

4- A evolução demográfica da Ilha de São Vicente

São Vicente foi das últimas ilhas de Cabo Verde a ser povoada o que terá ocorrido apenas em finais do século XVIII com perspectivas de fixação permanente. Contudo, várias foram as tentativas realizadas até que finalmente a ilha pudesse ter uma população residente como já referimos. Estas tentativas foram fracassando por assentarem num modelo de colonização agrícola, que devido às características da ilha, como a aridez e falta de água, e às secas acabavam por condenar os habitantes à morte ou à emigração para outras ilhas. Apenas quando o modelo de colonização passou a estar assente na exploração e desenvolvimento do porto da ilha, ela se tornou atractiva, quer para os investimentos quer para os homens. É

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

possível reconstruir o número de residente em São Vicente desde finais do século XVIII, embora com inevitáveis margens de erro. Estas podem explicar algumas variações súbitas do número de efectivos, de que constitui exemplo a segunda parte da década de 20.

A população aumentou gradualmente embora com oscilações pontuais típicas de sociedades anteriores à transição demográfica. De 1807 a 1810 o volume populacional diminui, contribuindo para esta descida a crise de fome de 1810 que afectou todas as ilhas. Entre 1815 e 1855 a população foi aumentando devido ao desenvolvimento do porto e da povoação. Contudo, em 1856 o volume populacional sofre nova quebra, estimada em cerca de metade em comparação ao ano anterior. Esta descida deveu-se a uma epidemia de *cólera morbus* de cariz internacional que, em Agosto alastrou pela ilha, com enormes níveis de mortalidade, tendo durado até 1857. A epidemia chegou à ilha através dum vapor proveniente da Madeira, que aportou a 23 de Agosto de 1856. Apenas em Outubro esta epidemia foi declarada como oficialmente extinta (Barcellos, 2004, p. 254). Entretanto a doença também se espalhou por outras ilhas, provocando aí elevada mortandade. Em São Vicente, de todas as perdas em vidas humanas a mais sentida foi a do Dr. Guibarra, que morreu devido ao contágio adquirido através do auxílio prestado aos doentes. A ajuda aos doentes veio de Portugal, sob a forma de médicos, medicamentos e mantimentos, mas também de Inglaterra, como por exemplo colchões e roupas (Barcellos, 2004, p. 51).

Em 1859 a população já havia recuperado dos efeitos negativos da crise de 1856, tendo atingido o valor de 1855 incrivelmente. Mas em 1860 o número de habitantes volta a diminuir ligeiramente. De 1862 a 1864 verifica-se um novo aumento da população que, entretanto é travado em 1865 face à crise de fome de 1864-1866, que afectou drasticamente as ilhas de Cabo Verde mas que em São Vicente não teve excessiva influência. No período compreendido entre 1866-1890 o número de habitantes volta a subir, com ligeiras oscilações. A descida de 1886 pode ser justificada pela escassez de chuvas que afectava as ilhas desde 1883, reflectindo-se na sua produção agrícola.

Em 1891 a população de São Vicente diminui e esta tendência mantém-se até 1897. Em 1893 há o registo duma nova epidemia de cólera, trazida a bordo de navios que escalaram portos europeus, que durou cerca de cinco meses, de Agosto a Dezembro do referido ano (Matos, s.d.). Os seus efeitos juntam-se à primeira crise do Porto Grande de 1890-1891 e a crise de fome de 1896-1897. Com a crise de emprego em São Vicente a ilha deixou de ser atractiva para a mão-de-obra das outras ilhas, diminuindo assim o fluxo de imigrantes. Para além disso, era frequente em alturas com menos oferta de emprego ou de fome o regresso dos

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

camponeses às ilhas de origem, por vezes fomentado pelas autoridades locais. No seu relatório sobre os anos de 1886 a 1891, o Governador Joaquim Vieira Botelho da Costa, aponta como factores que levaram à diminuição da população em 1891 a crise de trabalho, o repatriamento de «grande número de indigentes por conta do Estado» e a retirada de «outros muitos indivíduos por sua conta própria» (1895, p. 914).

No período de 1898 a 1910 a população residente volta a aumentar, com excepção de 1902-1903 e 1906. A descida assinalada nesses anos foi o resultado da crise de 1901-1904. Segundo um artigo denominado «*A crise de trabalho*», publicado num jornal em Novembro de 1902, em São Vicente «lavra assustadoramente [...] a crise de trabalho, pela fuga da navegação deste porto; a miséria já há meses que invadiu, com os seus horrores, o triste albergue do pobre trabalhador [...]. O comércio definha a olhos vistos [...] A febre e a disenteria acompanham aqueles horrores» (Carreira, 1984, pp. 51-52).

Em 1911 diminui ligeiramente o número de habitantes, aumentando de seguida entre 1912 e 1929. Contudo, de 1929 para 1930 a população baixa drasticamente de 18.227 para 12.887, cerca de 6.000 pessoas. Não foram encontrados registos de crises alimentares ou de mortalidade para a ilha de São Vicente que explicassem esta descida abrupta nos habitantes de São Vicente, embora ela possa parcialmente ser explicada pela depressão mundial. As ilhas ainda se encontravam a recuperar das grandes estiagens de 1920 e de 1923-1924, ou seja, os produtos alimentares ainda continuavam a ser fornecidos a preços elevados; e o volume das remessas dos emigrantes cabo-verdianos também diminui consideravelmente (*Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*, 1984). Logo, esta conjuntura poderá ter levado muitos habitantes desta ilha a saírem da mesma.

Nos anos compreendidos entre 1931 e 1939, retoma-se o crescimento demográfico, bruscamente interrompido em 1940 com a falta de chuvas. Apesar do aumento populacional, a população da ilha não deixou de viver momentos dramáticos e complicados resultantes da diminuição do movimento marítimo³⁷. Esta redução teve implicações directas no aumento do desemprego e na diminuição do poder de compra dos *mindelenses*. A falta de trabalho e as dificuldades económicas em adquirir alimentos, facilitaram o surgimento de uma onda de contestação em São Vicente em Junho de 1934, que ficou conhecida como a “Revolução de Nhô Ambrose”.

³⁷ Para consultar a flutuação do movimento marítimo no Porto Grande do Mindelo consultar figura 9, em Apêndice.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Com a falta de chuvas, surge uma grave crise de fome, cujos efeitos devastadores se vão alastrar de 1940 até ao ano de 1943. Para a ilha de São Vicente os efeitos negativos desta escassez de alimentos são ainda agravados pela constante diminuição do movimento no porto da ilha. O Governo da Província, de modo a minimizar os efeitos da crise, ordena a abertura de créditos destinados a obras públicas, essencialmente reparação e construção de estradas, onde eram empregados aqueles que ainda conseguiam trabalhar (Carreira, 1984 a), p.102). A própria conjuntura internacional, devido ao decorrer da Segunda Guerra Mundial, não permitia que os socorros prestados às vítimas da fome chegassem em tempo útil ou sequer que chegassem de todo.

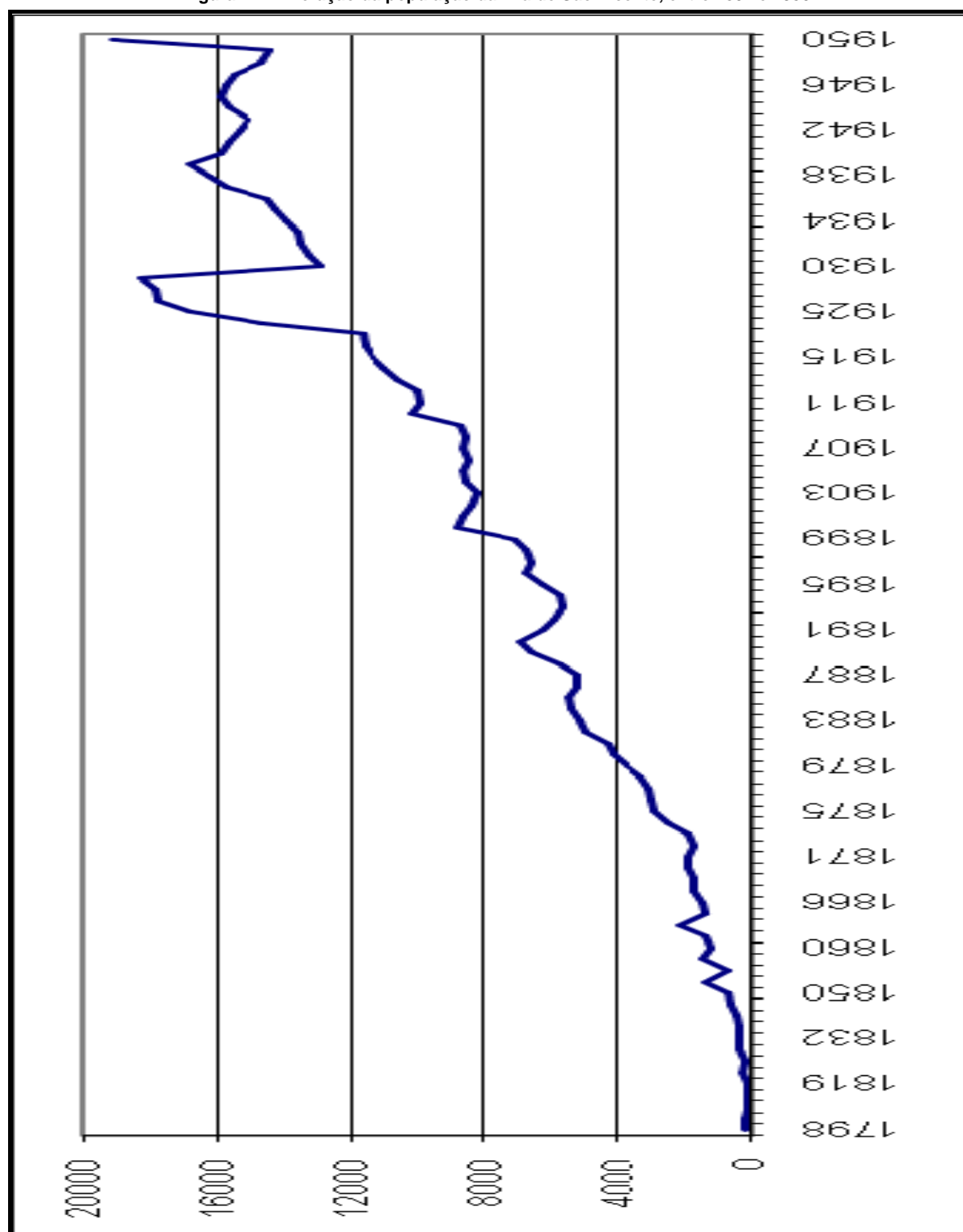
Assim que as crises começavam a atenuar, a população aumentava o que sucede entre 1944 e 1946, com o final da guerra e as expectativas face ao desenvolvimento económico e marítimo que daí poderiam resultar.

Contudo, uma nova crise de fome volta a assombrar as ilhas em 1947, sendo a pior de todas as crises por que passaram as ilhas. Os efeitos desta “nova” crise foram agravados pelo facto da população estar ainda debilitada e a recuperar da de 1940. Em São Vicente, a falha no abastecimento dos produtos nacionais e os altos preços cobrados pelos produtos importados colocaram a população numa situação difícil.

À semelhança do comportamento populacional a nível global do arquipélago, também São Vicente viu a sua população recuperar substancialmente nos últimos anos de 40.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Figura 17 – Evolução da população da ilha de São Vicente, entre 1807 e 1950

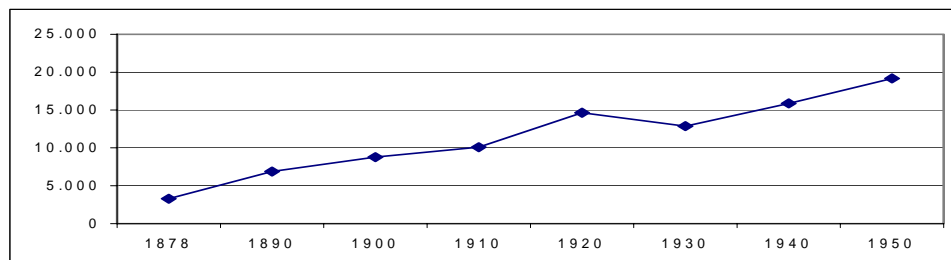


Fonte: Quadro 22, em Apêndice.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Quando analisada a evolução da população, segundo os censos populacionais, vemos que em São Vicente esta foi sempre positiva, com excepção do período abarcado entre 1920/1930.

Figura 18 – Evolução populacional de São Vicente, segundo dados dos censos

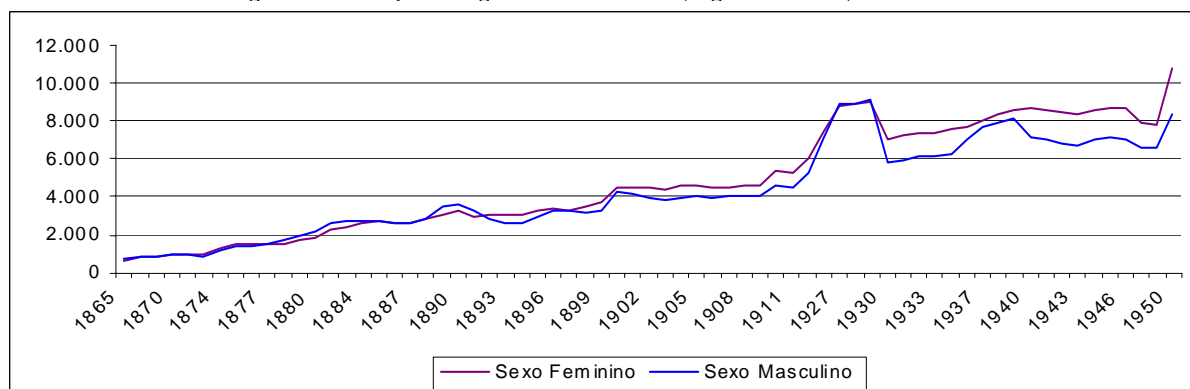


Fonte: Apêndice, quadro 22.

No que diz respeito aos sexos, inicialmente a quantidade de homens é superior mas, regularmente o número de mulheres atinge e por vezes ultrapassa o de homens. Aliás, ao longo do tempo vão-se alternando períodos de superioridade numérica masculina com períodos de superioridade feminina.

Nesta ilha os dados populacionais segundo os sexos, só existem de 1865 em diante. Até 1867 a superioridade é da população masculina, o que vem de acordo com os dados que existem sobre o povoamento e desenvolvimento da ilha, que começou por ser frequentada inicialmente por homens, que depois mandavam buscar as suas famílias. Mas já em 1869 o número de mulheres ultrapassa o dos homens e assim se mantém até 1876. A partir de 1877, a população masculina volta a aumentar os seus efectivos, ultrapassando a feminina. Esta mudança pode ser explicada pelo aumentar do tráfego marítimo no Porto Grande que originou grande procura de mão-de-obra, ligada às actividades portuárias, predominantemente de homens.

Figura 19 – Evolução demográfica de São Vicente, segundo os sexos, entre 1885 e 1950



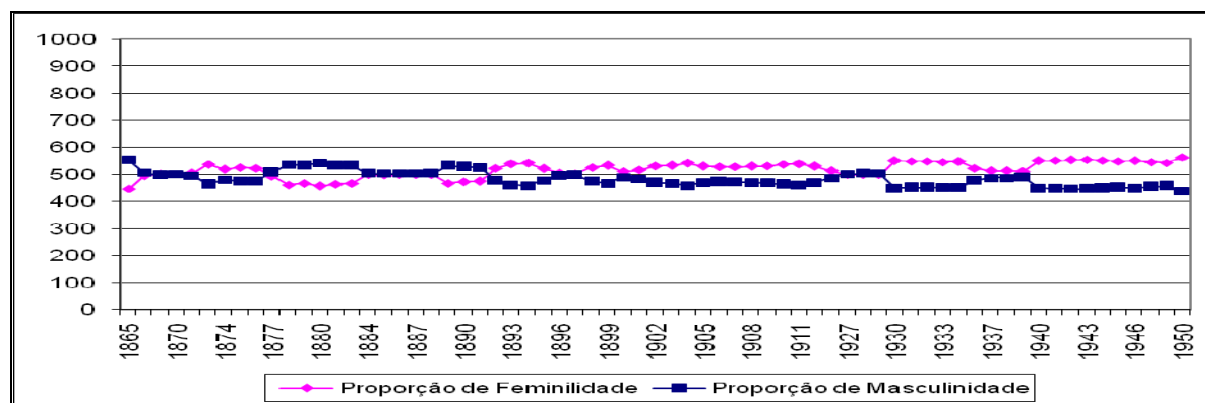
Fonte: Apêndice, quadro 22.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Com a primeira crise do porto de São Vicente, em 1891, a situação a nível dos efectivos por sexo volta a inverter-se, mantendo-se o sexo feminino em número superior até 1920. Com os operários do porto no desemprego a opção era emigrar, e inicialmente quem primeiro abandonava a sua terra natal eram os homens. Por um brevíssimo período, de 1927-1929 os homens voltam a ser em maior número. E a partir de 1930 são as mulheres que vão constituir a maioria da população da ilha. Resumindo, para o período compreendido entre 1865 e 1950, em média, existiram mais mulheres do que homens, sendo cerca de 51,8% mulheres. Quando se comparam as proporções de masculinidade e de feminilidade, os resultados apontam que, em média para este período, por 1000 pessoas, 483 pertenciam ao sexo masculino e 517 ao feminino.

Observando o gráfico abaixo constatamos que foram três os períodos em que existiram muitos mais homens que mulheres nesta ilha, todos durante o século XIX (de 1865 a 1867; de 1877 a 1884 e de 1889 a 1891), embora este rácio possa estar influenciado pela má qualidade das informações de base. Houve também quatro alturas em que os efectivos de ambos os sexos quase se sobrepuseram, de 1867 a 1871; de 1884 a 1888; de 1896 a 1897 e de 1927 a 1930.

Figura 20 – Comparação entre as proporções de masculinidade e de feminilidade de São Vicente, entre 1865 e 1950 (%)



Fonte: Apêndice, quadro 23.

Outro elemento que também ajuda a perceber as flutuações e desenvolvimento populacional da ilha são as pirâmides de idades, feitas a partir dos dados obtidos nos recenseamentos realizados (figura 21).

Maioritariamente a repartição por idade e sexo dos efectivos residentes mantém a configuração de, em acento circunflexo transparecendo uma característica, que também é comum ao conjunto das ilhas de Cabo Verde, esta é uma população jovem. Em 1950, o facto

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

dos dois primeiros grupos de idades terem menos efectivos que os dois seguintes é uma consequência directa das duas grandes fomes dos anos 40.

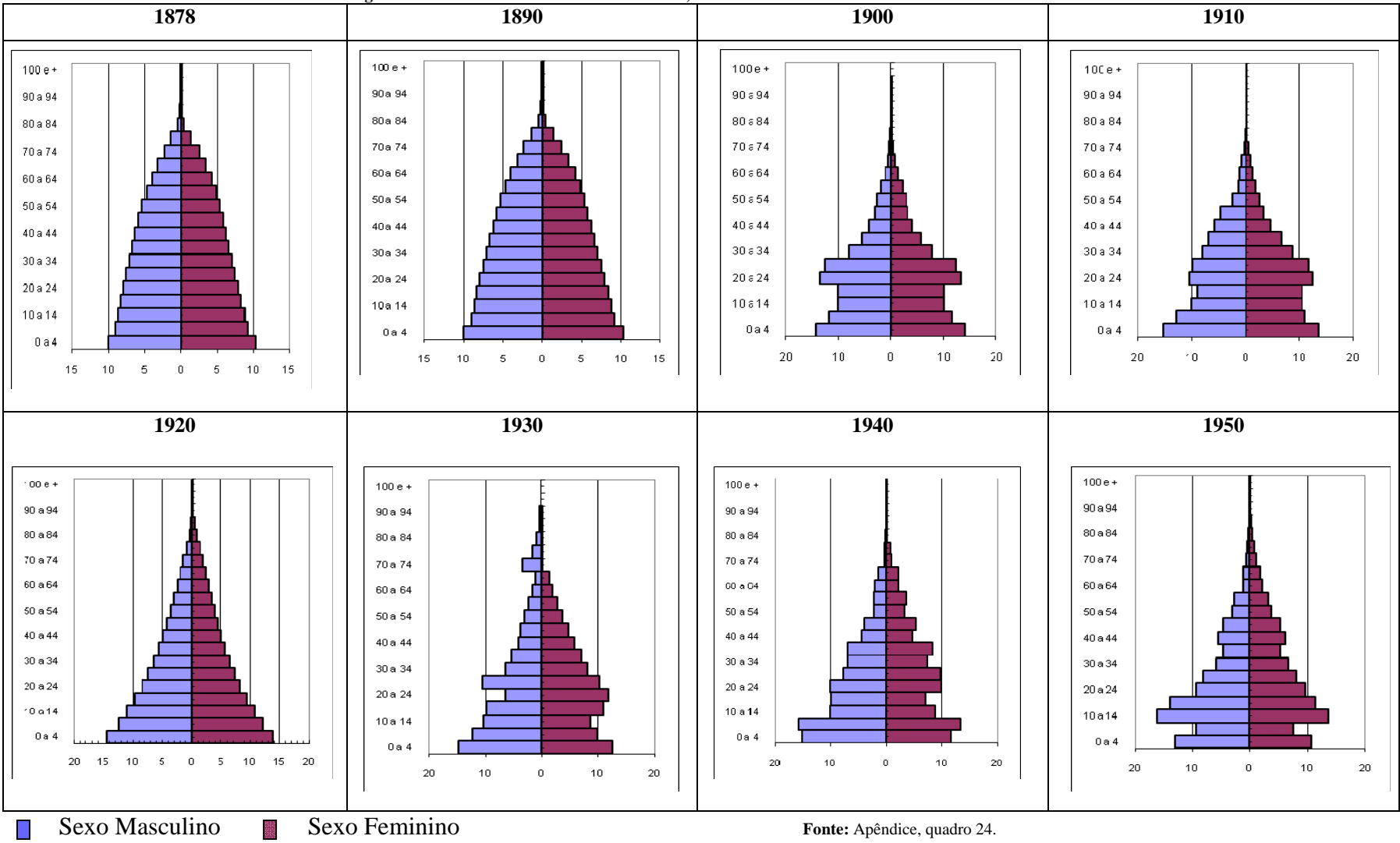
Conforme se pode constatar, as pirâmides referentes aos momentos censitários de 1878, 1890 e 1920 são pirâmides perfeitas. Porém, não podemos esquecer que estas foram calculadas a partir do método das populações estáveis, daí que não existam cortes ou falhas resultantes dos efeitos das crises de mortalidade e/ou dos fluxos migratórios. Na pirâmide de 1900 é visível um corte nas idades compreendidas entre os 10 e os 19 anos, fenómeno que pode ser explicado pela crise de 1891 em que, a população viu o seu número diminuir em resultado da crise de trabalho que afectou a ilha mas também pelas várias outras crises alimentícias dos últimos anos do século XIX. Já dos 20 aos 29 anos verifica-se que, ao contrário dos dois grupos de idades anteriores, houve um alargamento. Esta concentração mais elevada de população nestas idades, pode ser consequência do desenvolvimento verificado desde 1880 no Porto Grande do Mindelo. Este desenvolvimento, que originou procura de mão-de-obra foi um chamariz para os habitantes das outras ilhas, adultos jovens em idade activa que para São Vicente se dirigiram à procura duma vida melhor.

No ano de 1910 nota-se um corte pronunciado entre os 10 e os 19 anos que pode resultar da execução da obrigatoriedade do registo dos nascimentos. Não se encontrou referência a qualquer outro acontecimento ou fenómeno que pudesse explicar este comportamento. Para o ano de 1930, se não fossem falhas em alguns grupos de idades e sobrecarga noutros, seria uma pirâmide perfeita, onde os modelos de mortalidade e fecundidade se aplicariam na íntegra. Assim temos, entre os 5 e os 14 anos uma maior diminuição dos efectivos femininos; dos 20 aos 24, uma menor proporção de homens, que pode ter explicação no facto de emigrarem mais homens do que mulheres. Entretanto dos 25 aos 29 anos a população masculina aumenta os seus efectivos. Outra característica desta pirâmide é que a partir dos 69 anos a população feminina diminui substancialmente, o que pode derivar do subregisto desse grupo, uma vez que contraria a relação de maior limite esperado, considerando a maior esperança média de vida nas idades mais avançadas.

Em 1940 verifica-se que o grupo dos 5 aos 9 anos, comparativamente ao primeiro grupo de idades, aumenta o seu número de efectivos. Esta situação pode resultar da melhoria das condições de alimentação das pessoas e de algum desenvolvimento. Entre os 10 e 24 anos o número das mulheres reduz-se.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Figura 21 – Pirâmides de idades de São Vicente, nos anos censitários



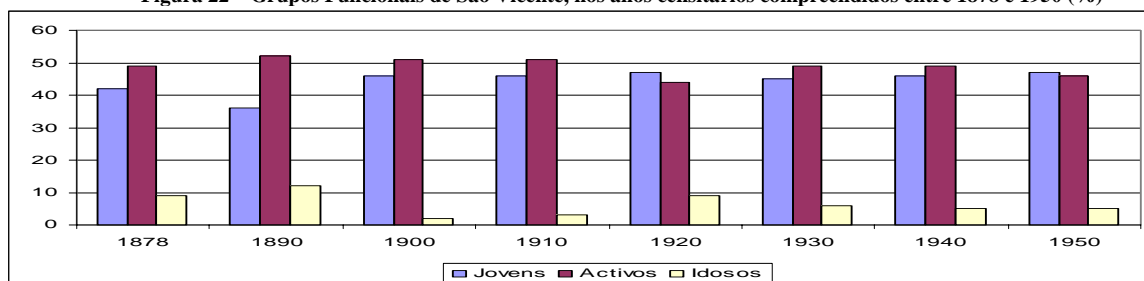
Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Finalmente, na pirâmide de 1950 nota-se perfeitamente os efeitos das duas grande crises dos anos 40 anos dois primeiros grupos de idade, especialmente no segundo grupo visto que no primeiro entram sempre os que nasceram no ano de 1950 e que ainda não faleceram. A partir dos 10 anos de idade a pirâmide é quase perfeita, com excepção do grupo dos 40 aos 44 anos, que é mais largo que o grupo imediatamente anterior, o que será explicado pela atracção pelas idades terminadas em zero e noutros números pares.

Examinando os dados sobre a população de São Vicente, segundo grupos funcionais, temos que, entre 1878 e 1920 aumenta o número de jovens assim como o de activos, que entretanto no decénio 1920/1930 baixam. A representatividade destes dois grupos volta a aumentar entre 1930 e 1950. No tocante ao grupo dos cidadãos mais velhos conclui-se que a sua evolução é feita de avanços e retrocessos.

Assim, temos que de 1878 a 1890 este grupo funcional dos 60 e mais anos aumenta os seus efectivos, diminui até 1900, aumenta de seguida durante o período de 1900/1920. No decénio 1920/1930, à semelhança dos jovens, verifica-se uma descida e finalmente, nas décadas de 30 e 40 também diminui ligeiramente, o que pode decorrer da sua maior vulnerabilidade física numa época de sucessivas conjunturas adversas.

Figura 22 – Grupos Funcionais de São Vicente, nos anos censitários compreendidos entre 1878 e 1950 (%)



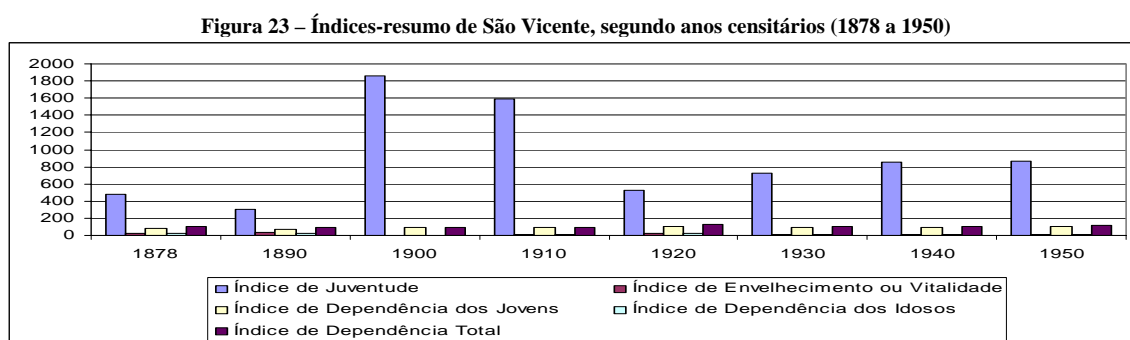
Fonte: Apêndice, quadro 25.

Resumindo, 1890 foi o ano mais envelhecido, ou seja aquele que registou um maior número de idosos e um menor número de jovens, mas também foi aquele que teve mais activos. Comparativamente o ano de 1900 foi aquele que teve menos idosos em todo o período analisado. Os momentos que podem ser considerados de mais juventude na população mindelense foram 1920 e 1950.

A análise dos principais Índices-resumo permite outras conclusões adicionais. No que diz respeito ao Índice da juventude o ano de 1890 registou o valor mais baixo, com 100 idosos para cada 301 jovens, tendo sido no ano de 1900, registado o valor mais elevado, com um rácio de 1857 jovens por cada 100 idosos. Como é evidente, o Índice de envelhecimento

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

registou o valor mais elevado precisamente em 1890, em que por cada 100 jovens existiam 33 idosos e o menor valor em 1900, em que a relação jovens/ idosos baixou para 5 idosos por cada 100 jovens. Quando calculamos o índice de Dependência dos Jovens, concluímos que em 1920 foi o ano em que este foi mais elevado, já que por cada 100 pessoas potencialmente activas estavam dependentes 106 jovens. E o ano em que se registou o menor valor foi 1890, com a proporção de 71 jovens para cada 100 activos ou potencialmente activos. Quanto ao índice oposto, o da Dependência dos Idosos, foi maior em 1890, em que existiam 24 idosos por cada 100 pessoas potencialmente activas e foi menor em 1900, em que a proporção baixou para os 5 idosos. Juntando os dois índices anteriores obtém-se o da dependência total. Em São Vicente ele foi mais elevado em 1920, momento em que por cada 100 pessoas potencialmente activas existiam 126 jovens e idosos dependentes. O valor mais baixo deste índice foi atingido nos anos de 1890 e 1900, existindo por 100 activos 94 jovens e idosos.



Fonte: Apêndice, quadro 26.

4.2 – A Natalidade em São Vicente

Neste capítulo, será analisado o comportamento dos nascimentos ocorridos na ilha de São Vicente durante o período em análise, bem como a sua comparação com o panorama geral do arquipélago para a mesma época.

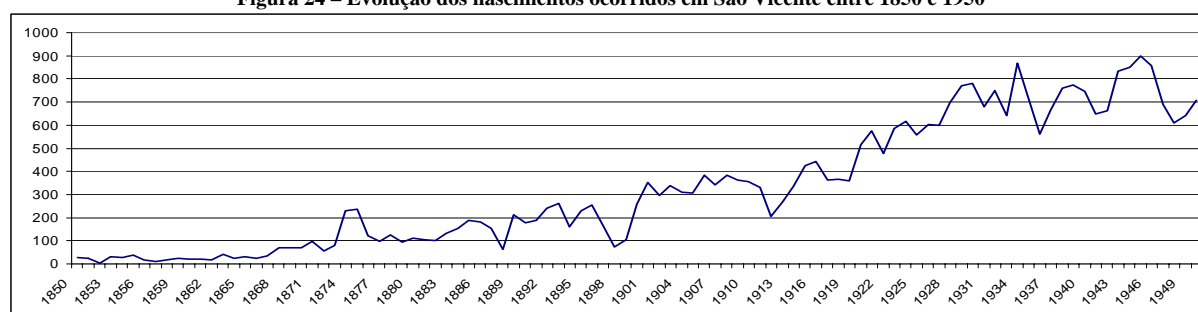
Como é possível verificar através da figura 24 seguidamente apresentada, podemos constatar que, de 1850 a 1873 o número de nascimentos anuais se situa sempre abaixo dos cem. A evolução deste volume anual é mais ou menos linear com excepção de dois momentos. O primeiro ocorre entre 1851-1852, em que se verifica uma quebra nos nascimentos. De 26 nascimentos passou-se para apenas 4, ou seja, houve uma quebra de mais de 80%. Existem registos que mencionam a incidência duma epidemia palustre em 1852, o

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

que poderá explicar esta diminuição. O segundo momento data de 1871- 1872, anos em que se verifica uma quebra na ordem dos 50% nos nascimentos (de 99 passou-se para 55). Nos relatórios médicos sobre a saúde da ilha para esses dois anos são feitas referências às “febres palustres” que iam acometendo as pessoas³⁸.

A partir de 1873 constata-se que, apesar do efeito “em serra”, o número de nascimentos foi aumentando gradualmente, conforme se pode comprovar pela análise da figura 25, onde constam as médias dos nascimentos por decénios. No entanto, a tendência positiva quando analisada numa grelha mais fina permite verificar que a realidade foi sendo pautada por variações anuais nem sempre concordantes. Assim o aumento dos nascimentos foi sendo entrecortada por períodos de quebra pontuais, num total de 16. Estas falhas, espaçadas no tempo ocorreram nos anos de 1852, 1872, 1877, 1888, 1894, 1898, 1902, 1907, 1912, 1922, 1925, 1931, 1933, 1936, 1941 e 1948 respectivamente. A quebra mais íngreme e resistente verifica-se entre 1934 e 1936, período em que os nascimentos diminuíram cerca de 50%. Após a diminuição abrupta verificada em 1912, o número de nascimentos aumentou consideravelmente, e mesmo nos períodos em que diminuiu não atingiu, nem sequer se aproximou do valor de 204 nascimentos constatados no ano referido. O fenómeno da natalidade para este período foi caracterizado por oscilações, algumas bruscas, e por curtos períodos de estabilidade.

Figura 24 – Evolução dos nascimentos ocorridos em São Vicente entre 1850 e 1950



Fonte: Apêndice, quadro 27.

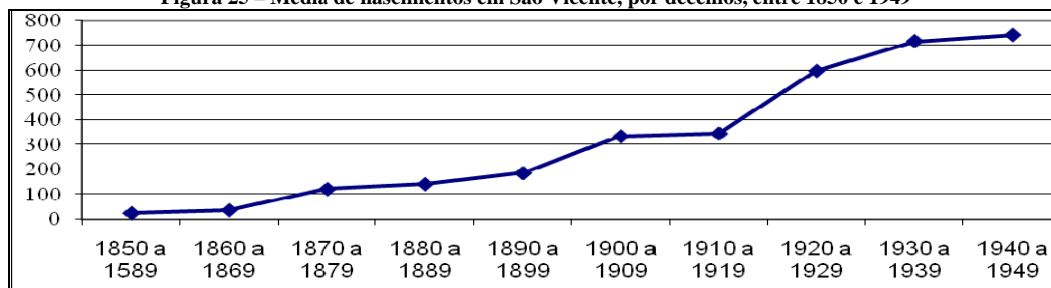
Quando passamos a analisar os valores anuais de nascimentos para o mesmo período através de médias decenais, obtivemos uma linha mais linear e na qual as oscilações verificadas na figura 24 acabam por desaparecer. Assim, embora de 1850 a 1909 esta progressão não seja tão pronunciada verificou-se uma ligeira estagnação entre 1900 e 1919. Já

³⁸ B.O. número 22 de 1 de Junho de 1872; 41 de 12 de Outubro de 1872 e 47 de 23 de Novembro de 1872.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

nos decénios de 20, 30 e 40 notou-se um aumento extraordinário nos valores demográficos registados, que foi travado no último decénio do período em análise pelas duas grandes crises.

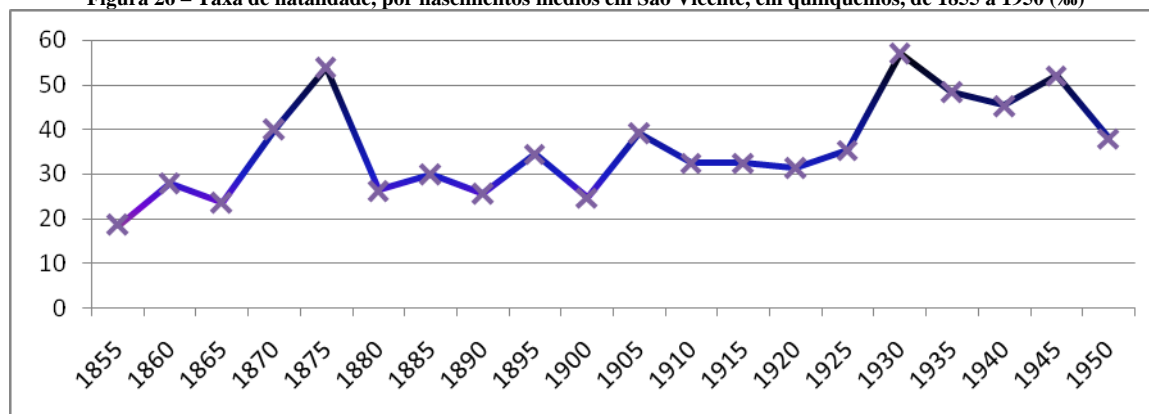
Figura 25 – Média de nascimentos em São Vicente, por decénios, entre 1850 e 1949



Fonte: Apêndice, quadro 27.

Na ausência da informação sobre a população média para cada ano, optou-se por elaborar um gráfico com a taxa da natalidade calculada a partir da média dos nascimentos ocorridos por quinquénios. Os resultados coincidem com as variações referidas nos diferentes anos, mantêm uma ligeira estabilização entre 1915 e 1930. Os anos em que se verificaram níveis mais elevados de natalidade foram 1880, 1835 e 1950, em que por cada mil pessoas nasceram mais de 50 crianças.

Figura 26 – Taxa de natalidade, por nascimentos médios em São Vicente, em quinquénios, de 1855 a 1950 (‰)

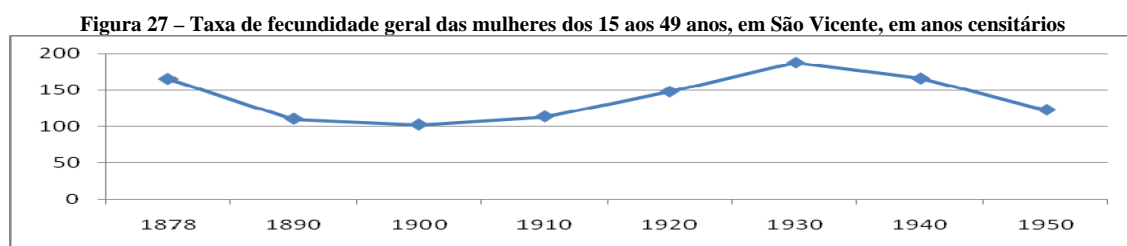


Fonte: Apêndice, quadro 28.

Após a observação do fenómeno da natalidade segundo as medidas globais partimos para as medidas específicas, neste caso a taxa de fecundidade geral. Esta taxa procura medir a frequência da fecundidade na população feminina em idade para procriar (Leston, 2004, p. 279). Face à ausência da informação sobre o número de mulheres por grupos de idades quinquenais dos 15 aos 49 anos, ao longo de todo o período temporal em estudo, optou-se por calcular esta taxa para os anos censitários. Nestes diferentes momentos, o número de mulheres em idade para procriar e que efectivamente o fizeram, foi sofrendo variações, sendo visível

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

detectar a existência de três períodos distintos: o primeiro de 1878 a 1900, é um período de diminuição, em que o número baixa de 165 mulheres para 103 em cada mil. O segundo de 1910 a 1930, é de crescimento, chegando a atingir o valor de 188 mulheres em mil, e por fim, o período de 1940 a 1950, de novo de diminuição em que para cada ano, 166 e 123 mulheres respectivamente, por cada mil tiveram pelo menos um filho.



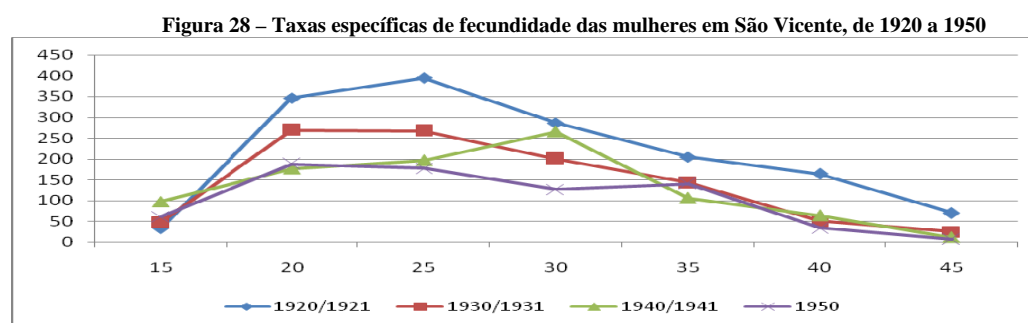
Fonte: Apêndice, quadro 29.

Quando comparadas a taxa de natalidade com a taxa de fecundidade geral apuramos que, realmente as crises dos anos 40 vieram quebrar o ritmo de crescimento da natalidade, que havia começado de forma mais intensa no início do século XX.

Um outro instrumento de análise deste fenómeno demográfico é tábua de fecundidade geral, e consequentemente o cálculo do calendário e da intensidade da fecundidade. Contudo, apenas foi possível calcular estes valores após 1914 pois, foi só a partir deste ano, com a entrada em vigor em Cabo Verde da obrigatoriedade do registo e da secularização dos serviços (previstas no Código de 1911), a informação sobre a idade das mães passou a constar no registo do nascimento. As tábuas tiveram que ser calculadas apenas sobre os anos censitários, pois apenas nestes se obteve a informação sobre a distribuição das mulheres por grupos de idade. Como os censos foram aplicados em Dezembro considerou-se que esses dados corresponderiam à população média para o ano censitário e o imediatamente a seguir, com a excepção de 1950, por não ter sido possível obter as informações relativas à natalidade de 1951. Sendo assim, da observação da figura 28 é possível constatar que a evolução das taxas específicas de fecundidade para os anos de 1920/1921 e 1930/1931 é semelhante, em que a partir dos 25-29 anos a fecundidade começa a diminuir. A única diferença para estes dois anos é que em 1930/1931, entre o grupo dos 20-24 anos e 25-29 anos se verifica uma estabilização da fecundidade. No período 1940/1941 existe uma diferença em relação aos outros períodos e entre os 30-34 anos existe um pico da fecundidade. Finalmente, para 1950 também é notória a existência de um pico entre os 30-35 anos, embora menor, havendo uma ligeira retoma no grupo de idades seguintes. Em conclusão, podemos afirmar que o nível de

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

fecundidade foi baixando ao longo dos anos, contudo no primeiro grupo de idades dos 15-19 anos a tendência foi inversa. Aqui a fecundidade foi aumentando, sendo um fenómeno que perdura até à actualidade, obrigando os sucessivos governos e ministérios da saúde a desenvolverem campanhas de informação e sensibilização para esta situação. Este é um facto que contribui para o abandono escolar por parte das raparigas e perpetua um ciclo vicioso da pobreza, em que as filhas continuam a cometer os mesmos erros que as suas mães e avós já haviam cometido.

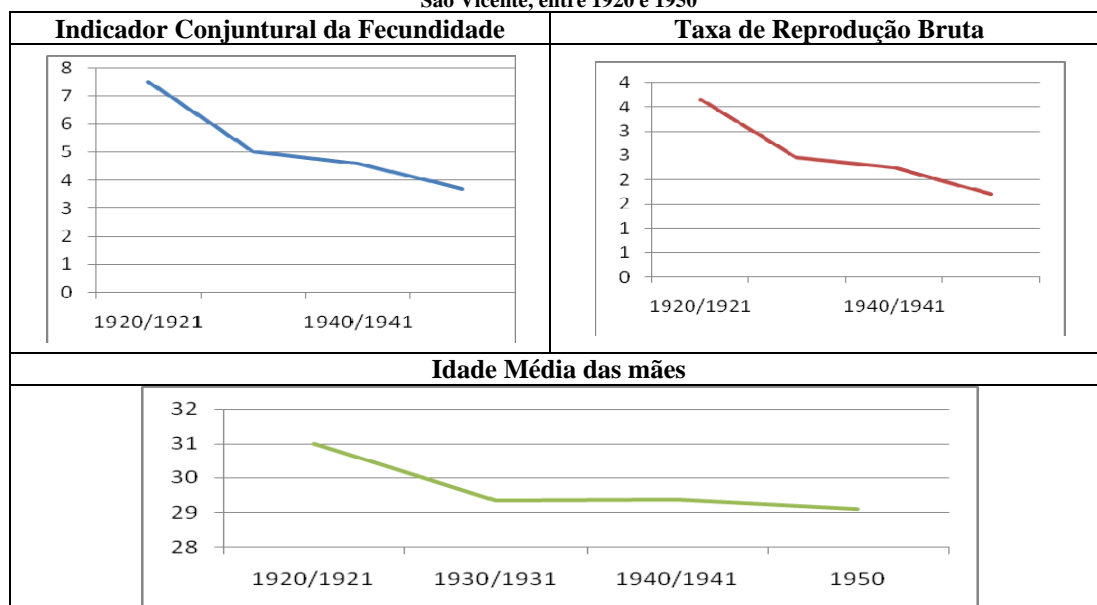


Fonte: Apêndice, quadro 30.

A partir dos cálculos da taxa específica de fecundidade foi possível chegar ao Indicador Conjuntural da Fecundidade, à Taxa de Reprodução Bruta e à Idade média das mães. A evolução nestes indicadores foi semelhante à anterior, os seus valores foram baixando ao longo dos anos, com um período de estabilização entre 1930 e 1940, conforme consta na figura 29. O número de filhos por mulher baixou dos 7,5 filhos em 1920/1921 para 3,7 filhos em 1950. A maior descida no indicador conjuntural da fecundidade deu-se entre 1920/21 e 1930/31 em que, de 7,5 filhos por mulher se passou para 5,0 filhos. Em 1940/41 este indicador baixou mais 0,4 pontos percentuais atingindo o valor de 4,6 filhos por mulher. Já a capacidade de reprodução das mulheres também baixou das 3,7 filhas por mulher verificadas em 1920/1921 para 1,7 em 1950. A maior descida verificou-se entre 1920/21 e 1930/31, em que das 3,7 filhas por mulher se passou para 2,5 filhas. Em 1940/41 o valor da taxa de reprodução era de 2,2, com uma diferença de apenas 0,3% relativamente a 1930/31, caindo 0,5 pontos percentuais até 1950. Finalmente, no que diz respeito às idades médias da fecundidade esta baixou dos 31 anos em 1920/1921 para 29 anos em 1950. Neste indicador as variações foram menores, pois desde 1930/31 que este se situa nos 29 anos. A maior diferença de valores foi entre 1920/21 e 1930/31 em que dos 31 anos se passou para os 29, 3 anos.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

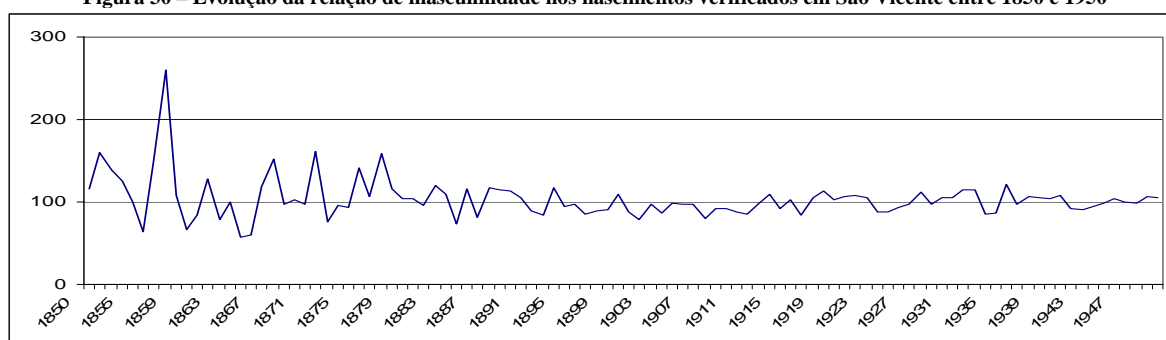
Figura 29 – Evolução do Indicador Conjuntural da Fecundidade, Taxa de Reprodução Bruta e Idade Média das mães em São Vicente, entre 1920 e 1950



Fonte: Apêndice, quadro 31.

Observando a relação de masculinidade nos nascimentos, conferimos que até 1882, a tendência era que, em cada cem nascimentos nascessem mais rapazes do que raparigas, com diferenças significativas. Após esse ano, o número dos nascimentos para cada sexo foram-se aproximando mais, deixando de se verificar discrepâncias tão acentuadas. Pensamos que, as enormes diferenças entre os sexos, especialmente até 1882, se podem justificar pela inexactidão dos dados dos registos paroquiais. E esta inexactidão poderá ser explicada pelo comportamento dos pais, que provavelmente registavam mais os bebés do sexo masculino, pois pensava-se que, eram estes quem careciam mais de ter existência jurídica e civil, pois eram eles que votavam ou herdavam os bens. Existe uma anomalia detectada no ano de 1858, em que a relação de masculinidade é de 260 nascimentos masculinos para cada 100 nascimentos, que resulta de apenas se terem ocorrido 5 registos femininos e 13 masculinos. Flutuações deste tipo podem dever-se ao facto de se trabalhar com números pequenos.

Figura 30 – Evolução da relação de masculinidade nos nascimentos verificados em São Vicente entre 1850 e 1950



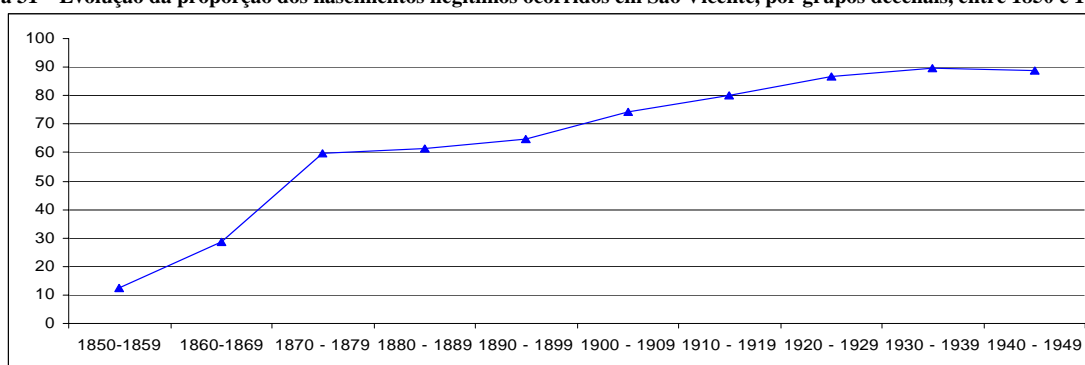
Fonte: Apêndice, quadro 32.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Era também frequente que os recém-nascidos fossem registados meses ou até mesmo anos depois do nascimento³⁹. Este registo tardio dos nascimentos foi uma constante ao longo do período estudado. Como já referimos, durante a pesquisa nos arquivos do registo civil de São Vicente, com alguma frequência encontramos casos de casais que registaram todos os filhos, apesar de nascidos em anos diferentes, no mesmo dia, sobretudo nos livros relativos a 1914, 1915, 1916 e 1917 (os primeiros do registo civil).

Quando examinada a ilegitimidade nos nascimentos ao longo do período em questão, vemos que curiosamente esta foi aumentando com o passar dos anos. Este aumento, supomos ser resultado da ampliação do volume populacional e da adopção e manutenção dum determinado comportamento social que consiste nas uniões de facto. Pode-se confirmar pela figura seguinte que, entre as décadas de 1850 e 1870 houve um aumento acentuado dos nascimentos fora do casamento. De 12 nascimentos ilegítimos na década de 1850 passou-se para 60 em 1870, houve portanto um aumento em mais de 200%.

Figura 31 – Evolução da proporção dos nascimentos ilegítimos ocorridos em São Vicente, por grupos decenais, entre 1850 e 1950 (%)



Fonte: Apêndice, quadro 33.

Durante a década de 1870 e 1889, a proporção dos nascimentos ilegítimos situa-se nos 60 a 62 nascimentos por cada 100. A partir de 1890 e até 1939, a proporção destes nascimentos ilegítimos no total dos nascimentos vai sempre aumentando, chegando a atingir o valor de 90% na década de 1930-1939. Nos anos 40 a 49 o valor desta proporção baixa ligeiramente, para os 89 nascimentos ilegítimos em cada 100 nascimentos.

Analisando a sazonalidade desta variável demográfica, segundo os meses de concepção⁴⁰, concluímos que a população de São Vicente no século compreendido entre 1850 e 1949, concebeu os seus filhos preferencialmente nos meses de Dezembro, Abril, Março,

³⁹ Por exemplo, no ano de 1915 houve um casal que registou quatro filhos nascidos em 1898, 1900, 1908 e 1911.

⁴⁰ Figura 10, em Apêndice.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Junho e Fevereiro. Por outro lado, os meses em que se gerou menos filhos foram Outubro, Maio, Agosto e Novembro.

Sabendo que o clima em Cabo Verde é dividido essencialmente em duas estações: *as-águas* (de Agosto a Setembro) e *as-secas* (de Dezembro a Julho) e comparando esta divisão climática com a sazonalidade dos nascimentos, verificamos que as concepções ocorreram maioritariamente na estação seca. Esta estação corresponde ao chamado inverno e primavera boreais, em Cabo Verde é um período de muito vento e pouca actividade no sector agrícola, deixando as pessoas com mais tempo livre e disponibilidade. Já na chamada “estação *das-águas*” é a altura dos trabalhos agrícolas e da chuva. É de salientar que São Vicente é uma ilha onde a actividade agrícola não é tão generalizada como em de Santo Antão, Santiago ou mesmo Fogo, já que nesta a pluviosidade não costuma ser frequente ou suficiente para garantir bons anos agrícolas. Contudo, pensamos que esta aparente contradição entre a sazonalidade dos nascimentos e a produção e trabalhos agrícolas, pode ser explicada pelo facto da ilha ter sido povoada maioritariamente por pessoas oriundas de Santo Antão e São Nicolau, ilhas agrícolas, que trouxeram consigo os hábitos e costumes praticados nessas ilhas.

Quanto ao local de nascimento, até 1923 os nascimentos aconteceram em casa, apenas em 1924 começaram a surgir casos de crianças que nasceram no hospital. Estes casos nunca ultrapassaram o valor máximo de 35% face ao total dos nascimentos, ocorrido em 1936⁴¹. Relativamente ao estado na altura do registo é de realçar que se verificaram alguns casos de crianças cujo registo do nascimento foi feito após a sua morte. O primeiro caso detectado ocorreu em 1938, embora não seja uma prática comum⁴².

A consulta dos registos de nascimento tornou possível ainda recolher dados sobre a naturalidade dos pais das crianças, entre 1850 e 1950. No conjunto dos casos em que foi indicada a naturalidade das mães apurou-se que, no período compreendido entre 1850 e 1950⁴³, 42% das mulheres que tiveram filhos em São Vicente eram naturais de Santo Antão e 39% de São Vicente⁴⁴. Só a partir de 1934, as mães naturais de São Vicente passaram a ser em maior número do que as de Santo Antão. No caso dos pais a situação também foi semelhante. Dos homens que tiveram filhos no período em questão cerca de 41% eram naturais de Santo Antão e 33% de São Vicente. E foi em 1939 que os segundos passaram a ser

⁴¹ Figura 11, em Apêndice.

⁴² O valor máximo alcançado foi de 4% em 1948. Para mais informações consultar figura 12 em Apêndice.

⁴³ Figura 13, em Apêndice.

⁴⁴ Figura 14, em Apêndice.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

em maior número⁴⁵. Concluindo, podemos afirmar que as ilhas que tiveram mais expressão no povoamento da ilha de São Vicente foram Santo Antão e São Nicolau. No sexo feminino surgem em quarto e quinto lugar as ilhas de Boa Vista e Sal, respectivamente e para os homens, Santiago e Boa Vista.

Analisando a naturalidade de ambos os pais o cenário mantém-se; com casais oriundos de Santo Antão a terem mais filhos, logo seguidos pelos de São Vicente, São Nicolau e Boa Vista. A comunidade estrangeira⁴⁶ a ter mais filhos na ilha foi a portuguesa⁴⁷, com um total de 203 nascimentos registados. Em segundo lugar a italiana, com 18 nascimentos e só em terceiro a inglesa, com 7 nascimentos. Quanto a casais mistos, verificou-se que os homens de naturalidade portuguesa foram os que mais tiveram filhos com mulheres cabo-verdianas, seguindo-se os italianos. No que diz respeito às mulheres, também as portuguesas foram as que mais tiveram filhos com homens de outras nacionalidades, primeiro com cabo-verdianos, em seguida com angolanos e depois com norte-americanos.

No que diz respeito à idade dos pais, no total dos casos em que se dispôs dessa informação, encontraram-se registos de nascimentos em que as idades dos pais eram muito avançadas. Nas mulheres encontrou-se um caso de maternidade aos 84 anos e no sexo masculino um aos 87 anos. Por não ser biologicamente possível, consideramos que poderão ser erros, sobretudo de troca de números. As mulheres eram mães mais cedo, a partir dos 12 anos, contudo a idade modal era aos 30 anos. Já a paternidade para os homens começou mais tarde, aos 17 anos e a idade modal foram os 28 anos⁴⁸.

Para a fecundidade foram as análises possíveis, sobretudo pela falta de informações relativas às idades dos pais, especialmente das mães.

7 - Mortalidade em São Vicente

A ilha de São Vicente, tal como o resto do arquipélago viu a sua dinâmica populacional variar ao longo dos tempos devido às cíclicas crises de mortalidade. As crises que mais efeitos exerceram foram as de «tipo misto» em que «anos sucessivos de más

⁴⁵ Figura 15, em Apêndice.

⁴⁶ Que na altura não o era visto que Cabo Verde era uma colónia de Portugal.

⁴⁷ Para uma mais fácil análise por nacionalidades considerou-se como portugueses os homens naturais de Portugal Continental e das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira.

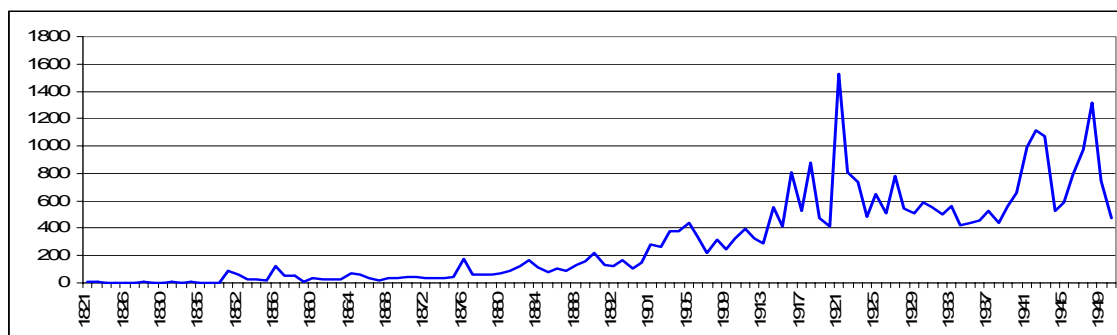
⁴⁸ Figuras 16 e 17, em Apêndice.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

colheitas ou escassez alimentar se faziam acompanhar por bruscos aumentos do número de óbitos causados por doenças do tipo contagioso» (Rodrigues, 1995, p. 48).

Analisando a mortalidade por anos, no período compreendido entre 1821 e 1950, constatamos que esta foi sempre aumentando, também em função do crescimento demográfico que sempre se fez sentir, e teve um comportamento irregular, caracterizado por períodos de elevada mortalidade. Através da figura 32, podemos observar que o maior pico de óbitos ocorreu em 1921, com mais de 1500 óbitos, o segundo em 1948, cerca de 1300 óbitos, e o terceiro em 1942 com cerca de 1113 óbitos. O suplemento do B.O., número 32 de 16 de Agosto de 1921, faz referência a uma infestação da peste *bubónica* na ilha oficialmente determinada pelo Conselho de Saúde e Higiene. António Carreira também se refere a uma crise de 1921/1922, crise eminentemente alimentícia que atingiu todo o arquipélago «à [crise] de 1921, que foi horrorosa, se segue a de 1922, igualmente horrorosa, com um agravamento – o de o povo ter consumido todas as pequenas disponibilidades em roupas, em terras, em gados e jóias» (1984(a), p. 72).

Figura 32 – Evolução anual da mortalidade verificada em São Vicente, entre 1821 e 1950



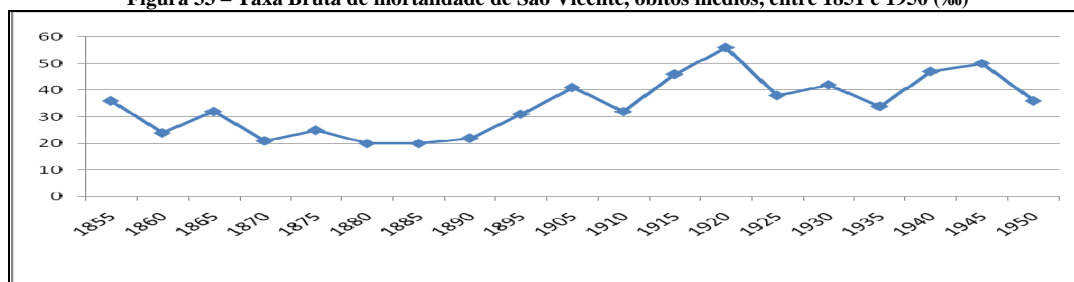
Fonte: Apêndice, quadro 35.

Comparando a evolução anual dos óbitos com a Taxa Bruta de Mortalidade⁴⁹ (figura 33) para o período de 1855 a 1950, são visíveis os três picos de mortalidade de 1920/1921, 1942 e 1948. Contudo, a agregação dos valores desta variável permitiu que fossem detectados mais momentos de elevada mortalidade. Três deles no século XIX, em 1855, 1865 e 1875; outros dois foram registados no século XX, um logo ao início, em 1910 e outro em 1930.

⁴⁹ Calculada através dos óbitos médios para um período de cinco anos.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

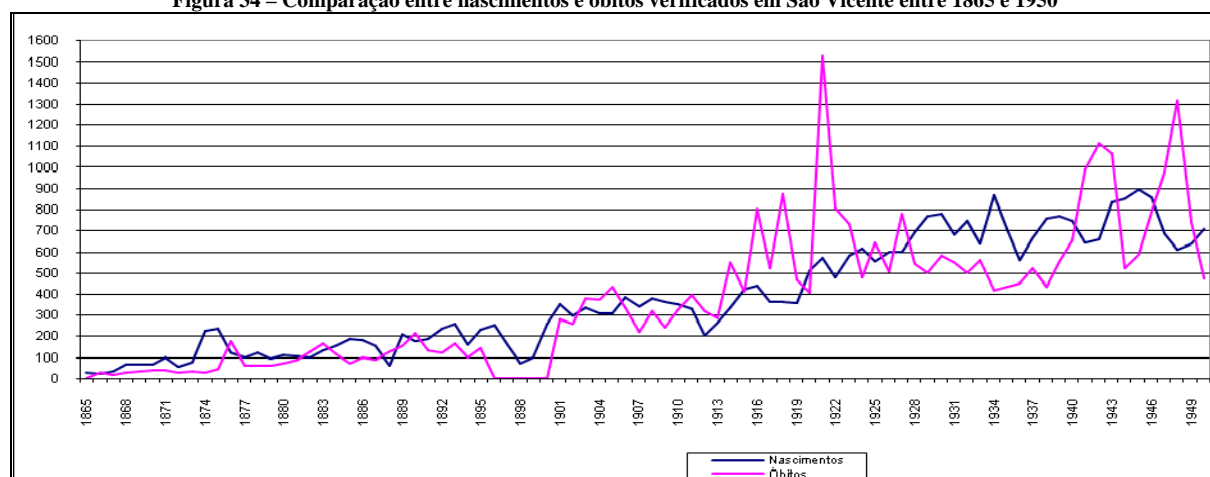
Figura 33 – Taxa Bruta de mortalidade de São Vicente, óbitos médios, entre 1851 e 1950 (‰)



Fonte: Apêndice, quadro 36.

Comparando os nascimentos e os óbitos ocorridos entre 1865 e 1950, verificou-se que em dez momentos o número de falecimentos ultrapassou o dos nascimentos provocando um crescimento natural negativo. Estes momentos foram 1905, 1911, 1914, 1916, 1918, 1921, 1925, 1927, 1942 e 1948. No ano de 1921 foi quando se aferiu que essa diferença foi de 952 óbitos a mais que nascimentos. O segundo momento de mortalidade mais elevada foi em 1948 quando essa diferença foi de 708 óbitos a mais.

Figura 34 – Comparação entre nascimentos e óbitos verificados em São Vicente entre 1865 e 1950



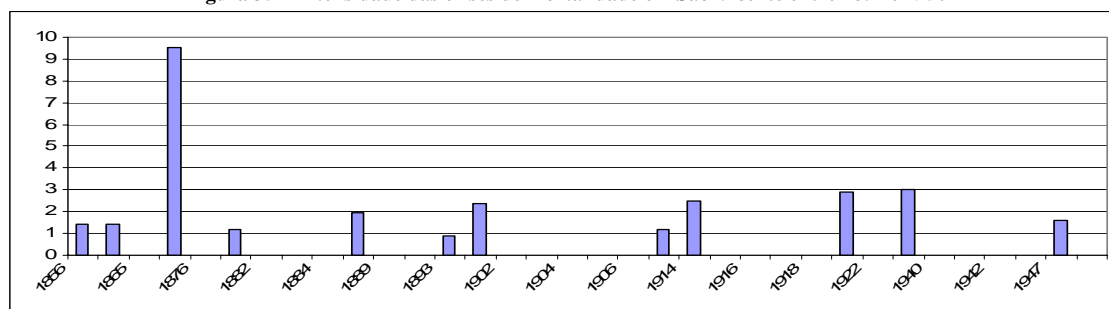
Fonte: Apêndice, quadro 37.

Mais uma vez, comprovou-se que 1921 e 1948 foram os dois momentos em que a mortalidade atingiu os valores mais altos na ilha do Porto Grande. Para além disso, comparando a evolução destes dois fenómenos comprovamos que a linha dos falecimentos teve um comportamento mais irregular e com maiores oscilações que a dos nascimentos.

Usando o método Dupâquier para medir a intensidade das crises aferimos que entre 1851 e 1950, cerca de 12 momentos da história da ilha podem ser considerados momentos de crise de mortalidade.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Figura 35 – Intensidade das crises de mortalidade em São Vicente entre 1851 e 1950

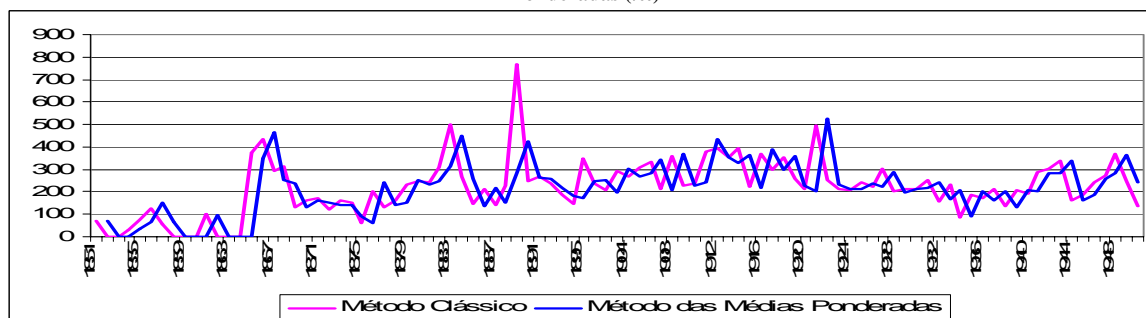


Fonte: Apêndice, quadro 38.

Da análise da figura 35 acima representada, conferimos que a pior crise foi a de 1875-1876, com um valor de 10 valendo-lhe assim a classificação de crise maior. Em segundo lugar, encontrou-se o período entre 1939 e 1943, uma crise média de intensidade 3. Seguindo-se a de 1921-1922, também uma crise média, com um valor de 2,9. Em quarto lugar temos a crise entre os anos 1914-1918, também média e com um valor de 2,5. Como este método relaciona a mortalidade de um dado ano com os 10 imediatamente antes, é natural que aquela que produziu mais óbitos num ano, a de 1921 não corresponda à pior crise.

Passando para a análise da mortalidade infantil⁵⁰, para o período em análise só foi possível calcular a Taxa de Mortalidade Infantil segundo o método clássico⁵¹ e segundo o método das médias ponderadas⁵². Da análise da figura 36, podemos conferir que através do método clássico em dois momentos houve uma sobreavaliação excessiva da mortalidade infantil, em 1883 e 1889. Mas a nível geral não se verificaram muitas alterações entre os valores da taxa de mortalidade infantil segundo estes dois métodos.

Figura 36 – Evolução da Mortalidade infantil em São Vicente, entre 1851 e 1950, em segundo os métodos Clássico e das Médias Ponderadas (%)



Fonte: Apêndice, quadro 39.

⁵⁰ Esta consiste no «risco de mortalidade durante o primeiro ano de existência de uma geração» (Bandeira, 2004, p. 195).

⁵¹ Calcula-se dividindo os óbitos compreendidos entre os 0 e o 1º ano de vida pelo total dos nados-vivos, multiplicando depois o resultado por 100.

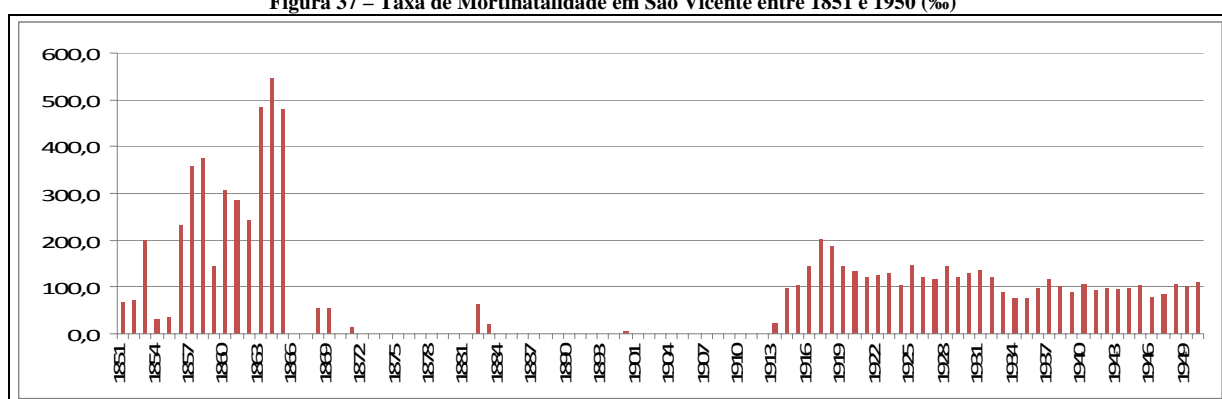
⁵² Este método é utilizado na ausência da dupla classificação dos óbitos infantis, segundo o ano de nascimento e falecimento, que impossibilita a utilização do método dos quocientes parciais. O método das médias ponderadas consiste em «imputar os óbitos infantis a uma média ponderada dos dois efectivos de nascimentos em causa» (Nazareth, 2004, p.1998). Os coeficientes utilizados no cálculo desta taxa para a ilha de São Vicente correspondem ao nível de mortalidade infantil 80 (Bandeira, 2004, p. 199).

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Quanto à Taxa de Mortinatalidade para o período entre 1851 e 1950, ou seja, a mortalidade intra-uterina dos fetos, esta foi sempre superior a 200‰ entre 1856 e 1865, o valor mais elevado foi registado em 1864, em que a taxa de mortinatalidade foi de 544‰⁵³, que foi também o valor mais alto para o período em análise.

Para alguns períodos não foi possível calcular a taxa de mortinatalidade por ausência de casos de mortalidade fetal. Entre 1913 e 1949 o valor mais elevado ocorreu em 1917, esta taxa foi de 203‰. O período mais mortífero para os fetos foi entre 1851 e 1865, sendo que a partir de 1917 este tipo específico de mortalidade infantil andou sempre abaixo dos 200‰.

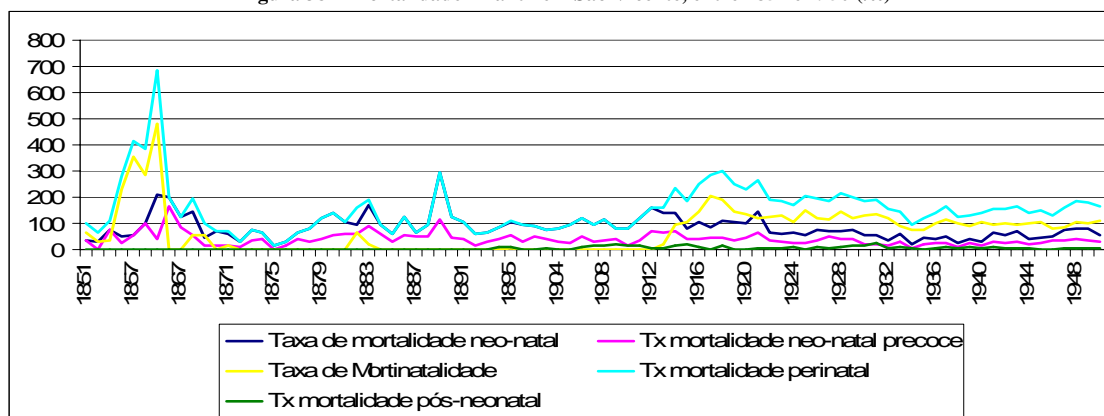
Figura 37 – Taxa de Mortinatalidade em São Vicente entre 1851 e 1950 (‰)



Fonte: Apêndice, quadro 40.

No estudo da mortalidade infantil podem ainda ser calculadas as taxas de mortalidade: neonatal, neonatal precoce, pós-neonatal e perinatal⁵⁴, conforme a figura seguinte atesta:

Figura 38 – Mortalidade Infantil em São Vicente, entre 1851 e 1950 (‰)



Fonte: Apêndice, quadro 41.

⁵³ Só em 1914 no Registo Civil se passou a inscrever a idade exacta do falecido e quando era o caso de um nado-morto, este era referido como “feto”. Para os anos anteriores, a expressão utilizada para designar os nados-mortos era “anjo”.

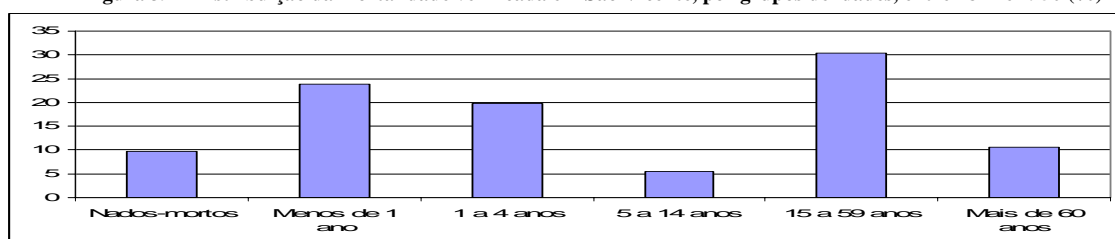
⁵⁴ Estas taxas variam consoante a data em que o óbito infantil ocorre. A neonatal ocorre nos primeiros 28 dias de vida; a neonatal precoce nos primeiros sete dias de vida; a pós-neonatal entre os 28 e os 365 dias e a perinatal consiste na adição das taxas de mortinatalidade e mortalidade neonatal.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Da análise da figura 38 podemos perceber que o ano de 1865 continuou a ser o pior ano para as crianças. Foi nesta data que se verificaram as mais altas taxas de mortalidade e de mortalidade perinatal, respectivamente 478‰ e 687‰. A mortalidade perinatal teve sempre os valores mais elevados e foi a que mais se destacou das restantes. Comparando estas cinco taxas concluímos que, a maioria dos óbitos infantis ocorreu nos fetos e nas crianças que sobreviveram até aos 28 dias, ou seja, na ilha de São Vicente a mortalidade endógena teve valores superiores à exógena. As crianças em São Vicente faleciam mais devido a «causa anteriores ao nascimento [...] ou do próprio nascimento – constituição do embrião, higiene e saúde da mãe durante a gravidez, dificuldades no parto, etc.» (Bandeira, 2004, p. 203). Já a mortalidade pós-neonatal, ou seja, a mortalidade ocorrida após o 28º dia, obteve sempre os valores mais baixos.

Ao efectuar a análise deste comportamento demográfico segundo a idade dos falecidos, por grupos de idades, temos que, em São Vicente no período em análise morreram mais pessoas com idades compreendidas entre os 15 e os 59 anos – cerca de 30,4% do total de óbitos. Seguidamente foi no grupo de idades com menos de 1 ano, que mais óbitos se verificaram, cerca de 23,9%; em terceiro lugar no grupo de idades entre 1 e 4 anos, com cerca de 19,7%. Seguindo-se o último grupo de idades, os nados-mortos e depois as crianças entre os 5 e os 14 anos.

Figura 39 – Distribuição da mortalidade verificada em São Vicente, por grupos de idades, entre 1821 e 1950 (%)

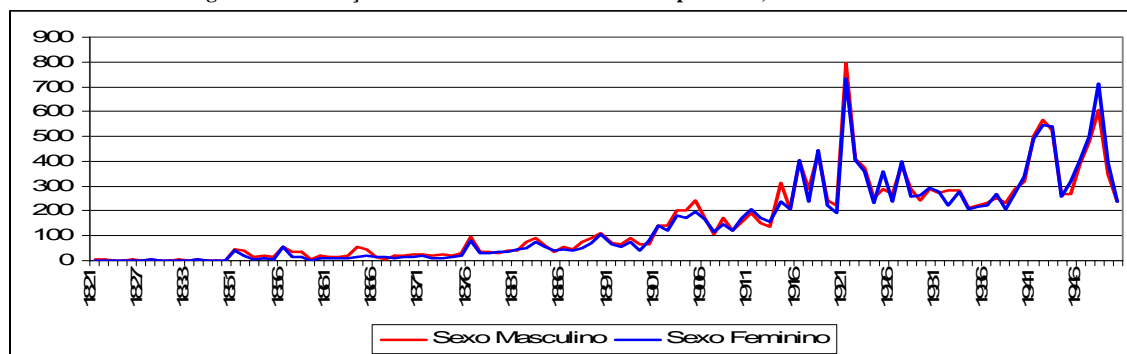


Fonte: Apêndice, quadro 42.

No que diz respeito aos sexos, ao longo do período analisado os valores da mortalidade foram semelhantes apesar de morrerem mais homens que mulheres, cerca de 50,9% em oposição a 49,1%. A excepção ocorreu entre 1945 e 1950, em que a mortalidade feminina foi sempre superior à masculina. Aliás, durante o século XX as diferenças entre as duas mortalidades foi aumentando nos períodos de crise. A justificação poderá prender-se com a imigração sobretudo masculina para a Europa e Américas.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Figura 40 – Evolução da mortalidade em São Vicente por sexos, entre 1821 e 1950



Fonte: Apêndice, quadro 43.

Analisando em seguida a mortalidade por causas, segundo a Classificação Internacional de Doenças, de acordo com a 10ª versão (CID-10), concluiu-se que a principal causa de morte na ilha foram as causas mal definidas e desconhecidas⁵⁵. Esta situação não é de admirar sobretudo se se levar em consideração a evolução dos cuidados médicos na ilha que na altura ainda não eram os melhores. A segunda causa de morte, foram as doenças infecciosas intestinais, que também não constitui nenhuma surpresa devido aos constantes relatos de diarreias, enterites, cólera, febres tifóides e paratifóides feitos durante a história da ilha. O terceiro maior motivo para a mortalidade eram os transtornos originados no perinatal e em quarto lugar a influenza e a pneumonia.

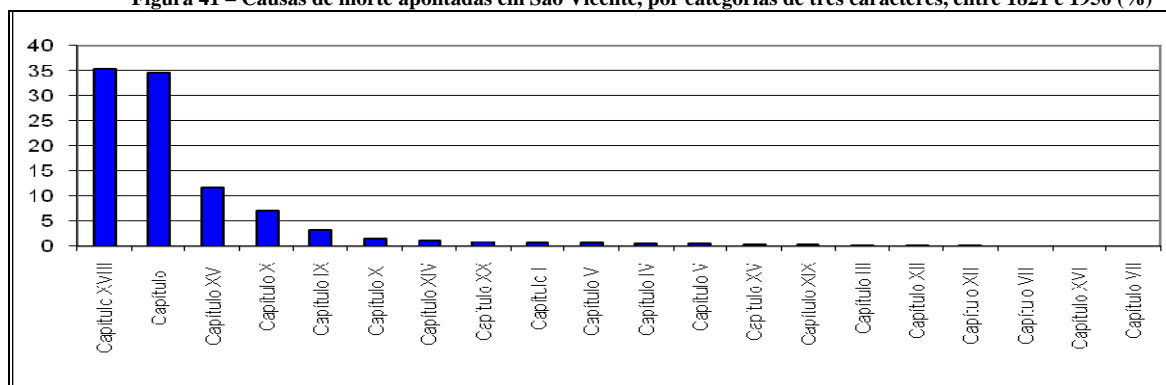
No gráfico 41 das causas de morte por categorias de três caracteres mantém-se o anteriormente declarado⁵⁶. Com 35,4% do total das mortes temos o capítulo XVIII – Sintomas, sinais e achados anormais de exames clínico e de laboratório, não classificados em outra parte – no qual se incluem as causa de morte mal definidas ou desconhecidas. Com 34,6% está o capítulo I – Algumas doenças infecciosas e parasitárias, categoria em que se incluem as doenças infecciosas intestinais. Em terceiro lugar com 11,8% dos óbitos temos o capítulo VXI – Algumas afecções originadas no período perinatal e em quarto lugar o capítulo X – Doenças do aparelho respiratório - com cerca de 7,2%, no qual se incluem as causas de morte por influenza e pneumonia.

⁵⁵ Consultar em Apêndice, figura 18.

⁵⁶ Lista das causas de morte por categorias de três caracteres em Apêndice, quadro 47.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Figura 41 – Causas de morte apontadas em São Vicente, por categorias de três caracteres, entre 1821 e 1950 (%)



Fonte: Apêndice, quadro 46.

Ao calcular as Taxas Brutas de Mortalidade por causa⁵⁷, em anos censitários⁵⁸ concluímos que nos anos censitários a causa de morte mais frequente foi “Causas mal definidas ou desconhecidas”, com a exceção de 1940/1941 em que foram as “Doenças infecciosas intestinais” as que mais mortalidade provocaram. O valor mais alto registado foi de 18‰ em 1920/1921. A segunda causa de morte foram as doenças infecciosas intestinais, novamente a exceção foi em 1940/1941 em que foram as causas mal definidas ou desconhecidas. Em terceiro lugar vieram as mortes por outros transtornos originados no perinatal, aqui o cenário já se altera. Em 1910/1911 a terceira posição é também ocupada por mortes por influenza e pneumonia e em 1930 pela tuberculose. Em 1920 a terceira causa de morte foram a influenza e a pneumonia e em 1950 a tuberculose. A tuberculose dentro do Capítulo I da CID-10 foi a segunda doença que mais morte provocou.

Os motivos para a propagação desta doença, segundo Immanuel Friedlaender, são três: primeiro, havia muitas pessoas a trabalharem com o carvão das companhias inglesas, estes absorviam as poeiras e viviam em condições consideradas insalubres, em casas minúsculas e cheias de pessoas; segundo, o vício da embriaguez, que «está muito espalhado» e que contribuía para que as pessoas ficassem mais vulneráveis à tuberculose e por fim, o hábito importado de andarem vestidos «em vez de andarem despidos, como mais conviria à sua natureza e ao clima» (1914, p. 32).

Quando comparamos as causas de morte com as idades em que ocorrem obtivemos o seguinte panorama⁵⁹: as principais causas de morte variaram entre o capítulo I – Algumas

⁵⁷ Figura 19, em Apêndice.

⁵⁸ Como os recenseamentos foram feitos em Dezembro e não se obtiveram os dados relativos à população média considerou-se que o total da população residentes recenseada corresponde à população média para o ano censitário e para o ano a seguir a este. Em vez dos óbitos anuais calcularam-se óbitos médios.

⁵⁹ Figura 20, em Apêndice.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

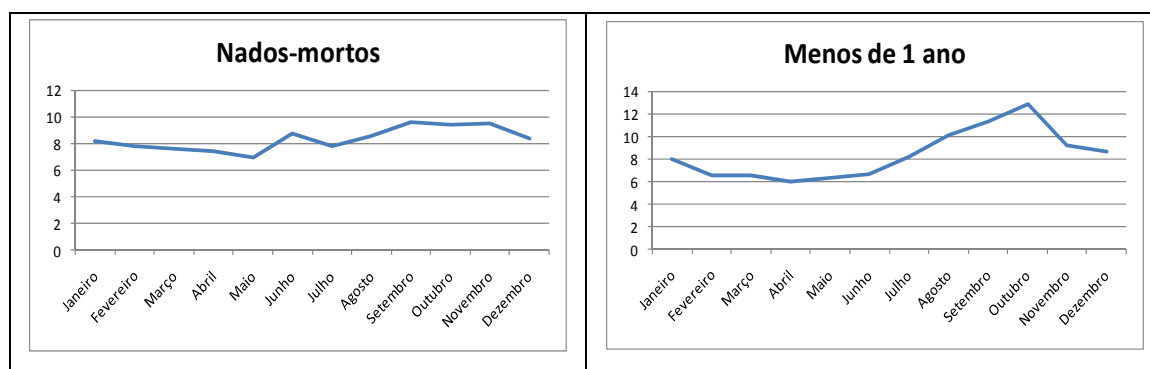
doenças infecciosas e parasitárias - e o capítulo XVIII – Sintomas, sinais e achados anormais de exames clínicos e de laboratório, não classificados em outra parte – pelos grupos de idades. A exceção, foram os nados-mortos, em que as principais causas de morte estavam incluídas no capítulo XVI – Algumas afecções originadas no período perinatal, vindo as mortes devido aos factores incluídos no capítulo XVIII em segundo lugar.

No que diz respeito aos sexos, as principais causas de morte foram as incluídas no capítulo I e as segundas foram as do capítulo XVIII, tal como no panorama geral da mortalidade⁶⁰.

No que diz respeito à sazonalidade da mortalidade temos que para o período compreendido entre 1821 e 1950⁶¹, os meses mais mortíferos foram os compreendidos entre Agosto e Janeiro. De entre estes, Outubro foi o mês que obteve a maior percentagem, cerca de 11,8% do total, seguindo-se Setembro e Novembro com 9,8% e 9,7% respectivamente. O mês que pelo contrário teve menos ocorrência de óbitos foi Abril com 6,8%.

Quando se analisa a sazonalidade, por grupos de idades, os resultados vão de encontro a esta tendência geral. Ou seja, que a partir de Julho/Agosto até Outubro, sendo na generalidade o mês de maior mortalidade, aumentam os óbitos. O que corresponde mais ou menos ao mês “*das-águas*”. Depois entre Novembro e Maio, a mortalidade diminui. Na figura a seguir apresentada é possível apercebermo-nos dessa tendência geral para aumento dos óbitos entre Julho e Outubro, sendo Outubro o mês com mais mortalidade. A exceção é para o primeiro grupo, o dos nados-mortos, em que se verificam dois picos, um em Junho e outro em Setembro. Após o aumento da mortalidade até Outubro esta vai diminuindo Maio/Junho, quando recomeça o ciclo de maior número de óbitos.

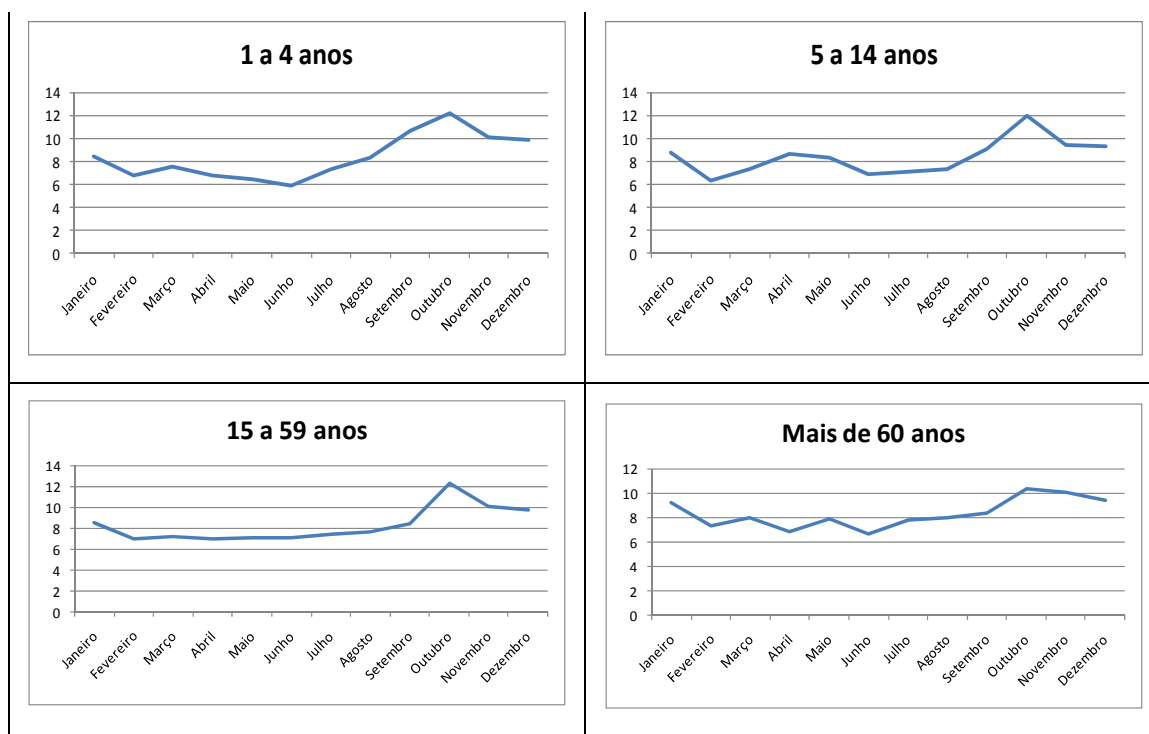
Figura 42 – Sazonalidade da mortalidade em São Vicente, grupos de idades, entre 1821 e 1950 (%)



⁶⁰ Figura 21, em Apêndice.

⁶¹ Figura 22, em Apêndice.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente



Fonte: Apêndice, quadro 50.

Resumindo, o comportamento demográfico – mortalidade – foi muito mais irregular do que a natalidade. As variações entre os valores mais elevados e os menos elevados eram maiores.

No período 1821 a 1950, a análise dos dados absolutos revela que as crises de mortalidade mais graves decorreram no século XX, em 1920, 1941-1943, 1910 e 1930, por ordem decrescente. Contudo, quando procedemos à análise da intensidade das crises segundo o método Dupâquier vemos que afinal a pior crise de mortalidade para a ilha ocorreu no século XIX, mais concretamente em 1875-1876, com um nível 10 que corresponde a uma crise maior na escala de Dupâquier.

Quanto à mortalidade infantil, esta foi sempre elevada, oscilando entre os 200‰ e os 500‰, com excepção dos anos de crises. O século XIX teve uma mortalidade infantil mais elevada. A principal causa de morte para as crianças até um ano de idade era a categoria “Outros transtornos originados no perinatal”. A mortinatalidade era também muito elevada no século XIX tendo baixado no século seguinte. Pensamos que essa diminuição possa ser consequência das melhorias a nível da saúde materno-infantil. Contudo, nas alturas das crises esta continuou a atingir valores elevados.

Observando a mortalidade por grupos de idades concluímos que o grupo dos 15 aos 59 anos era onde morriam mais pessoas. Ou seja, a esperança de vida era relativamente baixa. As

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

principais causas por ordem decrescente eram: causas mal definidas ou desconhecidas; doenças infecciosas intestinais; influenza e pneumonia e a tuberculose.

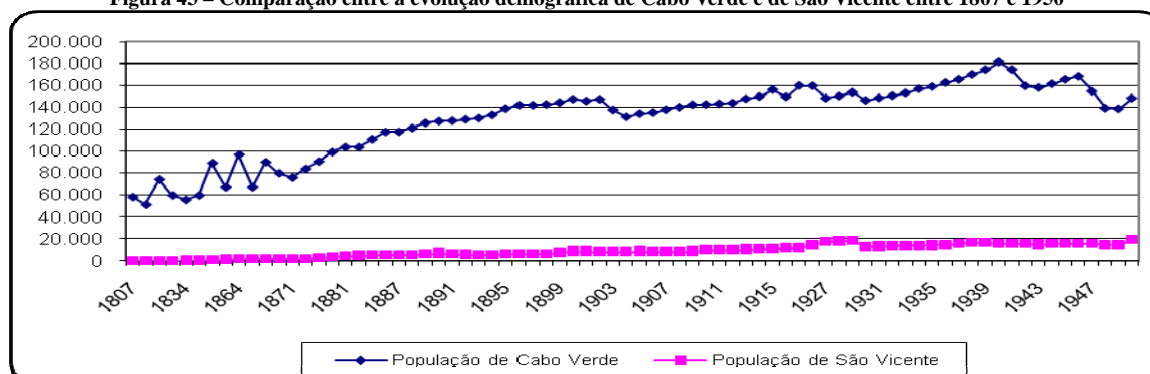
A maioria dos óbitos ocorria entre os meses de Agosto a Outubro, eram os meses das chuvas e de mais calor.

Quanto aos sexos não se verificaram diferenças significativas nesta variável demográfica, o que não constitui surpresa visto que «nas populações de *antigo regime*, as diferenças entre a mortalidade dos homens e a mortalidade das mulheres eram ténues» (Bandeira, 2004, p. 219).

Considerações finais: São Vicente no contexto insular

Quando comparados os volumes e dinâmicas de crescimento populacional de Cabo Verde e da ilha de São Vicente é possível constatar que o crescimento desta ilha é mais linear, embora seja partir de 1860 que o povoamento da ilha arranca verdadeiramente. As maiores quebras no ritmo de crescimento populacional da ilha, que são visíveis, ocorrem em 1891, 1929 e nos anos 40 do século XX.

Figura 43 – Comparação entre a evolução demográfica de Cabo Verde e de São Vicente entre 1807 e 1950



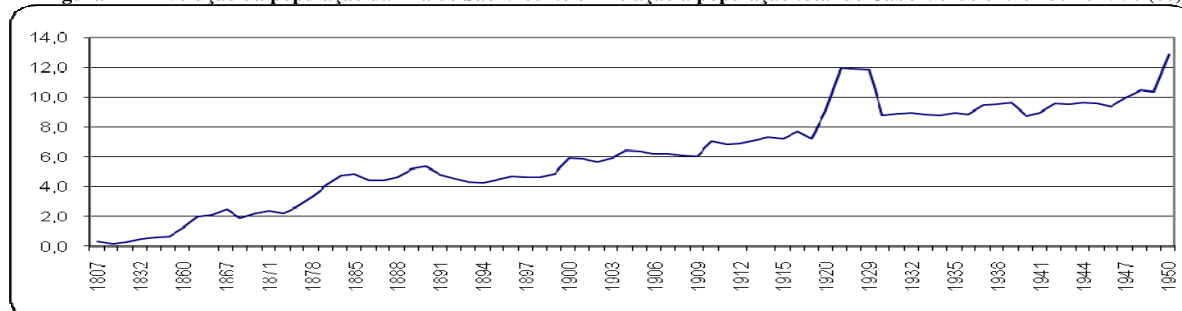
Fonte: Apêndice, quadro 51.

O facto de São Vicente ser ilha de povoamento recente, a sua população é em número bastante inferior à do arquipélago embora tenda gradualmente a afirmar-se no seu contexto. A percentagem que a ilha de São Vicente representa no total da população do arquipélago oscila

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

entre 0,2% em inícios do século XIX e cerca de 13% em meados do século XX, como se pode visualizar na seguinte figura:

Figura 44 – Evolução da população da ilha de São Vicente em relação à população total de Cabo Verde entre 1807 e 1950 (%)



Fonte: Apêndice, quadro 51.

Da análise da figura acima exposta podemos constatar que o peso percentual que a ilha representa no contexto geral também se fez de forma irregular, ou seja, “em serra”, apesar das quebras não serem muito pronunciadas. É bastante evidente o salto que ocorre em 1919, para depois estagnar até 1929 e decrescer. Também são visíveis as duas falhas dos anos 40 e a retoma do crescimento populacional por 1950.

Comparando a evolução da estrutura demográfica por idades e sexo da ilha de São Vicente com a população cabo-verdiana, com base na informação censitária (figura 45) vemos que, para 1890 e 1920 dado o facto das pirâmides terem sido calculadas pelo método das populações estáveis, dificulta a sua análise. Do que é possível verificar em 1890, vemos que na ilha no primeiro grupo de idades existem menos crianças do sexo masculino, do que em relação ao total do arquipélago onde as diferenças são mínimas. Outra diferença é que em São Vicente as pessoas vivem mais tempo do que no resto do país, conforme se pode ver pela comparação dos três últimos grupos de idades.

Já no que diz respeito às pirâmides referentes ao ano de 1900 as diferenças são visíveis. Enquanto a de Cabo Verde é quase perfeita, na segunda surgem duas “anomalias”. Uma primeira entre os 10 e os 19, em que o volume de população sofreu um grande corte, e uma segunda dos 20 aos 29 anos em que o volume populacional é quase idêntico ao dos primeiros dois grupos de idades.

Da comparação das pirâmides de 1910 pode-se concluir que, a de São Vicente é mais larga na base do que a de Cabo Verde, pelos menos até aos 39 anos, ou seja, a população da

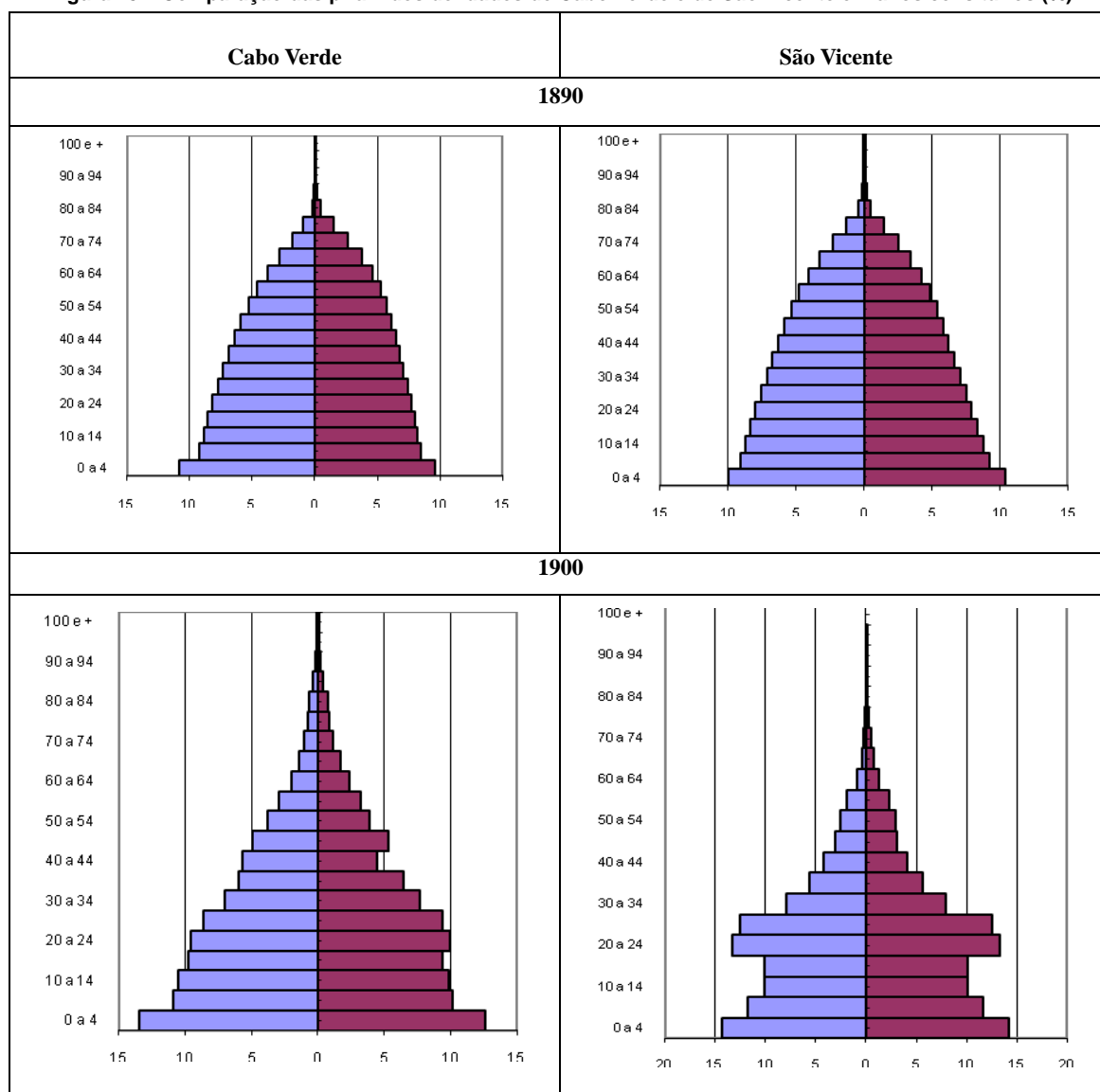
Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

ilha é mais jovem na base. São Vicente tem nessa data uma pirâmide mais achatada, com uma menor concentração de efectivos nas idades mais avançadas.

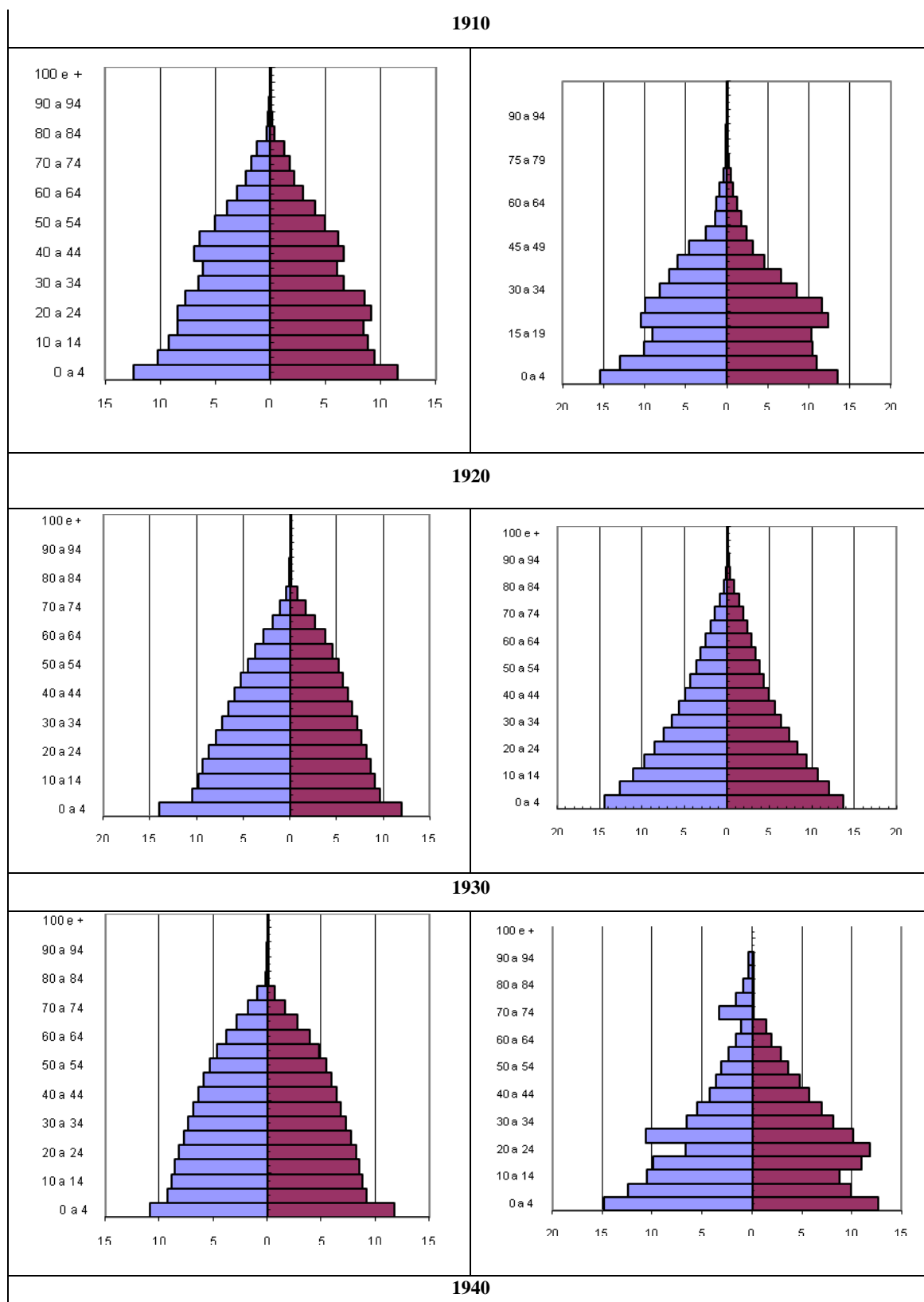
Para 1930 vemos que Cabo Verde tem uma pirâmide quase perfeita, já a de São Vicente não. No sexo masculino é visível uma reentrância entre os 20-24 anos, seguindo-se um aumento dos 25 aos 29 anos. No outro sexo, a reentrância é dos 5 aos 14 anos e o aumento dos 20 aos 24 anos.

No ano censitário de 1940, Cabo Verde tinha uma pirâmide com uma base larga até aos 14 anos, estreitando a partir dos 15 anos. Na ilha em análise, o grupo dos 0 aos 4 anos tinha menos efectivos do que no grupo seguinte. No sexo feminino verifica-se uma diminuição do número nos grupos 15-19 anos e 30-34 anos. No sexo oposto, esta diminuição foi no grupo dos 25-29 anos.

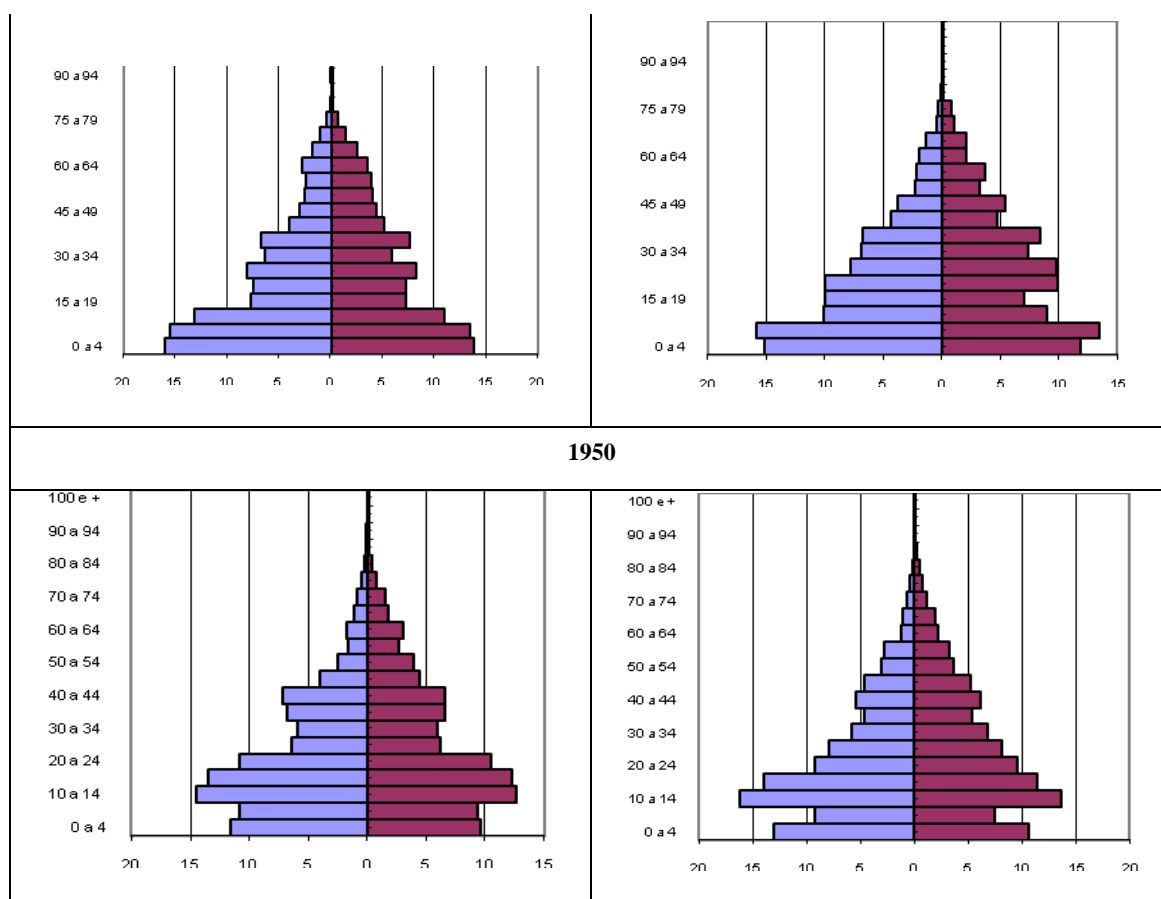
Figura 45 – Comparação das pirâmides de idades de Cabo Verde e de São Vicente em anos censitários (%)



Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente



Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente



Fonte: Apêndice, quadros 9 e 24.

Finalmente em 1950, ambas as pirâmides têm as bases estreitas embora diversas na sua configuração, para o que pode ter contribuído os efeitos das conjunturas negativas da década de 40. É possível ver-se que, em São Vicente a primeira crise dos anos 40 teve maiores consequências. As diferenças foram que em Cabo Verde, dos 25 aos 34 anos houve uma diminuição de população, correspondente ao período compreendido entre 1916 e 1925. Já em São Vicente o recuo de população verificou-se dos 35 aos 39 anos, que correspondem aos nascidos no período entre 1911 e 1915.

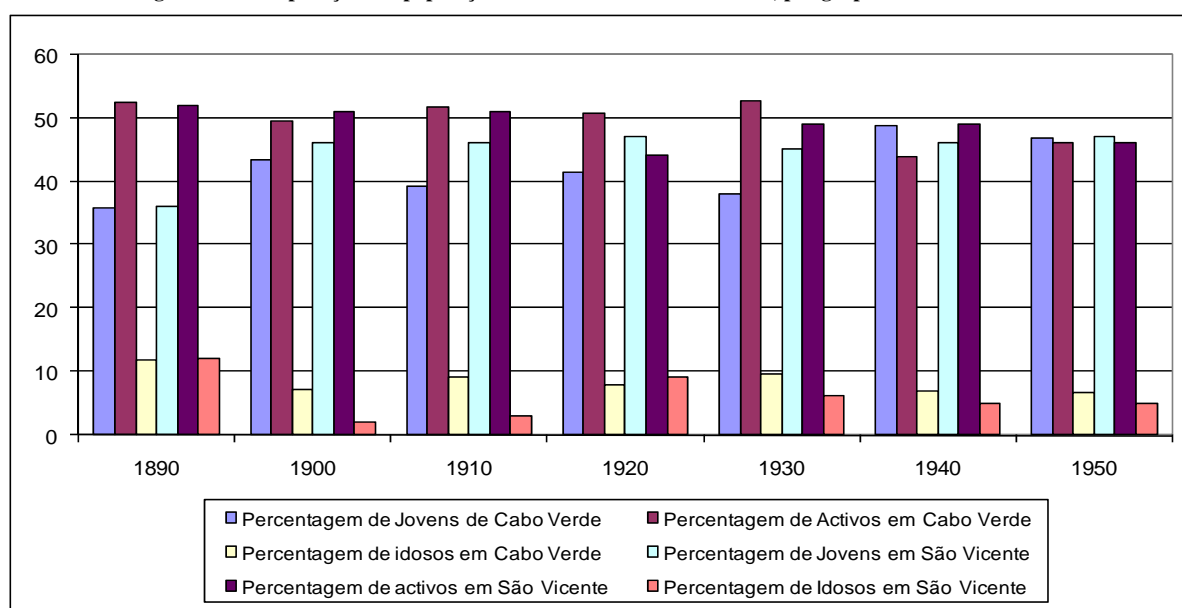
Quando comparamos as proporções de masculinidade e de feminilidade das populações de Cabo Verde e de São Vicente, entre 1867 e 1950, constatamos que, enquanto que em Cabo Verde os valores destas proporções nunca se aproximam, seguindo quase que uma linha recta ao longo dos anos. Já na ilha verificamos que ao longo dos anos vão-se verificando cruzamentos e sobreposições, bem como mudanças na evolução, conforme pode atestar na figura 23, em Apêndice.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Podemos então concluir que, apesar de a nível geral a população cabo-verdiana não ser caracterizada por um entrecruzar dos valores das suas proporções de cada sexo, esta situação na ilha de São Vicente é totalmente diferente. Praticamente desde o seu povoamento até 1929 esta foi caracterizada por fluxos de aumento e diminuição das proporções de homens e mulheres, em resultado dos efeitos dos fluxos migratórios internos e externos em universos humanos reduzidos. A partir de 1929, a evolução dos valores vai tomando uma forma semelhante à registada para todo o arquipélago de Cabo Verde, apesar de entre 1937 e 1939, os valores para as duas proporções se aproximarem entre si.

Relativamente aos grupos etários as populações de Cabo Verde e de São Vicente seguiram quase sempre valores muito próximos e distribuições semelhantes, à excepção dos anos de 1920 e 1940. No primeiro caso verificou-se que São Vicente havia registado mais jovens do que activos, ao contrário de Cabo Verde que registara mais activos que jovens. Já em 1940, a população da ilha de São Vicente apresenta mais elementos em idade activa do que jovens, ao contrário de Cabo Verde, que havia registado mais jovens. Resumindo, podemos afirmar que São Vicente teve sempre uma população mais jovem do que a de Cabo Verde, à excepção de 1940 e 1950. No primeiro caso teve menos 3% de jovens, contudo mais 5% de activos; no segundo, ambas as populações tiveram igual percentagem de jovens e activos. A maior juventude de São Vicente pode também ser comprovada nos valores baixos relativos à percentagem de idosos, que em Cabo Verde foi sempre mais elevada. Apenas em 1920 a ilha de São Vicente obteve mais 1% do que Cabo Verde nesta categoria.

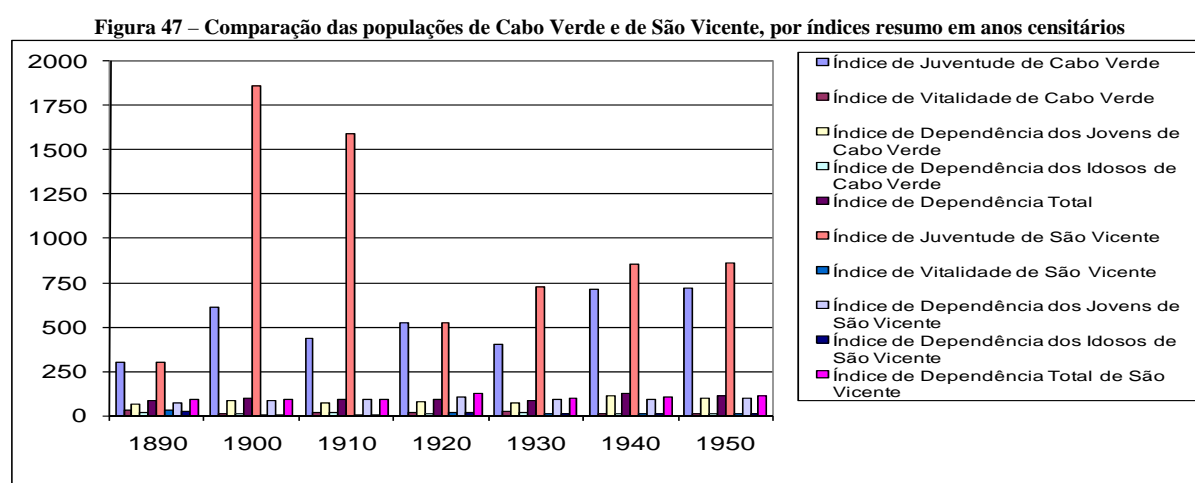
Figura 46 – Comparação das populações de São Vicente e Cabo Verde, por grupos funcionais em anos censitários



Fonte: Apêndice, quadro 53.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

No que diz respeito aos índices-resumo, ao compararmos a evolução destas duas populações (Figura 47) verificamos que em 1900 e 1910 o Índice de Juventude em São Vicente teve valores extremamente elevados quando comparados com os restantes índices, ou mesmo com os valores médios de Cabo Verde. Como São Vicente foi uma ilha de povoamento datável da segunda metade do século XIX, talvez possamos afirmar ser este o factor explicativo para tais valores. Como era uma ilha em expansão, e principalmente com oferta de emprego, atraía jovens do arquipélago, contribuindo assim para que demograficamente esta camada tivesse um número anormalmente superior, ao que a evolução natural permitiria.



Fonte: Apêndice, quadro 54.

Também o Índice de Vitalidade foi sempre superior no arquipélago, excepto em 1920, em que São Vicente registou o mesmo valor. Devido a uma maior concentração de jovens na ilha de São Vicente comparativamente à média do país, é normal que os valores para os índices de dependência dos jovens sejam mais elevados em São Vicente e os dos idosos mais elevados em Cabo Verde. Já no caso do Índice de Dependência Total este foi quase sempre, no período analisado, superior em São Vicente, com excepção de 1900 e 1950. O peso dos jovens em São Vicente foi maior e inferior o peso dos idosos. Em 1900 as diferenças foram significativas, já em 1950, como a percentagem de jovens e activos foi a mesma para as duas populações em análise, e em relação aos idosos dois pontos percentuais acima. O valor do Índice de Dependência Total foi apenas 1% mais elevado no arquipélago que em São Vicente.

Da comparação da evolução demográfica de Cabo Verde e de São Vicente comprovou-se a teoria de António Correia e Silva, a da “especificidade demográfica da

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

cidade-porto”. Ou seja, estas cidades vêm a sua população aumentar devido à imigração masculina e não devido aos seus saldos fisiológicos. E é também desta forma que, o excedente de elementos do sexo masculino em relação ao feminino «é revelador de processos demográficos na imigração» (Silva, 1995).

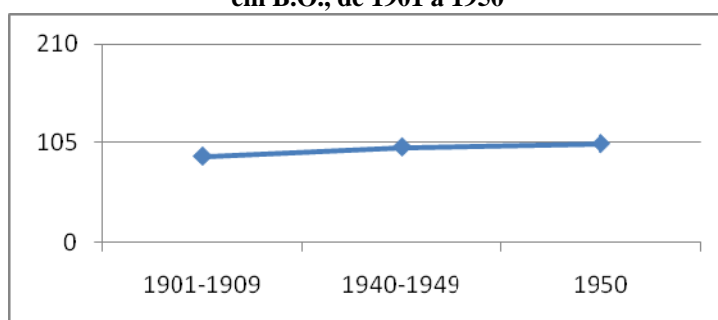
Apêndice

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Quadro 1 – Relação de masculinidade nos nascimentos registados nos livros dos Registos Paroquiais e Civil de São Vicente, por decénios, entre 1850 e 1950

Nascimentos - do Registo Civil e Registos Paroquiais				Relação de masculinidade nos nascimentos (RMN)	Intervalo de confiança a 95% da RMN	Qualidade
Ano do nascimento	Sexo da criança		Total			
	M	F				
1850-1859	123	104	227	118	130 - 80,8	Boa
1860-1869	171	178	349	96	129,4 - 85,2	Boa
1870-1879	626	578	1204	108	117,4 - 93,8	Boa
1880-1889	704	696	1400	101	116,4 - 94,5	Boa
1890-1899	905	944	1849	96	115 - 95,7	Boa
1900-1909	1597	1739	3336	92	112,3 - 98	Má
1910-1919	1699	1747	3446	97	112,3 - 98	Má
1920-1929	2985	3006	5991	99	110,5 - 99,6	Boa
1930-1939	3646	3539	7185	103	110,1 - 100	Boa
1940-1949	3708	3727	7435	99	109,6 - 100,4	Má
1950	364	344	708	106	121,7 - 105,3	Boa

Figura 3 – Relação de masculinidade nos nascimentos, por decénios, ocorridos em Cabo Verde publicados em B.O., de 1901 a 1950



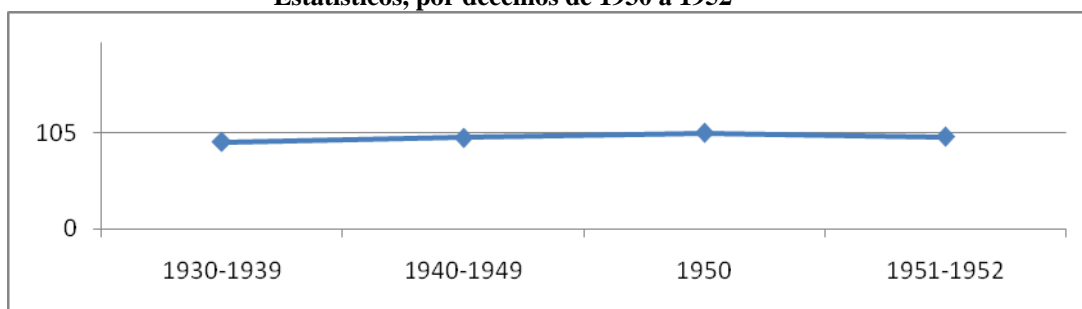
Fonte: Apêndice, quadro 2.

Quadro 2 – Relação de masculinidade nos nascimentos publicados no B.O., por decénios, entre 1901 e 1950

Nascimentos – Boletim Oficial				RMN	Intervalo de confiança a 95% da RMN	Qualidade
Ano do nascimento	Sexo da criança		Total			
	M	F				
1901-1909	1472	1626	3098	91	113-98	Má
1940-1949	3885	3865	7755	101	110-100	Boa
1950	379	364	743	104	121-91	Boa

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Figura 4 – Relação de masculinidade nos nascimentos em Cabo Verde, publicados nos Anuários Estatísticos, por decénios de 1930 a 1952



Fonte: Apêndice, quadro 3.

Quadro 3 – Relação de masculinidade nos nascimentos publicados nos Anuários Estatísticos, por decénios, entre 1930 e 1952

Nascimentos - Anuários Estatísticos				Relação de mas. No nascimento	Intervalo de confiança a 95%	Qualidade
Ano do nascimento	Sexo da criança		Total			
	M	F				
1930-1939	3682	3857	7984	95	109-100	Má
1940-1949	3502	3506	7853	100	110-100	Boa
1950	381	362	743	105	121-91	Boa
1951-1952	838	832	1670	101	115-95	Boa

Quadro 4 – O primeiro levantamento da população de Cabo Verde - 1731

Ilhas	Habitantes	Total da população %
Santiago	18.234	60
Maio	407	1,3
Fogo	3.766	12,4
Brava	587	1,9
Sotavento	22.994	75,6
S. Antão	4.302	14,2
S. Nicolau	2.658	8,7
Boavista	443	1,5
Barlavento	7.403	24,4
Total	30.397	100

Fonte: Carreira, 1984(c), pp. 51-54.

Quadro 5 – Quadro comparativo da População de Cabo Verde em 1731 e 1807

	População em 1731	População em 1807	Total da População em 1731 %	Total da População em 1807
Barlavento	7.403	23.650	24,4	40,5
Sotavento	22.994	34.781	75,6	59,5
Total	30.397	58.431	100	100

Fonte: Carreira, 1984b, p. 66.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Quadro 6 – Percentagem de população que cada ilha perdeu entre 1940 e 1943

Ilhas	%
Fogo	30,81
S. Nicolau	27,96
Santiago	10,27
S. Antão	7,24
Brava	6,75
S. Vicente	5,25
Sal	4,12
Maio	4,00
Total⁶²	96,33

Fonte: Santana, 1949, p. 11.

Quadro 7 – A evolução demográfica de Cabo Verde, comparação entre os sexos e a relação de masculinidade (1775-1950)

Anos	Pop. Total	Homens	Mulheres	Relação de masculinidade	Anos	Pop. Total	Homens	Mulheres	Relação de masculinidade
1775	28.368	12.992	15.376	84	1912	143.929	66.045	77.884	85
1860	89.310	40.845	48.465	84	1913	147.754	67.706	80.048	85
1867	67.357	30.288	37.059	82	1914	149.793	69.001	80.792	85
1869	90.164	40.817	49.347	83	1915	156.140	72.307	83.833	86
1871	76.003	34.612	41.391	84	1916	149.562	69.193	80.369	86
1874	90.704	41.343	49.361	84	1917	157.111	72.739	84.372	86
1878	99.317	44.749	54.568	82	1918	156.992	73.189	83.803	87
1881	103.861	47.044	56.817	83	1919	159.907	74.669	85.238	88
1885	110.926	50.083	60.843	82	1920	159.675	71.875	87.800	82
1886	117.556	53.876	63.650	85	1927	148.300	66.452	81.848	81
1887	117.640	53.912	63.728	85	1928	150.160	67.427	82.733	81
1888	121.127	55.504	65.623	85	1929	153.738	69.205	84.533	82
1889	125.828	57.936	67.892	85	1930	146.299	65.401	80.898	81
1890	127.390	58.875	68.515	86	1931	148.533	66.513	82.020	81
1891	127.832	59.472	68.360	87	1932	150.553	67.543	83.010	81
1892	129.075	59.724	69.351	86	1933	153.182	68.967	84.215	82
1893	130.272	60.471	69.801	87	1934	156.913	70.623	86.290	82
1894	133.097	61.742	71.355	87	1935	158.930	71.864	87.066	83
1895	138.796	64.283	74.513	86	1936	162.604	73.746	88.858	83
1896	141.915	65.833	76.082	87	1937	165.540	75.566	89.974	84
1897	141.893	65.905	75.988	87	1938	169.988	77.917	92.071	85
1899	144.382	66.945	77.437	86	1939	174.403	80.248	94.155	85
1900	147.424	68.793	78.631	87	1940	181.286	83.392	97.894	85
1901	145.706	67.327	78.379	86	1941	174.465	79.969	94.496	85
1902	147.324	67.968	79.356	86	1942	159.563	72.718	86.845	84
1903	137.579	62.633	74.946	84	1943	158.043	72.093	85.950	84
1904	131.325	60.045	71.280	84	1944	161.481	73.849	87.632	84
1905	134.193	61.249	72.944	84	1945	165.530	76.024	89.506	85
1906	135.190	61.567	73.603	84	1946	168.261	77.333	90.928	85

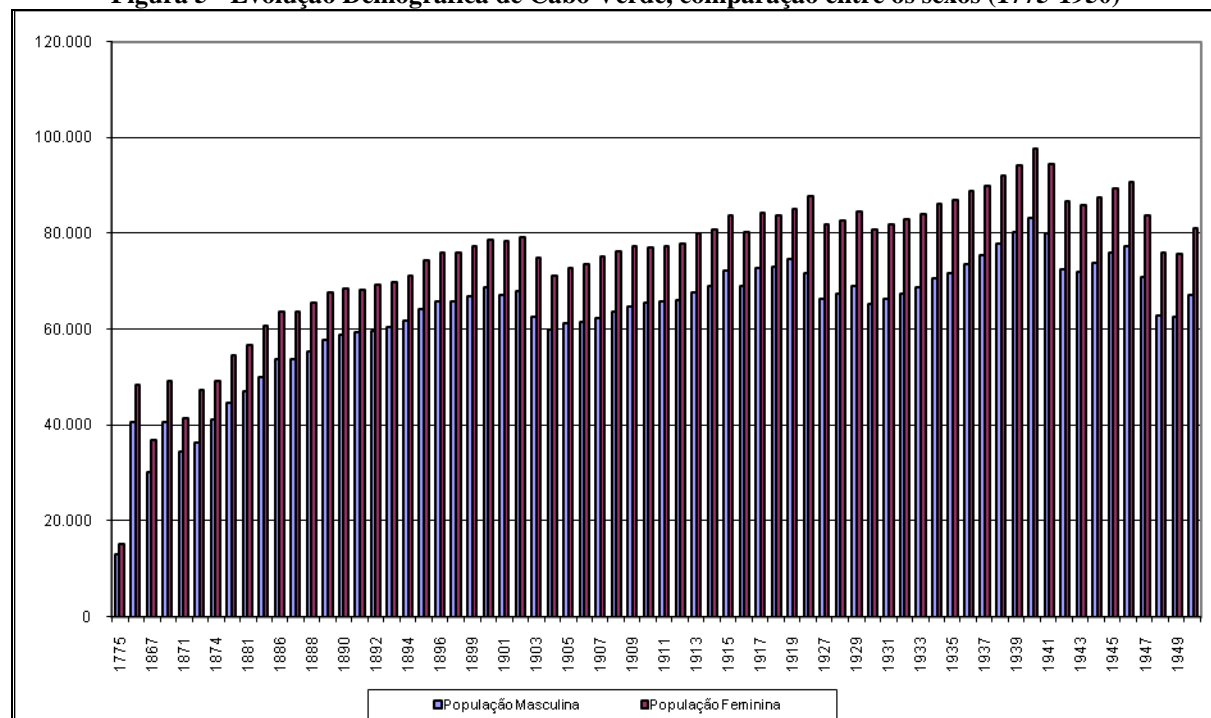
⁶²

O autor não apresenta dados para a ilha da Boa Vista. Assim, pensamos que, os 3,97% que faltam serão o valor da população que esta ilha perdeu. Sendo assim, esta foi a ilha menos castigada durante a crise do início dos anos 40.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1907	137.789	62.501	75.288	83	1947	154.643	70.852	83.791	85
1908	140.004	63.683	76.321	83	1948	139.137	62.983	76.154	83
1909	142.343	64.927	77.416	84	1949	138.632	62.751	75.881	83
1910	142.552	65.495	77.057	85	1950	148.331	67.302	81.029	83
1911	143.257	65.946	77.311	85					

Figura 5 - Evolução Demográfica de Cabo Verde, comparação entre os sexos (1775-1950)



Quadro 8 – População de Cabo Verde, por grupos etários em números absolutos, entre 1890 e 1950⁶³

População por grupos de idades	1890		1900		1910		1920		1930		1940		1950	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
0 a 4	6411	6543	9257	9938	8110	8958	10091	10492	7122	9514	13394	13454	7772	7834
5 a 9	5434	5796	7516	8036	6670	7289	7518	8438	6037	7402	12989	13175	7298	7648
10 a 14	5228	5618	7230	7778	6027	6841	7065	7999	5808	7111	11027	10746	9692	10266
15 a 19	5069	5467	6700	7438	5498	6517	6728	7656	5631	6917	6452	7091	9008	9918
20 a 24	4834	5283	6579	7884	5476	7043	6253	7235	5369	6617	6269	7094	7225	8516
25 a 29	4569	5070	5952	7377	5071	6608	5714	6769	5075	6262	6802	8060	4320	5066
30 a 34	4316	4858	4790	6051	4257	5175	5225	6304	4794	5897	5358	5702	3914	4832
35 a 39	4062	4638	4132	5104	4028	4706	4765	5856	4513	5525	5675	7400	4543	5317
40 a 44	3786	4419	3902	3495	4512	5128	4284	5426	4205	5169	3393	4943	4823	5377

⁶³ Como só existiam dados para a classe etária do 80 e mais anos, optou-se por dividir esse valor pelos grupos etários seguintes de modo a obter dados até aos 100 anos. De 1890 a 1930 as proporções foram: 80-84: 50%; 85-89: 25%; 90-94: 12,5%; 95-99: 6,25% e 100 e mais: 6,25%. Para 1950 não foi necessário porque os dados existiam. Para 1940 como havia a indicação de que nos dois últimos grupos não existiam pessoas, apenas se procedeu à divisão os dados dos 80 e mais anos por 3 grupos etários: 80-84: 50%; 85-89: 25% e 90-94: 25%.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

45 a 49	3480	4186	3365	4185	4206	4768	3788	5005	3865	4813	2540	4262	2720	3645
50 a 54	3138	3926	2620	3091	3252	3866	3256	4548	3486	4409	2154	3900	1702	3246
55 a 59	2732	3597	2005	2538	2589	3130	2681	3995	3035	3883	2057	3761	1027	2172
60 a 64	2249	3145	1386	1881	1955	2296	2034	3284	2498	3155	2293	3481	1135	2536
65 a 69	1684	2542	958	1373	1464	1716	1358	2397	1870	2241	1537	2423	761	1494
70 a 74	1083	1809	690	918	1144	1385	740	1466	1203	1286	854	1388	565	1263
75 a 79	553	1048	515	654	774	967	288	676	615	526	351	588	327	662
80 a 84	127	288	473	571	232	332	43	127	138	85	59	106	144	399
85 a 89	63	144	237	285	116	166	22	64	69	42	29	53	56	189
90 a 94	32	72	118	143	58	83	11	32	34	21	29	53	10	52
95 a 99	16	36	59	71	29	42	5	16	17	11	0	0	2	39
100 e mais	16	36	59	71	29	41	5	16	17	11	0	0	1	11

Fonte: Dados de 1890, 1920 e 1930 são estimativas feitas segundo o método das populações estáveis. Os dados de 1910 foram retirados do BO. Os dados de 1940 e 1950 foram retirados dos respectivos Recenseamentos da População.

Quadro 9 – População de Cabo Verde, por grupos etários, entre 1890 e 1950 (%)

Pop. Por grupos de idades	1890		1900		1910		1920		1930		1940		1950	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
0 a 4	-10,89	9,55	-13,51	12,60	-12,38	11,63	-14,04	11,95	-10,89	11,76	-16,09	13,77	-11,59	9,73
5 a 9	-9,23	8,46	-10,97	10,19	-10,18	9,46	-10,46	9,61	-9,23	9,15	-15,60	13,49	-10,89	9,50
10 a 14	-8,88	8,20	-10,55	9,86	-9,20	8,88	-9,83	9,11	-8,88	8,79	-13,24	11,00	-14,46	12,75
15 a 19	-8,61	7,98	-9,77	9,43	-8,39	8,46	-9,36	8,72	-8,61	8,55	-7,75	7,26	-13,43	12,32
20 a 24	-8,21	7,71	-9,60	10,00	-8,36	9,14	-8,70	8,24	-8,21	8,18	-7,53	7,26	-10,78	10,58
25 a 29	-7,76	7,40	-8,68	9,35	-7,74	8,58	-7,95	7,71	-7,76	7,74	-8,17	8,25	-6,44	6,29
30 a 34	-7,33	7,09	-6,99	7,67	-6,50	6,72	-7,27	7,18	-7,33	7,29	-6,43	5,84	-5,84	6,00
35 a 39	-6,90	6,77	-6,03	6,47	-6,15	6,11	-6,63	6,67	-6,90	6,83	-6,82	7,58	-6,78	6,61
40 a 44	-6,43	6,45	-5,69	4,43	-6,89	6,66	-5,96	6,18	-6,43	6,39	-4,07	5,06	-7,19	6,68
45 a 49	-5,91	6,11	-4,91	5,31	-6,42	6,19	-5,27	5,70	-5,91	5,95	-3,05	4,36	-4,06	4,53
50 a 54	-5,33	5,73	-3,82	3,92	-4,96	5,02	-4,53	5,18	-5,33	5,45	-2,59	3,99	-2,54	4,03
55 a 59	-4,64	5,25	-2,92	3,22	-3,95	4,06	-3,73	4,55	-4,64	4,80	-2,47	3,85	-1,53	2,70
60 a 64	-3,82	4,59	-2,02	2,38	-2,98	2,98	-2,83	3,74	-3,82	3,90	-2,75	3,56	-1,69	3,15
65 a 69	-2,86	3,71	-1,40	1,74	-2,24	2,23	-1,89	2,73	-2,86	2,77	-1,85	2,48	-1,14	1,86
70 a 74	-1,84	2,64	-1,01	1,16	-1,75	1,80	-1,03	1,67	-1,84	1,59	-1,03	1,42	-0,84	1,57
75 a 79	-0,94	1,53	-0,75	0,83	-1,18	1,25	-0,40	0,77	-0,94	0,65	-0,42	0,60	-0,49	0,82
80 a 84	-0,22	0,42	-0,69	0,72	-0,35	0,43	-0,06	0,14	-0,21	0,11	-0,07	0,11	-0,16	0,43
85 a 89	-0,11	0,21	-0,35	0,36	-0,18	0,22	-0,03	0,07	-0,11	0,05	- 0	0,05	-0,08	0,21
90 a 94	-0,05	0,11	-0,17	0,18	-0,09	0,11	-0,02	0,04	-0,05	0,03	-0,03	0,05	-0,04	0,11

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

95 a 99	-0,03	0,05	-0,09	0,09	-0,04	0,05	-0,01	0,02	-0,03	0,01	0,00	0,00	-0,02	0,05
100 e +	-0,03	0,05	-0,09	0,09	-0,04	0,05	-0,01	0,02	-0,03	0,01	0,00	0,00	-0,02	0,05

Quadro 10 – Proporção dos três grandes grupos sócio-demográficos, entre 1890 e 1950

	1890	1900	1910	1920	1930	1940	1950
% Jovens (0-19 anos)	36	43	39	41	38	49	47
% Activos (20-59 anos)	53	50	52	51	53	44	46
% Idosos (60 e mais anos)	12	7	9	8	9	7	7

Quadro 11 – Índices-resumo das estruturas demográficas de Cabo Verde, entre 1890 e 1950

Índices	1890	1900	1910	1920	1930	1940	1950
Juventude	305	611	436	524	401	713	720
Envelhecimento ou Vitalidade	33	16	23	19	25	14	14
Dependência dos Jovens	68	87	76	81	72	111	101
Dependência dos Idosos	22	14	17	16	18	16	14
Dependência Total	90	102	93	97	90	127	116

Quadro 12 – Taxa de Crescimento Natural de Cabo Verde entre 1860 e 1950 (%)

Anos	TBM	TBN	Taxa de crescimento natural %	Anos	TBM	TBN	Taxa de crescimento natural %
1860	16,16	35,70	1,95	1912	32,25	38,73	0,65
1862	22,12	60,93	3,88	1913	24,00	54,19	3,02
1863	13,99	42,93	2,89	1914	28,17	37,48	0,93
1864	102,56			1915	28,63	67,44	3,88
1867	18,11	41,02	2,29	1916	51,80	44,14	-0,77
1871	20,29	53,80	3,35	1917	30,33	34,47	0,41
1873	19,52	49,88	3,04	1918	37,28	42,70	0,54
1874	18,04	48,62	3,06	1919	30,18	43,23	1,31
1878		52,23		1920	25,28	41,85	1,66
1885	16,53	42,53	2,60	1921	15,75		
1886	18,50	32,08	1,36	1927	29,99	31,07	0,11
1887	11,07	19,49	0,84	1928	21,13	33,99	1,29
1888	18,48	29,42	1,09	1929	16,18	41,17	2,50
1889	18,28	35,14	1,69	1930	18,41	46,14	2,77
1890	21,17	27,76	0,66	1931	24,64	44,47	1,98
1891	20,40	28,29	0,79	1932	26,85	41,93	1,51
1892	17,90	33,19	1,53	1933	23,18	44,63	2,14
1893	22,48	29,42	0,69	1934	20,16	40,91	2,07
1894	15,86	29,83	1,40	1935	27,86	42,10	1,42
1896	19,69	34,33	1,46	1936	21,36	39,54	1,82
1897	26,31	26,46	0,02	1937	26,88	48,04	2,12

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1898	25,74	21,92	-0,38	1938	21,57	45,71	2,41
1899	24,18	31,45	0,73	1939	20,73	42,41	2,17
1900	20,46	32,53	1,21	1940	24,18	45,00	2,08
1901	33,44	33,40	0,00	1941	75,72	35,96	-3,98
1902	25,53	31,12	0,56	1942	107,10	23,08	-8,40
1903	87,24	30,22	-5,70	1943	37,33	29,02	-0,83
1904	73,41	21,37	-5,20	1944	19,05	39,06	2,00
1905	23,24	24,66	0,14	1945	20,13	45,72	2,56
1906	32,05	38,24	0,62	1946	26,98	37,26	1,03
1907	26,50	43,09	1,66	1947	86,64	34,12	-5,25
1908	26,46	50,27	2,38	1948	110,25	26,99	-8,33
1909	23,49	44,82	2,13	1949	26,26	28,16	0,19
1910	22,90	60,33	3,74	1950	17,27	35,88	1,86
1911	35,57	37,81	0,22				

Quadro 13 – A mortalidade em Cabo Verde (1860-1950)

Anos	Mortalidade Geral Óbitos+nados-mortos)	Óbitos	Nados-mortos	Origem da informação	Nota
1860	1.443			Carreira, 1985	
1862	1.490			Carreira, 1985	
1863	1.328			Carreira, 1985	
1864	9.949			Carreira, 1985	São óbitos médios pois Carreira apenas apontou o total de óbitos para este triénio.
1865	9.948			Carreira, 1985	
1866	9.948			Carreira, 1985	
1867	1.230			BO	
1871	1.542			BO; Carreira, 1985	
1872	1.456			BO; Carreira, 1985	
1873	1.639			Estatística de CV	
1874	1.636			Carreira, 1985	
1885	1.834			Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985; Santos, 1998	
1886	2.175			Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985; Santos, 1998	
1887	1.302			Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985; Santos, 1998	
1888	2.238			BO; Carreira, 1985; Santos, 1998	
1889	2.300			BO	
1890	2.697			BO	
1891	2.608			Anuário Estatístico; BO; Santos, 1998	Carreira, 1985 aponta 1133 óbitos masculinos
1892	2.310			Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985; Santos, 1998	
1893	2.929			BO	
1894	2.111			BO; Carreira, 1985; Santos, 1998	

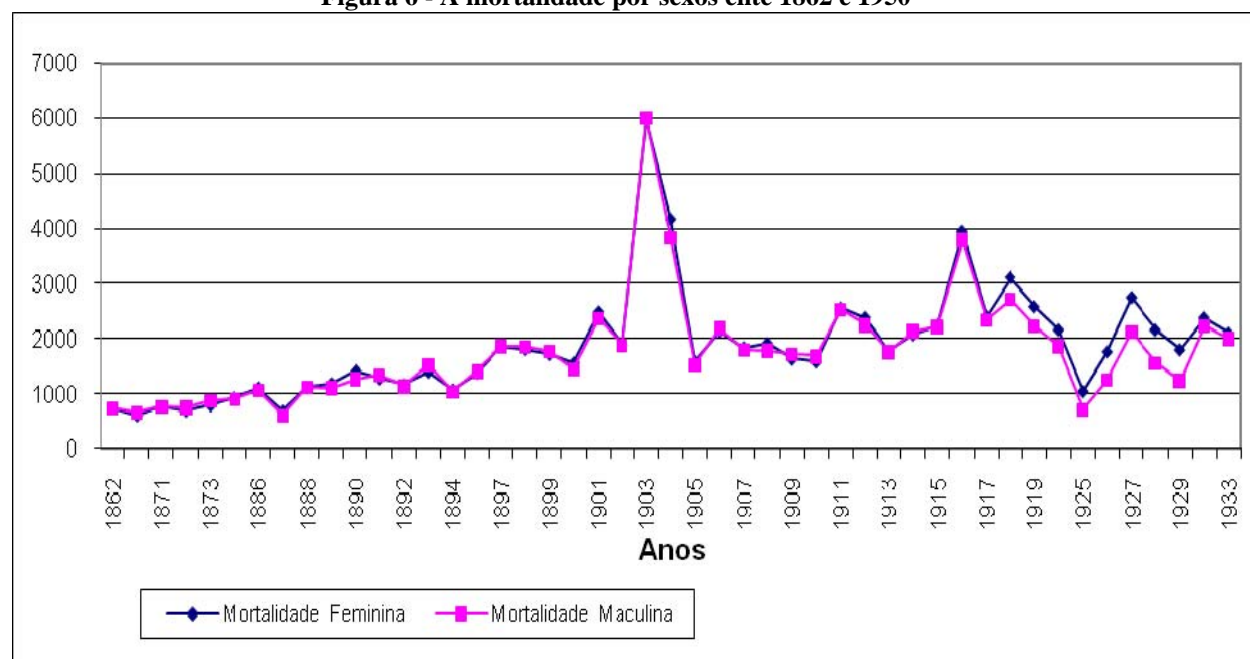
Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1896	2.794			BO; Carreira, 1985	
1897	3.733			BO; Carreira, 1985	
1898	3.669			Carreira, 1985; Santos, 1998	
1899	3.491			BO; Carreira, 1985; Santos, 1998	
1900	3.016			Anuário Estatístico; Carreira, 1985; Firmino, 1949; Santos, 1998	
1901	4.872			BO; Carreira, 1985; Santos, 1998	
1902	3.761			BO; Carreira, 1985; Santos, 1998	
1903	12.002			Carreira, 1985; Santos, 1998	
1904	8.008			BO	
1905	3.119			BO; Carreira, 1985; Santos, 1998	
1906	4.333			BO; Carreira, 1985; Santos, 1998	
1907	3.652			BO; Carreira, 1985; Santos, 1998	
1908	3.704			BO; Carreira, 1985; Santos, 1998	
1909	3.344			BO; Carreira, 1985	
1910	3.264			Anuário Estatístico; Carreira, 1985; Firmino, 1949; Santos, 1998	
1911	5.096			BO; Carreira, 1985; Santos, 1998	
1912	4.642			BO; Carreira, 1985; Santos, 1998	
1913	3.546			Carreira, 1985; Santos, 1998	
1914	4.219			Carreira, 1985; Santana, 1949; Santos, 1998	
1915	4.471			Carreira, 1985; Santos, 1998	
1916	7.748			Carreira, 1985; Santana, 1949; Santos, 1998	
1917	4.765			Carreira, 1985; Santana, 1949; Santos, 1998	
1918	5.852			Carreira, 1985; Santos, 1998	
1919	4.826			Carreira, 1985; Santos, 1998	
1920	4.036			Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985; Santana, 1949; Santos, 1998	
1921	23.373			Carreira, 1985	
1923	1.659			Carreira, 1985	
1925	1.760			Carreira, 1985; Santos, 1998	
1926	3.026	2.741	285	Carreira, 1985	
1927	4.888	4.448	440	Carreira, 1985	
1928	3.716	3.173	543	Carreira, 1985	
1929	3.050	2.488	562	Carreira, 1985	
1930	3.259	2.694	565	Anuário Estatístico	
1931	4.310	3.660	650	Anuário Estatístico	
1932	4.619	4.042	577	Anuário Estatístico; Santos, 1998	
1933	4.107	3.551	556	Anuário Estatístico; Carreira, 1985; Santana, 1949; Sarmento <i>et al</i> , 1957; Santos, 1998	
1934	3.724	3.164	560	Anuário Estatístico; Carreira, 1985; Santana, 1949; Sarmento <i>et al</i> , 1957; Santos, 1998	
1935	5.032	4.428	604	Anuário Estatístico; Carreira, 1985; Santana, 1949; Sarmento <i>et al</i> , 1957; Santos, 1998	

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1936	4.077	3.474	603	Anuário Estatístico; Carreira, 1985; Santana, 1949; Sarmento <i>et al</i> , 1957; Santos, 1998
1937	5.142	4.449	693	Anuário Estatístico; Santana, 1949; Sarmento <i>et al</i> , 1957
1938	4.433	3.666	767	Anuário Estatístico; Carreira, 1985; Santana, 1949; Sarmento <i>et al</i> , 1957; Santos, 1998
1939	4.337	3.615	722	Anuário Estatístico; Carreira, 1985; Santana, 1949; Sarmento <i>et al</i> , 1957; Santos, 1998
1940	5.132	4.384	748	Anuário Estatístico; Carreira, 1985; Santana, 1949; Sarmento <i>et al</i> , 1957; Santos, 1998
1941	13.965	13.210	755	Anuário Estatístico; Carreira, 1985; Santana, 1949; Sarmento <i>et al</i> , 1957; Santos, 1998
1942	17.503	17.089	414	Anuário Estatístico; Carreira, 1985; Santana, 1949; Sarmento <i>et al</i> , 1957; Santos, 1998
1943	6.435	5.900	535	Anuário Estatístico; Carreira, 1985; Santana, 1949; Sarmento <i>et al</i> , 1957; Santos, 1998
1944	3.768	3.077	691	Anuário Estatístico; Carreira, 1985; Sarmento <i>et al</i> , 1957; Santos, 1998
1945	4.422	3.332	1.090	Anuário Estatístico; Carreira, 1985; Santos, 1998
1946	5.275	4.539	736	Anuário Estatístico; Carreira, 1985; Sarmento <i>et al</i> , 1957; Santos, 1998
1947	14.034	13.398	636	Anuário Estatístico; Carreira, 1985; Sarmento <i>et al</i> , 1957; Santos, 1998
1948	15.755	15.340	415	Anuário Estatístico; Carreira, 1985; Sarmento <i>et al</i> , 1957; Santos, 1998
1949	4.065	3.641	424	Anuário Estatístico; Carreira, 1985; Sarmento <i>et al</i> , 1957; Santos, 1998
1950	3.187	2.562	625	Anuário Estatístico; Carreira, 1985; Sarmento <i>et al</i> , 1957; Santos, 1998

Figura 6 - A mortalidade por sexos ente 1862 e 1950



Fonte: Apêndice, quadro 14.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Quadro 14 – A mortalidade por sexos entre 1962 e 1950

Anos	Mortalidade Geral (óbitos + nados-mortos)	H	M	Anos	Mortalidade Geral (óbitos + nados-mortos)	H	M
1862	1.490	743	747	1913	3.546	1763	1783
1867	1.230	662	608	1914	4.219	2143	2076
1871	1.542	771	771	1915	4.471	2224	2247
1872	1.456	759	697	1916	7.748	3795	3953
1873	1.639	871	791	1917	4.765	2352	2413
1885	1.834	904	930	1918	5.852	2733	3119
1886	2.175	1064	1111	1919	4.826	2238	2588
1887	1.302	613	689	1920	4.036	1872	2164
1888	2.238	1123	1115	1925	1.760	713	1047
1889	2.300	1111	1189	1926	3.026	1.260	1.766
1890	2.697	1276	1421	1927	4.888	2.133	2.755
1891	2.608	1333	1275	1928	3.716	1.553	2.163
1892	2.310	1142	1168	1929	3.050	1.249	1.801
1893	2.929	1528	1401	1932	4.619	2.234	2.385
1894	2.111	1038	1073	1933	4.107	2.006	2.101
1896	2.794	1414	1380	1934	3.724	1.870	1.854
1897	3.733	1872	1861	1935	5.032	2.478	2.554
1898	3.669	1857	1812	1936	4.077	2.008	2.069
1899	3.491	1771	1720	1937	5.142	2.566	2.576
1900	3.016	1453	1563	1938	4.433	2.137	2.296
1901	4.872	2380	2492	1939	4.337	2.088	2.249
1902	3.761	1886	1875	1940	5.132	2.519	2.613
1903	12.002	6.008	5994	1941	13.965	7.076	6.889
1904	8.008	3834	4174	1942	17.503	8.537	8.966
1905	3.119	1537	1582	1943	6.435	3.133	3.302
1906	4.333	2197	2136	1944	3.768	1.702	2.066
1907	3.652	1811	1841	1945	4.422	2.174	2.248
1908	3.704	1786	1918	1946	5.275	2.612	2.663
1909	3.344	1713	1631	1947	14.034	7.096	6.938
1910	3.264	1685	1579	1948	15.755	7.298	8.457
1911	5.096	2538	2558	1949	4.065	1.902	2.163
1912	4.642	2254	2388	1950	3.187	1.552	1.635

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Quadro 15 – Mortalidade Infantil em Cabo Verde entre 1912 e 1950

Anos	Óbitos	Taxa por mil	Anos	Óbitos	Taxa por mil
1912	1.230	220,6	1934	1.234	192,2
1913	1.221	174,2	1935	1.391	207,6
1914	1.404	250,1	1936	1.111	172,8
1915	1.238	117,9	1937	1.776	223,4
1916	2.261	373	1938	1.169	149,9
1917	1.024	188,9	1939	1.313	137,3
1918	1.259	209,8	1940	1.418	173,8
1919	1.054	174,4	1941	2.733	435,9
1920	1.036	155	1942	1.987	510,3
1927	1.038	217,6	1943	1.458	317,9
1928	797	160,7	1946		268,7
1930	667	98,5	1947		542,9
1931	1.364	206,7	1948		428,6
1932	1.395	218	1949		203,9
1933	933	134,5	1950		130,7

Fonte: Santana, 1949, p. 371 e Sarmento, 1959, p. 258.

Quadro 16 – Percentagem da Mortalidade infantil entre 1946 e 1950 no total dos óbitos

Anos	% da Mortalidade infantil
1946	37,1
1947	21,4
1948	10,5
1949	21,9
1950	27,2

Fonte: Sarmento, 1964, p. 260.

Quadro 17 – A natalidade em Cabo Verde, em números absolutos de 1860 a 1952

Anos	Total	Nados-mortos	Nados-vivos	Fonte
1860	3188			Carreira, 1985
1862	4104			Carreira, 1985
1863	4076			Carreira, 1985
1867	2648			BO
1871	4089			BO; Carreira, 1985
1872	4188			BO
1873	4410			Estatísticas de CV
1874	5187			Carreira, 1985
1885	4718			Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985
1886	3771			Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985
1887	2293			BO; Carreira, 1985
1888	3563			BO; Carreira, 1985
1889	4421			BO

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1890	3536			BO
1891	3616			Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985
1892	4284			Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985
1893	3832			BO
1894	3970			BO; Carreira, 1985
1896	4872			BO
1897	3755			BO; Carreira, 1985
1898	3124			Carreira, 1985
1899	4541			BO; Carreira, 1985
1900	4796			Anuário Estatístico; Carreira, 1985; Santana, 1949
1901	4867			Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985
1902	4584			Anuário Estatístico; Carreira, 1985
1903	4158			Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985
1904	2807			BO
1905	3309			BO; Carreira, 1985
1906	5170			BO; Carreira, 1985
1907	5938			BO; Carreira, 1985
1908	7038			BO
1909	6380			BO; Carreira, 1985
1910	8600			Anuário Estatístico; Carreira, 1985; Santana, 1949
1911	5416			BO; Carreira, 1985
1912	5575			BO; Carreira, 1985
1913	8007			Carreira, 1985
1914	5614			Carreira, 1985
1915	10530			Carreira, 1985
1916	6602			Carreira, 1985
1917	5416			Santana, 1949
1918	6703			Carreira, 1985
1919	6913			Carreira, 1985
1920	6682			Anuário Estatístico; BO; Santana, 1949
1923	3514			Santos, 1998
1924	4881			Santos, 1998
1925	4040			Santos, 1998
1926	5201	285	4916	Carreira, 1985; Santos, 1998
1927	5.048	440	4.608	Carreira, 1985; Santos, 1998
1928	5.647	543	5.104	Carreira, 1985; Santos, 1998
1929	6.892	562	6.330	Carreira, 1985; Santos, 1998
1930	7.315	565	6.750	Anuário Estatístico
1931	7.255	650	6.605	Anuário Estatístico
1932	6.890	577	6.313	Anuário Estatístico

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1933	7392	556	6836	Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985; Santana, 1949; Santos, 1998; Sarmento <i>et al</i> , 1957
1934	6979	560	6419	Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985; Santana, 1949; Santos, 1998; Sarmento <i>et al</i> , 1957
1935	7295	604	6691	Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985; Santana, 1949; Sarmento <i>et al</i> , 1957
1936	7032	603	6429	Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985; Santana, 1949; Sarmento <i>et al</i> , 1957
1937	8645	693	7952	Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985; Santana, 1949; Sarmento <i>et al</i> , 1957
1938	8537	767	7770	Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985; Sarmento <i>et al</i> , 1957
1939	8119	722	7397	Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985; Santana, 1949; Sarmento <i>et al</i> , 1957
1940	8906	748	8158	Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985; Santana, 1949; Sarmento <i>et al</i> , 1957
1941	7028	755	6273	Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985; Santana, 1949; Sarmento <i>et al</i> , 1957
1942	4096	414	3682	Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985; Santana, 1949; Sarmento <i>et al</i> , 1957
1943	5121	535	4586	Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985; Santana, 1949; Santos, 1998; Sarmento <i>et al</i> , 1957
1944	6998	691	6307	Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985; Santos, 1998; Sarmento <i>et al</i> , 1958
1945	8658	1090	7568	Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985; Sarmento <i>et al</i> , 1957
1946	7005	736	6269	Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985; Santos, 1998; Sarmento <i>et al</i> , 1957
1947	5913	636	5277	Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985; Santos, 1998; Sarmento <i>et al</i> , 1958
1948	4171	415	3756	Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985; Santos, 1998; Sarmento <i>et al</i> , 1959
1949	4328	424	3904	Anuário Estatístico; Carreira, 1985; BO; Sarmento <i>et al</i> , 1957
1950	5947	625	5322	Anuário Estatístico; BO; Carreira, 1985; Santos, 1998; Sarmento <i>et al</i> , 1959
1951	8083	716	7367	Anuário Estatístico; Carreira, 1985; Santos, 1998; Sarmento <i>et al</i> , 1957
1952	8304	657	7647	Anuário Estatístico; BO; Sarmento <i>et al</i> , 1957

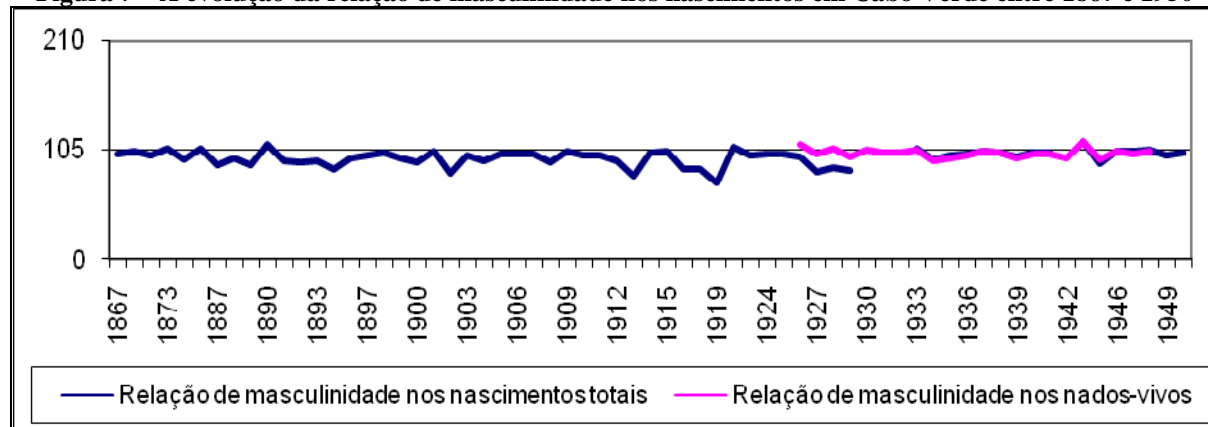
Quadro 18 – Taxas Brutas de Mortalidade e de Natalidade e Taxa de crescimento Natural para Cabo Verde entre 1860 e 1950 (‰)

Anos	TBM	TBN	Crescimento Natural	Anos	TBM	TBN	Crescimento Natural
1860	16,16	35,70	19,54	1912	32,25	38,73	6,48
1862	22,12	60,93	38,81	1913	24,00	54,19	30,19
1863	13,99	42,93	28,95	1914	28,17	37,48	9,31
1864	102,56	-	-	1915	28,63	67,44	38,80

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1867	18,26	39,31	21,05	1916	51,80	44,14	-7,66
1871	20,29	53,80	33,51	1917	30,33	34,47	4,14
1873	19,52	49,88	30,36	1918	37,28	42,70	5,42
1874	18,04	48,62	30,58	1919	30,18	43,23	13,05
1878	-	52,23	-	1920	25,28	41,85	16,57
1885	16,53	42,53	26,00	1921	155,12	-	-
1886	18,50	32,08	13,58	1927	32,96	31,07	-1,89
1887	11,07	19,49	8,42	1928	24,75	33,99	9,24
1888	18,48	29,42	10,94	1929	19,84	41,17	21,33
1889	18,28	35,14	16,86	1930	22,28	46,14	23,86
1890	21,17	27,76	6,59	1931	29,02	44,47	15,45
1891	20,40	28,29	7,89	1932	30,68	41,93	11,25
1892	17,90	33,19	15,29	1933	26,81	44,63	17,82
1893	22,48	29,42	6,93	1934	23,73	40,91	17,18
1894	15,86	29,83	13,97	1935	31,66	42,10	10,44
1896	19,69	34,33	14,64	1936	25,07	39,54	14,46
1897	26,31	26,46	0,16	1937	31,06	48,04	16,97
1898	25,74	21,92	-3,82	1938	26,08	45,71	19,63
1899	24,18	31,45	7,27	1939	24,87	42,41	17,55
1900	20,46	32,53	12,07	1940	28,31	45,00	16,69
1901	33,44	33,40	-0,03	1941	80,04	35,96	-44,09
1902	25,53	31,12	5,59	1942	109,69	23,08	-86,62
1903	87,24	30,22	-57,01	1943	40,72	29,02	-11,70
1904	60,98	21,37	-39,60	1944	23,33	39,06	15,72
1905	23,24	24,66	1,42	1945	26,71	45,72	19,01
1906	32,05	38,24	6,19	1946	31,35	37,26	5,91
1907	26,50	43,09	16,59	1947	90,75	34,12	-56,63
1908	26,46	50,27	23,81	1948	113,23	26,99	-86,24
1909	23,49	44,82	21,33	1949	29,32	28,16	-1,16
1910	22,90	60,33	37,43	1950	21,49	35,88	14,39
1911	35,57	37,81	2,23				

Figura 7 – A evolução da relação de masculinidade nos nascimentos em Cabo Verde entre 1867 e 1950



Fonte: Apêndice, quadro 19.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

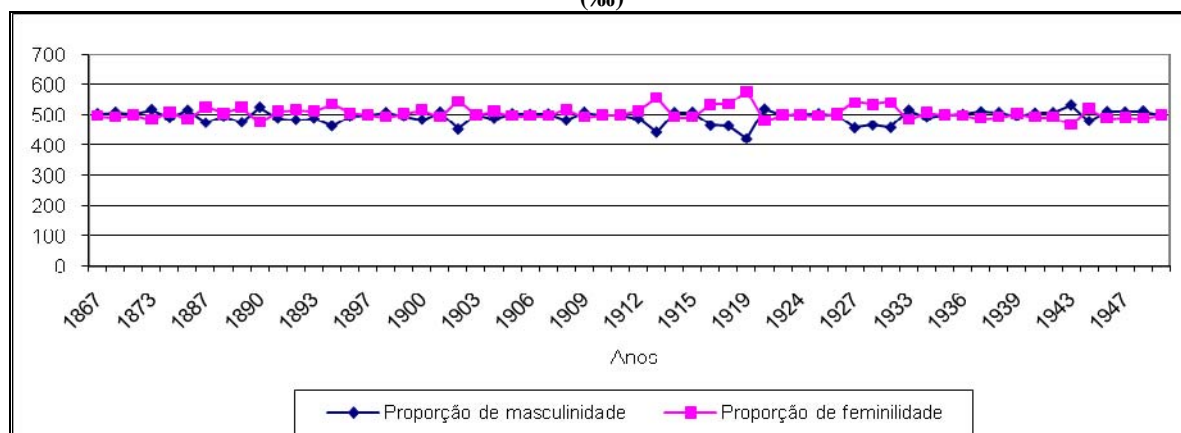
Quadro 19 – A relação de masculinidade nos nascimentos ocorridos em Cabo Verde

Anos	Nascimentos masculinos	Nascimentos femininos	Nados-vivos masculinos	Nados-vivos femininos	Relação de masculinidade nos nascimentos	Relação de masculinidade nos nados-vivos
1867	1336	1312			102	
1871	2081	2008			104	
1872	2101	2087			101	
1873	2251	2102			107	
1885	2310	2408			96	
1886	1943	1828			106	
1887	1089	1204			90	
1888	1759	1804			98	
1889	2106	2315			91	
1890	1855	1681			110	
1891	1764	1852			95	
1892	2071	2213			94	
1893	1869	1963			95	
1894	1842	2128			87	
1896	2408	2464			98	
1897	1879	1876			100	
1898	1587	1537			103	
1899	2247	2294			98	
1900	2323	2473			94	
1901	2478	2389			104	
1902	2078	2506			83	
1903	2076	2082			100	
1904	1367	1440			95	
1905	1668	1641			102	
1906	2597	2573			101	
1907	2990	2948			101	
1908	3393	3645			93	
1909	3247	3133			104	
1910	4290	4310			100	
1911	2708	2708			100	
1912	2713	2862			95	
1913	3555	4452			80	
1914	2851	2763			103	
1915	5357	5173			104	
1916	3073	3529			87	
1918	3110	3593			87	
1919	2920	3993			73	
1920	3466	3216			108	
1923	1760	1754			100	

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1924	2449	2432			101	
1925	2037	2003			102	
1926	2588	2613	2588	2328	99	111
1927	2309	2.739	2309	2299	84	100
1928	2634	3.013	2634	2470	87	107
1929	3160	3732	3112	3159	85	99
1930			3.455	3.295		105
1931			3.333	3.272		102
1932			3.200	3.113		103
1933	3812	3580	3514	3322	106	106
1934	3429	3550	3114	3305	97	94
1935	3640	3655	3301	3390	100	97
1936	3531	3501	3200	3229	101	99
1937	4410	4235	4040	3912	104	103
1938	4335	4202	3932	3838	103	102
1939	4028	4091	3647	3750	98	97
1940	4509	4397	4099	4059	103	101
1941	3569	3459	3152	3121	103	101
1942			1809	1873		97
1943	2722	2399	2437	2149	113	113
1944	3361	3637	3074	3233	92	95
1945						
1946	3580	3425	3195	3074	105	104
1947	3012	2901	2657	2620	104	101
1948	2139	2032	1912	1844	105	104
1949	2159	2169			100	
1950	3020	2927	2689	2633	103	102

Figura 8 - Proporções de Masculinidade e Feminilidade em Cabo Verde, no nascimento, de 1867 a 1950
(‰)



Fonte: Apêndice, quadro 20.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Quadro 20 – Proporções de Masculinidade e de Feminilidade nos nascimentos verificados em Cabo Verde entre 1867 e 1950 (‰)

Anos	Proporção de masculinidade nos nascimentos	Proporção de feminilidade nos nascimentos	Anos	Proporção de masculinidade nos nascimentos	Proporção de feminilidade nos nascimentos
1867	505	495	1913	444	556
1871	509	491	1914	508	492
1872	502	498	1915	509	491
1873	517	483	1916	465	535
1885	490	510	1918	464	536
1886	515	485	1919	422	578
1887	475	525	1920	519	481
1888	494	506	1923	501	499
1889	476	524	1924	502	498
1890	525	475	1925	504	496
1891	488	512	1926	498	502
1892	483	517	1927	457	543
1893	488	512	1928	466	534
1894	464	536	1929	459	541
1896	494	506	1933	516	484
1897	500	500	1934	491	509
1898	508	492	1935	499	501
1899	495	505	1936	502	498
1900	484	516	1937	510	490
1901	509	491	1938	508	492
1902	453	547	1939	496	504
1903	499	501	1940	506	494
1904	487	513	1941	508	492
1905	504	496	1943	532	468
1906	502	498	1944	480	520
1907	504	496	1946	511	489
1908	482	518	1947	509	491
1909	509	491	1948	513	487
1910	499	501	1949	499	501
1911	500	500	1950	508	492
1912	487	513			

Quadro 21 – Fecundidade Ilegítima em Cabo Verde entre 1933 e 1950 (%)

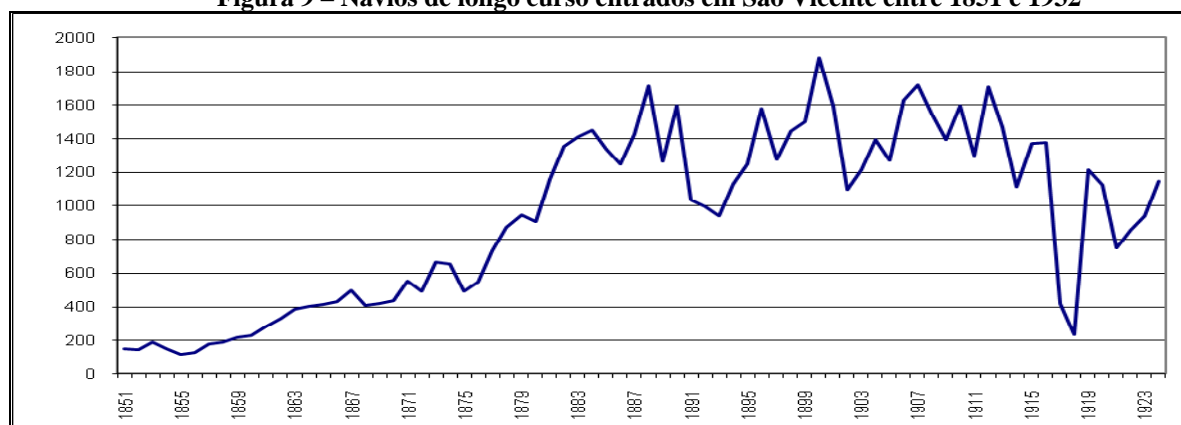
Anos	Total nados-vivos	Nados-vivos ilegítimos	Nados-vivos ilegítimos %
1933	6.836	4.676	68,4
1934	6.419	4.270	66,5
1935	6.691	4.606	68,8
1936	6.429	4.347	67,6
1937	7.952	5.296	66,6

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1938	7.770	5.187	66,8
1939	7.397	4.892	66,1
1940	8.158	5.295	64,9
1941	6.237	4.090	65,2
1942	3.682	2.497	67,8
1943	4.586	2.833	61,8
1944	6.307	3.895	61,8
1945	7.568	4.780	63,2
1946	6.269	4.411	70,4
1947	5.277	3.578	67,8
1948	3.756	2.577	68,6
1949	3.904	2.684	68,8
1950	5.322	3.401	63,9

Fonte: Sarmiento, 1957, p. 28.

Figura 9 – Navios de longo curso entrados em São Vicente entre 1851 e 1932



Fonte: Bacelar, 1933, p. 34; Duncan e Rendall, 1983, p. 8 e Leite, 1929, p. 166.

Quadro 22 – População da ilha de São Vicente, total e por sexos, entre 1798 e 1950

Anos	População			Anos	População		
	Total	M	F		Total	M	F
1798	200			1896	6.666	3.294	3.372
1807	200			1897	6.562	3.257	3.305
1810	80			1898	6.659	3.155	3.504
1815	115			1899	7.027	3.282	3.745
1819	120			1900	8.780	4.292	4.488
1820	295			1901	8.617	4.163	4.454
1827	205			1902	8.369	3.922	4.447
1830	300			1903	8.168	3.815	4.353
1832	300			1904	8.508	3.902	4.606
1834	341			1905	8.609	4.047	4.562
1844	400			1906	8.430	3.971	4.459
1848	553			1907	8.591	4.054	4.537
1850	700			1908	8.550	4.011	4.539
1855	1.350			1909	8.652	4.053	4.589

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1856	705			1910	10.086	4.662	5.424
1859	1.400			1911	9.839	4.534	5.305
1860	1.141			1912	9.929		
1862	1.337			1913	10.491		
1864	2.067			1914	10.969		
1865	1.308	724	584	1915	11.301	5.311	5.990
1866	1.400			1916	11.564		
1867	1.690	855	835	1919	11.581		
1869	1.691	840	851	1920	14.639	7.132	7.507
1870	1.802	901	901	1925	16.773	8.219	8.554
1871	1.817	899	918	1927	17.709	8.880	8.829
1872	1.702			1928	17.835	8.965	8.870
1873	1.864	862	1.002	1929	18.227	9.164	9.063
1874	2.436	1.172	1.264	1930	12.887	5.806	7.081
1875	2.841	1.345	1.496	1931	13.220	5.964	7.256
1876	2.928	1.394	1.534	1932	13.488	6.093	7.395
1877	3.001	1.525	1.476	1933	13.579	6.157	7.422
1878	3.297	1.774	1.523	1934	13.847	6.276	7.571
1879	3.717	1.981	1.736	1935	14.231	7.035	7.737
1880	4.064	2.208	1.856	1936	14.453		
1881	4.267			1937	15.722	7.651	8.071
1882	4.920	2.633	2.287	1938	16.243	7.911	8.332
1883	5.136	2.738	2.398	1939	16.812	8.208	8.604
1884	5.314	2.668	2.646	1940	15.867	7.143	8.724
1885	5.432	2.737	2.695	1941	15.621	7.018	8.603
1886	5.188	2.609	2.579	1942	15.277	6.825	8.452
1887	5.200	2.614	2.586	1943	15.038	6.710	8.328
1888	5.647	2.837	2.810	1944	15.606	7.004	8.602
1889	6.561	3.498	3.063	1945	15.886	7.173	8.713
1890	6.881	3.629	3.252	1946	15.728	7.086	8.642
1891	6.196	3.262	2.934	1947	15.446		
1892	5.854	2.790	3.064	1948	14.609	6.641	7.968
1893	5.609	2.585	3.024	1949	14.371	6.575	7.796
1894	5.694	2.611	3.083	1950	19.158	8.388	10.770
1895	6.211	2.967	3.244				

Quadro 23 – Evolução das proporções de masculinidade e de feminilidade em São Vicente entre 1865 e 1950 (‰)

Anos	População			Proporção de masculinidade	Proporção de feminilidade	Anos	População			Proporção de masculinidade	Proporção de feminilidade
	Total	M	F				Total	M	F		
1865	1.308	724	584	554	446	1903	8.168	3.815	4.353	467	533
1867	1.690	855	835	506	494	1904	8.508	3.902	4.606	459	541
1869	1.691	840	851	497	503	1905	8.609	4.047	4.562	470	530
1870	1.802	901	901	500	500	1906	8.430	3.971	4.459	471	529
1871	1.817	899	918	495	505	1907	8.591	4.054	4.537	472	528
1873	1.864	862	1.002	462	538	1908	8.550	4.011	4.539	469	531
1874	2.436	1.172	1.264	481	519	1909	8.652	4.053	4.589	469	531
1875	2.841	1.345	1.496	473	527	1910	10.086	4.662	5.424	462	538
1876	2.928	1.394	1.534	476	524	1911	9.839	4.534	5.305	461	539
1877	3.001	1.525	1.476	508	492	1915	11.301	5.311	5.990	470	530

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1878	3.297	1.774	1.523	538	462	1920	14.639	7.132	7.507	487	513
1879	3.717	1.981	1.736	533	467	1927	17.709	8.880	8.829	501	499
1880	4.064	2.208	1.856	543	457	1928	17.835	8.965	8.870	503	497
1882	4.920	2.633	2.287	535	465	1929	18.227	9.164	9.063	503	497
1883	5.136	2.738	2.398	533	467	1930	12.887	5.806	7.081	451	549
1884	5.314	2.668	2.646	502	498	1931	13.220	5.964	7.256	451	549
1885	5.432	2.737	2.695	504	496	1932	13.488	6.093	7.395	452	548
1886	5.188	2.609	2.579	503	497	1933	13.579	6.157	7.422	453	547
1887	5.200	2.614	2.586	503	497	1934	13.847	6.276	7.571	453	547
1888	5.647	2.837	2.810	502	498	1935	14.231	7.035	7.737	476	524
1889	6.561	3.498	3.063	533	467	1937	15.722	7.651	8.071	487	513
1890	6.881	3.629	3.252	527	473	1938	16.243	7.911	8.332	487	513
1891	6.196	3.262	2.934	526	474	1939	16.812	8.208	8.604	488	512
1892	5.854	2.790	3.064	477	523	1940	15.867	7.143	8.724	450	550
1893	5.609	2.585	3.024	461	539	1941	15.621	7.018	8.603	449	551
1894	5.694	2.611	3.083	459	541	1942	15.277	6.825	8.452	447	553
1895	6.211	2.967	3.244	478	522	1943	15.038	6.710	8.328	446	554
1896	6.666	3.294	3.372	494	506	1944	15.606	7.004	8.602	449	551
1897	6.562	3.257	3.305	496	504	1945	15.886	7.173	8.713	452	548
1898	6.659	3.155	3.504	474	526	1946	15.728	7.086	8.642	451	549
1899	7.027	3.282	3.745	467	533	1948	14.609	6.641	7.968	455	545
1900	8.780	4.292	4.488	489	511	1949	14.371	6.575	7.796	458	542
1901	8.617	4.163	4.454	483	517	1950	19.158	8.388	10.770	438	562
1902	8.369	3.922	4.447	469	531						

Quadro 24 – Proporções etárias da população de São Vicente, em anos censitários (%)

Grupos de Idades	1878		1890		1900		1910		1920		1930		1940		1950	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
0 a 4	-12,8	12,3	-10,0	10,3	-14,3	14,1	-15,4	13,6	-14,5	13,7	-14,9	12,6	-15,2	11,8	-13,1	10,8
5 a 9	-10,8	10,4	-9,1	9,2	-11,8	11,6	-13,0	11,0	-12,6	12,1	-12,4	10,0	-15,9	13,5	-9,3	7,6
10 a 14	-10,0	9,7	-8,7	8,7	-10,2	10,0	-10,0	10,5	-11,1	10,6	-10,5	8,7	-10,1	9,0	-16,2	13,9
15 a 19	-9,3	9,0	-8,4	8,3	-10,2	10,0	-9,0	10,4	-9,8	9,4	-10,0	11,0	-10,0	7,0	-14,1	11,6
20 a 24	-8,5	8,3	-8,0	7,9	-13,4	13,2	-10,4	12,4	-8,6	8,3	-6,6	11,8	-10,1	9,9	-9,3	9,8
25 a 29	-7,8	7,6	-7,6	7,5	-12,5	12,4	-9,9	11,7	-7,5	7,3	-10,7	10,2	-7,8	9,8	-8,0	8,2
30 a 34	-7,0	7,0	-7,2	7,0	-8,0	7,9	-8,2	8,6	-6,6	6,4	-6,5	8,2	-6,9	7,4	-5,9	6,9
35 a 39	-6,4	6,4	-6,8	6,6	-5,6	5,6	-6,9	6,6	-5,7	5,6	-5,5	7,0	-6,9	8,5	-4,6	5,4
40 a 44	-5,7	5,8	-6,3	6,2	-4,2	4,1	-6,0	4,6	-5,0	5,0	-4,3	5,7	-4,4	4,7	-5,4	6,2
45 a 49	-5,1	5,3	-5,9	5,8	-3,1	3,1	-4,6	3,2	-4,3	4,4	-3,7	4,8	-3,8	5,4	-4,7	5,4
50 a 54	-4,5	4,7	-5,4	5,3	-2,7	2,9	-2,5	2,5	-3,7	3,8	-3,1	3,6	-2,3	3,3	-3,0	3,8
55 a 59	-3,8	4,1	-4,8	4,8	-1,9	2,2	-1,4	1,8	-3,1	3,3	-2,4	2,9	-2,2	3,6	-2,7	3,3
60 a 64	-3,1	3,4	-4,1	4,2	-1,0	1,3	-1,2	1,3	-2,5	2,9	-1,6	1,9	-2,0	2,1	-1,2	2,2
65 a 69	-2,3	2,7	-3,3	3,4	-0,5	0,7	-0,8	0,8	-2,0	2,4	-1,1	1,4	-1,4	2,1	-1,0	1,9
70 a 74	-1,5	1,8	-2,3	2,5	-0,3	0,4	-0,4	0,5	-1,5	1,9	-3,4	0,1	-0,4	1,0	-0,7	1,2
75 a 79	-0,8	1,1	-1,4	1,4	-0,2	0,2	-0,1	0,3	-0,9	1,4	-1,7	0,1	-0,3	0,8	-0,4	0,8
80 a 84	-0,2	0,3	-0,4	0,4	-0,1	0,1	-0,1	0,1	-0,4	0,8	-0,9	0,0	-0,1	0,1	-0,2	0,5
85 a 89	-0,1	0,1	-0,2	0,2	0,0	0,0	0,0	0,1	-0,2	0,4	-0,4	0,0	-0,1	0,0	-0,1	0,2

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

90 a 94	-0,1	0,1	-0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	-0,1	0,2	-0,4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1
95 a 99	0,0	0,1	-0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
100 e +	0,0	0,1	-0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	-100	100	-100	100	-100	100	-100	100	-100	100	-100	100	-100	100	-100	100

Quadro 25 – Grupos Funcionais da Ilha de São Vicente em anos censitários (%)

Percentagens	Cabo Verde							São Vicente						
	1890	1900	1910	1920	1930	1940	1950	1890	1900	1910	1920	1930	1940	1950
Percentagem de Jovens	36	43	39	41	38	49	47	36	46	46	47	45	46	47
Percentagem de Activos	53	50	52	51	53	44	46	52	51	51	44	49	49	46
Percentagem de Idosos	12	7	9	8	9	7	7	12	2	3	9	6	5	5

Quadro 26 – Índices-resumo para anos censitários na ilha de São Vicente

Índices	Cabo Verde							São Vicente						
	1890	1900	1910	1920	1930	1940	1950	1890	1900	1910	1920	1930	1940	1950
Juventude	305	611	436	524	401	713	720	301	1857	1592	525	724	852	861
Envelhecimento ou Vitalidade	33	16	23	19	25	14	14	33	5	6	19	14	12	12
Dependência dos Jovens	68	87	76	81	72	111	101	71	90	92	106	91	94	103
Dependência dos Idosos	22	14	17	16	18	16	14	24	5	6	20	13	11	12
Dependência Total	90	102	93	97	90	127	116	94	94	97	126	104	105	115

Quadro 27 – Nascimentos ocorridos em São Vicente entre 1850 e 1950

Anos	Nascimentos	Anos	Nascimentos	Anos	Nascimentos
1850	28	1884	155	1918	367
1851	26	1885	187	1919	358
1852	4	1886	181	1920	514
1853	31	1887	154	1921	575
1854	27	1888	61	1922	477
1855	40	1889	212	1923	586
1856	18	1890	177	1924	615
1857	10	1891	189	1925	556
1858	18	1892	240	1926	602
1859	25	1893	262	1927	600
1860	20	1894	161	1928	696
1861	22	1895	231	1929	770
1862	16	1896	255	1930	780
1863	41	1897	159	1931	681
1864	24	1898	72	1932	748
1865	30	1899	103	1933	641

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1866	24	1900	258	1934	868
1867	35	1901	353	1935	708
1868	68	1902	296	1936	561
1869	69	1903	339	1937	665
1870	69	1904	309	1938	761
1871	99	1905	308	1939	772
1872	55	1906	385	1940	746
1873	79	1907	343	1941	647
1874	229	1908	383	1942	663
1875	236	1909	362	1943	834
1876	121	1910	354	1944	851
1877	99	1911	332	1945	899
1878	124	1912	204	1946	856
1879	93	1913	268	1947	690
1880	112	1914	335	1948	609
1881	104	1915	425	1949	640
1882	100	1916	441	1950	708
1883	134	1917	362		

Quadro 28 – Nascimentos médios por quinquênios, ocorridos em São Vicente entre 1850 e 1950

Anos	População	Total nascimentos do Registo Civil	Nascimentos médios
1855	1350	40	19
1860	1141	20	28
1865	1308	30	24
1870	1802	69	40
1875	2841	236	54
1880	4064	112	26
1885	5432	187	30
1890	6881	177	26
1895	6211	231	34
1900	8780	258	25
1905	8609	308	39
1910	10086	354	32
1915	11301	425	32
1920	14639	514	31
1925	16773	556	35
1930	12887	780	57
1935	14231	708	48
1940	15867	746	45

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1945	15886	899	52
1950	19158	708	38

Quadro 29 – Taxa de Fecundidade Geral das mulheres entre os 15 e os 59 anos, em anos censitários, para a ilha de São Vicente

Grupos de Idades	1878	1890	1900	1910	1920	1930	1940	1950
15 a 19	137	271	448	565	704	779	597	1.253
20 a 24	126	257	591	671	621	837	848	1.052
25 a 29	116	243	555	632	547	720	837	887
30 a 34	106	229	353	468	481	578	627	740
35 a 39	97	215	249	358	424	497	721	583
40 a 44	88	201	183	249	372	407	404	673
45 a 49	80	188	137	175	327	337	462	578
Total	750	1.604	2.516	3.118	3.476	4.155	4.496	5.766
Nascimentos	124	177	258	354	514	780	746	708
T.F.G.	165	110	103	114	148	188	166	123

Quadro 30 – Taxas específicas de fecundidade para os anos censitários de 1920 a 1950

1920				1930			
Grupos idades	N-V	Pop	afx	Grupos idades	N-V	Pop	afx
15 a 19	12	704	17,05	15 a 19	39	779	49,42
20 a 24	108	621	173,11	20 a 24	226	837	269,41
25 a 29	108	547	197,44	25 a 29	193	720	267,36
30 a 34	69	481	143,45	30 a 34	116	578	200,69
35 a 39	44	424	102,59	35 a 39	71	497	142,86
40 a 44	31	372	81,99	40 a 44	21	407	50,37
45 a 49	12	327	35,17	45 a 49	9	337	25,22
1940				1950			
Grupos idades	N-V	Pop	afx	Grupos idades	N-V	Pop	afx
15 a 19	59	597	98	15 a 19	77	1.253	61,45
20 a 24	150	848	177	20 a 24	197	1.052	187,26
25 a 29	165	837	197	25 a 29	158	887	178,13
30 a 34	167	627	266	30 a 34	94	740	127,03
35 a 39	77	721	106	35 a 39	82	583	140,65
40 a 44	26	404	64	40 a 44	23	673	34,18
45 a 49	6	462	12	45 a 49	4	578	6,92

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Quadro 31 – Indicador Conjuntural da Fecundidade, Taxa de Reprodução Bruta e Idade média das mães, entre 1920 e 1950, anos censitários

Idade exacta	1920				1930				
	Pop	afx	Acontecimentos	Dx	Pop	afx	Acontecimentos	Dx	
15	704	34	170	0	779	49	247	0	
20	621	346	1731	170	837	269	1347	247	
25	547	395	1974	1902	720	267	1337	1594	
30	481	287	1435	3876	578	201	1003	2931	
35	424	205	1026	5310	497	143	714	3934	
40	372	164	820	6336	407	50	252	4649	
45	327	70	352	7156	337	25	126	4901	
50	-	-	-	7508	-	-	-	5027	
Indicador Conjuntural da Fecundidade				7,51	Indicador Conjuntural da Fecundidade				5,00
Taxa de Reprodução Bruta				3,7	Taxa de Reprodução Bruta				2,5
Idade Média das mães				31	Idade Média das mães				29

Idade exacta	1940				1950				
	Pop	afx	Acontecimentos	Dx	Pop	afx	Acontecimentos	Dx	
15	597	98	490	0	1253	61	77	0	
20	848	177	884	490	1052	187	197	307	
25	837	197	986	1374	887	178	158	1244	
30	627	266	1328	2360	740	127	94	2134	
35	721	106	531	3688	583	141	82	2769	
40	404	64	322	4218	673	34	23	3473	
45	462	12	60	4540	578	7	4	3643	
50	-	-	-	4600	-	-	-	3678	
Indicador Conjuntural da Fecundidade				4,60	Indicador Conjuntural da Fecundidade				3,68
Taxa de Reprodução Bruta				2,2	Taxa de Reprodução Bruta				1,8
Idade Média das mães				29	Idade Média das mães				29

Quadro 32 – Evolução da Relação de masculinidade entre 1850 e 1950

Ano do nascimento	Sexo da criança		Relação de Masculinidade dos nascimentos	Ano do nascimento	Sexo da criança		Relação de Masculinidade dos nascimentos
	Masculino	Feminino			Masculino	Feminino	
1850	15	13	115	1901	165	188	88
1851	16	10	160	1902	130	166	78
1853	18	13	138	1903	167	172	97
1854	15	12	125	1904	144	165	87
1855	20	20	100	1905	153	155	99
1856	7	11	64	1906	190	195	97
1857	6	4	150	1907	169	174	97
1858	13	5	260	1908	171	212	81
1859	13	12	108	1909	173	189	92
1860	8	12	67	1910	170	184	92
1861	10	12	83	1911	156	176	89
1862	9	7	129	1912	94	110	85
1863	18	23	78	1913	133	135	99

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1864	12	12	100	1914	175	160	109
1865	11	19	58	1915	204	221	92
1866	9	15	60	1916	224	217	103
1867	19	16	119	1917	165	197	84
1868	41	27	152	1918	188	179	105
1869	34	35	97	1919	190	168	113
1870	35	34	103	1920	260	254	102
1871	49	50	98	1921	297	278	107
1872	34	21	162	1922	247	230	107
1873	34	45	76	1923	301	285	106
1874	112	117	96	1924	288	327	88
1875	114	122	93	1925	260	296	88
1876	71	50	142	1926	291	311	94
1877	51	48	106	1927	295	305	97
1878	76	48	158	1928	367	329	112
1879	50	43	116	1929	379	391	97
1880	57	55	104	1930	401	379	106
1881	53	51	104	1931	350	331	106
1882	49	51	96	1932	400	348	115
1883	73	61	120	1933	342	299	114
1884	81	74	109	1934	401	467	86
1885	79	108	73	1935	329	379	87
1886	97	84	115	1936	307	254	121
1887	69	85	81	1937	329	336	98
1888	33	28	118	1938	392	369	106
1889	113	99	114	1939	395	377	105
1890	94	83	113	1940	381	365	104
1891	97	92	105	1941	336	311	108
1892	113	127	89	1942	318	345	92
1893	120	142	85	1943	398	436	91
1894	87	74	118	1944	414	437	95
1895	112	119	94	1945	447	452	99
1896	126	129	98	1946	436	420	104
1897	73	86	85	1947	345	345	100
1898	34	38	89	1948	303	306	99
1899	49	54	91	1949	330	310	106
1900	135	123	110	1950	364	344	106

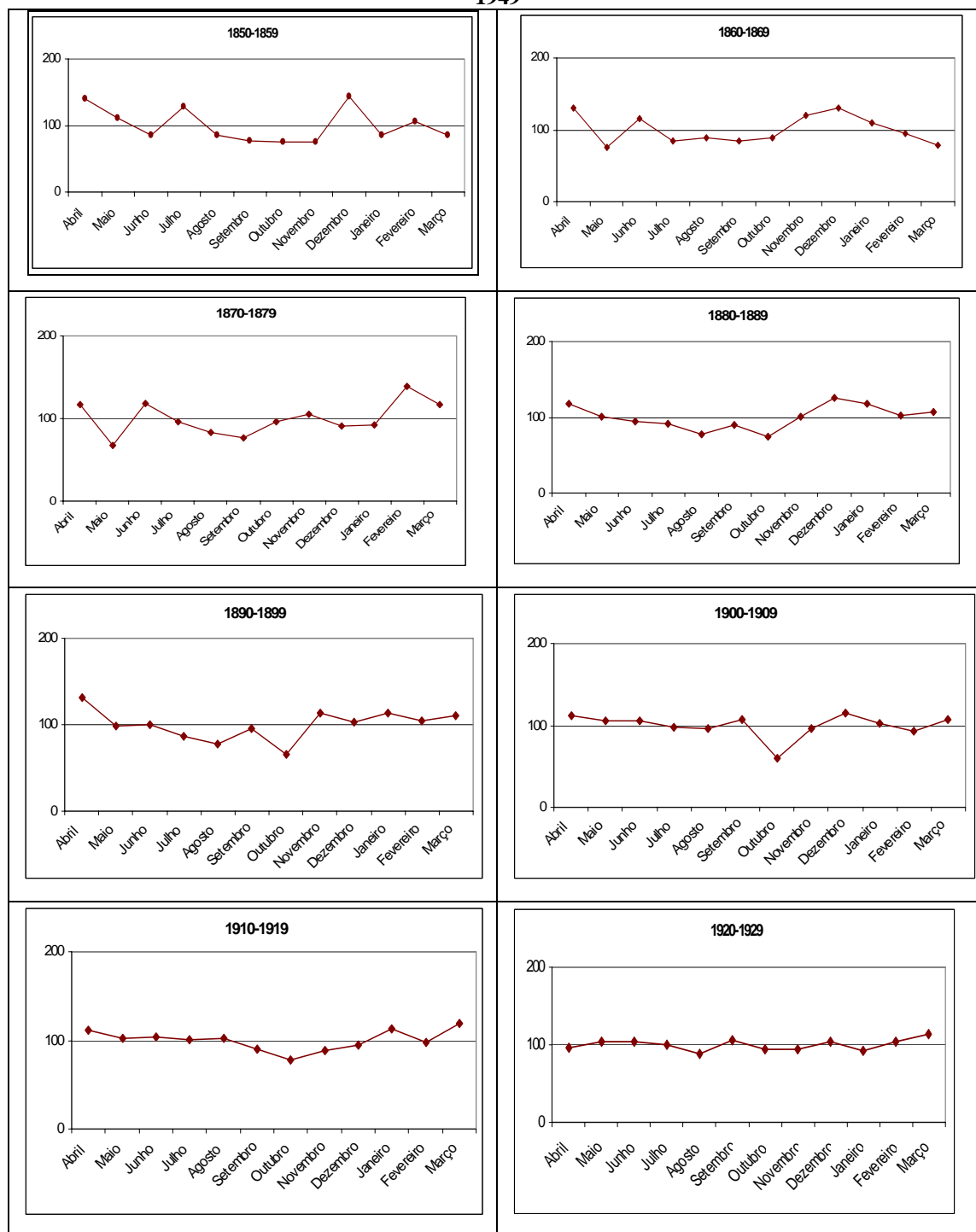
Quadro 33 – Ilegitimidade nos nascimentos na ilha de São Vicente entre 1850 e 1949, por grupos de anos decenais (%)

Grupos decenais	Nascimentos ilegítimos	Total nascimentos	Proporção ilegitimidade
1850-1859	27	218	12
1860-1869	97	338	29
1870 - 1879	715	1197	60
1880 - 1889	855	1389	62
1890 - 1899	1180	1819	65
1900 - 1909	2437	3290	74
1910 - 1919	2730	3411	80

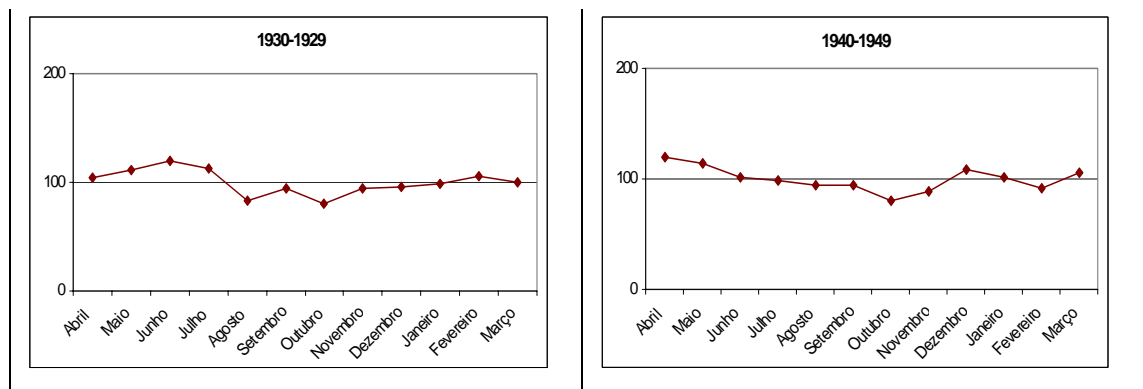
Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1920 - 1929	5151	5943	87
1930 - 1939	6417	7163	90
1940 - 1949	6572	7410	89

Figura 10 – Sazonalidade dos nascimentos, por decénios, ocorridos em São Vicente entre 1850 e 1949



Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente



Fonte: Apêndice, quadro 34.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Quadro 34 – Sazonalidade dos nascimentos em São Vicente, entre 1850 e 1949, em grupos decenais

1850-1859	Mês do nascimento												Total
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	
	Mês da concepção												
	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	
Nº absoluto nasc.	26	19	16	23	16	14	14	14	26	16	19	16	219
Divisor	31	28,25	31	30	31	30	31	31	30	31	30	31	
nº por dia	1	1	1	1	1	0	0	0	1	1	1	1	7
N.º Proporcionais	140	112	86	128	86	78	75	75	144	86	105	86	1200
1860-1869	Mês do nascimento												Total
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	
	Mês da concepção												
	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	
Nº absoluto nasc.	38	20	34	24	26	24	26	35	37	32	27	23	346
Divisor	31	28,25	31	30	31	30	31	31	30	31	30	31	
nº por dia	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	11
N.º Proporcionais	130	75	116	85	89	85	89	119	130	109	95	78	1200
1870-1879	Mês do nascimento												Total
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	
	Mês da concepção												
	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	
Nº absoluto nasc.	117	62	119	94	83	75	97	106	88	93	135	117	1186
Divisor	31	28,25	31	30	31	30	31	31	30	31	30	31	
nº por dia	4	2	4	3	3	3	3	3	3	3	5	4	39
N.º Proporcionais	117	68	118	97	83	77	97	106	91	93	139	117	1200
1880-1889	Mês do nascimento												Total
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	
	Mês da concepção												
	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	
Nº absoluto nasc.	139	108	111	104	92	102	87	118	143	139	117	126	1386
Divisor	31	28,25	31	30	31	30	31	31	30	31	30	31	
nº por dia	4	4	4	3	3	3	3	4	5	4	4	4	46
N.º Proporcionais	118	101	94	91	78	90	74	100	126	118	103	107	1200

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1890-1899	Mês do nascimento												Total
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	
	Mês da concepção												
	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	
Nº absoluto nasc.	205	141	156	130	122	145	103	177	155	177	159	172	1842
Divisor	31	28,25	31	30	31	30	31	31	30	31	30	31	
nº por dia	7	5	5	4	4	5	3	6	5	6	5	6	60
N.º Proporcionais	131	99	100	86	78	96	66	113	102	113	105	110	1200
1900-1909	Mês do nascimento												Total
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	
	Mês da concepção												
	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	
Nº absoluto nasc.	317	270	300	267	269	294	168	273	316	291	255	303	3323
Divisor	31	28,25	31	30	31	30	31	31	30	31	30	31	
nº por dia	10	10	10	9	9	10	5	9	11	9	9	10	109
N.º Proporcionais	112	105	106	98	95	108	60	97	116	103	93	107	1200
1910-1919	Mês do nascimento												Total
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	
	Mês da concepção												
	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	
Nº absoluto nasc.	322	269	302	285	295	254	227	256	265	328	274	347	3424
Divisor	31	28,25	31	30	31	30	31	31	30	31	30	31	
nº por dia	10	10	10	10	10	8	7	8	9	11	9	11	112
N.º Proporcionais	111	102	104	101	102	90	78	88	94	113	97	119	1200
1920-1929	Mês do nascimento												Total
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	
	Mês da concepção												
	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	
Nº absoluto nasc.	490	477	525	494	446	515	477	479	512	469	510	572	5966
Divisor	31	28,25	31	30	31	30	31	31	30	31	30	31	
nº por dia	16	17	17	16	14	17	15	15	17	15	17	18	196
N.º Proporcionais	97	103	104	101	88	105	94	95	104	93	104	113	1200
1930-1939	Mês do nascimento												Total
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

	Mês da concepção												
	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	
Nº absoluto nasc.	634	618	729	668	507	560	491	578	564	601	624	610	7184
Divisor	31	28,25	31	30	31	30	31	31	30	31	30	31	
nº por dia	20,4516129	21,87610619	23,51612903	22,2666667	16,3548387	18,6666667	15,8387097	18,64516129	18,8	19,38709677	20,8	19,67741935	236,2804073
N.º Proporcionais	103,8678398	111,1024301	119,4316328	113,085974	83,0615059	94,802613	80,4402355	94,69339336	95,47977448	98,46146956	105,6371973	99,93593417	1200
1940-1949	Mês do nascimento												Total
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	
	Mês da concepção												
	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	
Nº absoluto nasc.	755	657	638	605	596	577	507	559	662	644	562	667	7429
Divisor	31	28,25	31	30	31	30	31	31	30	31	30	31	
nº por dia	24	23	21	20	19	19	16	18	22	21	19	22	244
N.º Proporcionais	120	114	101	99	94	94	80	89	108	102	92	106	1200

Figura 11 – Local dos nascimentos ocorridos em São Vicente entre 1850 e 1950 (%)

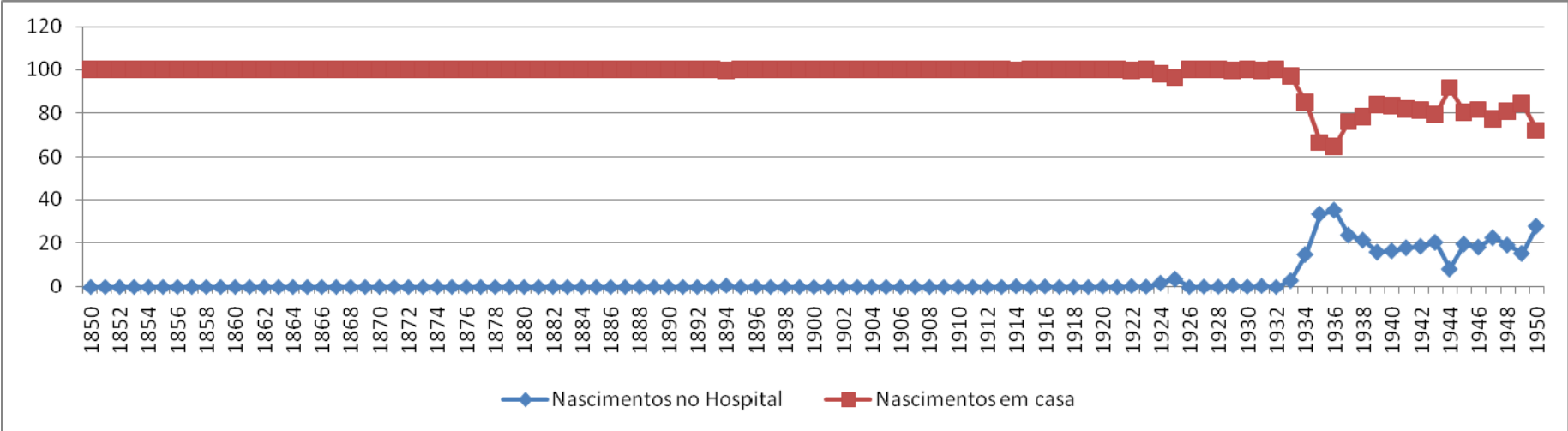


Figura 12 – Estado da criança na altura do registo de nascimento na ilha de São Vicente entre 1850 e 1950 (%)

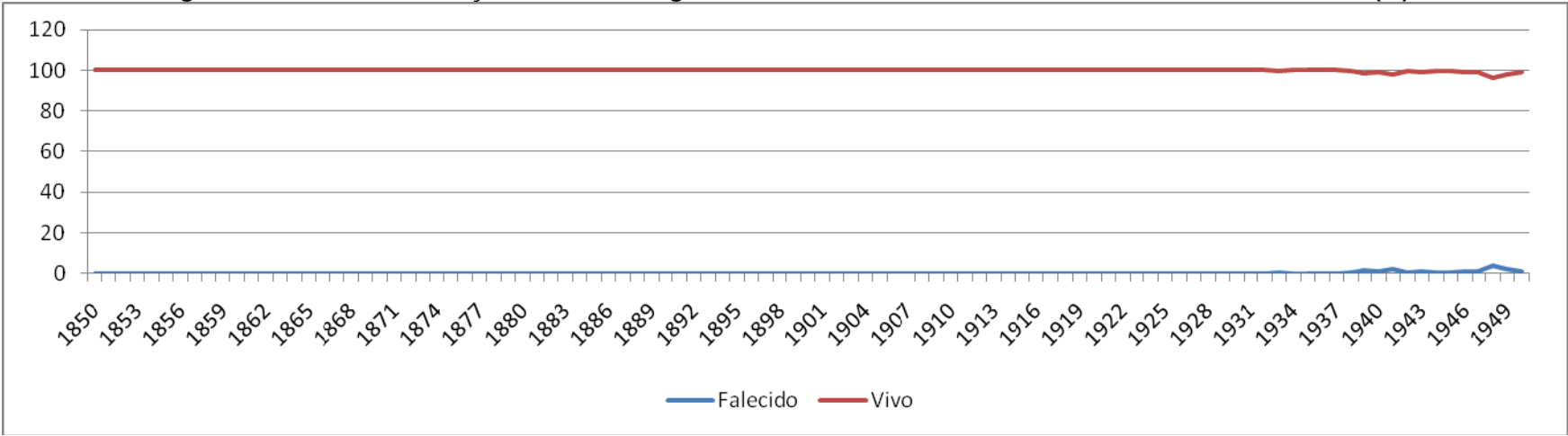
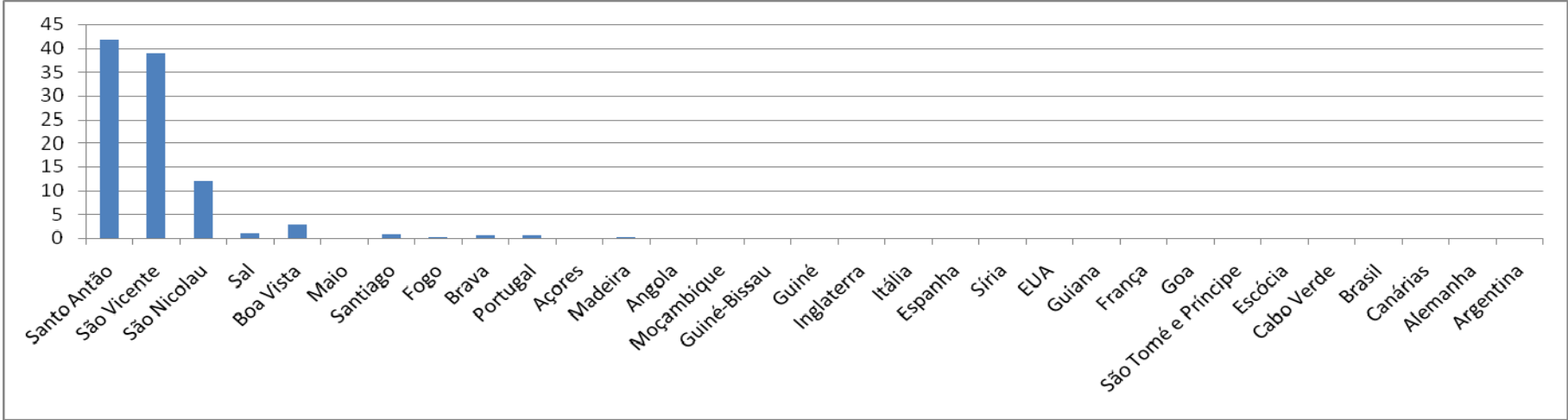


Figura 13 – Naturalidade das mulheres que deram à luz na ilha de São Vicente, entre 1850 e 1950 (%)



Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Figura 14 – Natalidade, por ano, de mulheres naturais de São Vicente e Santo Antão, que deram à luz na ilha de São Vicente, entre 1850 e 1950

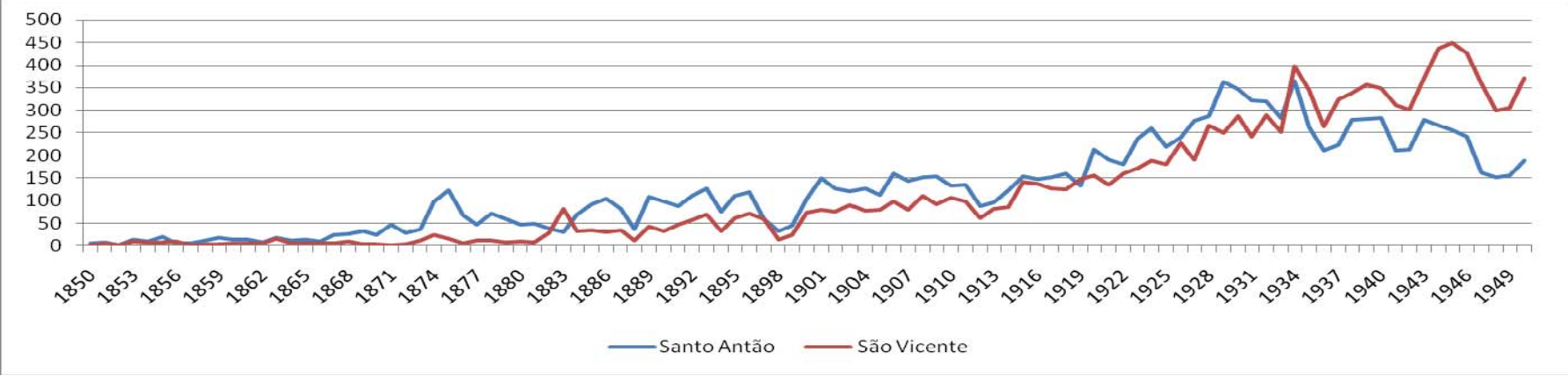


Figura 15 – Naturalidade dos pais das crianças nascidas na ilha de São Vicente, entre 1850 e 1950 (%)

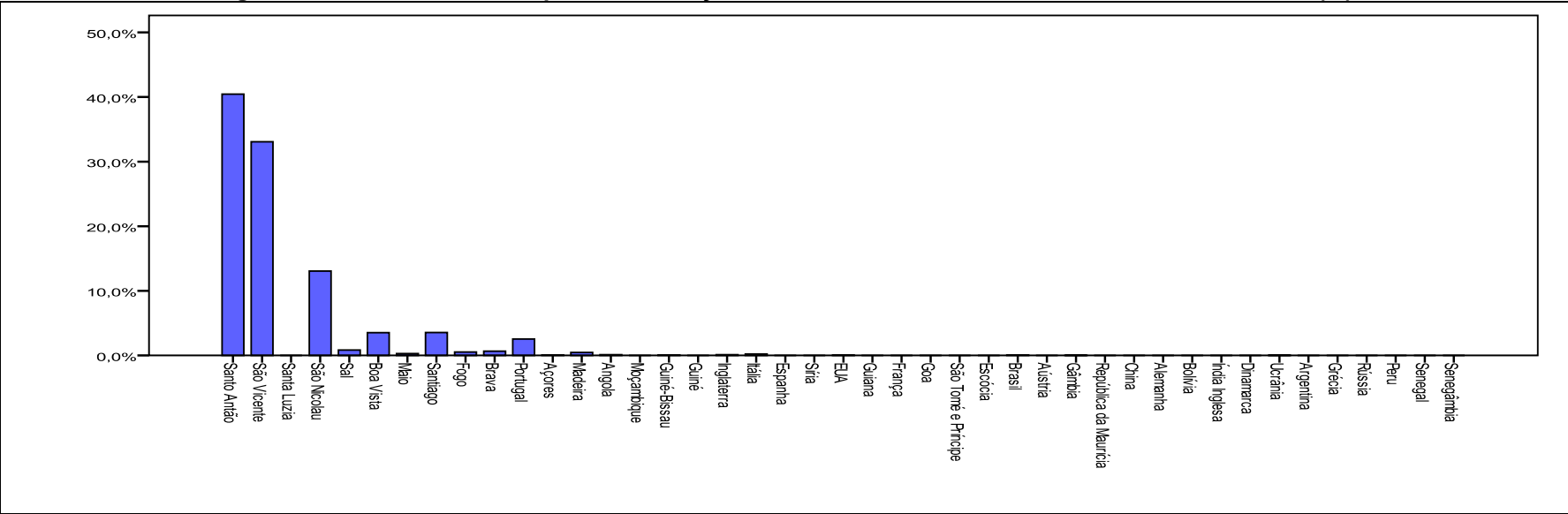


Figura 16 - Nascimentos verificados em São Vicente segundo a idade das mães

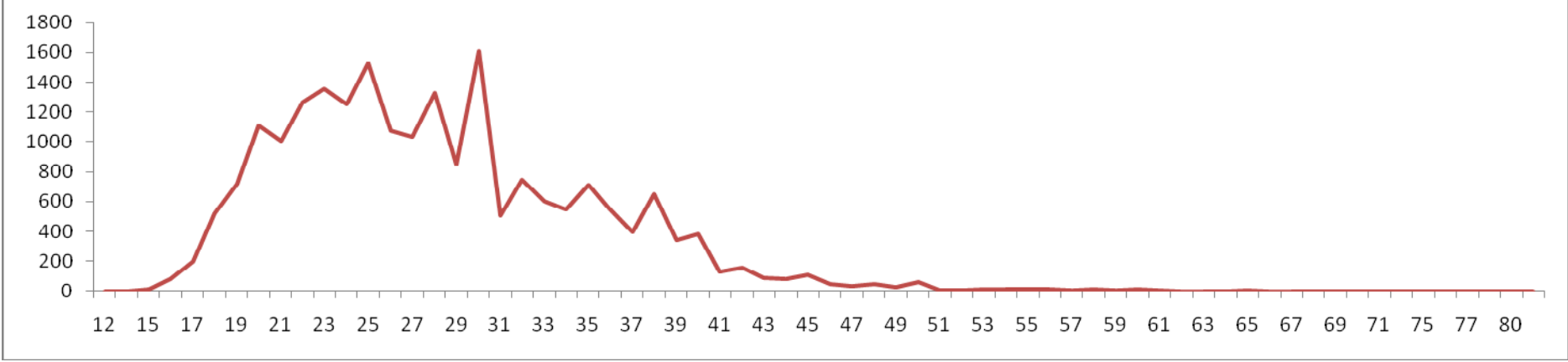
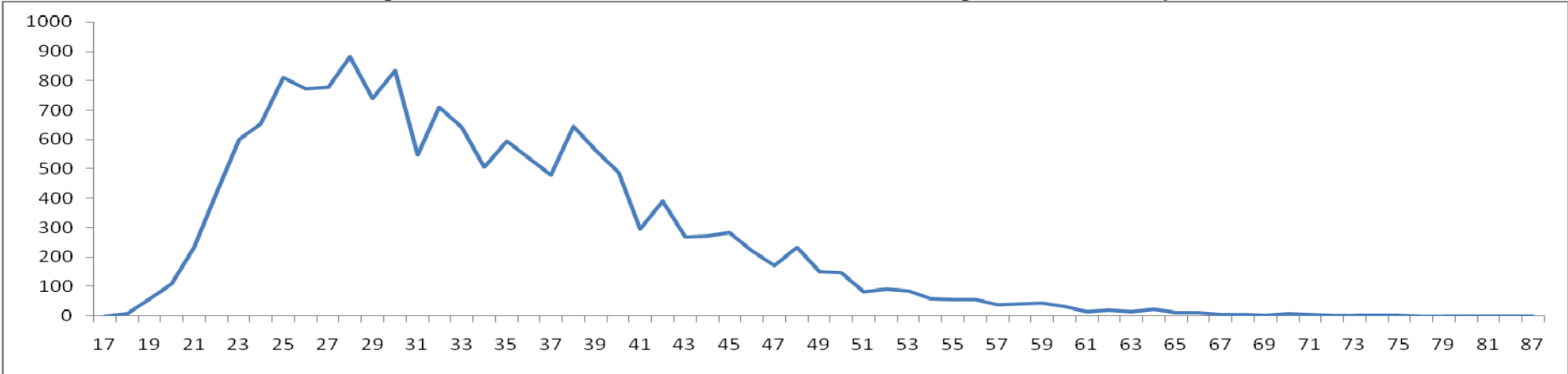


Figura 17 – Nascimentos verificados em São Vicente, segundo a idade dos pais



Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Quadro 35 – Mortalidade por anos em São Vicente, entre 1821 e 1950

Anos	Óbitos	Anos	Óbitos	Anos	Óbitos	Anos	Óbitos
1821	5	1864	70	1892	122	1925	648
1822	5	1865	61	1893	170	1926	507
1823	3	1866	32	1894	104	1927	783
1824	2	1867	19	1895	146	1928	548
1826	3	1868	32	1901	283	1929	505
1827	3	1869	38	1902	263	1930	585
1828	8	1870	40	1903	381	1931	552
1829	1	1871	44	1904	378	1932	503
1830	1	1872	31	1905	439	1933	561
1832	7	1873	36	1906	338	1934	420
1833	2	1874	33	1907	220	1935	437
1834	7	1875	47	1908	319	1936	455
1835	2	1876	177	1909	246	1937	523
1836	4	1877	62	1910	328	1938	436
1838	4	1878	62	1911	398	1939	560
1851	85	1879	63	1912	324	1940	657
1852	58	1880	73	1913	291	1941	993
1853	22	1881	89	1914	553	1942	1115
1854	29	1882	127	1915	416	1943	1067
1855	16	1883	169	1916	805	1944	524
1856	126	1884	118	1917	527	1945	592
1857	52	1885	76	1918	874	1946	794
1858	54	1886	104	1919	470	1947	978
1859	7	1887	89	1920	411	1948	1318
1860	33	1888	131	1921	1528	1949	743
1861	23	1889	158	1922	812	1950	474
1862	22	1890	218	1923	734		
1863	27	1891	134	1924	482		

Quadro 36 – Óbitos médios para São Vicente, entre 1855 e 1950

Anos	População	Óbitos médios	Anos	População	Óbitos médios
1855	1350	36	1910	10086	32
1860	1141	24	1915	11301	46
1865	1308	32	1920	14639	56
1870	1802	21	1925	16773	38
1875	2841	25	1930	12887	42
1880	4064	20	1935	14231	34
1885	5432	20	1940	15867	47
1890	6881	22	1945	15886	50
1895	6211	31	1950	19158	36

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1905	8609	41			
------	------	----	--	--	--

Quadro 37 – Natalidade e Mortalidade na ilha de São Vicente, entre 1865 e 1950

Anos	Nascimentos	Óbitos	Anos	Nascimentos	Óbitos	Anos	Nascimentos	Óbitos
1865	30	4	1894	161	103	1923	586	733
1866	24	31	1895	231	145	1924	615	481
1867	35	18	1896	255	-	1925	556	647
1868	68	31	1897	159	-	1926	602	506
1869	69	37	1898	72	-	1927	600	782
1870	69	39	1899	103	-	1928	696	547
1871	99	43	1900	258	-	1929	770	504
1872	55	30	1901	353	282	1930	780	584
1873	79	35	1902	296	262	1931	681	551
1874	229	32	1903	339	380	1932	748	502
1875	236	46	1904	309	377	1933	641	560
1876	121	176	1905	308	438	1934	868	419
1877	99	61	1906	385	337	1935	708	436
1878	124	61	1907	343	219	1936	561	454
1879	93	62	1908	383	318	1937	665	522
1880	112	72	1909	362	245	1938	761	435
1881	104	88	1910	354	327	1939	772	559
1882	100	126	1911	332	397	1940	746	656
1883	134	168	1912	204	323	1941	647	992
1884	155	117	1913	268	290	1942	663	1114
1885	187	75	1914	335	552	1943	834	1066
1886	181	103	1915	425	415	1944	851	523
1887	154	88	1916	441	804	1945	899	591
1888	61	130	1917	362	526	1946	856	793
1889	212	157	1918	367	873	1947	690	977
1890	177	217	1919	358	469	1948	609	1317
1891	189	133	1920	514	410	1949	640	742
1892	240	121	1921	575	1527	1950	708	473
1893	262	169	1922	477	811			

Quadro 38 – Intensidade das crises de mortalidade em São Vicente, segundo o método Dupâquier, entre 1856 e 1950

Anos	Mx	Desvio Padrão	Intensidade	Magnitude da crise	Média do período	Intensidade do período
1856	42	28,9	2,9	Crise média	1	Crise menor
1864	39	33,9	0,9	crise menor	1	Crise menor
1865	43	35,0	0,5	crise menor		
1875	37	10,9	1,0	crise menor	10	Crise maior

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1876	35	7,8	18,1	super crise		
1881	63	42,6	0,6	crise menor	1,2	Crise menor
1882	67	42,8	1,4	crise menor		
1883	77	44,5	2,1	crise média		
1884	90	50,4	0,6	crise menor		
1888	97	33,5	1,0	crise menor	1,9	Crise menor
1889	104	32,6	1,7	crise menor		
1890	113	33,2	3,2	crise média		
1893	132	41,5	0,9	crise menor	0,9	Crise menor
1901	138	37,9	3,8	crise média	2,3	Crise média
1902	156	57,5	1,9	crise menor		
1903	173	61,3	3,4	crise média		
1904	198	87,6	2,1	crise média		
1905	220	102,8	2,1	crise média		
1906	242	123,9	0,8	crise menor		
1911	320	68,1	1,2	crise menor	1,2	Crise menor
1914	328	66,4	3,4	crise média	2,5	Crise média
1915	346	97,0	0,7	crise menor		
1916	343	94,8	4,9	crise forte		
1917	390	173,9	0,8	crise menor		
1918	421	167,5	2,7	crise média		
1921	507	193,5	5,3	crise forte	2,9	Crise média
1922	620	371,2	0,5	crise menor		
1939	498	58,4	1,1	crise menor	3,0	Crise média
1940	503	61,6	2,5	crise média		
1941	510	75,0	6,4	crise forte		
1942	555	170,7	3,3	crise média		
1943	616	244,1	1,8	crise menor		
1947	726,1	249,4	1,0	crise menor	1,6	Crise menor
1948	771,6	249,8	2,2	crise média		

Quadro 39 – Mortalidade Infantil para São Vicente, segundo os Métodos Clássico e das Médias Ponderadas, entre 1851 e 1950

Ano	Nados-Vivos	Método Clássico	Método das médias ponderadas	Ano	Nados-Vivos	Método Clássico	Método das médias ponderadas
1851	28	71		1905	308	308	269
1852	26	0	73	1906	385	332	285
1853	4	0	0	1907	343	213	345
1854	31	32	0	1908	383	360	205
1855	27	74	34	1909	362	227	367
1856	40	125	64	1910	354	240	228
1857	18	56	153	1911	332	380	245
1858	10	0	65	1912	204	392	435

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1859	18	0	0	1913	268	354	355
1860	25	0	0	1914	335	394	327
1861	20	100	0	1915	425	221	362
1862	22	0	97	1916	441	367	218
1863	16	0	0	1917	362	298	390
1864	41	0	0	1918	367	354	297
1865	24	375	0	1919	358	260	357
1866	30	433	346	1920	514	210	227
1867	24	292	464	1921	575	496	202
1868	35	314	253	1922	477	252	525
1869	68	132	240	1923	586	213	234
1870	69	159	132	1924	615	207	210
1871	69	174	159	1925	556	245	213
1872	99	121	152	1926	602	221	238
1873	55	164	142	1927	600	305	221
1874	79	152	143	1928	696	204	290
1875	229	61	93	1929	770	213	197
1876	236	203	61	1930	780	210	212
1877	121	132	242	1931	681	253	219
1878	99	162	141	1932	748	159	245
1879	124	234	149	1933	641	232	167
1880	93	247	255	1934	868	85	208
1881	112	241	232	1935	708	186	91
1882	104	308	247	1936	561	171	200
1883	100	500	312	1937	665	212	161
1884	134	269	450	1938	761	134	202
1885	155	148	255	1939	772	207	133
1886	187	214	139	1940	746	194	210
1887	181	144	216	1941	647	287	203
1888	154	227	151	1942	663	305	285
1889	61	770	284	1943	834	339	281
1890	212	250	424	1944	851	163	337
1891	177	266	264	1945	899	185	160
1892	189	238	260	1946	856	243	188
1893	240	188	219	1947	690	271	260
1894	262	149	182	1948	609	369	282
1895	161	348	171	1949	640	250	363
1901	353	238	250	1950	708	136	242
1902	296	206	251	1951	822		
1903	339	295	197	1952	848		
1904	309	269	304				

Quadro 40 – Taxa de Mortinatalidade para São Vicente, entre 1851 e 1950

Ano	Nados-mortos	Nados-Vivos	Taxa de Mortinatalidade	Ano	Nados-mortos	Nados-Vivos	Taxa de Mortinatalidade
1851	2	28	66,7	1904	0	309	0,0
1852	2	26	71,4	1905	0	308	0,0
1853	1	4	200,0	1906	0	385	0,0
1854	1	31	31,3	1907	0	343	0,0

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1855	1	27	35,7	1908	0	383	0,0
1856	12	40	230,8	1909	0	362	0,0
1857	10	18	357,1	1910	0	354	0,0
1858	6	10	375,0	1911	0	332	0,0
1859	3	18	142,9	1912	0	204	0,0
1860	11	25	305,6	1913	6	268	21,9
1861	8	20	285,7	1914	36	335	97,0
1862	7	22	241,4	1915	50	425	105,3
1863	15	16	483,9	1916	75	441	145,3
1864	49	41	544,4	1917	92	362	202,6
1865	22	24	478,3	1918	85	367	188,1
1866	0	30	0,0	1919	61	358	145,6
1867	0	24	0,0	1920	79	514	133,2
1868	2	35	54,1	1921	79	575	120,8
1869	4	68	55,6	1922	67	477	123,2
1870	0	69	0,0	1923	87	586	129,3
1871	1	69	14,3	1924	72	615	104,8
1872	0	99	0,0	1925	97	556	148,5
1873	0	55	0,0	1926	82	602	119,9
1874	0	79	0,0	1927	79	600	116,3
1875	0	229	0,0	1928	118	696	145,0
1876	0	236	0,0	1929	107	770	122,0
1877	0	121	0,0	1930	117	780	130,4
1878	0	99	0,0	1931	106	681	134,7
1879	0	124	0,0	1932	102	748	120,0
1880	0	93	0,0	1933	62	641	88,2
1881	0	112	0,0	1934	70	868	74,6
1882	7	104	63,1	1935	57	708	74,5
1883	2	100	19,6	1936	62	561	99,5
1884	0	134	0,0	1937	86	665	114,5
1885	0	155	0,0	1938	85	761	100,5
1886	0	187	0,0	1939	76	772	89,6
1887	0	181	0,0	1940	88	746	105,5
1888	0	154	0,0	1941	66	647	92,6
1889	0	61	0,0	1942	73	663	99,2
1890	0	212	0,0	1943	89	834	96,4
1891	0	177	0,0	1944	94	851	99,5
1892	0	189	0,0	1945	105	899	104,6
1893	0	240	0,0	1946	73	856	78,6
1894	0	262	0,0	1947	64	690	84,9
1895	1	161	6,2	1948	72	609	105,7
1901	0	353	0,0	1949	71	640	99,9

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1902	0	296	0,0	1950	86	708	108,3
1903	0	339	0,0				

Quadro 41 – Taxas de Mortalidade neonatal, neonatal precoce, perinatal e pós-neonatal e taxa de mortinatalidade, para São Vicente, entre 1851 e 1950

Anos	Nados-vivos	Taxa de Mortalidade neonatal	Taxa Mortalidade neonatal precoce	Taxa de Mortinatalidade	Taxa Mortalidade Perinatal	Taxa Mortalidade pós-neonatal
1851	28	35,7	35,7	66,7	102,4	0
1854	31	32,3	0,0	31,3	63,5	0
1855	27	74,1	74,1	35,7	109,8	0
1856	40	50,0	25,0	230,8	280,8	0
1857	18	55,6	55,6	357,1	412,7	0
1861	20	100,0	100,0	285,7	385,7	0
1865	24	208,3	41,7	478,3	686,6	0
1866	30	200,0	166,7	0,0	200,0	0
1867	24	125,0	83,3	0,0	125,0	0
1868	35	142,9	57,1	54,1	196,9	0
1869	68	44,1	14,7	55,6	99,7	0
1870	69	72,5	14,5	0,0	72,5	0
1871	69	58,0	14,5	14,3	72,3	0
1872	99	30,3	10,1	0,0	30,3	0
1873	55	72,7	36,4	0,0	72,7	0
1874	79	63,3	38,0	0,0	63,3	0
1875	229	17,5	0,0	0,0	17,5	0
1876	236	29,7	12,7	0,0	29,7	0
1877	121	66,1	41,3	0,0	66,1	0
1878	99	80,8	30,3	0,0	80,8	0
1879	124	121,0	40,3	0,0	121,0	0
1880	93	139,8	53,8	0,0	139,8	0
1881	112	107,1	62,5	0,0	107,1	0
1882	104	96,2	57,7	63,1	159,2	0
1883	100	170,0	90,0	19,6	189,6	0
1884	134	97,0	59,7	0,0	97,0	0
1885	155	58,1	32,3	0,0	58,1	0
1886	187	123,0	53,5	0,0	123,0	0
1887	181	66,3	49,7	0,0	66,3	0
1888	154	97,4	51,9	0,0	97,4	0
1889	61	295,1	114,8	0,0	295,1	0
1890	212	122,6	47,2	0,0	122,6	0
1891	177	107,3	39,5	0,0	107,3	0
1892	189	58,2	15,9	0,0	58,2	0

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1893	240	66,7	29,2	0,0	66,7	0
1894	262	84,0	42,0	0,0	84,0	11,5
1895	161	105,6	55,9	6,2	111,8	12,4
1901	353	93,5	31,2	0,0	93,5	0,0
1902	296	91,2	50,7	0,0	91,2	0,0
1903	339	76,7	41,3	0,0	76,7	5,9
1904	309	80,9	29,1	0,0	80,9	0,0
1905	308	97,4	22,7	0,0	97,4	0,0
1906	385	119,5	51,9	0,0	119,5	7,8
1907	343	96,2	29,2	0,0	96,2	17,5
1908	383	117,5	36,6	0,0	117,5	15,7
1909	362	80,1	38,7	0,0	80,1	22,1
1910	354	81,9	14,1	0,0	81,9	14,1
1911	332	120,5	36,1	0,0	120,5	15,1
1912	204	161,8	68,6	0,0	161,8	4,9
1913	268	138,1	67,2	21,9	160,0	7,5
1914	335	140,3	68,7	97,0	237,3	14,9
1915	425	77,6	37,6	105,3	182,9	18,8
1916	441	104,3	38,5	145,3	249,7	11,3
1917	362	82,9	47,0	202,6	285,5	0,0
1918	367	111,7	43,6	188,1	299,8	13,6
1919	358	103,4	33,5	145,6	248,9	0,0
1920	514	99,2	46,7	133,2	232,4	0,0
1921	575	142,6	62,6	120,8	263,4	5,2
1922	477	67,1	35,6	123,2	190,2	6,3
1923	586	58,0	30,7	129,3	187,3	3,4
1924	615	63,4	26,0	104,8	168,2	11,4
1925	556	55,8	25,2	148,5	204,3	1,8
1926	602	74,8	34,9	119,9	194,6	8,3
1927	600	68,3	48,3	116,3	184,7	5,0
1928	696	69,0	40,2	145,0	213,9	10,1
1929	770	76,6	37,7	122,0	198,6	13,0
1930	780	53,8	17,9	130,4	184,3	15,4
1931	681	54,3	17,6	134,7	189,0	23,5
1932	748	37,4	17,4	120,0	157,4	4,0
1933	641	59,3	28,1	88,2	147,5	12,5
1934	868	20,7	4,6	74,6	95,4	3,5
1935	708	46,6	18,4	74,5	121,1	0,0
1936	561	41,0	25,0	99,5	140,5	7,1
1937	665	48,1	22,6	114,5	162,6	9,0
1938	761	25,0	10,5	100,5	125,4	6,6
1939	772	38,9	23,3	89,6	128,5	11,7

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1940	746	32,2	16,1	105,5	137,7	4,0
1941	647	63,4	29,4	92,6	155,9	7,7
1942	663	54,3	24,1	99,2	153,5	6,0
1943	834	68,3	28,8	96,4	164,8	3,6
1944	851	40,0	21,2	99,5	139,4	4,7
1945	899	46,7	23,4	104,6	151,3	1,1
1946	856	49,1	32,7	78,6	127,6	1,2
1947	690	76,8	34,8	84,9	161,7	4,3
1948	609	80,5	37,8	105,7	186,2	4,9
1949	640	81,3	35,9	99,9	181,1	3,1
1950	708	56,5	29,7	108,3	164,8	7,1

Quadro 42 – Óbitos por grupos de idades, em São Vicente entre 1821 e 1950 (%)

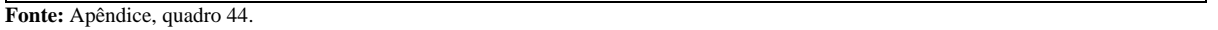
	Nados-mortos	Menos de 1 ano	1 a 4 anos	5 a 14 anos	15 a 59 anos	Mais de 60 anos	Total
Nrº. absoluto	3.144	7.670	6.329	1.768	9.759	3.405	32.075
%	9,8	23,9	19,7	5,5	30,4	10,6	100,0

Quadro 43 – Evolução da mortalidade ocorrida em São Vicente por sexos, entre 1821 e 1950

Ano falecimento	Masculino	Feminino	Total	Ano falecimento	Masculino	Feminino	Total
1821	5	0	5	1892	67	55	122
1822	4	1	5	1893	92	78	170
1823	2	1	3	1894	66	38	104
1824	2	0	2	1895	64	82	146
1826	3	0	3	1901	143	140	283
1827	1	2	3	1902	141	122	263
1828	5	3	8	1903	200	181	381
1829	0	1	1	1904	204	174	378
1830	0	1	1	1905	243	196	439
1832	6	1	7	1906	173	165	338
1833	2	0	2	1907	105	115	220
1834	4	3	7	1908	170	149	319
1835	2	0	2	1909	123	123	246
1836	2	2	4	1910	156	172	328
1838	2	2	4	1911	193	205	398
1851	46	39	85	1912	152	172	324
1852	39	19	58	1913	136	155	291
1853	15	7	22	1914	313	240	553
1854	18	11	29	1915	207	209	416
1855	13	3	16	1916	401	404	805
1856	57	58	115	1917	289	238	527
1857	37	15	52	1918	430	444	874
1858	36	16	52	1919	245	224	469

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1859	6	1	7	1920	220	191	411
1860	22	11	33	1921	795	733	1528
1861	13	10	23	1922	408	404	812
1862	14	8	22	1923	373	361	734
1863	18	9	27	1924	251	231	482
1864	56	14	70	1925	289	359	648
1865	43	18	61	1926	267	240	507
1866	16	16	32	1927	383	400	783
1867	5	14	19	1928	288	260	548
1868	20	12	32	1929	242	263	505
1869	22	16	38	1930	289	295	584
1870	23	17	40	1931	273	279	552
1871	23	21	44	1932	281	222	503
1872	19	12	31	1933	285	276	561
1873	26	10	36	1934	213	207	420
1874	19	14	33	1935	221	216	437
1875	28	19	47	1936	235	220	455
1876	98	79	177	1937	253	270	523
1877	34	28	62	1938	231	205	436
1878	34	28	62	1939	286	274	560
1879	28	35	63	1940	319	338	657
1880	40	33	73	1941	502	491	993
1881	41	48	89	1942	565	548	1113
1882	76	51	127	1943	525	542	1067
1883	92	77	169	1944	268	256	524
1884	60	58	118	1945	269	319	588
1885	36	40	76	1946	387	407	794
1886	56	48	104	1947	478	500	978
1887	47	42	89	1948	607	711	1318
1888	78	53	131	1949	351	392	743
1889	89	69	158	1950	237	237	474
1890	113	105	218	Total	16.570	15.993	32.563
1891	70	64	134				



Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Quadro 44 – Mortalidade por causas de morte em São Vicente, entre 1821 e 1950

Causas	Doenças Infecciosas Intestinais	Tuberculose	Algumas doenças bacterianas zoonóticas	Outras doenças bacterianas	Infeções de transmissão predominantemente sexual	Rickettsioses	Infeções virais do sistema nervoso central	Febres por arbovírus	Infeções virais caracterizadas por lesões da pele e mucosas
N. mortes	6957	1485	329	487	285	1	126	2	165
Causas	Hepatite viral	Doenças devidas a protozoários	Helmintíases	Outras doenças infecciosas	Neoplasias malignas	Neoplasias in situ	Neoplasias de comportamento incerto ou desconhecido	Anemias aplásticas e outras anemias	Outras doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos
N. mortes	5	415	26	34	183	41	13	70	1
Causas	Diabetes mellitos	Desnutrição	Outras deficiências nutricionais	Transtornos mentais orgânicos, inclusive os sintomáticos	Transtornos mentais e comportamentais devido ao uso de droga	Transtorno mental não especificado	Doenças inflamatórias do sistema nervoso central	Doenças extrapiramidais	Transtornos episódicos e paroxísticos
N. mortes	10	23	150	167	2	2	9	2	28
Causas	Transtornos dos nervos, das raízes e dos plexos nervosos	Doenças da junção mioneural	Paralésia cerebral e outras síndromes paralíticas	Outros transtornos do sistema nervoso	Doenças do ouvido médio e da mastóide	Doenças reumáticas crônicas do coração	Doenças hipertensivas	Doenças isquêmicas do coração	Doenças cardíaca pulmonar e de circulação pulmonar
N. mortes	1	26	77	52	2	129	2	25	136
Causas	Outras formas de doença do coração	Doenças cerebrovasculares	Doenças das artérias	Doenças das veias, dos vasos linfáticos	Infeções agudas das vias aéreas superiores	Influenza (gripe) e pneumonia	Outras doenças das vias aéreas superiores	Doenças crônicas das vias aéreas inferiores	Outras doenças respiratórias
N. mortes	647	11	19	5	14	1694	21	318	33

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Causas	Outras doenças da pleura	Outras doenças do aparelho respiratório	doenças da cavidade oral	Doenças do esofago,estomago	Doenças do âpendice	dermatite e eczema	Outras afecções da pele edo tecido subcutâneo	Hérnias	Outras doenças do intestino
N. rmortes	41	23	13	26	7	2	37	7	265
Causas	Peritonite	Doenças do fígado	Transtornos da vesícula biliar	Infecções da pele	Poliartropatias inflamatórias	Outros transtornos do tecidos moles	Outras osteopatias	Doenças renais	Insuficiência renal
N. rmortes	82	85	4	18	20	29	1	202	114
Causas	Outros transtornos do rim e ureter	Outras doenças do aparelho urinário	Doenças dos órgãos genitais masculinos	Doenças inflamatórias dos órgãos pélvicos femininos	Transtornos não inflamatórios do trato genital feminino	Gravidez que termina em aborto	Edema e transtornos hipertensivos na gravidez,parto e puerpé	Complicações de trabalho de parto e parto	Parto
N. rmortes	26	24	5	1	4	4	29	33	6
Causas	Complicações relacionadas com puerpério	Outras afecções obstétricas	Feto e recém nascido afectados por factores maternos	Traumatismo de parto	Infecções específicas do período peri-natal	Transtornos hemorrágicos	Transtornos do aparelho digestivo	Outros transtornos originados no perinatal	Outras malformações congénitas do aparelho digestivo
N. rmortes	52	4	1	1	4	10	1	3510	1
Causas	Sintomas e sinais relativos ao aparelho circulatório e respi	Sintomas relativos ao ap. digestivo e abdomen	sintomas relativos à cognição	Sintomas e sinais gerais	causas mal definidas e desconhecidas	Traumatismos da cabeça	Traumatismos do pescoço	Traumatismo do tórax	Traumatismos do abdomen,coluna
N. rmortes	52	52	16	823	9610	27	2	3	2
Causas	Traumatismos do quadril e coxa	Traumatismos do joelho	Traumatismos do tornozelo	Traumatismos envolvendo múltiplas regiões do corpo	Traumatismos de localização não especificada	Queimaduras especificadas do corpo	Queimaduras de regiões não especificadas do corpo	Efeitos tóxicos de substâncias não medicinais	Outros efeitos de causas externas e não especificadas
N. rmortes	2	6	2	2	16	4	24	8	17
Causas	Acidentes de transporte por água	Quedas	Exposição a forças mecânicas inanimadas	Exposição a forças mecânicas animadas	Afogamento e submersão acidentais	Outros riscos acidentais à respiração	Exposição ao fogo e chamas	Contacto com fonte de calor	Exposição às forças da Natureza

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

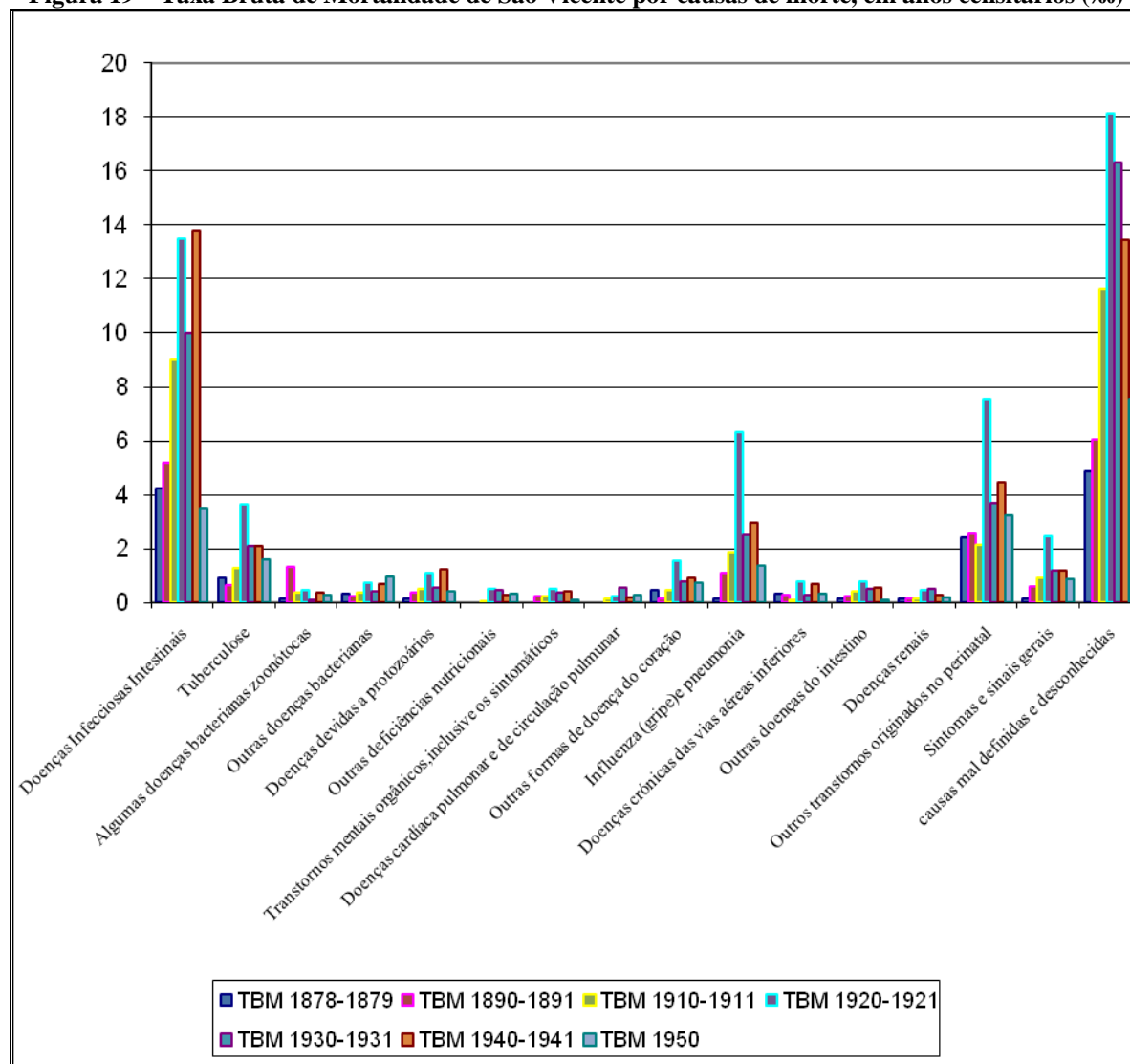
N. mortes	4	15	10	1	17	5	1	1	5
Causas	Excesso de esforços e privações	Exposição acidental a outros factores não especificados	Lesões autoprovocadas intencionalmente	Eventos cuja intenção é indeterminada	Agressões				
N. mortes	144	2	7	29	2				

Quadro 45 – Taxas Brutas de mortalidade, por principais causas em anos censitários, em São Vicente

	Doenças Infecciosas Intestinais	Tuberculose	Algumas doenças bacterianas zoonóticas	Outras doenças bacterianas	Doenças devidas a protozoários	Outras deficiências nutricionais	Transtornos mentais orgânicos, inclusive os sintomáticos	Doenças cardíaca pulmonar e de circulação pulmonar	Outras formas de doença do coração	Influenza (gripe) e pneumonia	Doenças crónicas das vias aéreas inferiores	Outras doenças do intestino	Doenças renais	Outros transtornos originados no perinatal	Sintomas e sinais gerais	Causas mal definidas e desconhecidas
TBM 1878-1879	4	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	5
TBM 1890-1891	5	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	3	1	6
TBM 1910-1911	9	1	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	2	1	12
TBM 1920-1921	13	4	0	1	1	1	1	0	2	6	1	1	0	8	2	18
TBM 1930-1931	10	2	0	0	1	0	0	1	1	2	0	1	1	4	1	16
TBM 1940-1941	14	2	0	1	1	0	0	0	1	3	1	1	0	4	1	13
TBM 1950	3	2	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	3	1	8

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Figura 19 – Taxa Bruta de Mortalidade de São Vicente por causas de morte, em anos censitários (%)



Fonte: Apêndice, quadro 45.

Quadro 46 – Óbitos ocorridos em São Vicente, por causas de morte, ordenadas por capítulos – CID-10, entre 1821 e 1950 (%)

CID -10	Número de óbitos	%
Capítulo XVIII	10.553	35,4
Capítulo I	10.317	34,6
Capítulo XVI	3.527	11,8
Capítulo X	2.144	7,2
Capítulo IX	974	3,3
Capítulo XI	489	1,6
Capítulo XIV	376	1,3
Capítulo XX	243	0,8
Capítulo II	237	0,8
Capítulo VI	195	0,7
Capítulo IV	183	0,6

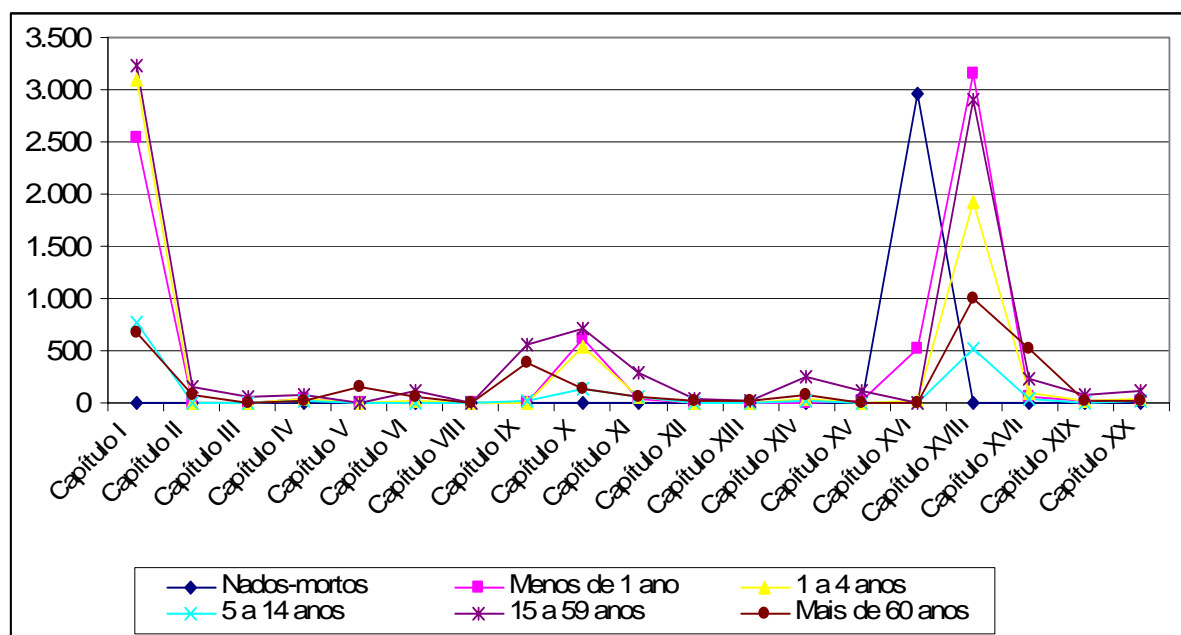
Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Capítulo V	171	0,6
Capítulo XV	128	0,4
Capítulo XIX	115	0,4
Capítulo III	71	0,2
Capítulo XII	57	0,2
Capítulo XIII	50	0,2
Capítulo VIII	2	0,0
Capítulo XVII	1	0,0
Capítulo VII	0	0,0

Quadro 47 – Lista das causas de morte por categorias de três caracteres (CID-10)

Capítulos	Significado
I	Algumas doenças infecciosas e parasitárias
II	Neoplasias (tumores)
III	Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários
IV	Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas
V	Transtornos mentais e comportamentais
VI	Doenças do sistema nervoso
VII	Doenças do olho e Apêndices
VIII	Doenças do ouvido e da apófise mastóide
IX	Doenças do aparelho circulatório
X	Doenças do aparelho respiratório
XI	Doenças do aparelho digestivo
XII	Doenças da pele e do tecido subcutâneo
XIII	Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo
XIV	Doenças do aparelho geniturinário
XV	Gravidez, parto e puerpério
XVI	Algumas afecções originadas no período perinatal
XVII	Malformações congénitas, deformidades e anomalias cromossômicas
XVIII	Sintomas, sinais e achados anormais de exames clínicos e de laboratório, não classificados em outra parte
XIX	Lesões, envenenamento e algumas outras consequências de causas externas
XX	Causas externas de morbidade e de mortalidade

Figura 20 – Mortalidade por grupos de idades e causas de morte em São Vicente, entre 1821 e 1950



Fonte: Apêndice, quadro 48.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Quadro 48 – Mortalidade por grupos de idades e causas de morte por categorias de três caracteres, entre 1821 e 1950, em São Vicente

	Capítulo I	Capítulo II	Capítulo III	Capítulo IV	Capítulo V	Capítulo VI	Capítulo VIII	Capítulo IX	Capítulo X	Capítulo XI
Nados-mortos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Menos de 1 ano	2.547	0	3	37	3	2	1	5	611	42
1 a 4 anos	3.090	3	7	36	0	11	0	6	540	56
5 a 14 anos	770	1	6	20	0	4	0	11	129	57
15 a 59 anos	3.223	158	52	79	7	110	1	557	720	282
Mais de 60 anos	673	75	3	10	161	67	0	394	142	52
Total	10.306	237	71	182	171	194	2	973	2.142	489
	Capítulo XII	Capítulo XIII	Capítulo XIV	Capítulo XV	Capítulo XVI	Capítulo XVIII	Capítulo XVII	Capítulo XIX	Capítulo XX	Total
Nados-mortos	0	0	0	0	2.970	11	0	0	0	2.981
Menos de 1 ano	3	1	5	11	514	3.151	64	12	14	7.026
2 a 4 anos	1	0	34	2	20	1.932	94	16	47	5.895
6 a 14 anos	2	1	24	1	3	524	45	8	22	1.628
Mais de 60 anos	34	28	244	112	7	2.898	236	77	114	8.939
Total	17	20	68	0	7	1.001	510	11	15	3.226
	57	50	375	126	3.521	9.514	949	124	212	29.695

Figura 21 – Mortalidade por sexos e por categorias de três caracteres, em São Vicente entre 1821 e 1950

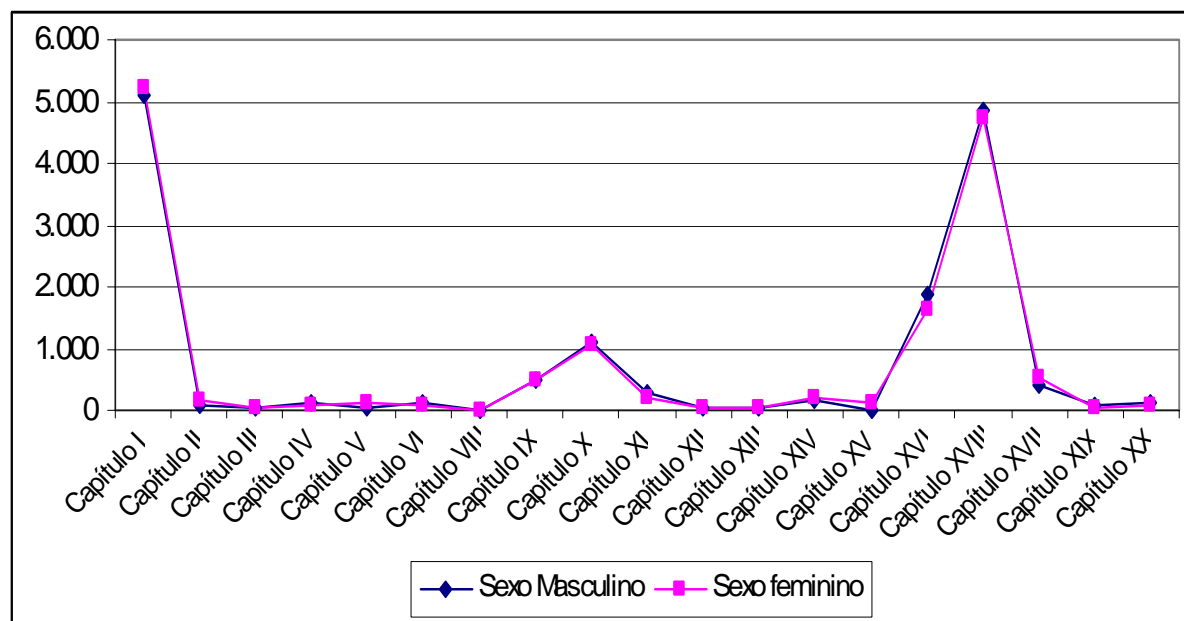
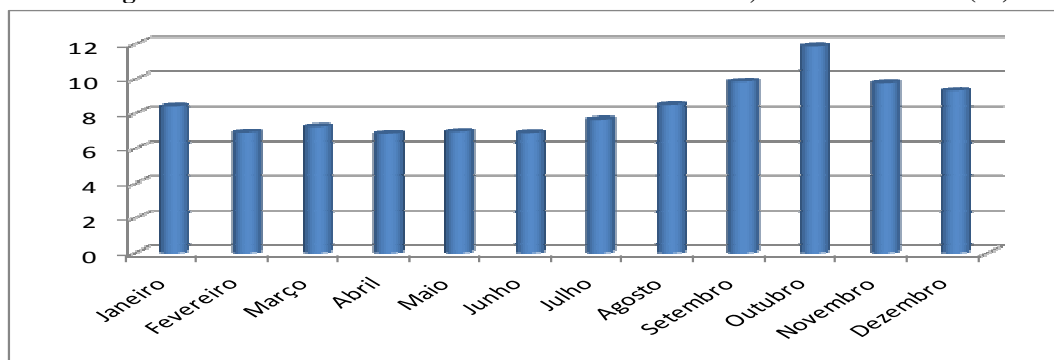


Figura 22 – Sazonalidade da mortalidade em São Vicente, entre 1821 e 1950 (%)



Fonte: Apêndice, quadro 49.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Quadro 49 – Sazonalidade da mortalidade por meses em São Vicente entre 1821 e 1950

		Frequência	%	% Válida	% Cumulativa
Valid	Janeiro	2739	8,0	8,4	8,4
	Fevereiro	2243	6,6	6,9	15,3
	Março	2356	6,9	7,2	22,5
	Abril	2218	6,5	6,8	29,3
	Maio	2257	6,6	6,9	36,3
	Junho	2232	6,5	6,9	43,1
	Julho	2491	7,3	7,6	50,8
	Agosto	2772	8,1	8,5	59,3
	Setembro	3203	9,4	9,8	69,1
	Outubro	3858	11,3	11,8	81,0
	Novembro	3175	9,3	9,7	90,7
	Dezembro	3023	8,9	9,3	100,0
	Total	32567	95,5	100,0	
Valores em falta	0	17	,0		
	System	1527	4,5		
	Total	1544	4,5		
Total		34111	100,0		

Quadro 50 – Sazonalidade da mortalidade por meses e grupos de idades em São Vicente, entre 1821 e 1950

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Nados-mortos	8,2	7,8	7,6	7,4	6,9	8,8	7,8	8,5	9,6	9,5	9,5	8,4
Menos de 1 ano	7,9	6,5	6,5	5,9	6,3	6,6	8,2	10,1	11,3	12,9	9,1	8,6
1 a 4 anos	8,4	6,8	7,5	6,7	6,4	5,8	7,3	8,3	10,6	12,2	10,1	9,9
5 a 14 anos	8,7	6,3	7,3	8,6	8,3	6,8	7,0	7,3	9,1	12,0	9,4	9,3
15 a 59 anos	8,6	7,0	7,3	7,0	7,1	7,2	7,5	7,7	8,5	12,4	10,1	9,8
Mais de 60 anos	9,2	7,3	8,0	6,8	7,9	6,6	7,8	8,0	8,4	10,4	10,1	9,4

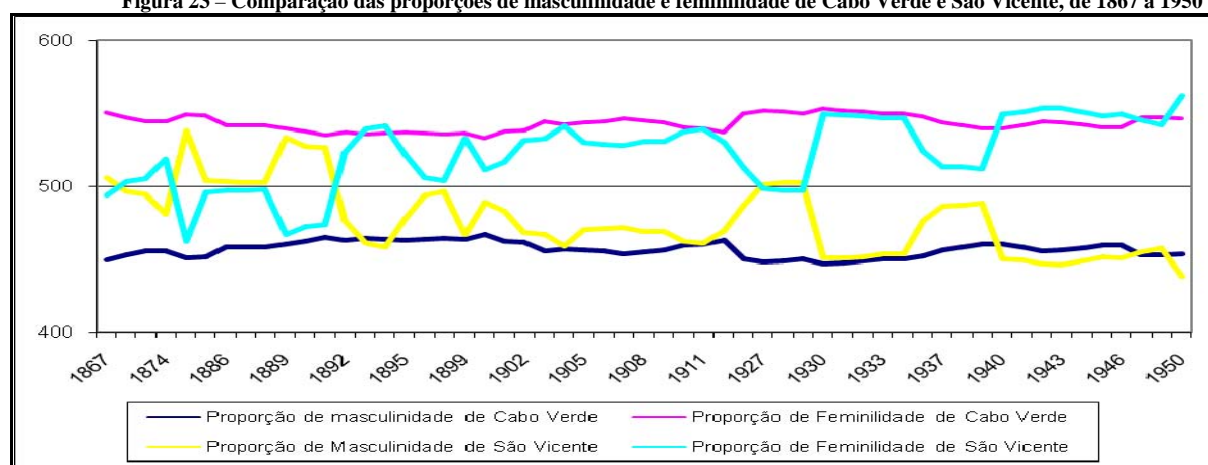
Quadro 51 – Comparação da evolução da População de Cabo Verde e São Vicente, entre 1807 e 1950

Anos	Pop. CV	Pop. SV	Anos	Pop. CV	Pop. SV	Anos	Pop. CV	Pop. SV
1807	58.431	200	1892	129.075	5.854	1919	159.907	11.581
1810	51.480	80	1893	130.272	5.609	1920	159.675	14.639
1827	74.307	205	1894	133.097	5.694	1927	148.300	17.709
1832	60.000	300	1895	138.796	6.211	1928	150.160	17.835
1834	55.833	341	1896	141.915	6.666	1929	153.738	18.227
1844	60.000	400	1897	141.893	6.562	1930	146.299	12.887
1860	89.310	1.141	1898	142.537	6.659	1931	148.533	13.220
1862	67.357	1.337	1899	144.382	7.027	1932	150.553	13.488
1864	97.009	2.067	1900	147.424	8.780	1933	153.182	13.579
1867	67.357	1.690	1901	145.706	8.617	1934	156.913	13.847
1869	90.164	1.691	1902	147.324	8.369	1935	158.930	14.231
1870	80.000	1.802	1903	137.579	8.168	1936	162.604	14.453
1871	76.003	1.817	1904	131.325	8.508	1937	165.540	15.722
1873	83.958	1.864	1905	134.193	8.609	1938	169.988	16.243

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1874	90.704	2.436	1906	135.190	8.430	1939	174.403	16.812
1878	99.317	3.297	1907	137.789	8.591	1940	181.286	15.867
1881	103.861	4.267	1908	140.004	8.550	1941	174.465	15.621
1882	103.761	4.920	1909	142.343	8.652	1942	159.563	15.277
1885	110.926	5.432	1910	142.552	10.086	1943	158.043	15.038
1886	117.556	5.188	1911	143.257	9.839	1944	161.481	15.606
1887	117.640	5.200	1912	143.929	9.929	1945	165.530	15.886
1888	121.127	5.647	1913	147.754	10.491	1946	168.261	15.728
1889	125.828	6.561	1914	149.793	10.969	1947	154.643	15.446
1890	127.390	6.881	1915	156.140	11.301	1948	139.137	14.609
1891	127.832	6.196	1916	149.562	11.564	1949	138.632	14.371
						1950	148.331	19.158

Figura 23 – Comparação das proporções de masculinidade e feminilidade de Cabo Verde e São Vicente, de 1867 a 1950



Fonte: Apêndice, quadro 52.

Quadro 52 – Comparação das proporções de masculinidade e feminilidade das populações de Cabo Verde e São Vicente entre 1867 e 1950

Anos	Pop.Total CV	Homens	Mulheres	Proporção de masculinidade em CV	Proporção de feminilidade em CV	Pop.Total SV	Homens	Mulheres	Proporção de masculinidade	Proporção de feminilidade
1867	67.357	30.288	37.059	450	550	1.690	855	835	506	494
1869	90.164	40.817	49.347	453	547	1.691	840	851	497	503
1871	76.003	34.612	41.391	455	545	1.817	899	918	495	505
1874	90.704	41.343	49.361	456	544	2.436	1.172	1.264	481	519
1878	99.317	44.749	54.568	451	549	3.297	1.774	1.523	538	462
1885	110.926	50.083	60.843	451	549	5.432	2.737	2.695	504	496
1886	117.556	53.876	63.650	458	542	5.188	2.609	2.579	503	497
1887	117.640	53.912	63.728	458	542	5.200	2.614	2.586	503	497
1888	121.127	55.504	65.623	458	542	5.647	2.837	2.810	502	498
1889	125.828	57.936	67.892	460	540	6.561	3.498	3.063	533	467
1890	127.390	58.875	68.515	462	538	6.881	3.629	3.252	527	473
1891	127.832	59.472	68.360	465	535	6.196	3.262	2.934	526	474
1892	129.075	59.724	69.351	463	537	5.854	2.790	3.064	477	523
1893	130.272	60.471	69.801	464	536	5.609	2.585	3.024	461	539
1894	133.097	61.742	71.355	464	536	5.694	2.611	3.083	459	541

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

1895	138.796	64.283	74.513	463	537	6.211	2.967	3.244	478	522
1896	141.915	65.833	76.082	464	536	6.666	3.294	3.372	494	506
1897	141.893	65.905	75.988	464	536	6.562	3.257	3.305	496	504
1899	144.382	66.945	77.437	464	536	7.027	3.282	3.745	467	533
1900	147.424	68.793	78.631	467	533	8.780	4.292	4.488	489	511
1901	145.706	67.327	78.379	462	538	8.617	4.163	4.454	483	517
1902	147.324	67.968	79.356	461	539	8.369	3.922	4.447	469	531
1903	137.579	62.633	74.946	455	545	8.168	3.815	4.353	467	533
1904	131.325	60.045	71.280	457	543	8.508	3.902	4.606	459	541
1905	134.193	61.249	72.944	456	544	8.609	4.047	4.562	470	530
1906	135.190	61.567	73.603	455	545	8.430	3.971	4.459	471	529
1907	137.789	62.501	75.288	454	546	8.591	4.054	4.537	472	528
1908	140.004	63.683	76.321	455	545	8.550	4.011	4.539	469	531
1909	142.343	64.927	77.416	456	544	8.652	4.053	4.589	469	531
1910	142.552	65.495	77.057	459	541	10.086	4.662	5.424	462	538
1911	143.257	65.946	77.311	460	540	9.839	4.534	5.305	461	539
1915	156.140	72.307	83.833	463	537	11.301	5.311	5.990	470	530
1920	159.675	71.875	87.800	450	550	14.639	7.132	7.507	487	513
1927	148.300	66.452	81.848	448	552	17.709	8.880	8.829	501	499
1928	150.160	67.427	82.733	449	551	17.835	8.965	8.870	503	497
1929	153.738	69.205	84.533	450	550	18.227	9.164	9.063	503	497
1930	146.299	65.401	80.898	447	553	12.887	5.806	7.081	451	549
1931	148.533	66.513	82.020	448	552	13.220	5.964	7.256	451	549
1932	150.553	67.543	83.010	449	551	13.488	6.093	7.395	452	548
1933	153.182	68.967	84.215	450	550	13.579	6.157	7.422	453	547
1934	156.913	70.623	86.290	450	550	13.847	6.276	7.571	453	547
1935	158.930	71.864	87.066	452	548	14.231	7.035	7.737	476	524
1937	165.540	75.566	89.974	456	544	15.722	7.651	8.071	487	513
1938	169.988	77.917	92.071	458	542	16.243	7.911	8.332	487	513
1939	174.403	80.248	94.155	460	540	16.812	8.208	8.604	488	512
1940	181.286	83.392	97.894	460	540	15.867	7.143	8.724	450	550
1941	174.465	79.969	94.496	458	542	15.621	7.018	8.603	449	551
1942	159.563	72.718	86.845	456	544	15.277	6.825	8.452	447	553
1943	158.043	72.093	85.950	456	544	15.038	6.710	8.328	446	554
1944	161.481	73.849	87.632	457	543	15.606	7.004	8.602	449	551
1945	165.530	76.024	89.506	459	541	15.886	7.173	8.713	452	548
1946	168.261	77.333	90.928	460	540	15.728	7.086	8.642	451	549
1948	139.137	62.983	76.154	453	547	14.609	6.641	7.968	455	545
1949	138.632	62.751	75.881	453	547	14.371	6.575	7.796	458	542
1950	148.331	67.302	81.029	454	546	19.158	8.388	10.770	438	562

Quadro 53 – Comparação dos grupos funcionais de Cabo Verde e São Vicente, em anos censitários (%)

Percentagens	Cabo Verde							São Vicente						
	1890	1900	1910	1920	1930	1940	1950	1890	1900	1910	1920	1930	1940	1950
Percentagem de Jovens= (Pop.0-19)/Pop total *100	36	43	39	41	38	49	47	36	46	46	47	45	46	47
Percentagem de Activos= (Pop.20-59)/Pop total *100	53	50	52	51	53	44	46	52	51	51	44	49	49	46
Percentagem de Idosos= (Pop.60 e+)/Pop total *100	12	7	9	8	9	7	7	12	2	3	9	6	5	5

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

Quadro 54 – Comparação dos índices-resumo de Cabo Verde e São Vicente, em anos censitários

Índices	Cabo Verde							São Vicente						
	1890	1900	1910	1920	1930	1940	1950	1890	1900	1910	1920	1930	1940	1950
Juventude	305	611	436	524	401	713	720	301	1857	1592	525	724	852	861
Envelhecimento ou Vitalidade	33	16	23	19	25	14	14	33	5	6	19	14	12	12
Dependência dos Jovens	68	87	76	81	72	111	101	71	90	92	106	91	94	103
Dependência dos Idosos	22	14	17	16	18	16	14	24	5	6	20	13	11	12
Dependência Total	90	102	93	97	90	127	116	94	94	97	126	104	105	115

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Luís; SANTOS, Maria Emília Madeira (coord.). *História geral de Cabo Verde*. Volume 1. Coimbra: Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, IICT e Direcção Geral do Património Cultural de Cabo Verde, 1991.

ALEXANDRE, Valentim; DIAS, Jill (coord.). “O império africano 1825-1890”, *Nova História da Expansão Portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

ALMEIDA, João de. *A população de Cabo Verde*, actas do I Congresso Nacional de Antropologia Colonial, Edições da 1ª Exposição Colonial Portuguesa. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1934, volume II, p. 51-57.

ALMEIDA, João de. “O Porto Grande de São Vicente – Plano de melhoramento para valorizar este porto e atrair a navegação de longo curso II”, *Boletim da Agência Geral das Colónias*. Lisboa, 1925, ano I, n.º 4, Outubro, p. 74-130.

ALMEIDA, Lurdes (1988), “Tendências e Perspectivas do crescimento Demográfico de Cabo Verde”, documentos do 1º seminário nacional. Praia: Direcção Geral do Planeamento – Integração das variáveis demográficas na planificação, 1988, p. 39-54.

ALMEIDA, Manuel Ribeiro. “Aspectos económico-sociais de Cabo Verde – artesanato – o factor demográfico e a emigração”, *Cabo Verde*. [S.I.], [s.n.], 1955, ano 6, n.º 64 Janeiro, p. 33-40.

ALMEIDA, Manuel Ribeiro. “Aspectos sociais do povo caboverdiano”, *Cabo Verde: Boletim de Propaganda e Informação*. Praia [s.n.], 1958, n.º 108, Setembro, p. 30-32.

AMORIM, Maria Norberta. “Linha clássica da Demografia Histórica – Uma perspectiva optimista sobre a sua evolução”, *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*. 2000, XVII, 2, p. 89-104 [referência de 16 de Novembro de 2008]. Disponível na Internet em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4333/1/Linha%20Cl%C3%A1ssica.pdf>.

ANDRADE, Elisa Silva. *As ilhas de Cabo Verde – Da «descoberta» à independência nacional (1460-1975)*. Paris: L'Harmattan, 1996.

“Aspectos assistenciais e demográficos de Cabo Verde”, *Cabo Verde: Boletim de Propaganda e Informação*. Praia: [s.n.], 1952, ano III, n.º 34, Julho, p. 21-24.

BANDEIRA, Mário Leston. *Demografia – Objecto, teorias e métodos*. Lisboa: Escolar Editora, 2004.

BARATA, Óscar Soares. “O povoamento de Cabo Verde, Guiné e São Tomé”, separata *Cabo Verde, Guiné e São Tomé e Príncipe*. [S.I.]: Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, 1965-1966.

BARCELLOS, Christiano José de Sena. *Alguns apontamentos sobre as fomes em Cabo Verde desde 1719 a 1904*. Lisboa: [s. n.], 1904.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

BARCELLOS, Christiano José de Sena. *Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné*. Lisboa: [s.n.], 1905.

BARCELLOS, Christiano José de Sena. *Subsídios para a história de Cabo Verde e Guiné*, 2ª edição. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2003 (a), volume I.

BARCELLOS, Christiano José de Sena. *Subsídios para a história de Cabo Verde e Guiné*, 2ª edição. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2003 (b), volume II.

BARCELLOS, Christiano José de Sena. *Subsídios para a história de Cabo Verde e Guiné*, 2ª edição. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2003 (c), volume III.

BARCELLOS, Christiano José de Sena (2004), *Subsídios para a história de Cabo Verde e Guiné*, 2ª edição. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2004, volume IV, parte VI.

BOLÉO, José de Oliveira. “Novos subsídios para a história da fundação de Mindelo (Cabo Verde)”, *Garcia de Orta*. Lisboa: [s.n.], 1953, volume I, n.º 2, p. 229-242.

BRÁSIO, Pdr. António Duarte. “Descobrimento, povoamento, evangelização do Arquipélago de Cabo Verde”, separata *Studia*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1962, n.º 10, Julho.

BRITO, Eduíno. *A população de Cabo Verde no século XX*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1963.

CARREIRA, António. “A evolução demográfica de Cabo Verde”, *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*. Porto, Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, 1969, n.º 94, volume XXIV, Janeiro, p. 475-500.

CARREIRA, António. “A fome de 1864 na ilha de Santiago”, *Revista de História Económica e Social*. Viseu: Livraria Sá da Costa Editora, 1983 (a), n.º 12, Julho, p. 155-174.

CARREIRA, António. “As ilhas de Cabo Verde há 100 anos – População, grupos sócio-profissionais”, *Raízes*. Praia: Edições Raízes, 1984, n.º 21, p. 19-31.

CARREIRA, António. *Cabo Verde – Aspectos sociais. Secas e fomes do século XX*, 2ª edição. Lisboa: Ulmeiro, 1984 (a).

CARREIRA, António. *Cabo Verde – Classes Sociais, estrutura familiar, migrações*. Lisboa: Ulmeiro, 1977.

CARREIRA, António. “Crises em Cabo Verde nos séculos XVI e XVII”, *Geographica – Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa: [s.n.], 1966, ano 2, n.º 6, Abril, p. 35-45.

CARREIRA, António *Demografia Caboverdeana – subsídios para o seu estudo (1807/1983)*, 1ª edição. Mem Martins: Instituto Caboverdeano do Livro, 1985.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

CARREIRA, António. *Estudos de Economia Caboverdiana*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982.

CARREIRA, António. *Formação e extinção de uma sociedade escravocrata (1460-1878)*, 2ª edição. [S.I.]: CEE e Instituto Cabo-Verdeano do Livro, 1983 (b).

CARREIRA, António. *Migrações nas ilhas de Cabo Verde*, 2ª edição. Mem Martins: Instituto Caboverdeano do Livro, 1983 (c).

CARREIRA, António. “O primeiro «censo» de população da capitania das ilhas de Cabo Verde – 1731”, *Revista de História Económica e Social*. Viseu: Livraria Sá da Costa Editora, 1984 (b), n.º 13, Janeiro – Junho, p. 51-66.

CORREIA, António. “Aspectos demográficos do arquipélago de Cabo Verde”, *Garcia de Orta*, Lisboa: [s.n.], 1953, vol. 1, n.º 1, p. 3-15.

CORREIA, Cláudia. “A cidade do Mindelo nos séculos XIX-XX”, separata da *Revista Africana*. Porto: Universidade Portucalense, 1996, n.º 4.

COSTA, António; MAGALHÃES, Hernâni. “A população de Cabo Verde – aspectos sociais e demográficos”, *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, 1983, vol. 18, n.º 36, p. 351-363.

COSTA, Joaquim da. “A ilha de São Vicente – 1886 a 1891 – relatório”, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1895, série 14, n.º 11, p. 895-945.

ÉVORA, José Silva. “As ilhas de Cabo Verde no contexto das interinfluências culturais: Santiago e São Vicente nos séculos XV e XIX”, separata da *Revista Africana*. Porto: Universidade Portucalense, 2001, n.º 6, p. 159-169.

FRANÇA, Arnaldo; SANTOS, Elsa Rodrigues dos (org.). *Obra Poética por Jorge Barbosa* [S.I.]: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002.

FERREIRA, Arminda de Araújo. “Economia e Sociedade caboverdiana em 1916 – Contributos para o seu estudo”, *Africana*. Porto: Centro de Estudos Africanos e Orientais da Universidade Portucalense, 1997, ano XI, n.º 18, Setembro, p. 133-179.

FIGUEIREDO, Alfredo Lopes. *O carvão na economia de Cabo Verde*. Lisboa: Tipografia Industrial Portuguesa, 1913.

FIGUEIREDO, Jaime de. “Aspectos da estrutura demográfica”, Praia, *Cabo Verde – Boletim de Propaganda e Informação*. Praia: [s.n.], 1954, ano 5, n.º 52, Janeiro, p. 25-28.

FIGUEIREDO, Jaime de. “O recenseamento populacional em Cabo Verde – o recenseamento de 1950”, *Cabo Verde: Boletim de Propaganda e Informação*. Praia: [s.n.], 1952 ano III, n.º 29, Fevereiro, p. 5-8.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

FRIEDLAENDER, Immanuel. *Subsídios para o conhecimento das Ilhas de Cabo Verde – resultados de uma viagem de estudo no verão de 1912*. Lisboa: Tipografia da Cooperativa Militar, 1914.

GRACIAS, João Baptista Amâncio. *Monografia sobre a Província de Cabo Verde*, Cabo Verde: Imprensa Nacional, 1922.

LEITE, Alberto Atílio. “A ilha de São Vicente de Cabo Verde e o seu Porto Grande”, *Boletim da Agência Geral das Colónias*. Lisboa: [s.n.], 1929, ano V, n.º 45, Março, p. 136-171.

LEITE, Rendall; DUNCAN, Bentley. “Ilhas de Cabo Verde – Portos de escala no Atlântico”, *Ponto & Vírgula*. Mindelo: Alternativa, 1983, n.º 1, Fevereiro/Março, p.7-10.

LESSA, Almerindo. “O homem cabo-verdiano, suas raízes, sua multiplicação, suas doenças”, *Colóquios Cabo-Verdianos*. Lisboa: Estudos de Ciências Políticas e Sociais, 1959, 22, p.113-130.

LIMA, José Joaquim de “ Ensaio sobre a Estatística das ilhas de Cabo Verde, e suas dependências”, *Ensaio sobre a Estatística das Possessões Portuguesas*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1844, livro n.º1.

Linhas gerais da história do desenvolvimento urbano da cidade do Mindelo. Praia: Fundo de Desenvolvimento Nacional –Ministério da Economia e das Finanças, 1984.

MAIA, José João Maduro. *Flutuações e declínio da mortalidade na cidade do Porto (1870-1902)*. Porto: Lusolivro Lda., 2004.

MARTINS, João Augusto. *Madeira, Cabo Verde e Guiné*. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira, 1891.

MASSA, Françoise e MASSA, Jean-Michel (2004), *John Rendall – Guide des Iles du Cap-Vert*, França, EDPAL-PCLL.

MATIAS, Rosa Maria. “Determinantes da evolução demográfica de Cabo Verde”, Lisboa, *Garcia de Orta*. Lisboa: [s.n.], 1969, vol. XVII, n.º 3, p. 263-269.

MATOS, Mário da Silva. *Contos e Factos*, Mindelo: edição de autor, (s.d.).

MEIRA, Manuel T. V. de. “Contribuição para o conhecimento sobre malária na ilha de São Vicente (Cabo Verde) – relatório da missão do Instituto de Medicina Tropical a Cabo Verde em 1952-53”, separata *Anais do Instituto de Medicina Tropical*. [S.I.]: [s.n.], 1954, vol. XI, n.º2, Junho.

MENDONÇA, Alice. *Crises de mortalidade no Concelho de Évora (1850-1900)*. Lisboa: Edições Cosmo, 2000.

MONTEIRO, Félix. “A ilha de São Vicente de Cabo Verde – relatório de Joaquim Vieira Botelho da Costa”, *Raízes*. Praia: Edições Raízes, 1980, ano IV, n.º 7 /16, Julho 1978/Dezembro, p. 127-213.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

MONTEIRO, Manuel da Costa. “Aspectos demográficos de Cabo Verde”, *Cabo Verde: Boletim de Propaganda e Informação*. Praia: [s.n.], 1956, ano VII, n.º 87, Dezembro, p. 13-16.

MONTEIRO, César Augusto. *Comunidade imigrada – Visão Sociológica: o caso da Itália*, Mindelo: [s.n.], 1997.

MONTEIRO, Manuel da Costa. “Reflexões: Problema Demográfico”, *Cabo Verde: Boletim de Propaganda e Informação*. Praia: [s.n.], 1954, ano V, n.º 58, Julho, p. 22-25.

MORGADO, Nuno Alves. “A demografia do Ultramar Português: estudo descritivo e crítico da posição actual no que se refere a documentação estatística e estudos relativos à demografia ultramarina”, *Revista do Centro de Estudos Demográficos*. Lisboa: INE, 1954-1955, n.º 9, p.78-176.

MORGADO, Nuno Alves. “Crónica demográfica – Situação demográfica de Cabo Verde”, *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1959, ano 35, n.º 406, Abril.

MORGADO, Nuno Alves. “Estimativas da População das Colónias Portuguesas para os períodos intercensuários”, *Revista do Centro de Estudos Demográficos*. Lisboa: INE, 1949, n.º 6.

MORGADO, Nuno Alves. “Panorama e perspectiva da evolução demográfica”, *Garcia de Orta*, revista da Junta de Investigações do Ultramar. Lisboa: [s.n.], 1961, vol. IX, n.º 1, p. 111-113.

NAZARETH, J. Manuel. *Demografia – A ciência da população*. Lisboa: Editorial Presença, 2004.

PEREIRA, Daniel. “Regimento que deve observar o feitor da ilha de São Vicente, Vicente das Neves Caio (1752)”, *Revista de História Económica e Social*. Viseu: Livraria Sá da Costa Editora, 1986, n.º 17, Janeiro – Junho, p. 89-101.

RAMOS, Manuel Nascimento. *Mindelo d’Outrora*. São Vicente: edição de autor, 2003.

ROCHA, Luis Alberto. *O estado de nutrição das populações de Cabo Verde*. Lisboa: Instituto de Higiene e Medicina Tropical, 1987.

RODRIGUES, Teresa. *Crises de Mortalidade em Lisboa nos séculos XVI e XVII*. Lisboa: dissertação de mestrado, 1987.

RODRIGUES, Teresa. “Crises de Mortalidade em Lisboa (séculos XVI a XIX) – Uma análise global”, *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*. 1995, XVIII, 2, p. 45-74 [referência de 16 de Novembro de 2008]. Disponível na Internet em: <http://dianet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=104032>.

ROMANO, Luís. *Famintos*. Lisboa: Publicações Nova Aurora, 1975.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

SAITO, Osamu. “Demografia Histórica: Realizaciones y Expectativas”, *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*. 1997, XV, II, p. 169-204 [referência de 16 de Novembro de 2008]. Disponível na Internet em: http://dialnet.unirioja.es/servlet/fichero_articulo?codigo=104061.

SANTANA, José Firmino. “Demografia e Noso-Necrologia do arquipélago de Cabo Verde”, suplemento de *Anais do Instituto de Medicina Tropical*. Lisboa: Instituto de Medicina Tropical, 1949, volume V.

SANTOS, Jacques Angélo. *L'évolution démographique du Cap-Vert, de l'abolition de l'esclavage à nos jours (1878-1990)*. Montréal : tese de doutoramento, 1998.

SARMENTO, Alexandre. “Aspectos demográficos do arquipélago de Cabo Verde”, separata de *O Médico*. Porto: [s.n.], 1964, Fevereiro, p. 446-450.

SARMENTO, Alexandre. “Aspectos e evolução da mortalidade no arquipélago de Cabo Verde”, separata de *Anais do Instituto de Medicina Tropical*. Lisboa: Instituto de Medicina Tropical, 1959, vol. XVI, números 1-4, Janeiro/Dezembro, p. 229-266.

SARMENTO, Alexandre. “Ciências da População (notas e comentários)”, separata de *O Médico*. Porto: [s.n.], 1961, números 490, 492, 494, 496, 499, 501, 503, 511, 513, 517.

SARMENTO, Alexandre. “Ilhas de Cabo Verde – 10 anos de evolução demográfica”, *Cabo Verde: Boletim Documental e de Cultura*. Praia: Imprensa Nacional de Cabo Verde, 1962, ano XIV, n.º 2/158, Novembro, p. 20-30.

SARMENTO, Alexandre. “Influência de alguns aspectos demográficos na expansão da população de Cabo Verde”, separata de *O Médico*. Porto: [s.n.], 1968, n.º 870.

SARMENTO, Alexandre *et al.* “A População de Cabo Verde – Ensaio de análise demográfica”, *Garcia de Orta*. Lisboa: [s.n.], 1957, vol. V, n.º 1, p. 11-41.

SENNA, Manuel Roiz de. *Dissertação sobre as ilhas de Cabo Verde 1818*. Mem Martins: edição patrocinada pela Presidência da República de Cabo Verde, 1987.

SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. de Oliveira. “O império africano 1890-1930”, *Nova História da Expansão Portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa, 2001, vol. XI.

SILVA, António Correia; PIRES, Fernando. “A influência do porto na formação e configuração das cidades cabo-verdianas: Ribeira Grande, Praia e Mindelo”, *África Debate*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1999, Setembro, p. 105-112.

SILVA, António Correia. “Do crepúsculo do Porto Grande ao despertar dos movimentos políticos no Mindelo (1891-1894)”, *Anais*. São Vicente: Academia de Estudos de Culturas Comparadas, 2000, vol. II, n.º 1, Abril, p. 7-18.

SILVA, António Correia. *Espaços Urbanos de Cabo Verde – O tempo das cidades-porto*. [S.I.]: Comissão Nacional para as comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

SILVA, António Correia. *Histórias de um Sahel insular*. Praia: Edições Spleen, 1995.

SILVA, António Correia. *Nos tempos do Porto Grande do Mindelo*. Mindelo: Instituto Camões – Centro Cultural Português Praia – Mindelo, 2005.

SILVA, António Correia. “Para uma sociologia histórica de uma cidade-porto - As especificidades do Mindelo no contexto das cidades cabo-verdianas”, *Anais*. São Vicente: Academia de Estudos de Culturas Comparadas, 1999, vol. I, n.º 1, Abril, p. 19-31.

SOUSA, Henrique Teixeira de. “Cabo Verde e a sua gente”, *Cabo Verde: Boletim de Propaganda e Informação*. Praia: [s.n.], 1958, n.º 108, Setembro, p. 2-8.

VIEIRA, Henrique de Santa Rita. “Apontamentos sobre a evolução da medicina em Cabo Verde – 3º período (1844-1851)”, *Raízes*. Praia: Edições Raízes, ano IV, n.º 7/16, Julho 1978/Dezembro 1980, p. 23-32.

VIEIRA, Henrique de Santa Rita. “Ilha de São Vicente – Notas para o estudo da sua demografia”, *Cabo Verde – Boletim de Propaganda e Informação*. Praia: [s.n.], 1960, ano XI, n.º 124, Janeiro, p. 15-17.

VIEIRA, Henrique de Santa Rita. “Ilha de São Vicente – Notas para o estudo da sua demografia relacionadas com os anos de seca em Cabo Verde, no período de 1940-1953”, *Cabo Verde – Boletim de Propaganda e Informação*. Praia: [s.n.], 1960 (a), vol. 11, n.º 125, Fevereiro, p. 23-32.

Fontes Estatísticas

VII Recenseamento Geral da População da Colónia de Cabo Verde em 1940. Praia: Imprensa Nacional de Cabo Verde, 1945, vol. I.

VII Recenseamento Geral da População da Colónia de Cabo Verde em 1940. Praia: Imprensa Nacional de Cabo Verde, 1948, vol. II – III.

Arquivo Histórico Ultramarino:

- Caixa 174 (1861-1884): Estatísticas gerais de Cabo Verde
- Caixa 175 (1889-1893): Estatísticas gerais de Cabo Verde
- Caixa 176 (1899): Estatísticas gerais de Cabo Verde
- Caixa 177 (1900): Estatísticas gerais de Cabo Verde
- Caixa 178 (1901): Estatísticas gerais de Cabo Verde
- Caixa 180 (1903): Estatísticas gerais de Cabo Verde
- Caixa 181 (1903): Estatísticas gerais de Cabo Verde
- Caixa 183 (1904): Estatísticas gerais de Cabo Verde
- Caixa 184 (1905): Estatísticas gerais de Cabo Verde
- Caixa 186 (1906): Estatísticas gerais de Cabo Verde
- Caixa 188 (1907): Estatísticas gerais de Cabo Verde
- Caixa 190 (1908): Estatísticas gerais de Cabo Verde

Evolução Demográfica da Ilha de São Vicente

- Caixa 191 (1909): Estatísticas gerais de Cabo Verde
- Caixa 192 (1909): Estatísticas gerais de Cabo Verde
- Caixa 194 (1910): Estatísticas gerais de Cabo Verde
- Caixa 195 (1911-1915): Estatísticas gerais de Cabo Verde
- Caixa 196 (1916-1927): Estatísticas gerais de Cabo Verde

Biblioteca Nacional de Lisboa:

- Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Cabo Verde (1842-1860)
- Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Cabo Verde (1861)
- Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Cabo Verde (1897-1915)
- Boletim Oficial do Governo Geral da Colónia de Cabo Verde (1930 e 1951)

Arquivo da Câmara Municipal de São Vicente:

- Boletim Oficial (1863-1935)

Registos Paroquiais da Igreja de Nossa Senhora da Luz:

- Livros de Baptismos (1913-2004)
- Livros de Casamentos (1919-2004)
- Livros de Óbitos (1934-2004)

Registo Civil da ilha de São Vicente:

- Livros de registos de nascimento (1900-1953)
- Livros de registos de óbitos (1900-1951)

Arquivo Histórico Nacional (Cabo Verde):

- Registos paroquiais de baptismos (1850-1897)
- Registos paroquiais de óbitos (1820-1899)

Instituto Nacional de Estatística (Portugal):

- Anuário Estatístico da Colónia de Cabo Verde (1927-1952)